



JAQUELINE FREITAS DA SILVA

**A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: CONTRIBUIÇÕES
PARA A FORMAÇÃO DO ALUNO-PESQUISADOR DA PRÓPRIA LÍNGUA**

**UBERLÂNDIA/MG.
2021**

JAQUELINE FREITAS DA SILVA

**A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: CONTRIBUIÇÕES
PARA A FORMAÇÃO DO ALUNO-PESQUISADOR DA PRÓPRIA LÍNGUA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de pesquisa: Leitura e Produção Textual – diversidade social e práticas docentes.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Talita de Cássia Marine

**UBERLÂNDIA/MG.
2021**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S586 Silva, Jaqueline Freitas da, 1986-
2021 A pesquisa sociolinguística na educação básica:
contribuições para a formação do aluno-pesquisador
da própria língua [recurso eletrônico] / Jaqueline
Freitas da Silva. - 2021.

Orientador: Talita de Cássia Marine.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
Uberlândia, Pós-graduação em Letras.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.506>
Inclui bibliografia.

1. Linguística. I. Marine, Talita de Cássia, 1979-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia.
Pósgraduação em Letras. III. Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras
Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G207 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3291-8323 - www.profletras.ileel.ufu.br - secprofletras@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Mestrado Profissional em Letras				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional				
Data:	12 de agosto de 2021	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	11912MPL014				
Nome do Discente:	Jaqueline Freitas da Silva				
Título do Trabalho:	A pesquisa sociolinguística na educação básica: contribuições para a formação do aluno-pesquisador da própria língua				
Área de concentração:	LINGUAGENS E LETRAMENTOS				
Linha de pesquisa:	Estudos da Linguagem e Práticas Sociais				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Sociolinguística e letramento científico: contribuições ao ensino de língua portuguesa na Educação Básica				

Reuniu-se, remotamente via Google Meet, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Letras, assim composta: Professores Doutores: a) Profa. Dra. Natália Cristine Prado, Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/Araraquara; b) Prof. Dr. Leandro Silveira de Araújo, Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/Araraquara; c) Profa. Dra. Talita de Cássia Marine, Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Talita de Cássia Marine, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Leandro Silveira de Araujo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 21/09/2021, às 15:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Talita de Cássia Marine, Professor(a) do Magistério Superior**, em 21/09/2021, às 16:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jaqueleine Freitas da Silva, Usuário Externo**, em 21/09/2021, às 19:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Natalia Cristine Prado, Usuário Externo**, em 22/09/2021, às 10:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3046484** e o código CRC **49251450**.

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação de mestrado é para mim uma das mais longas viagens que já fiz, a qual inclui uma trajetória permeada por inúmeros desafios, incertezas, tristezas e alegrias. Apesar de ser um processo individual a que qualquer pesquisador está destinado, este trabalho reúne contributos de várias pessoas, sendo estes indispensáveis para encontrar um rumo melhor em cada momento da minha caminhada.

Ressalto que trilhar este caminho só foi possível porque recebi a energia, a força e o apoio de várias pessoas, a quem dedico, especialmente, esse projeto de vida.

À Deus, primeiramente, que permitiu que esse sonho se realizasse.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Eu sinto orgulho de mim e do lugar onde cheguei e, isso só foi possível porque vocês vieram segurando a minha mão.

Aos meus irmãos, Lays e Welinton, pelo incentivo e carinho de sempre.

Ao meu companheiro de vida, Ricardo, pelo amor, partilha, companheirismo e apoio de sempre. Sem dúvida, tudo seria muito mais difícil se você não estivesse comigo.

À minha cunhada, Olívia, por nunca me abandonar e sempre me apoiar em meus sonhos. Esta caminhada se tornou mais leve ao ter a sua companhia e apoio em todos os momentos.

A todos os meus professores que me proporcionaram conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação ao longo deste processo de formação profissional. Meus eternos agradecimentos.

Aos meus colegas de turma que adicionaram alguma coisa na minha história. Especialmente, à minha colega, Ana Lúcia, pelos momentos compartilhados. Com certeza, o aprendizado desses mais de dois anos juntos ficará comigo para sempre.

À minha família, amigos (as) e colegas de trabalho por terem feito parte desta luta. Sem o apoio de vocês eu não teria chegado até aqui.

Aos membros da minha banca, Leandro e Natália, pela disponibilidade e grandes contribuições ao longo desta etapa.

Em especial, à minha orientadora, Dra. Talita de Cássia Marine, pelo apoio incondicional, incentivo e carinho ao longo desses anos de pesquisa. Faltam-me palavras para expressar o meu reconhecimento e gratidão a você. Com certeza, você foi a peça fundamental para eu conseguir chegar até aqui.

Enfim, me sinto uma pessoa mais capaz e realizada; e fico muito feliz em poder dividir esse momento importante da minha vida com pessoas tão especiais. A verdade é que aprendi muito com cada um de vocês. Meu muito obrigada!

“A gratidão é um sentimento de amor que eleva o espírito e nos une a Deus”.
Zibia Gasparetto.

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma abordagem metodológica qualitativa, de natureza aplicada, respaldada por pesquisa bibliográfica e documental (Base Nacional Comum Curricular – BNCC), conforme o que propõe Gerhardt e Silveira (2009). Conforme aponta a pesquisadora Bortoni-Ricardo (2005), mesmo diante do caráter heterogêneo e variável das línguas naturais, para muitos professores brasileiros de língua portuguesa, ainda é uma dificuldade reconhecer a variação linguística como algo que acontece, naturalmente, em todas as línguas em uso. Ao observarmos o modo como o ensino de língua portuguesa tem sido desenvolvido nas salas de aula – pautado em uma perspectiva homogênea de língua, desarticulado, portanto, da língua em uso, acreditamos ser essencial contribuir para a reversão desse quadro. Diante desse desafio, a partir de uma abordagem variacionista da língua e embasadas pelos fundamentos da Sociolinguística Variacionista, da Sociolinguística Educacional, da Pedagogia da Variação Linguística e também pelas contribuições do Letramento Científico, concebemos uma proposta didática inovadora, voltada aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II, da educação básica. Nessa proposta, pautada na língua em uso, elaboramos um passo a passo – voltado ao aluno e, também, ao professor - para o desenvolvimento de uma pesquisa sociolinguística em sala de aula, sob a orientação do professor de língua portuguesa, com vistas a oportunizar aos estudantes, um protagonismo no processo de aprendizagem de língua portuguesa, de maneira bastante dinâmica, reflexiva e desafiadora. Com isso, acreditamos ter contribuído, de fato, para a construção de práticas pedagógicas de ensino de língua portuguesa mais significativas, modernas e sintonizadas com as orientações advindas da BNCC, além colaborar para a formação de alunos pesquisadores da própria língua.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa; Sociolinguística e Ensino; Variação Linguística; Protagonismo Juvenil; Letramento Científico.

ABSTRACT

This dissertation presents a qualitative methodological approach, of an applied nature, supported by bibliographical and documental research (National Common Curriculum Base - BNCC), as Gerhardt and Silveira (2009). According to research by researcher Bortoni-Ricardo (2005), even given the heterogeneous and variable character of natural languages, for many Brazilian teachers of Portuguese language, it is still difficult to recognize linguistic variation as something that happens, naturally, in all languages in use. When we observe the way in which Portuguese language teaching has been developed in the classroom - based on a homogeneous perspective of language, therefore disconnected from the language in use -, we believe that it is essential to contribute to the reversal of this situation. Faced with this challenge, from a variationist approach to the language and based on the fundamentals of Labovian Sociolinguistics, Educational Sociolinguistics, the Pedagogy of Linguistic Variation and also the contributions of Scientific Literacy, we designed a didactic proposal, aimed at students of the innovative final years. Fundamental II. In this proposal, based on the language in use, we developed a step by step - aimed at the student and also the teacher - for the development of sociolinguistic research in the classroom, under the guidance of the Portuguese language teacher, with a view to creating opportunities to students, a leading role in the process of learning the Portuguese language, in a dynamic, reflective and challenging way. With this, we believe that we have, in fact, contributed to the construction of more important, modern teaching practices in Portuguese language, in tune with the guidelines provided by the BNCC, in addition to collaborating with the training of researched students in their own language.

Keywords: Portuguese Language Teaching; Sociolinguistics and Teaching; Linguistic Variation; Youth Protagonism; Scientific Literacy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Contínuo de Monitoração Estilística	42
Figura 2 - Monitoramento estilístico	61
Figura 3 - Modelo esquemático de pôster	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Levantamento das ocorrências na amostra 1 - notícias.....	101
Quadro 2 - Levantamento das ocorrências na amostra 2 - letras de músicas (rap)	101
Quadro 3 - Apresentação dos fatores linguísticos e extralingüísticos.....	104
Quadro 4 - Fatores que favorecem as ocorrências padrão e que favorecem/condicionam as ocorrências não padrão da CV.....	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “realização e posição do sujeito”, no português popular de Salvador (Nível de significância: .024).....	95
Tabela 2 - Frequência de aplicação da regra de concordância verbal, de acordo com as variáveis sociais, no português popular de Salvador	96
Tabela 3 - A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “faixa etária”, no português popular de Salvador (Nível de significância: .099)	97
Tabela 4 - A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “sexo”, no português popular de Salvador (Nível de significância: .024)	97
Tabela 5 - Número de ocorrências analisadas e percentual de ocorrências padrão e não-padrão nas notícias	102
Tabela 6 - Número de ocorrências analisadas e percentual de ocorrências padrão e não-padrão nas letras de músicas - rap	103
Tabela 7 - Ocorrências de concordância verbal nas amostras 1 e 2 conforme o grupo de fatores linguísticos escolhidos	104
Tabela 8 - Frequência de uso da concordância verbal conforme o grupo de fatores na amostra 1 – notícias.....	104

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “faixa etária”, no português popular de Salvador, com base nos pesos relativos	98
Gráfico 2 - Amostra 1 - notícias	103
Gráfico 3 - Amostra 2 – letras de música (rap)	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS

BNCC – BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

CV – CONCORDÂNCIA VERBAL

LP – LÍNGUA PORTUGUESA

PCN – PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

PROFLETRAS – PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	4
1.1	OBJETIVOS DA PESQUISA.....	8
1.1.1.	Objetivo Geral	8
1.1.2.	Objetivos Específicos	9
1.2	HIPÓTESES E JUSTIFICATIVA	9
2.	REVISÃO DOCUMENTAL	11
2.1	BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	11
3	REVISÃO TEÓRICA.....	20
3.1	CONCEPÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE LÍNGUA E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	20
3.2	SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	25
3.2.1	A pesquisa sociolinguística em sala de aula.....	26
3.3	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E A HETEROGENEIDADE NA SALA DE AULA.29	29
3.3.1	Pedagogia da Variação Linguística	34
3.4	CONSIDERAÇÕES SOBRE NORMA LINGUÍSTICA.....	37
3.5	DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO AO LETRAMENTO CIENTÍFICO NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA	45
3.6	PROTAGONISMO JUVENIL NA ESCOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES ENQUANTO PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ESPAÇO ESCOLAR	50
3.7	OBJETO DA PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA: CONCORDÂNCIA VERBAL.51	51
3.7.1	A concordância verbal nas gramáticas normativa e descritiva.....	54
3.7.2	A concordância verbal nas pesquisas sociolinguísticas variacionistas	64
3.8	A IMPORTÂNCIA DA ESCOLHA DO GÊNERO TEXTUAL PARA A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA	66
4	METODOLOGIA: PRESSUPOSTOS E PROCEDIMENTOS	70
5	PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA: DESCRIÇÃO E ANÁLISE CRÍTICA.....	73
5.1	METODOLOGIA DE ANÁLISES DE DADOS.....	115
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
	REFERÊNCIAS	119
	APÊNDICE A – Roteiro comentado de pesquisa sociolinguística em sala de aula	124
	APÊNDICE B – Caderno de atividades do estudante.....	239

1. INTRODUÇÃO

No âmbito educacional, uma das maiores discussões, nos últimos anos no Brasil, focou em questionamentos sobre o que é preciso/importante ensinar nas aulas de Língua Portuguesa. Considerando o contexto atual do ensino da língua materna, percebemos que, ao longo de sua formação, os alunos não têm demonstrado interesse pelas aulas. Entretanto, a partir da leitura e análise de estudos e pesquisas científicas relacionadas ao ensino da língua portuguesa, percebemos que isso se deve, na maioria das vezes, às práticas de ensino utilizadas que, geralmente, restringem-se à disseminação de regras gramaticais, em consonância com um ensino prescritivo da gramática. Neste modelo de ensino, as aulas são meramente expositivas e ignoram a participação do aluno no processo de ensino-aprendizagem.

Observamos também que não é desenvolvido um ensino reflexivo em sala de aula acerca da língua em uso; ensino este que, cabe ressaltar, contribui para desmistificar a ideia de língua homogênea e, consequentemente, a abordagem limitada de eleger uma variedade linguística como correta e todas as demais como erradas. Dessa maneira, percebemos uma necessidade, em caráter de urgência, de mudanças e aprimoramento em relação às práticas pedagógicas no que se refere ao ensino da língua materna.

Mesmo possuindo pleno domínio da gramática de seu vernáculo, o domínio de normas ortográficas e da gramática normativa não é espontâneo. Desse modo, o ensino da língua envolve uma reflexão de atividades direcionadas pelo docente, isto é, a escolha de materiais didáticos baseados em atividades sistematizadas para o ensino gramatical contribui para que o estudante se sinta mais seguro e confiante para utilizar os diversos recursos que a língua oferece. Por isso, levando em consideração os conhecimentos prévios dos alunos, cabe ao docente observar/analisar/refletir sobre a organização das atividades que serão propostas, a fim de que práticas pedagógicas mais reflexivas em relação à língua sejam implementadas e, ao mesmo tempo, preconceitos relacionados a diferentes usos da língua possam ser combatidos.

Para isso, é preciso considerar, de fato, que a variação linguística é inerente a toda língua, e não é um problema a ser vencido, como muitos postulam. Diante disso, esta pesquisa será concebida à luz dessas reflexões, buscando mostrar a necessidade dessas questões serem discutidas dentro da sala de aula, principalmente nas aulas de LP.

A linguística moderna tem contribuído sobremaneira no que tange às discussões acerca do ensino da língua materna em sala de aula. Para Neves (2013, p. 18), por exemplo,

[...] a escola é, reconhecidamente, o espaço institucionalmente mantido para orientações do ‘bom uso’ linguístico, e que, portanto, a ela cabe ativar uma constante reflexão sobre a língua materna, contemplando as relações entre uso da linguagem e atividades de análise linguística e de explicitação da gramática.

Desse modo, é preciso que os docentes se atentem para o ensino de análise linguística e gramatical, levando sempre em consideração que não se deve ensinar como um conteúdo em si, através da memorização de regras e de maneira descontextualizada das práticas sociais, viés este que se mostra contrário às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017); mas sim, de modo contextualizado, a partir da compreensão das formas de uso, de acordo com as diversas situações de comunicação.

Considerando esse panorama, bem como a realidade social e educacional dos alunos participantes, ao longo desta pesquisa pretendemos responder às seguintes questões:

- a) O letramento científico pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental por meio da pesquisa científica em sala de aula?
- b) O desenvolvimento da pesquisa sociolinguística em sala de aula pode favorecer o desenvolvimento da competência comunicativa dos falantes?

Diante dessas questões, no intuito de solucioná-las, buscamos respaldo teórico, sobretudo, nas contribuições da Sociolinguística e da Sociolinguística Educacional, do Letramento Científico, bem como nos pressupostos da Pedagogia da Variação Linguística. Pautaremos-nos, por exemplo, nas contribuições de Coelho et al. (2015), Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Faraco (2008), Bagno (2002, 2007, 2013), entre outros.

Assim, a partir de tais perspectivas, pretendemos, neste estudo, ir além do que Kleiman (1995, 2004) e Soares (2004, 2011) consideram sobre as práticas de letramento no âmbito escolar. Imbuídas por pesquisas sobre o Letramento Científico, buscaremos discuti-lo no processo de ensino da língua materna, levando para a sala de aula a pesquisa sociolinguística, como estratégia metodológica de ensino à luz de uma perspectiva variaçãoista de língua, pautada, portanto, na língua em uso.

Cabe destacar que a língua não é objeto de estudo científico na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), apesar de trazer o campo de atuação “Estudo e Pesquisa”. A referência ao letramento científico aparece na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apenas na área de Ciências da Natureza - Ensino Fundamental. Entretanto, acreditamos que o letramento científico precisa perpassar por diferentes áreas do conhecimento, uma vez que a pesquisa científica pode se dar em todas as áreas. A partir desta perspectiva, acreditamos que podemos

promover ações didáticas em sala de aula que fomentem o ensino de língua portuguesa a partir de um estudo científico da língua em uso, a partir do desenvolvimento de uma pesquisa sociolinguística em sala de aula. Para tal, é fundamental refletirmos com os alunos sobre termos científicos, habilitando-os de forma que conheçam e consigam relacioná-los ao estudo da língua, de modo que sejam capazes de aplicá-los à pesquisa em sala de aula.

Tendo em vista as considerações expostas, o objetivo principal dessa pesquisa é propor uma sequência de atividades – com enfoque para os anos finais do Ensino Fundamental II - a partir da transposição didática do modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (cf. LABOV, 2008 [1972]), a fim de que uma pesquisa sociolinguística possa ser realizada por alunos da educação básica, a partir da orientação da professora de língua portuguesa. Através do desenvolvimento de uma pesquisa sociolinguística em sala de aula, com vistas, também, ao letramento científico dos estudantes, buscaremos promover um estudo analítico e reflexivo acerca da língua materna, a fim de colaborar para a formação de alunos pesquisadores da própria língua.

Esclarecemos que para o desenvolvimento deste estudo, adotamos o método da pesquisa qualitativa, de natureza aplicada, respaldada por pesquisa bibliográfica e documental (Base Nacional Comum Curricular – BNCC), conforme o que propõe Gerhardt e Silveira (2009). Dessa forma, considerando o público alvo da presente pesquisa, buscamos propor estratégias interventivas e transformadoras que visam a solucionar os problemas diagnosticados, por meio de uma proposta didática inovadora e dinâmica, voltada, como já mencionado anteriormente, a alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II, a qual aciona o papel do professor-pesquisador e contribui, efetivamente, com as práticas de ensino da língua materna.

O tema da presente pesquisa está relacionado à formação do aluno-pesquisador da própria língua por meio do letramento científico desse aluno e do desenvolvimento da pesquisa sociolinguística em sala de aula. Trabalhamos com dados da língua escrita, sobretudo, a partir de uma perspectiva variacionista da língua, através de uma abordagem reflexiva à luz das contribuições da Sociolinguística Educacional, da Pedagogia da Variação Linguística e do Letramento Científico, a fim de oportunizar aos participantes, uma aprendizagem da língua materna marcada pela reflexão acerca da língua em uso.

Para isso, seguindo as orientações já postuladas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997; 1998) há mais de vinte anos, bem como pelas orientações mais recentes da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), que são enfáticas ao afirmarem que o ensino de língua portuguesa deve sempre acontecer por meio dos gêneros textuais/discursivos.

Posto isso, nesta pesquisa optamos por trabalhar com dois gêneros diferentes da modalidade escrita da língua – sendo um deles mais monitorado e outro menos monitorado -, a saber: notícias de uma revista de conteúdo científico destinada ao público jovem – Revista Superinteressante¹ – e, também, com letras de músicas atreladas ao estilo musical *Rap*². A escolha por estes dois gêneros ocorreu pelo fato de que são adequados aos anos finais do ensino fundamental II, e que provavelmente, já são gêneros conhecidos pelos estudantes. Cabe destacar, que para o desenvolvimento da proposta didática, seria importante que o (a) professor (a) já tivesse estudado esses gêneros com os alunos anteriormente.

Outro fator que motivou a escolha por esses gêneros, é porque acreditamos que para o desenvolvimento de uma pesquisa sociolinguística a partir de dados escritos da língua, é importante nos pautarmos em gênero (s) em que o fenômeno linguístico de objeto de estudo seja recorrente, isto é, seja “produtivo” – onde seja possível verificar um percentual de ocorrências – no gênero.

A partir da escolha desse “corpus” para o desenvolvimento da nossa proposta didática, buscamos realizar uma comparação do objeto de estudo (no caso a concordância verbal) a fim de verificarmos como o fenômeno se comporta em gêneros que demandam mais ou menos monitoramento, levando, dessa maneira, os alunos a refletirem a respeito da variação estilística da língua, já que também é um dos objetivos da nossa proposta didática. Assim, a partir de dados escritos da língua em uso, tentamos desmitificar/quebrar as noções de “certo” e “errado”, para que, assim, os alunos sejam capazes de perceber a dinamicidade e heterogeneidade da língua.

Portanto, não podemos dissociar os estudantes do meio no qual ele comunica suas informações. O indivíduo, dependendo da situação de uso da língua, pode adequar o uso da concordância verbal, que vai desde o nível menos monitorado ao mais monitorado. E isso não implica em “erro”, mas sim o uso situacional e individual da variação estilística que se percebe ao açãoar a língua.

Esta pesquisa vem reiterar a dificuldade dos nossos alunos em perceberem a dinamicidade e heterogeneidade da língua, bem como também de utilizá-la nas diversas situações comunicativas as quais se encontram inseridos em seu dia a dia. Neste sentido, percebemos que é preciso que o professor de língua portuguesa ao trabalhar as formas de

¹ Optamos por trabalhar com a versão impressa da revista e escolhemos como recorte edições entre anos de 2020 e 2021.

² Este gênero musical faz parte da cultura *hip-hop*, que chegou no Brasil no final da década de 70. As letras de música desse estilo musical retratam crônicas sociais da vida marginalizada da periferia, sofrendo, desta maneira, certo preconceito linguístico por ser associado às classes sociais mais pobres e estigmatizadas da sociedade.

linguagem, levar os estudantes a perceber a função social da língua, de modo que sejam capazes de utilizar a linguagem conforme o papel social ou também a escrita de algum gênero dissertativo conforme as suas necessidades de comunicação. Nesse sentido, corroboramos com Possenti (2007, p. 92) ao afirmar que “aprender uma língua é aprender a dizer a mesma coisa de muitas formas”, e que utilizá-la é apreender as diferenças de sentido naquilo que se diz e como se diz em um determinado contexto.

Diante do exposto, esperamos que o desenvolvimento desse estudo contribua para a formação de sujeitos reflexivos e produtores de conhecimento acerca da língua materna. Neste sentido, acreditamos que através da pesquisa sociolinguística em sala de aula, seja possível levar os alunos a compreender não só a funcionalidade da língua em uso, mas também a sua heterogeneidade, dinamicidade e elasticidade, contribuindo então para a formação de alunos pesquisadores da própria língua, estimulando e oportunizando, assim, o protagonismo discente³.

Para respaldar nossa pesquisa, tanto do ponto de vista teórico, quanto documental, nos pautaremos, entre outros, em Bortoni-Ricardo (2004, 2005) no que se refere, sobretudo, às contribuições da Sociolinguística Educacional, em Faraco (2008) e Bagno (2002, 2007, 2013) a respeito da Pedagogia da Variação Linguística, em Kleiman (1995, 2004), Soares (2004, 2011), Brasil (2017), Silva (2016, 2020) acerca dos conceitos de letramento e letramento científico, em Costa (2001) e Freire ([1996] 2019) no que se refere ao conceito de protagonismo juvenil. Faremos uma revisão documental da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) - componente curricular de Língua Portuguesa dos anos finais do ensino Fundamental II - focada, principalmente, no eixo de “Análise Linguística e Semiótica”.

1.1 OBJETIVOS DA PESQUISA

1.1.1. Objetivo Geral

Imbuídas na afirmação de Freire ([1996] 2019, p. 47) de que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” é que propomos a pesquisa em questão, cujo principal objetivo é propor, a partir da transposição didática do modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (cf. LABOV, 2008 [1972]), uma sequência de atividades destinada aos alunos dos anos finais do Ensino

³ O protagonismo juvenil é bastante incentivado pela BRASIL (2017). Mais adiante, na seção “3.6”, discorremos sobre esse conceito.

Fundamental II. Por meio do desenvolvimento de uma pesquisa sociolinguística em sala de aula, com vistas ao letramento científico - tendo como objeto de pesquisa o fenômeno da concordância verbal - buscaremos promover um estudo analítico e reflexivo acerca da língua materna, em substituição a um estudo meramente metalingüístico e descontextualizado da língua, a fim de colaborar para a formação de alunos pesquisadores da própria língua.

Em síntese, nosso objetivo é elaborar um material didático que contribua para a formação do aluno pesquisador da própria língua através dos estudos sociolinguísticos.

1.1.2. Objetivos Específicos

Como objetivos secundários da presente pesquisa, pretendemos:

- Contribuir para o letramento científico dos alunos da educação básica a partir da implementação de ações didáticas numa perspectiva variacionista desenvolvidas em aulas de língua portuguesa;
- Oportunizar práticas de ensino-aprendizagem de língua portuguesa que contribuam, de fato, para a reflexão e a análise linguística em sala de aula;
- Refletir com os alunos a respeito da variação estilística da língua;
- Contribuir para a elaboração de materiais didáticos pautados por um ensino sociolinguístico da Língua Portuguesa;
- Oportunizar aos alunos partícipes da pesquisa, a compreensão do caráter social, heterogêneo e variável da língua portuguesa em uso;
- Contribuir para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos partícipes da pesquisa.

1.2 HIPÓTESES E JUSTIFICATIVA

O modelo tradicional de ensino da Língua Portuguesa, difundido secularmente em nosso país, é ainda predominante na maioria das salas de aulas da educação básica brasileira. Ou seja, na maioria das vezes, as aulas de língua portuguesa se mostram desarticuladas de como a língua é, efetivamente, utilizada nas diversas situações comunicativas. Predomina-se um ensino meramente metalingüístico que estabelece e prescreve as regras da gramática normativa, que por sua vez, se apresenta de modo descontextualizado e aleatório, levando em consideração uma língua ideal.

Diferentemente desse cenário, a partir de uma perspectiva variacionista da língua, embasadas pelos estudos da Sociolinguística Educacional, Pedagogia da Variação Linguística e também pelas contribuições do Letramento Científico, pretendemos levar a pesquisa sociolinguística para a sala de aula no intuito de estimular a formação de indivíduos reflexivos e produtores de conhecimento acerca da aprendizagem da língua materna, tornando-os cada vez mais competentes nos mais diversos usos da língua, bem como partícipes na construção de sua formação como pesquisadores acerca da própria língua.

É importante ressaltar que quando falamos em pesquisa sociolinguística é necessário considerarmos a importância do letramento científico dos alunos para que, dessa maneira, desenvolvam as habilidades necessárias para a realização da pesquisa acerca da língua portuguesa, já que o desenvolvimento de qualquer tipo de pesquisa científica demanda o conhecimento de uma série de conceitos teóricos e procedimentos metodológicos que precisam ser trabalhados junto aos alunos. Além disso, acreditamos que, nas aulas de língua portuguesa é preciso oportunizar aos alunos meios que possibilitem a eles enxergarem a língua como objeto de estudo científico.

Nesse sentido, é essencial que na escola e, sobretudo, nas aulas de Língua Portuguesa, sejam ensejadas transformações necessárias à formação de sujeitos mais proficientes nos diversos usos da língua, oral ou escrita, capazes de compreendê-la e usá-la de forma apropriada à situação comunicativa em que se encontrarem em seu dia-a-dia.

Dessa forma, nosso trabalho se justifica, sobretudo, pela necessidade de buscar metodologias significativas e inovadoras para o ensino da língua materna, a fim colaborar para a formação de alunos pesquisadores da própria língua, o que implica, por sua vez, um processo de ensino-aprendizagem da língua em uso, de maneira mais consciente, analítica, reflexiva e contextualizada.

A seguir, nas seções 2 e 3, apresentamos a revisão documental e a fundamentação teórica que embasaram a nossa pesquisa.

2. REVISÃO DOCUMENTAL

Tendo em vista a importância e relevância da Base Nacional Comum Curricular (2017) frente ao processo de ensino-aprendizagem, estudaremos, através de uma revisão documental, as propostas e objetivos que constam no documento, isto é, orientações diretamente atreladas ao ensino da Língua Portuguesa, com foco, principalmente, no eixo de “Análise Linguística e Semiótica”.

2.1 BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Ao longo dos anos o Brasil passou por diferentes reformas e propostas educacionais. Nas últimas décadas, a evasão, repetência e o fracasso escolar vieram a permear fortemente o espaço escolar. E, nesse período, pouco se conseguiu fazer para alterar tal quadro que atinge uma parcela significativa de estudantes que ingressam o sistema educacional brasileiro.

Diante disso, é fundamental repensar a prática docente e buscar soluções para minimizar tais problemas, de modo a fortalecer o sistema educacional brasileiro que, atualmente, encontra-se diante de imensas dificuldades e deficiências. Cabe ressaltar que esse contexto tem marcado um novo momento para a Educação em nosso país, especialmente no que se refere às políticas públicas direcionadas à promoção da qualidade do ensino e aprendizagem.

Conforme previsto na Constituição Federal, Art. 205, BRASIL (1988), a escola deve visar ao pleno desenvolvimento do indivíduo, bem como também seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Nessa perspectiva, o que se espera é que a escola pública seja um espaço para todos e de qualidade. Justamente para que este direito seja garantido de forma universal e com qualidade é que são implementadas as Políticas Públicas Educacionais para a orientação e regulamentação dos sistemas de ensino. Nesse sentido, é importante destacar que para se construir políticas públicas eficazes é necessário um trabalho que responda aos objetivos, anseios e valores de uma nação.

O Plano Nacional de Educação, amparado na Constituição Federal (1988), é a política pública mais atual do país, com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino, tendo em vista a efetivação dos deveres do Estado em relação à Educação. Devemos considerar também que o

Mestrado Profissional em Letras, ou simplesmente Profletras⁴, é uma política pública voltada para a melhoria da educação básica em nosso país.

Desde a regulamentação do Plano Nacional do Livro Didático⁵ (doravante PNLD), conforme a LDB (Lei de Bases e Diretrizes da Educação Básica) (BRASIL, 1996), o principal material pedagógico utilizado em sala de aula é o livro didático (doravante LD). Diante dos diversos desafios gerados pelas transformações do ensino de língua portuguesa, após anos de pesquisa, o PNLD trabalha para que as coleções respondam de maneira satisfatória aos anseios dos docentes (BRASIL, 2017). No entanto, dada a atual situação de fragilização do MEC sob a liderança do atual governo, podemos observar que o PNLD corre riscos de se extinguir.

Embora o livro didático venha sofrendo mudanças em sua estrutura e avançado bastante em qualidade nos últimos vinte anos, devido à seriedade da avaliação do PNLD, ainda está longe de ser considerado um exemplar satisfatório para o ensino de língua portuguesa, especialmente no que se refere ao ensino gramatical, uma vez que a abordagem da língua, em geral, centra-se em restrições da gramática normativa, não levando em consideração os aspectos variáveis da língua em uso.

A partir do exposto, observamos que em alguns eixos do ensino da língua portuguesa, os livros didáticos ainda se mostram bastante conservadores, como é o caso da análise linguística, que deixa muito a desejar. Muito raramente, encontramos nos LD conteúdos e atividades relacionadas à variação linguística e, quando encontrado, tal fenômeno da língua é trabalhado de maneira superficial e/ou estigmatizada, colaborando para uma visão equivocada e, por vezes, preconceituosa acerca da heterogeneidade linguística.

Mesmo diante desse cenário, acreditamos que, de fato, o LD contribui para a construção do conhecimento, representando-se como uma ferramenta importante para a prática do professor e para a aprendizagem do aluno. Cabe ressaltar que essa importância conferida ao livro didático, colocou-o como foco não apenas de políticas públicas governamentais, mas também de estudos acadêmicos que visam analisar a sua utilização e seu conteúdo.

⁴ Programa de mestrado em rede nacional, com sede na UFRN, oferecido em 5 regiões do Brasil, em 42 IES (Instituição de Ensino Superior), totalizando 49 unidades, tendo em vista que há quatro universidades que oferecem mais de uma unidade. O Profletras visa a capacitação de professores de Língua Portuguesa para o exercício da docência no Ensino Fundamental, na busca de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no país.

⁵ “O PNLD é destinado a avaliar e disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público”. <http://portal.mec.gov.br/pnld/apresentacao> Por meio de editais, o governo federal determina critérios para a aprovação das obras didáticas e, assim, determina a sua qualidade e produção, bem como estipula os livros que poder ser considerados pertinentes ao ensino, movimentando o mercado de compra. O Estado é também um agente responsável pela chegada do livro didática ao estudante.

Outro marco importante para a história da Educação no Brasil foi a promulgação de um documento orientador para a Educação Básica Nacional, isto é, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), doravante BNCC⁶, para o Ensino Fundamental, Anos Iniciais e Anos Finais.

A BNCC, tal como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) são documentos previstos desde a promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil (1988), que, no Art. 210, prevê que “serão fixados conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, de maneira a *assegurar formação básica comum* e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” (BRASIL, 1988, Art. 210, destaque nossos).

O componente curricular de Língua Portuguesa apresentado pela Base, dialoga diretamente com os últimos documentos parametrizadores produzidos nas últimas décadas, como por exemplo os Parâmetros Curriculares Nacionais, contudo, a Base busca atualizá-los em relação aos estudos educacionais mais recentes e também com relação às tecnologias digitais de informação e comunicação.

A modalidade do Ensino Fundamental nos anos finais, apresenta-se organizada em cinco áreas do conhecimento na Base, a saber:

- 1) Linguagens – Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Arte, Educação Física.
- 2) Matemática – Matemática.
- 3) Ciências da Natureza – Ciências.
- 4) Ciências Humanas – História e Geografia.
- 5) Ensino Religioso – Ensino Religioso.

Essas áreas relacionam-se intrinsecamente entre si, embora sejam preservadas as especificidades e saberes próprios construídos e sistematizados nos diversos componentes curriculares.

Conforme as diretrizes do documento, as ações pedagógicas deverão estar atreladas ao desenvolvimento de competências⁷, entendida na Base como “a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e

⁶ Em 2017 foi apresentada a terceira e última versão do documento que foi aprovada em 22 de dezembro de 2017, de acordo com a Resolução CNE/CP, nº 02. O novo documento determina o que será ensinado, de fato, em cada área do conhecimento e em cada etapa de escolarização em todo o país, ou seja, é através dele que as escolas irão elaborar as suas ações pedagógicas. Conforme orienta a LDB, a BNCC trata-se de um documento de caráter normativo que define aprendizagens essenciais (e não apenas conteúdos mínimos a serem ensinados), em que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da educação básica. Nesse sentido, conforme apresenta a BNCC, embasada em princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNEB), o seu principal objetivo é a formação humana integral, tendo em vista a construção de uma sociedade equitativa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2017, p. 7).

⁷ A Base apresenta dez competências gerais, que se expressam em cada área do conhecimento através das competências específicas para serem desenvolvidas ao longo do Ensino Fundamental (Anos Iniciais e Anos Finais).

valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2017, p. 8).

Dessa maneira, é necessário garantir o desenvolvimento das competências específicas, visto que estas estão atreladas às competências gerais. Para que seja possível garantir o desenvolvimento das competências específicas em cada componente curricular, são apresentadas as habilidades que conforme a BNCC, “estão relacionadas a diferentes objetos de conhecimento – entendidos como conteúdos, conceitos e processos -, que, por sua vez, são organizados em unidades temáticas” (BRASIL, 2017, p. 28). Nessa perspectiva, tendo em vista a Língua Portuguesa “a seleção de habilidades na BNCC está relacionada com aqueles conhecimentos fundamentais para que o estudante possa apropriar-se do sistema linguístico que organiza o português brasileiro” (BRASIL, 2017, p. 139).

A variação linguística, na Base, ocupa um dos seis objetivos gerais da educação básica. O modo de falar é assegurado e ressaltado como um direito de aprendizagem do estudante, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental. No entanto, cabe salientar que, em relação à variação linguística, o documento traz uma inadequação ao vincular o estudo da variação linguística à oralidade, como se a escrita não estivesse igualmente exposta à variação.

Em relação às variações linguísticas, a Base propõe que

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (BRASIL, 2017, p.81).

No entanto, a respeito da variação linguística, encontramos poucas referências, tópicos, competências ou formas de trabalho para o ensino em Língua Portuguesa na BNCC. Encontramos, de forma bem limitada, a exemplo do que se propõe de maneira geral para o Ensino Fundamental, anos finais, no “Eixo de Análise Linguística/Semiótica”.

- Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos.
- Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica (BRASIL, 2017, p. 83).

Na seção “Práticas de Linguagem” há também uma pequena referência de trabalho com a variação linguística, indicada para 6º ao 9º:

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico. (EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada (BRASIL, 2017, p.160-161).

Como podemos perceber, a variação linguística é abordada na BNCC de maneira superficial e simplista, bastando apenas observar as propostas que são apresentadas no PCN, por exemplo, para se perceber o abismo entre essa e aquela, ou seja, não é possível verificar na composição curricular da Base uma trabalho amplo e complexo com a variação linguística tal como é proposto pelo PCN.

Na BNCC, estão elencados os eixos integradores do estudo da língua portuguesa, os quais correspondem às práticas de linguagem já consagradas também em documentos oficiais anteriores à Base (PCN). Diante disso, para o desenvolvimento deste estudo, acreditamos ser essencial compreendermos como a Base propõe o ensino para cada uma das práticas de linguagem: Leitura, Produção de Textos, Oralidade e Análise Linguística/Semiótica, visto que estas se encontram materializadas em diferentes campos de atuação (campo da vida cotidiana, da vida pública, das práticas de estudo e pesquisa e o campo artístico/literário) que devem atender às situações da vida social dos aprendizes em contextos significativos.

A BNCC aponta-nos a importância do eixo da leitura, ressaltando para o fato de que este é um dos organizadores do ensino de Língua Portuguesa. Segundo a Base:

O Eixo da Leitura comprehende as práticas de linguagem que correm da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades (BRASIL, 2017, p. 69).

O objetivo do eixo da leitura/escuta é proposto na Base no intuito de ampliar o letramento dos estudantes através da progressiva incorporação de estratégias de leitura, tendo em vista textos de diferentes complexidades, indo além de textos escritos, como por exemplo, a leitura de imagens estáticas (foto, pintura, desenho, etc.) ou em movimento (filmes, vídeos, etc.) e som (áudios e música) que circulam tanto em meios impressos ou digitais.

O eixo da escrita é abordado de forma objetiva através de alguns determinantes sociais para o momento da produção textual em sala de aula: o gênero, a situação de comunicação, a variação linguística, o interlocutor, intencionalidade, entre outros. O documento propõe a produção articulada com outras práticas linguísticas, como as de leitura e análise linguística/semiótica, com reflexos a ambientes digitais. As interações da produção de textos multimodais e audiovisuais entram em cena e, desta forma, ao final do Ensino Fundamental, espera-se que os estudantes possam ser capazes de ler, compreender e criticar suas produções.

Já o eixo da oralidade está interligado aos eixos da Leitura e Produção de Textos, citados anteriormente, e também ao da análise semiótica que será tratado a seguir. De acordo com a BNCC:

O eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, *spot* de campanha, *jingle*, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, *playlist* comentada de músicas, *vlog* de game, contação de histórias, diferentes tipos de *podcasts* e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interação e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação (BRASIL, 2017, p. 76-77).

Na escola, mesmo que a oralidade parta do conhecimento que o aluno já possui sobre o uso da língua diante das diversas situações de comunicação, ela envolve o conhecimento e a reflexão sobre os gêneros dos discursos baseados na transmissão oral, sejam eles formais (debate, entrevista, palestra etc) ou informais (piada, trova, ditados populares, entre muitos outros). A Base traz a oportunidade para aluno realizar o estudo da língua oral por meio dos diversos gêneros e também conhecer as diversas possibilidades de uso dessa modalidade e de suas características. E conforme aponta Marcuschi (2002), para uma abordagem consistente da oralidade é fundamental que os estudantes consigam ter uma visão plena da heterogeneidade da língua e sejam capazes de contemplar a aquisição de procedimentos cognitivos que são necessários ao leitor/produtor de textos.

Segundo a BNCC,

O Eixo da Análise Linguística/Semiótica envolve os procedimentos e estratégia (meta) cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os processos de leitura e de produção de textos (orais, escritos e multissemióticos), das materialidades dos textos, responsáveis por seus efeitos de sentido, seja no que se refere às formas de composição dos textos, determinadas pelos gêneros (orais, escritos e multissemióticos) e pela situação

de produção, seja no que se refere aos estilos adotados nos textos, com forte impacto nos efeitos de sentido. (BRASIL, 2017, p. 78)

Neste eixo, a Base busca avançar na análise da língua de maneira que seja contextualizada às práticas sociais de leitura e escrita, ou seja, nas formas de uso real, de acordo com a situação, abrangendo textos multimodais e multissemióticos. Conforme a BNCC (2017, p. 139), “os conhecimentos sobre a língua, as demais semioses e a norma-padrão não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas”. Isso quer dizer que não faz sentido estudar a língua desligada do contexto real de enunciação, desvinculada das diversas situações em que os estudantes se encontram inseridos em seu dia-a-dia.

Os conhecimentos acerca dos gêneros, textos, língua, norma culta e diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, visto que, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação dos estudantes em práticas de diferentes esferas de atividades humanas. Assim, devemos proporcionar aos nossos alunos experiências que contribuam para a ampliação do letramento (também científico), de forma que possibilite uma participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais, sejam elas constituídas pela oralidade, escrita ou outras semioses.

Cabe salientar também que o eixo de Análise Linguística/Semiótica aparece na Base de forma transversal, visto que os conhecimentos acerca da língua são a base para que o aluno consiga transitar entre todos os campos/esferas. No tocante aos objetos de conhecimento deste eixo transversais a todos os campos de atuação, podemos verificar que a BNCC direciona os conteúdos desse eixo em três grupos de conhecimentos linguísticos, a saber: organização da escrita, estrutura da língua e sequências textuais e discursivas. Isto é, a BNCC foca para o conhecimento descritivo e estrutural da língua.

Posto isso, a Base ora propõe uma aprendizagem acerca dos aspectos estruturais da língua, ora propõe uma aprendizagem direcionada para os aspectos da textualidade. Ao contrário, a semiótica não aparece, de forma clara, nos objetos de conhecimentos transversais, ou melhor, essa área não se apresenta de maneira relevante junto à análise linguística.

Cabe apontar ainda que a Língua Portuguesa dialoga dentro da área de linguagens com o ensino de Artes, Língua Inglesa e Educação Física e, de uma maneira geral, colabora com as demais áreas do conhecimento. Quando é trabalhado na sala de aula o campo de estudo e pesquisa, por exemplo, podemos ensinar o aluno a fazer a leitura de gráficos ou infográficos,

contribuindo assim para o conteúdo de Matemática e Ciências. Portanto, é essencial que o docente se envolva e estimule o aprendizado de seus alunos por meio do ensino interdisciplinar da língua materna, trabalhando questões que levem à valorização da diversidade social e linguística.

Diante disso, é importante salientar que os documentos oficiais relativos ao ensino de Língua Portuguesa não têm alcançado a melhoria do processo de ensino e das práticas na sala de aula. Apesar da preocupação e interesse dos docentes em relação ao que orienta estes documentos contemporâneos, ainda não é possível afirmar que os professores estejam preparados para trabalharem com os mesmos em sala de aula, uma vez que acreditamos que somente com docentes bem informados é que se dará a efetiva implementação nas escolas.

Diante disso, imbuídos pela falta de informação, as práticas pedagógicas tradicionais desses docentes permanecem em suas aulas, não dialogando, portanto, com as novas abordagens de ensino que têm buscado bastante aporte teórico nas contribuições de diferentes subáreas da Linguística Contemporânea. Por conseguinte, percebemos que os gestores e coordenadores pedagógicos possuem papel fundamental para transformar essa realidade, pois são estes os principais aliados para levar as propostas dos documentos oficiais à sala de aula.

Embora a prática de análise e reflexão linguística conste como um dos eixos de ensino da língua materna desde os PCN (1998) e apareça frequentemente na proposta da BNCC (2017), para nós, docentes de língua portuguesa, ainda é um desafio desenvolver mecanismos didáticos, metodologias e estratégias capazes de efetivá-la. Mas, afinal, de que forma podemos então ensinar a língua portuguesa através do eixo de “Análise Linguística”?

Primeiro, é necessário que o docente tenha claro que ao assumir a análise linguística como objetivo de ensino da língua, ele não precisa abolir a gramática enquanto objeto de ensino, conforme afirmam muitos discursos equivocados. O que propomos, na verdade, é que haja uma reflexão sobre qual lugar deve ocupar a gramática em sala de aula, assim como o tratamento didático que é dado a ela.

Conforme preconiza o documento orientador de ensino (BNCC), a análise e reflexão linguística deve, portanto, acontecer por meio de textos reais, que, materializados linguisticamente, assumem a forma de diferentes gêneros textuais. Assim, é preciso reconhecermos que um texto sempre pertence a algum gênero textual, que circula em uma determinada esfera da atividade humana, o qual se encontra inserido em um contexto sócio-histórico-cultural.

Para exemplificar isso, podemos trabalhar a reportagem ou notícia em sala de aula. Estes gêneros textuais pertencem à esfera jornalística e, possui como marca linguística, por exemplo,

a concordância de número. Assim, mais importante do que localizar e saber as regras de concordância verbal prescritas pela gramática, é o aluno compreender os fatores internos e externos que condicionaram as escolhas linguísticas e o que isso traz de sentidos ao texto.

Dessa forma, para que alcancemos uma educação de qualidade, é necessário que o foco do ensino seja o desenvolvimento discursivo dos alunos e, baseado nesse pressuposto, de acordo com a BNCC:

as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências. Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidade, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho) (BRASIL, 2017, p. 13).

Sendo assim, destacamos que a postura do docente é determinante no processo de ensino-aprendizagem. O primeiro desafio para o professor é ressignificar a sua forma de pensar e a sua maneira de dar aula, ou seja, o professor deverá pensar de forma macro, relacionando os componentes curriculares e incentivando o desenvolvimento do espírito crítico dos alunos, considerando, inclusive o ambiente ao qual o aluno se encontra inserido.

Sob tais perspectivas, a partir dos pressupostos previstos na Base, nos propomos a elaborar atividades didáticas que serão abordadas em sala de aula de forma contextualizada, dinâmica e significativa, a partir da reflexão e da análise da língua em uso tendo em vista as diferentes situações sociocomunicativas.

3 REVISÃO TEÓRICA

Nesta seção, realizamos uma revisão da literatura acerca de pesquisas e estudos atrelados ao ensino de língua portuguesa no Brasil, buscando destacar as contribuições da Pedagogia da Variação Linguística, pautadas pelo ensino da Sociolinguística Educacional e do Letramento Científico. Diante do cenário atual de ensino da língua e da necessidade de torná-lo mais significativo e participativo, buscamos refletir também acerca das contribuições do Protagonismo Juvenil para o ensino da língua materna.

Tendo em vista a importância da concepção dos docentes acerca da língua materna, trataremos, a seguir, da concepção sociolinguística de língua atrelada ao ensino da língua materna, e na seção subsequente, mostraremos a importância dos pressupostos teóricos-metodológicos da Sociolinguística Educacional para o processo de ensino-aprendizagem da língua materna.

3.1 CONCEPÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE LÍNGUA E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Para se compreender os objetivos propostos na presente pesquisa, faz-se necessário uma discussão acerca da perspectiva teórica de língua assumida neste estudo, tendo em vista as suas implicações ao ensino de Língua Portuguesa.

A concepção de língua é compreendida de diversas maneiras pela sociedade e pela escola. Dentro os diferentes pesquisadores acerca das concepções de linguagem adotadas no ensino de língua portuguesa no Brasil podemos destacar Geraldi (1991; 1984). Para o autor, é necessário ter claro qual concepção de linguagem embasa o ensino da língua materna, uma vez que é por meio da concepção adotada que emerge a seleção dos materiais, a metodologia e o ensino da língua em sala de aula.

Após, aproximadamente, meio século de domínio de correntes formalistas, surgiu nos Estados Unidos em meados da década de 60, a partir dos estudos de William Labov (2008), uma nova área de estudos e investigação da linguagem: a Sociolinguística Variacionista. Esse fato ocorreu “quando muitos cientistas da área da linguagem perceberam que não era mais possível estudar a língua sem levar em conta também a sociedade em que ela é falada” (BAGNO, 2007, p. 28).

Diferentemente das propostas vigentes nas teorias Linguísticas, até meados do século XX, em que a língua era analisada como um sistema homogêneo, unitário; a Sociolinguística

propõe uma visão de língua heterogênea, variável, dinâmica. Isto é, a língua se apresenta de várias maneiras a depender do uso realizado pela comunidade linguística. Essa nova proposta se insere em um novo entendimento da estrutura Linguística, e seu objetivo principal é o estudo da heterogeneidade da língua, por meio da associação entre aspectos sociais e linguísticos.

À luz dessas considerações, Faraco (2008, p. 31) afirma que “nenhuma língua é uma realidade unitária e homogênea”. Para o autor “não há uma definição de língua por critérios puramente linguísticos, mas fundamentalmente por critérios políticos e culturais” FARACO (2008, p. 32). Entretanto, mesmo com o passar dos anos e com a publicação de vários estudos e pesquisas linguísticas que abordam inúmeros fenômenos variáveis da língua, ainda é muito comum, na grande maioria das escolas, a propagação do conceito de homogeneidade linguística, contribuindo para que o trabalho com a Língua Portuguesa foque no ensino da norma-padrão de forma que a norma culta e também as variedades populares sejam preteridas ou ignoradas.

Na maioria das vezes, os professores costumam trabalhar em sala de aula com atividades tradicionais de ensino de língua, marcadas por mera identificação e classificação de itens gramaticais. Por meio de uma abordagem marcadamente tradicional da gramática, pautadas na norma-padrão - tida como referência de correção e representação de usos legítimos da língua portuguesa, as demais variedades de uso da língua são ignoradas e, assim, excluídas do processo de ensino e aprendizagem da língua, sendo, quando muito, rotuladas como “erros” ou “desvios” comuns da fala coloquial. Nesse viés, Bortoni-Ricardo (2014) considera que tal abordagem acaba não oportunizando aos alunos uma reflexão crítica acerca do funcionamento real da língua em uso.

A respeito do ensino da língua, Bagno (2008) assinala que

A gramática tradicional tenta nos mostrar a língua como um pacote fechado, um embrulho pronto e acabado. Mas não é assim. A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento — toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação. É uma fênix que de tempos em tempos renasce das próprias cinzas. É uma roseira que, quanto mais a gente vai podando, flores mais bonitas vão dando. (BAGNO, 2008, p.107).

Para o autor, é preciso que o ensino esteja voltado para a reflexão dos usos da língua materna, levando em consideração os contextos reais e as intenções do falante, seja na oralidade ou na escrita. Diante disso, consideramos que se faz necessário que as aulas sejam elaboradas a partir de uma abordagem variacionista, cujo objetivo principal é o estudo da língua no seu

contexto de uso, no seu contexto social, onde seja possível os alunos perceberem a diversidade de formas linguísticas. No entanto, para isso, é imprescindível que o professor tenha clareza das concepções de linguagem pertinentes ao ensino gramatical, pois, como menciona Travaglia (2009), a forma como o professor de língua concebe a linguagem vai determinar sua maneira de trabalhar a gramática em sala de aula, ou seja, a conjunção dessas concepções que irá sustentar a sua prática docente.

Diante desse panorama, os estudos de Marine e Barbosa (2016) trazem contribuições importantes para o ensino da língua. Conforme a autora, para que aconteça uma aprendizagem significativa no processo de ensino da Língua Portuguesa é de extrema relevância que seja identificado pelos professores suas concepções acerca da língua e a forma como exercem a prática docente, a fim de que seus objetivos possam ser atingidos através de suas aulas. Uma vez que essas questões sejam desconsideradas pelos docentes, as dificuldades encontradas no processo de ensino da língua materna, tornam-se ainda mais complicadas e difíceis de serem vencidas.

Assim, notamos que é preciso uma nova postura em relação ao ensino da língua portuguesa. Para isso, primeiro é necessário que o professor se conscientize de que a língua não é homogênea e que é normal a heterogeneidade. É preciso que ele comprehenda também que a variação torna o indivíduo capaz de entender a sua relação linguística com o mundo. Segundo, é importante levar para a sala de aula, um estudo mais detalhado da Sociolinguística como prática de ensino (no caso, adaptando-se ao nível de ensino), em que seja possível transformar as variantes da língua em unidades de trabalho, incentivando o aluno a valorizar o contato com o meio em que vive e fazendo com que ele seja capaz de compreender a estrutura e o funcionamento da língua, mediante reflexões contínuas, para que dessa forma seja possível ampliar a competência discursiva dos alunos.

É possível observarmos nos documentos parametrizadores do ensino, concepções sobre a língua a partir de uma abordagem que privilegia o seu uso na esfera discursiva, o que traz possibilidades de discussões referentes ao campo da Sociolinguística. No entanto, é importante ressaltarmos que para se estudar, ensinar e aprender a língua, a partir dos pressupostos da sociolinguística, é preciso perceber a dinamicidade social a que ela está exposta e derrubar o mito de que somente a norma-padrão é a única forma correta de pensar esse ensino/aprendizagem.

O objeto de análise da Sociolinguística é a língua a partir das situações reais de uso e, por isso, o ponto de partida da análise deve ser a comunidade de fala. Faraco (2017, p.18), baseado no linguista brasileiro Lucchesi (2015), define como comunidade de fala “um grupo

social que compartilha (a) determinadas características linguísticas, (b) atitudes valorativas frente a fatos linguísticos e (c) tendências de mudança linguística". Dessa maneira, um estudo sociolinguístico busca descrever, estatisticamente fundamentada, um fenômeno variável, a partir da análise, compreensão e sistematização das variantes linguísticas⁸ usadas por uma mesma comunidade de fala.

Segundo Faraco (2008) comunidade de fala é definida por estudiosos da sociolinguística como composta por várias, assim chamadas, comunidades de práticas (pessoas que partilham de experiências, no trabalho, no sindicato, no lazer, no cotidiano). Uma mesma pessoa dessa coletividade, bem como cada um de seus pares, pertence necessariamente, a mais de uma comunidade de prática. Logo, em cada uma delas costuma haver maneiras peculiares de falares que identificam os membros daquela comunidade. Diante disso, o comportamento normal do falante é variar a sua fala de acordo com a comunidade de prática que se encontra, ou melhor, ele costuma acomodar a seu modo de falar às práticas correntes de cada uma das comunidades de práticas que se encontra inserido.

Para tanto, segundo Tarallo (2007), toda comunidade de fala possui formas linguísticas em variação, que estão em "concorrência", ou seja, duas ou mais formas são usadas ao mesmo tempo, em uma mesma comunidade, para identificar um mesmo referente. Além disso, quando acontece o uso frequente de apenas uma dessas formas, caminhamos para um processo de mudança linguística, como é o caso do pronome pessoal de tratamento Vossa Mercê, que passou por vários estágios até você ("Vossa Mercê/Vosmecê/Vancê/Você"). O uso das formas em variação está condicionado a fatores internos (relacionado a aspectos estruturais da língua) ou fatores externos (relacionado a contextos sociais, como sexo, faixa etária, escolaridade, classe social, dentre outros). Esses fatores podem influenciar diretamente na seleção de elementos em variação.

Frente ao exposto, outro fator que deve ser considerado também é que o ensino da língua vai muito além de um conjunto de palavras e combinações específicas que é compartilhado por um determinado grupo. Aprender a língua significa apreender seus significados, construídos ao longo do processo de interação, em que é possível que o homem construa e reconstrua suas relações com outros de sua espécie.

⁸ De acordo com Tarallo (2007), "variável linguística" é o que há possibilidade de variar e "variantes linguísticas" são as maneiras de variação. Para exemplificar, podemos citar "as moças bonitas/ as moças bonita/ as moça bonita. Nesse exemplo, a variável é marca de plural e as variantes são, respectivamente, a que tem o segmento /s/ indicando o plural e a que não tem /0/.

Desde a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, em 1998, os documentos norteadores da educação nacional vêm orientando para práticas de ensino-aprendizagem de língua materna que contemplem o uso da linguagem no bojo das práticas sociais em que ocorre o seu funcionamento real. Nessa perspectiva, os documentos que se seguiram aos PCN, como a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, corroboram com essa visão previamente assumida. Neste viés, Geraldi (1984) defende que o ensino da língua portuguesa se centra na ideia de dominar a língua para situações concretas de uso, dando lugar a práticas sociais de linguagem. A partir dessa perspectiva interacionista, o ensino da língua deve acontecer através de textos enquanto produtos de relações sociais, devendo considerar também as diversas variedades linguísticas que eles mobilizam.

Por isso, neste estudo, pautamos na Base, onde “Assume-se aqui a perspectiva enunciativa-discursiva de linguagem, já assumida em outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para os quais a linguagem é ‘uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história (BRASIL, 1998, p. 20)’” (BRASIL, 2017, p. 67). Assim, coadunamo-nos com Antunes (2007, p. 157) ao afirmar que:

Aceitar as concepções de linguagem – como atividade funcional, interativa, discursiva e interdiscursiva, como prática social situada e imersa na realidade cultural e histórica da comunidade – acarreta visíveis diferenças na vida da escola, consequentemente, no desempenho de professores e alunos.

Sabemos que a linguagem é uma atividade plural e, consequentemente, um instrumento fundamental à interação humana, pois é a responsável por situar o indivíduo em determinado espaço social. Por essa razão, na sala de aula, cabe ao professor fazer com que todos os alunos se sintam seguros para expor, dentre outros meios, através da língua materna, os seus anseios e ideias, sem que eles se sintam constrangidos em relação à variedade linguística e/ou à norma⁹ que utilizam.

Diante disso, concordamos com Antunes (2007) ao destacar a importância de uma educação linguística que use a língua a serviço das pessoas e, como tal, através da escola, faça com que os cidadãos sejam críticos e conscientes de um mundo em que todos sejam capazes de se expressar, tendo em vista determinados contextos de interação.

⁹ Por ser esse um tema complexo, iremos discuti-lo na seção - “3.4” - de forma mais abrangente e detalhada.

Portanto, para a descrição desta pesquisa, nos pautaremos em estudos sociolinguísticos na busca de contribuir significativamente para as práticas docentes, a fim de favorecer, dessa maneira, uma educação linguística voltada para a atuação social nas mais diversas situações sociocomunicativas.

3.2 SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL

O termo Sociolinguística Educacional, de acordo com Bortoni-Ricardo (2014), é fruto do empenho para a aplicação sistemática dos resultados dos estudos feitos dentro do contexto da Sociolinguística na busca de soluções para os problemas educacionais e propostas pedagógicas que, de fato, pudessem contribuir efetivamente para a prática de ensino da língua portuguesa. Bortoni-Ricardo (2005) intitula como subárea da Sociolinguística, a Sociolinguística Educacional, cujo foco compreende todas as propostas e pesquisas sociolinguísticas que contribuem para o aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem, principalmente do ensino da língua materna.

Sob a perspectiva que se defende no âmbito da Sociolinguística Educacional, os docentes devem priorizar em suas aulas de Língua Portuguesa atividades voltadas para o desenvolvimento da capacidade de interação social do aluno e de sua expressão nas mais variadas situações comunicativas, uma vez que o ensino da gramática tradicional por si só não é capaz de abranger a vastidão de usos que fazemos – ou que podemos fazer – de nossa língua. Por isso, é extremamente importante que o ensino da língua materna seja pautado na realidade dos alunos, de modo a considerar e respeitar as variedades que os identificam, além de oportunizar o conhecimento e aprendizado da norma culta em contextos de fala e escrita.

Diante desse cenário, a Sociolinguística Educacional tem mostrado que pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem da língua materna de maneira significativa, visando melhorar a qualidade do ensino, uma vez que trabalha com os fenômenos da língua em uso, a partir da relação entre língua e sociedade, voltada para a realidade dos alunos. Cabe destacar que as contribuições teóricas dessa subárea da Sociolinguística ao ensino de LP são inestimáveis. A esse respeito, Bagno (2007, p. 137) afirma que

O trabalho de reeducação sociolinguística consiste em ampliar o repertório linguístico do aprendiz, em expandir sua competência comunicativa, de modo que ele se apodere também das regras gramaticais que não pertencem à sua variedade, sobretudo aquelas que vão permitir que ele seja capaz de produzir

textos escritos nos mais diferentes gêneros e de empregar a língua falada em situações de interação as mais diversas, inclusive em instâncias públicas e formais.

Coadunamo-nos com o linguista e percebemos que a escola precisa, urgentemente, enfrentar o desafio de levar os alunos a se reconhecerem como participantes ativos do processo de aprendizagem, uma vez que o aluno já chega à escola dominando muito bem a língua materna e, neste sentido, conforme Bortoni-Ricardo (2005), cabe à escola expor outras variedades que irão se acrescentar ao “vernáculo básico” dos estudantes. Portanto, é papel da escola, ao longo desse processo, oferecer condições de aprendizagem teóricas e concretas ao seu alunado, bem como reconhecer a diversidade linguística, socioeconômica e cultural que permeia o espaço escolar, visando ao desenvolvimento da competência comunicativa dos falantes.

Nesse sentido, acreditamos que os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Educacional precisam estar, cada vez mais, inseridos no espaço escolar no ensino de LP, sendo esta uma maneira de lutar contra as diversas ideologias que permeiam as diferenças sociais. Corroboramos com Bortoni-Ricardo (2005, p. 15) ao afirmar que, “o caminho para uma democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante”, isto é, acreditamos que a escola é o caminho democrático e universal em que os bens culturais de um povo, podem ser espalhados sem barreiras e/ou preconceitos.

Assim, por meio do desenvolvimento desta pesquisa, pretendemos implementar em sala de aula, práticas que levem os discentes a amadurecer linguisticamente sem estigmas, tendo em vista os diferentes contextos em que se encontram inseridos e, ao mesmo tempo, que sejam capazes de adequar a sua fala, buscando desenvolver, principalmente, a sua competência comunicativa.

À luz desses pressupostos, para alcançarmos os objetivos propostos na presente pesquisa, acreditamos na importância do desenvolvimento da pesquisa sociolinguística em sala de aula para a formação do aluno-pesquisador acerca da própria língua, sobre a qual falaremos na subsecção a seguir.

3.2.1 A pesquisa sociolinguística em sala de aula

Concordamos com Bagno (2007) ao afirmar que a pesquisa se faz presente em nosso dia a dia, ou seja, a todo momento realizamos uma pesquisa, seja ela comparativa (preços, marcas) ou até mesmo antes de tomarmos qualquer decisão. Logo, podemos encontrá-la também no desenvolvimento da ciência, no avanço tecnológico ou no progresso intelectual de

um sujeito. Nesse sentido, pesquisa em sala de aula pode se tornar uma grande aliada ao processo de ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental, uma vez que se constitui como uma forte ferramenta para desenvolver a reflexão, o espírito investigativo e a capacidade de argumentação dos estudantes.

Toda pesquisa científica é regida por, pelo menos, uma teoria. Nesse caso, para cada teoria há procedimentos metodológicos que se constituem como a direção adequada a ser seguida pelo pesquisador em busca de resultados mais fidedignos possíveis. Logo, podemos dizer que a metodologia é um conjunto de procedimentos que, como numa receita, opera direcionando o passo a passo para alcançar dado objetivo. Dessa forma, acreditamos que para chegar a discussão dos fundamentos metodológicos, devemos antes abordar os princípios teóricos, visto que não há metodologia sem os pressupostos de uma teoria.

Neste sentido, selecionamos para este estudo a metodologia da Sociolinguística Variacionista como base para o desenvolvimento da pesquisa sociolinguística com os estudantes por reconhecermos a importância dos trabalhos quantitativos que utilizam dados linguísticos que refletem o uso da língua em um contexto social heterogêneo.

De acordo com Tarallo (2007, p. 5) a pesquisa sociolinguística busca, principalmente, sistematizar o aparente “caos” linguístico que “basicamente se configura como um campo de batalha em que duas (ou mais) maneiras de se dizer a mesma coisa (doravante chamadas “variantes linguísticas”) se enfrentam”, onde uma dessas maneiras irá prevalecer fazendo com que a língua progrida, atualize-se e mude constantemente. É importante lembrar que Sociolinguística busca justificar as mudanças e variações da língua com base na relação que existe entre a língua e a sociedade, uma vez que cada situação comunicativa exige do falante um domínio sobre a língua. Assim, a pesquisa sociolinguística foca na sistematização dessas variantes por meio de dados quantitativos obtidos através da observação, identificação e descrição que, posteriormente, são analisadas socialmente e/ou historicamente.

Em sua obra “A Pesquisa Sociolinguística”, Tarallo (2007) afirma que teoria, método e objeto mantêm uma relação estreita, mostrando-nos que o primeiro passo para a realização de uma pesquisa sociolinguística é a delimitação do objeto de análise. A partir daí, será possível que o pesquisador construa os pressupostos teóricos para a sua pesquisa. Neste viés, cabe destacar que o objeto de estudo da pesquisa sociolinguística variacionista é a variação e mudança linguística.

Cabe observar que embora a pesquisa sociolinguística tenha sido desenvolvida por muitos anos a partir apenas de dados de fala, tendo em vista que o fenômeno da variação linguística sempre inicia na fala para depois, em alguns casos, começar a se manifestar na

escrita, esta modalidade da língua também pode ser objeto de análise da sociolinguística. No Brasil, há inúmeras pesquisas que partem dos dados escritos da língua, assim isso significa que a variação linguística pode ser observada também em dados de escrita, sobretudo em textos menos monitorados.

Coadunamo-nos com Freire ([1996] 2019, p. 30) ao destacar que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Segundo o autor é essencial que o educador respeite os conhecimentos já adquiridos dos educandos ao longo de sua história, buscando estimular a superação de paradigmas por meio do exercício da curiosidade, estimulando os aprendizes à observação, elaboração de hipóteses e questionamentos para, então, se chegar a uma explicação epistemológica.

Frente a esse contexto, pretendemos em nossa proposta didática, apresentar um passo a passo para o desenvolvimento de uma pesquisa sociolinguística em sala de aula, por meio da transposição didática¹⁰ do modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, para alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II. Cabe esclarecer que através das atividades que serão propostas, acreditamos que os estudantes já terão conhecimentos científicos acerca da língua necessários para o desenvolvimento de uma pesquisa sociolinguística.

Esperamos que após o desenvolvimento completo da nossa proposta didática, os alunos ampliem a sua visão de língua e que eles sejam capazes de perceber e entender porque existem variações na língua, desmitificando noções como “certo” ou “errado” e, além disso, percebam que a língua pode ser objeto de estudo científico.

Diante disso, agimos de acordo com o que afirma Freire ([1996] 2019), no sentido que só é possível melhorar a nossa prática em sala de aula, quando pensarmos criticamente sobre a prática de hoje e de ontem. Assim, acreditamos que sob uma perspectiva crítica e reflexiva, faz-se necessário que o professor perceba o seu fazer pedagógico, permitindo-lhe refazer suas práticas frente ao ensino de Língua Portuguesa, buscando cada vez mais a construção e/ou (re) construção do seu saber/fazer, contribuindo para a melhoria de suas práticas.

Cabe considerar, que é essencial que seja identificado pelo professor se as dificuldades de aprendizagens não são, de fato, dificuldades no processo de ensino ou de aprendizagem, ou melhor dizendo, de ambas, uma vez que esses dois processos estão diretamente interligados, tornando-se, assim, um desafio para o professor identificar qual dos dois possuem maior peso para o processo de ensino-aprendizagem. Por isso, é fundamental que o professor proponha

¹⁰ Quando o objeto do saber é desenvolvido por meio científico, passa por várias transformações até chegar na sala de aula. Isto é, transforma um conteúdo de determinado saber específico em uma versão didática para o ensino, ou seja, este saber sofre adequações para ser ensinado na sala de aula.

atividades diversificadas, levando em consideração as situações reais de aprendizagem e adaptando às especificidades dos seus alunos.

Para alcançar tais objetivos, acreditamos que a nossa proposta didática poderá contribuir de maneira significativa para o ensino da LP, trazendo à tona práticas pedagógicas - contextualizadas e reflexivas acerca da língua em uso, tendo em vista as diferentes situações sociocomunicativas em que os estudantes se encontram inseridos - que vão de encontro ao que propõem os documentos oficiais contemporâneos, bem como o anseio de muitos/as.

Para o desenvolvimento das nossas ações ao longo deste estudo, é essencial levarmos em consideração a variação linguística e o contexto atual de ensino da língua portuguesa nas escolas, em que é pautado, principalmente, pela gramática normativa. Tendo em vista esse desafio, tecemos considerações relevantes acerca desse assunto na seção seguinte.

3.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E A HETEROGENEIDADE NA SALA DE AULA

Nas últimas décadas, a realidade brasileira acerca do ensino da língua materna nas escolas, tanto públicas quanto particulares, tem sido uma questão bastante discutida e estudada entre linguistas, pesquisadores e educadores. Está claro que o sistema educacional vem passando por significativas mudanças em relação ao ensino da Língua Portuguesa desde, sobretudo, a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em 1998.

Sobre o ensino da gramática, observamos que grande parte dos professores de Língua Portuguesa ainda desconhece a prática de ensino com a realidade heterogênea e variável da língua e, por isso, se limitam ao ensino de estruturas isoladas e regras gramaticais da língua em suas aulas, ignorando o que sugerem os pressupostos dos documentos oficiais a respeito de como deve ser conduzido o ensino da gramática na educação básica.

É a partir dos estudos de William Labov, na década de 1960, que se consolida um dos ramos da Sociolinguística que traz contribuições significativas para o ensino da língua materna: a Sociolinguística Variacionista. Essa área também é conhecida por outros nomes:

“(i) Sociolinguística Laboviana, porque seu principal expoente é o linguista norte-americano William Labov; (ii) Sociolinguística Quantitativa, porque, a princípio, os pesquisadores dessa área costumam lidar com uma grande quantidade de dados de usos da língua, o que requer normalmente uma análise estatística; e (iii) Teoria da Variação e Mudança Linguística, por conta de suas principais preocupações: a variação e a mudança na língua” (COELHO et al., 2015, p. 14).

Cabe salientar que, no Brasil, as pesquisas e estudos na área da Sociolinguística Variacionista, tiveram início na década de 1970, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação de Anthony Naro. E desde então, as linhas de pesquisas que se ocupam da descrição dos fenômenos variáveis do português brasileiro aumentaram significativamente, tendo se espalhado pelas diversas regiões do país e provocado discussões e estudos acerca das diversas variedades do português (COELHO et al., 2015).

Sabemos que o fenômeno da variação linguística é uma característica de toda e qualquer língua natural, por isso a crença de que existe apenas uma maneira “certa” de falar e que essa maneira “correta” de falar está refletida perfeitamente na escrita deve ser combatida. Assim, de nada adianta conceber a língua de uma forma idealizada, sem analisá-la cientificamente, sem entender e explicar aos aprendizes o motivo da variação linguística.

Na obra ‘Para conhecer Sociolinguística’, os autores explicam que “a variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado” (COELHO et al., 2015, p. 16). Isso significa que a língua varia a todo momento, envolvendo dessa forma diversos aspectos – históricos, sociais, culturais, geográficos, entre outros. Podemos exemplificar através de uma variação regional com a forma “aipim, mandioca, macaxeira”, ou seja, cada região do país utiliza um nome diferente para a raiz.

As variações acontecem porque o princípio fundamental da língua é a comunicação, logo, é preciso que os falantes façam rearranjos de acordo com as suas necessidades comunicativas. Situações formais exigem do falante uma variedade de língua mais cuidada e elaborada, uma vez que a sociedade impõe certas regras sociais e, consequentemente linguísticas, as quais espera ver cumpridas; o desrespeito a essas regras pode gerar o preconceito linguístico. Por isso, as diferentes maneiras de falar não devem ser consideradas como “erros”, evitando dessa maneira esse preconceito.

Essas diferentes maneiras de se falar, a Sociolinguística Variacionista chama de variedades linguísticas. Nessa perspectiva, Bagno (2007, p. 47) conceitua variedade linguística como “um dos muitos ‘modos de falar’ uma língua”. Isso significa que toda comunidade de fala se caracteriza por diversos modos de falar, inclusive de se falar a mesma coisa.

Para Geraldi (1997, p. 50), “língua é o conjunto das variedades utilizadas por uma determinada comunidade, reconhecidas como heterogenias. Isto é, formas diversas entre si, mas pertencentes à mesma língua”. A partir da definição do autor, fica evidente que mesmo possuindo variação, uma língua continuará exercendo seu papel em uma determinada comunidade de fala, o que não a tornará melhor ou pior que outras.

Todas as variedades da língua são igualmente eficazes para o processo de interação entre os indivíduos. Contudo, Faraco e Zilles (2017) enfatizam que a realidade linguística brasileira é dividida em variedade culta e variedade popular. Ressaltando os preconceitos (sócio) linguísticos subjacentes ao uso dos termos “cultas” e “popular”, Bagno (2003) propõe que seja adotado, respectivamente, designações como variedade “prestigiada” e variedade “estigmatizada”. Essa variedade separa as pessoas que detêm as variedades prestigiadas das que fazem uso de variedades estigmatizadas. São estigmatizadas aquelas pessoas que não possuem o conhecimento ou não se apropriam da variedade considerado de prestígio, “cultas”. Cabe destacar que norma culta e variedade culta estão relacionadas à representação dos usos com maior prestígio da língua, que está mais próximo da modalidade escrita, assim como também da gramática normativa.

Dessa maneira, as variedades devem ser respeitadas e seu uso condicionado ao contexto comunicacional no qual o falante se encontrar inserido, isto é, para cada situação, o falante irá utilizar um comportamento linguístico específico, por exemplo: ao escrever uma redação para o vestibular, certamente irá adotar a norma culta, evitando assim dialetos e gírias, da mesma forma que fará escolhas linguísticas informais para tratar em suas relações cotidianas com família ou amigos. Cabe, assim, à escola substituir o trabalho de prescrição linguística – ensino pautado em gramáticas normativas – por um trabalho de reflexão linguística em sala de aula. Ou seja, dificilmente é realizado pelos docentes a comparação entre normas e variedades do português, algo que é de suma importância para o processo de ensino/aprendizagem de análise linguística.

Nesse sentido, Bagno (2008, p.16) defende que

Todos os aprendizes devem ter acesso às variedades linguísticas urbanas de prestígio, não porque sejam as únicas formas “certas” de falar e de escrever, mas porque constituem, junto com outros bens sociais, um direito do cidadão, de modo que ele possa se inserir plenamente na vida urbana contemporânea, ter acesso aos bens culturais mais valorizados e dispor dos mesmos recursos de expressão verbal (oral e escrita) dos membros das elites socioculturais e socioeconômicas.

Sob tal perspectiva, precisamos mostrar aos nossos alunos que, assim como existem pessoas diferentes, há também diversas maneiras de falar e de escrever, levando-os a refletir acerca desse elemento bem como também suas implicações para sua condição de cidadão. E, principalmente, é preciso que eles compreendam que falar diferente da norma considerada “padrão” não é errado.

Diante desse novo contexto de ensino de língua portuguesa, a variação linguística se estabelece como um componente curricular relevante, pois o ensino pautado na gramática normativa, com a prescrição do “certo ou errado” não se sustenta na realidade de uso da língua. Isto posto, o respeito às variedades linguísticas como um todo, bem como a explicitação das decorrências sociais desse fenômeno, constitui, segundo as constatações da Sociolinguística, um dos grandes desafios transferidos à escola, principalmente, aos docentes de LP. Dessa forma, é necessário que o professor utilize estratégias que levem os alunos a refletir sobre os usos da língua e desenvolva comportamentos respeitosos acerca das variedades linguísticas desses falantes, combatendo assim, o preconceito linguístico.

Portanto, é fundamental que o professor, ao trabalhar com o tema da variação linguística, esclareça aos estudantes os valores sociais que são atribuídos às variedades cultas e os estigmas e preconceitos linguísticos que são atrelados às variedades populares (tidas como “não cultas”), uma vez que, não se trata de excluir uma ou outra variedade, mas de ensinar aos alunos os “usos linguísticos considerados mais adequados a cada situação linguística” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 129).

Além disso, cabe ao professor salientar aos alunos que os falantes não usam a língua da mesma forma em diferentes situações e que essa variação é comum em todas as línguas naturais, em distintas variedades, e, não, algo que existe somente em variedades rurais, por exemplo. A esse respeito, cabe lembrar que Bagno (2007) menciona que os autores dos livros didáticos difundem a “síndrome do Chico Bento”, utilizando essa personagem criada por Maurício de Sousa para dar exemplos de variação linguística, porém, por vezes, a maneira como o falar da personagem é visto, acaba sugerindo que somente os falantes das zonas rurais e não-alfabetizados usam a língua de modo variável, reforçando assim estereótipos e preconceitos linguísticos. Dessa forma, a variação linguística acabe sendo vista como “uso errado” da língua, uso este que seria típico de falantes da zona rural e com baixa (ou nenhuma) escolarização.

Na esteira dessas reflexões, Bortoni-Ricardo (2004) nos chama a atenção para o fato de que as escolas pautam o ensino da língua portuguesa em interesses da cultura dominante, de tal forma que haja a padronização sistemática e impositiva do ensino, deixando de lado as diferenças linguísticas e sociais. Diante disso, coadunamos com a linguista afirmar que:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. [...] Os alunos que chegam à escola falando ‘nós cheguemu’, ‘abrido’, e ‘ele drome’, por exemplo, têm que ser

respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender as variantes as suas peculiaridades de prestígio dessas expressões (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

E completa:

Até hoje, os professores não sabem muito bem como agir diante dos chamados ‘erros de português’. Estamos colocando a expressão ‘erros de português’ entre aspas porque a consideramos inadequada e preconceituosa. Erros de português são simplesmente diferenças entre variedades da língua. Com frequência, essas diferenças se apresentam entre a variedade usada no domínio do lar, onde predomina uma cultura de oralidade, em relações permeadas pelo afeto e informalidade, como vimos, e culturas de letramento, como a que é cultivada na escola (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 37).

Diante disso, cabe ao professor reconhecer a relevância de se trabalhar as diversas variedades linguísticas que compõem o que denominamos como língua portuguesa, tendo em vista práticas reflexivas acerca da língua em uso. É importante que os estudantes percebam a variação de estilo na sua própria fala e/ou escrita e, através disso, percebam que é possível modificá-la de acordo com a situação em que se encontram inseridos, sendo que ao se optar por uma fala ou escrita formal é preciso que se tenha clareza dos objetivos de tal uso e do contexto interacional que envolve uma determinada prática de linguagem.

Nesse sentido, acreditamos que o professor precisa levar os alunos a (re) conhecerem que estudar a gramática da Língua Portuguesa é muito mais do que estudar as prescrições e regras da gramática normativa; que estudar a gramática é estudar as diversas possibilidades que a língua pode e consegue se estruturar a partir das diferentes variedades linguísticas que constituem o Português Brasileiro. Além disso, é essencial que sejam valorizadas as variedades linguísticas que o estudante já adquiriu até chegar à escola, a fim de evitar que passe pelo seu imaginário que as variedades ensinadas pela escola são as “corretas” e, as suas, as “erradas”. Portanto, a escola deve contribuir para que os alunos tenham acesso à variedade considerada “culto”, de prestígio, entretanto, em nenhum momento permitir que esses alunos sejam ridicularizados ou estigmatizados por, ainda, não serem usuários competentes da forma de prestígio.

Diante desse cenário, corroboramos com as considerações de Bagno (2007, p. 84, destaque do autor), de que é através de uma reeducação sociolinguística “que o aprendiz conhecerá os **juízos de valor sociais** que pesam sobre cada uso da língua”. Para o linguista, essa reeducação sociolinguística consiste, entre outras coisas, no trabalho docente a partir de

- Fazer o/a aluno/a reconhecer que é possuidor/a de plenas capacidades de expressão, de comunicação, isto é, possuidor/a de uma língua plena e funcional, de uma língua que é um instrumento de interação social e de autoconhecimento individual – em outras palavras, promover a autoestima linguística dos alunos e das alunas, dizer-lhes que **eles sabem português** e que a escola vai ajudar **desenvolver** ainda mais esse saber; - [...] garantir o acesso dos alunos e das alunas a **outras formas de falar e de escrever**, isto é, permitir que aprendam e apreendam variantes linguísticas diferentes das que eles/elas já dominam – isso significa **ampliar o repertório comunicativo**, ter à sua disposição um número maior de opções, que poderão ser empregados de acordo com as necessidades de interação; [...] (BAGNO, 2007, p. 84, destaque do autor).

Ao mesmo tempo nessa reflexão, o pesquisador defende que é imprescindível considerarmos a reeducação sociolinguística do próprio docente, pois não é possível a reeducação dos alunos/as sem antes o/a professor/a abandonar as ideologias ultrapassadas e preconceituosas acerca da língua que se referem ao senso comum (BAGNO, 2007).

Frente às considerações expostas, nossa pesquisa se pautará nas contribuições da Pedagogia da Variação Linguística, sobre a qual realizaremos considerações importantes na subsecção seguinte.

3.3.1 Pedagogia da Variação Linguística

Tendo em vista os estudos linguísticos, são várias as discussões acerca da variação linguística e o ensino da língua materna a partir do que tem sido chamado de Pedagogia da Variação Linguística (BAGNO, 2007; FARACO, 2008; CYRANKA, 2015, entre outros).

Bagno (2007) destaca a necessidade de aplicar ao ensino a Pedagogia da Variação Linguística, sugerindo que essa abordagem aconteça de maneira organizada. Portanto, cabendo a reflexão sobre o modo de tratar os fenômenos de variação e mudança no ensino da Língua Portuguesa, o pesquisador propõe que a melhor escolha seria “reconhecer que a escola é o lugar de interseção inevitável entre o saber erudito-científico e o senso comum, e que isso deve ser empregado em favor do/a estudante e da formação de sua cidadania” (BAGNO, 2007, p. 78), visto que, se desconsiderado um desses pontos de vista – científico ou o senso comum – o ensino pode ser considerado incompleto, além de não apresentar a realidade social dos alunos.

À luz dessas considerações, Martins, Vieira e Tavares (2014, p. 09) ressaltam que:

[...] um dos maiores desafios das aulas de português diz respeito, sem dúvida, ao tratamento da variação linguística e, fundamentalmente aos saberes gramaticais – permeados por diferentes normas linguísticas – que devem estar presentes na escola. Com o amplo acesso dos brasileiros aos bancos escolares,

especialmente no primeiro nível do Ensino Fundamental, a multifacetada realidade brasileira, em todas as suas expressões socioculturais, reflete-se na produtiva e saudável convivência de diversas variedades linguísticas na vida escolar. Conhecer essa realidade plural ocupou e ocupa a agenda dos estudos sociolinguísticos brasileiros [...]

Tendo em vista as diversas pesquisas sociolinguísticas publicadas, temos que reconhecer, como Faraco (2008), que estamos bastante atrasados na construção da Pedagogia da Variação Linguística. “Parece que não sabemos, de fato, o que fazer com a variação linguística na escola. E o que temos feito é seguramente bastante inadequado” (FARACO, 2008, p. 176). Conforme esse pesquisador, as diretrizes dos documentos oficiais para o ensino da língua materna já tratam da pedagogia da variação, sendo esse destacado pelo autor como um ganho para o ensino. Entretanto, como ele ainda observa, mesmo com os documentos oficiais abordando tal pedagogia, até o momento não é possível encontrar efetivamente nos livros didáticos e propostas didáticas questões direcionadas a variação linguística em sua complexidade.

Além disso, podemos encontrar sinais evidentes da ausência dessa “pedagogia” também em avaliações externas como o SIMAVE (Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública) e SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica). Essas avaliações externas incluem entre os seus descritores¹¹, apenas um que abarca, diretamente, a variação linguística, ou seja, os testes abrangem muito pouco essa questão, fixando-se principalmente em dois eixos: rural/urbano e formal/informal, deixando de lado a variação social - pautada nos usos reais da língua.

Cabe salientar que há inúmeras orientações oficiais acerca de procedimentos teórico-metodológicos que determinam o ensino do fenômeno variação linguística na sala de aula, expressas, por exemplo, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No entanto, verificamos a brevidade das referências em relação a variação linguística na BNCC, destinando grande parte de sua organização curricular à descrição de práticas centradas na gramática normativa. Assim, é fundamental que para o ensino da língua, o docente considere a heterogeneidade linguística dos alunos, o respeite à variedade linguística falada pelo mesmo, bem como também estejam pautados pelos avanços dos estudos sociolinguísticos¹² que hoje se encontram inseridos no meio educacional que vão além das orientações contidas nos documentos parametrizadores.

11 Os conteúdos associados a competências e habilidades desejáveis para cada série e para cada disciplina foram subdivididos em partes menores - cada uma especificando o que os itens das avaliações devem medir – estas unidades são denominadas de descritores. <http://portal.inep.gov.br/educação/básica/saeb/matrizes-e-escalas>.

Conforme apontam os estudiosos (BAGNO, 2007; FARACO, 2008; CYRANKA, 2015, entre outros), o ensino da variação linguística é muito importante. Nesse sentido, acreditamos que o ensino da variação linguística é fundamental para a formação da consciência linguística e para o desenvolvimento da competência linguística dos alunos, visto que é preciso que ele construa um amplo e complexo conceito acerca do funcionamento da língua, o que apenas o ensino da língua sob as perspectivas da gramática normativa não é capaz de fornecer.

Nesse caso, cabe ao docente se conscientizar de que há uma heterogeneidade linguística e, geralmente, no espaço escolar será onde ela poderá se manifestar com maior intensidade, devido a diversidade cultural presente na sala de aula, onde há a convivência, segundo a autora Bortoni-Ricardo (2004), de diversas variedades linguísticas, inclusive a variedade falada pelo professor. Posto isso, coadunamos com a abordagem da autora ao enfatizar que o papel da escola é ampliar o repertório dessas variedades, sem desprestigar a variedade falada pelos aprendizes, e ao mesmo tempo, fazer dela o ponto de partida para a aquisição das variedades mais cultas, desenvolvendo, dessa maneira, a competência necessária para a atuação em diferentes contextos de comunicação.

Enfim, o ensino da língua portuguesa deve ser pautado a partir de objetivos claros para o uso efetivo e real da linguagem, habilitando os alunos para utilizarem a língua adequada a cada contexto em que se encontrar inserido, e ainda se apropriar de estratégias comunicativas que contribuam para o seu discurso. Além disso, faz-se necessário levar os alunos a entenderem que as práticas de linguagem na escola contribuem ainda para que ele se torne um falante competente de sua língua.

Acreditamos que uma maneira de possibilitar o entendimento das variações linguísticas é por meio do trabalho com textos como letras de música, notícias de jornal, recursos de áudio e vídeo, entre outros que apontam as variações sendo utilizadas como recurso para a construção de sentido ou como uma ferramenta para caracterizar a personagem de determinada obra. Isto pode colaborar para despertar a consciência dos alunos no uso das variantes linguísticas e possibilitar que eles utilizem diversas formas, de acordo com a circunstância e o contexto de comunicação.

Desse modo, indo ao encontro de tais abordagens, propomo-nos a elaborar uma proposta didática pautada na Pedagogia da Variação Linguística, a fim de levar o aluno a compreender as diferenças entre as variedades que constituem a norma popular e as variedades que constituem a norma culta, de maneira reflexiva, analítica e contextualizada.

Considerando a complexidade dos estudos, bem como os avanços sociolinguísticos a respeito do termo norma, traremos na seção a seguir considerações importantes que estão

atreladas ao ensino da língua materna e, ao mesmo tempo, para o desenvolvimento da presente pesquisa.

3.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE NORMA LINGUÍSTICA

A tradição escolar sempre se pautou no ensino de conceitos rígidos (regras) de “certo” ou “errado”. A impressão geral dos docentes é que muitos dos preceitos prescritivos apresentam dados linguísticos que estão muito distantes do uso linguístico dos falantes e, por isso não fazem muito sentido para os estudantes, pois raramente são incorporados cognitivamente por eles. Nesse caso, há muitos conflitos entre a tradição gramatical e a realidade do português brasileiro. Por exemplo, o verbo *assistir* é trazido em gramáticas normativas como TI (transitivo indireto) e no português brasileiro falado/escrito ele é TD (transitivo direto) e admite também a voz passiva. Diante disso, acreditamos que enfrentamos um problema comum nas escolas: a maneira como deve ser trabalhada as questões gramaticais com nossos alunos.

Vários pesquisadores brasileiros têm se debruçado acerca das discussões/questões sobre a norma linguística. O termo norma é amplamente discutido por eles levando em consideração a heterogeneidade do português brasileiro falado e escrito. Tais discussões aconteceram com os avanços dos estudos sociolinguísticos no Brasil e com a formação de diferentes bancos de dados¹³, a partir da descrição de dados empíricos.

Desde o fim do século XIX, autores como Eugênio Coseriu, Marcos Bagno, Carlos Alberto Faraco, entre tantos outros, trouxeram reflexões muito importantes acerca do termo norma. A esse termo, em geral, são agregados adjetivos distintos: regional, popular, rural, informal, culta, entre outros. Para compreendermos melhor a diferença entre norma culta e norma-padrão, primeiramente é necessário entendermos o próprio conceito de norma nos estudos linguísticos.

Frente ao exposto, tendo em vista a natureza da pesquisa que desenvolvemos e objetivos propostos, faz-se necessário definir a perspectiva teórica em que os nossos estudos foram fundamentados, a qual compreende a língua como uma realidade social, heterogênea e dinâmica e, por isso, em constante mudança, como afirma Coseriu (1979). Dessa forma, partiremos da

¹³ Na década de 1980, esses dois bancos de dados foram essenciais para estimular as primeiras pesquisas sobre a descrição do português falado e escrito no Brasil: o banco de dados de fala vernacular do Projeto Programa de Estudos sobre o Uso da Língua, PEUL, no Rio de Janeiro, e o banco de dados de variedades cultas Norma Linguística Urbana Culta, NURC, em São Paulo. Esses bancos de dados serviram de base para a formação de outros bancos em diferentes Regiões do Brasil (VARSUL, VALPB, entre outros).

noção de norma, mostrando o seu avanço nos estudos linguísticos bem como suas implicações no ensino da língua materna.

Pautamo-nos nas concepções do linguista romeno Eugenio Coseriu (1979), que propõe um acréscimo à dicotomia saussuriana, através de um modelo tripartite (fala – norma – sistema) que vai em direção oposta ao modelo dualista Saussure¹⁴ (língua – fala). Esse modelo teve origem a partir de algumas insuficiências encontradas pelo autor nas conceituações de Saussure relacionadas a dois pontos principais: (i) a identificação entre *langue* e entidade geral, abstrata, ideal, extraindividual (ii) a identificação entre *parole* e entidade momentânea, concreta, ocasional, individual.

Muitos conceitos de norma utilizados atualmente foram trazidos por Coseriu - mesmo que de maneira geral e indireta. Coseriu (1979, p. 50 e 51) define o sistema e norma da seguinte maneira:

O *sistema* é “sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam os caminhos abertos e os caminhos fechados” de um “falar” “compreensível” numa comunidade; a *norma*, em troca, é um “sistema de realizações obrigatórias”, consagradas social e culturalmente: não corresponde ao que “se pode dizer”, mas ao que já “se disse” e tradicionalmente “se diz” na comunidade considerada. O sistema abrange *formas ideais* de realização dumha língua (...) Dessa maneira, o sistema representa a *dinamicidade* da língua, o seu modo de se fazer, e, portanto, a sua possibilidade de ir mais além do que já se realizou; a norma, em troca, corresponde à *fixação* da língua em moldes tradicionais; e neste sentido, precisamente, a norma representa a todo momento o equilíbrio sincrônico (“externo” e “interno”) do sistema” (COSERIU, 1979, p. 50 e 51, destaque do autor).

O linguista romeno define o sistema como um conjunto de possibilidades que são abertas para um falar que é compreensível numa comunidade de fala, enquanto a norma, por sua vez, é um conjunto de realizações que são consagradas e compartilhadas dentro dessa mesma comunidade. Assim, o autor instaura uma discussão sobre variação linguística e sua relação social, adiantando de certo modo pressupostos da Sociolinguística ao afirmar que a norma varia conforme a comunidade proposta, a depender da natureza e dos limites. Para ele, é possível encontrar várias normas dentro de uma mesma comunidade linguística e um mesmo sistema funcional - as normas de linguagem familiar, de linguagem popular, de linguagem de prestígio, entre outras.

¹⁴ Para Saussure, o objeto de estudo da Linguística é a *langue* tomada em si mesma, tida como um sistema de signos que estabelecem relações entre si formando uma estrutura desvinculada de fatores externos (sociais e estilísticos) e históricos, ou seja, autônoma. Já a *parole* (fala individual) é a produção concreta e heterogênea da *langue*, ou seja, o uso.

Contudo, nos estudos linguísticos, a noção de sistema – representação abstrata – nunca foi alcançada, nem mesmo parcialmente, ou melhor, nunca se conseguiu definir um sistema acima das variedades, e que sintetizasse todas elas. Para Faraco (2008, p. 31), linguisticamente, “uma língua é constituída por um conjunto de variedades”, ou seja, no plano empírico, uma língua – qualquer língua que seja – sempre será entendida como um conjunto das variedades assumidas pelos seus falantes, como constitutivas da mesma língua. Sendo assim, há um conjunto de variedades linguísticas que são reunidas por motivação histórica, política e cultural sob um nome comum. Portanto, conforme o autor “não existe língua para além ou acima do conjunto das suas variedades constitutivas, nem existe a língua de um lado e as variedades de outro, como muitas vezes se acredita no senso comum” FARACO (2008, p. 31). Dessa forma, essa realidade intrinsecamente heterogênea foi levando à construção dos conceitos de norma.

Em termos gerais, Faraco (2008) afirma que cada variedade corresponde a uma norma linguística, no entanto, além dessa correspondência, uma nova dimensão foi incorporada pelos estudos linguísticos. Trata-se de que a comunidade de fala desenvolve também um movimento de padronização linguística para determinadas práticas de linguagem, ou seja, os próprios falantes estipulam alguns comportamentos linguísticos como sendo mais adequados a determinada prática e vão fixando esses comportamentos como mais adequados; e na sequência desse processo, registram esses fenômenos linguísticos como modelares em instrumentos normativos como as gramáticas, os dicionários, entre outros.

Antes de realizarmos uma abordagem acerca dos adjetivos “culto”, “padrão” e “popular” que estão diretamente atrelados ao termo norma, faz-se necessário definirmos e esclarecermos a concepção de norma assumida na presente pesquisa, a qual corrobora com os linguistas Faraco e Zilles (2017). Para os autores, o conceito de norma se desdobra nos estudos linguísticos em duas dimensões distintas: “de um lado, há “*o que se diz*” (que designamos, num primeiro momento, de “norma normal”) e, de outro, “*o como se deve dizer*” (a que daremos, de início, a designação de “norma normativa) ” FARACO e ZILLES (2017, p. 07). Isto é, são essas dimensões do conceito de norma que sustentam o que chamamos de “norma culta” e “norma-padrão”, respectivamente.

Ao aprofundarmos um pouco mais no assunto por meio de leituras e reflexões de estudos sociolinguísticos, foi possível observar que as expressões “norma culta” e “norma-padrão” tratam de conceitos diferentes, entretanto, são usadas como se fossem sinônimas. Faraco e Zilles (2017), partem do conceito de “norma” para apontar a diferença entre “norma culta” e “norma-padrão”.

Por *norma culta* designa-se tecnicamente o conjunto das características linguísticas do grupo de falantes que se consideram cultos (ou seja, a “norma normal” desse grupo social específico). Na sociedade brasileira, esse grupo é tipicamente urbano, tem elevado nível de escolaridade e faz amplo uso dos bens da cultura escrita. A chamada norma culta é uma “norma normal”, porque é uma das tantas normas presentes na dinâmica corrente, viva, do funcionamento social da língua. *Norma-padrão*, por sua vez, é a expressão que designa a “norma normativa”, isto é, o conjunto de preceitos estipulados no esforço homogeneizador do uso em determinados contextos. Nesse sentido, a norma-padrão é um modelo idealizado construído para fins específicos; não é, portanto, uma das tantas normas presentes no fluxo espontâneo do funcionamento social da língua, mas um construto que busca controlá-lo (ZILLES e FARACO, 2017, p.19, destaque dos autores).

Nesse sentido, é possível compreendermos que os autores associam os termos “normal” e “normativa” para conceituar norma culta e norma-padrão, respectivamente. Tecnicamente, conceituam a ‘norma normal’, a que Faraco (2008) chama também de comum/*standard*, como a forma que os falantes urbanos, letrados, utilizam em situações monitoradas de fala e escrita. Isto posto, ela é constituída por um conjunto de fenômenos linguísticos (morfológicos, sintáticos, lexicais, sintáticos) que estão presentes na língua, no cotidiano de uma determinada comunidade de fala, e que identifica essa comunidade. Nesse caso, como a sociedade é heterogênea, existem várias normas normais, por exemplo, normas características de comunidades rurais, periferia urbana, entre muitas outras. Os diferentes grupos sociais se distinguem pelas formas de língua que lhe são comuns, usual e corriqueiro.

Todavia, a “norma normativa”, não está associada a algo “normal”, mas sim à imposição, ou seja, às regras que devem ser cumpridas em prol do “bom uso”, no intuito de “controlar” a dinamicidade da língua. Em outras palavras, a norma-padrão é esperada em determinadas práticas discursivas, especialmente, em determinadas práticas da escrita monitorada. A norma-padrão é “uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialetação, a projetos políticos de uniformização linguística” (FARACO, 2008, p.73)

Faraco (2008) aponta que o modelo de norma que mais parece se aproximar da heterogeneidade da nossa realidade linguística, para registro das nossas inúmeras normas normais, é o proposto pela linguista BORTONI-RICARDO (2005). Esse modelo busca distribuir as variedades em três contínuos que se entrecruzam: o *continuum* rural/urbano, o da oralidade/letramento e o da monitoração estilística. Segundo o autor, ao adotarmos os modelos desses três *continuum*, é possível propor um conceito para norma culta: “seria a variedade de uso corrente entre falantes urbanos com escolaridade superior completa, em situações monitoradas” (FARACO, 2008, p. 46-47), em outras palavras, trata-se de uma realidade

linguística urbana atrelada a um nível educacional dos falantes e correlacionadas com situações monitoradas de fala e escrita.

Nesse sentido, tal como os autores Faraco e Zilles (2017), não podemos entender cultura em sentido absoluto ou que a norma culta seria uma oposição a “norma inculta” – neste último caso, faladas por grupos desprovidos de cultura. Essa perspectiva, na maioria das vezes se encontra presente no universo conceitual e valorativo dos falantes da norma culta, como fica evidenciado em juízos preconceituosos e estigmatizados por esses falantes – que eles falam mal, por exemplo, falam errado, não sabem falar, entre outros. Por isso, faz-se necessário que os docentes trabalhem, de forma crítica, o sentido do adjetivo “culto” quando aplicado à norma, apontando seu efetivo limite, que está relacionado, específica e exclusivamente, a uma certa dimensão da cultura, isto é, a uma cultura urbana letrada em suas manifestações linguísticas monitoradas (FARACO, 2008).

Por outro lado, frequentemente, nos estudos linguísticos aparecem os seguintes termos: norma popular, língua popular, variedades populares, entre outros, no intuito de tentar designar as variedades linguísticas utilizadas pelos falantes sem escolaridade superior completa (em que o nível de escolarização é nulo ou muito baixo) como, por exemplo, moradores da zona rural ou periferia da zona urbana. Contudo, consideramos que, tal como Bagno (2008), numa sociedade desigualmente dividida como a nossa, o adjetivo “popular” é usado, na maioria das vezes, com conotações pejorativas, depreciativas ou indicando algo de menor importância, de menor valor na escala de prestígio social, ou seja, é evidente o preconceito em relação à norma popular. Bagno (2011) também define essa norma como um conjunto de variedades linguísticas usadas em situações de menor monitoramento.

Em decorrência disso, Faraco e Zilles (2017, p.21) afirmam que as expressões ‘norma culta’ e ‘norma popular’, ambas correntes nos estudos sociolinguísticos do português brasileiro, agregam, cada uma, um leque de variedade estilísticas”. De acordo com os autores, a variação estilística ocorre quando “os falantes procuram adequar seu modo de falar às circunstâncias sociais, considerando graus de maior ou menor formalidade atribuídos socialmente à situação” (FARACO; ZILLES, 2017, p.21). Para eles, diversos estudos sociolinguísticos apontam a concordância verbal (objeto de estudo dessa pesquisa) como sendo, possivelmente, o traço mais forte que diferencia essas duas dimensões, “norma culta” e “norma popular”.

Figura 1 - Contínuo de Monitoração Estilística

- Monitorado	+ Monitorado
--------------	--------------

Fonte: Extraído de Bortoni-Ricardo (2004, p.62).

Diante do exposto, também é um dos nossos objetivos em nossa proposta didática “situar desde as interações totalmente espontâneas até aquelas que são previamente planejadas e que exigem muita atenção do falante” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.64).

Conforme Bortoni-Ricardo (2004), a língua se manifesta por meio de situações comunicativas que apresentam estilos monitorados, em que o cuidado e o planejamento são exigidos; e estilos não-monitorados, não pressupõe um mínimo de atenção à forma que da língua. A autora assinala que “nós nos engajamos em estilos monitorados quando a situação assim exige, seja porque nosso interlocutor é poderoso ou tem ascendência sobre nós, seja porque precisamos causar boa impressão ou ainda porque o assunto requer um tratamento muito cerimonioso” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.63). Ainda segundo Bortoni-Ricardo (2004, p.63), “o estilo poderá tornar-se mais ou menos monitorado em função do alinhamento que assumimos em relação ao tópico e ao próprio interlocutor”.

Ao analisar os livros didáticos dos anos finais do Ensino Fundamental II, observamos uma diversidade de designações direcionadas aos termos “norma culta” e “norma-padrão”, como, por exemplo, “língua culta” e “língua padrão”. Bagno (2013) encontrou 21 termos diferentes para designar a norma tomada como referência no ensino. Além disso, observamos ainda que esses termos são abordados como se tivesse o mesmo significado. Na maioria das vezes, adjetivos como “ideal” ou “real” são acrescentados para se referirem, respectivamente, às regras prescritivas da gramática normativa e aos usos cotidiano dos falantes. Outra situação que observamos é que as atividades, nos materiais didáticos disponibilizados aos professores, comparam a norma-padrão à norma popular e, na maioria das vezes, supervalorizam a norma-padrão, contribuindo, assim, para uma visão rasa e equivocada de língua.

Embora haja vários trabalhos que abordem um ensino de língua portuguesa mais moderno - que contemplem as contribuições da Sociolinguística e, sobretudo, da Sociolinguística Educacional -, acreditamos que um dos motivos dos professores não abordarem tal assunto em suas aulas de forma mais profunda é justamente a forma que conceitos como esses são apresentados nesses materiais didáticos, repletos de confusões e distorções.

Além disso, mesmo diante dos avanços nos estudos sociolinguísticos no Brasil, ao estudar e analisar a BNCC, verificamos que esse documento também apresenta uma falha conceitual no que diz respeito ao conceito de norma-padrão. Vejamos, na Base é afirmado que

Os conhecimentos sobre a língua, as demais semioses e a **norma-padrão** não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas. A seleção de habilidades na BNCC está relacionada com aqueles conhecimentos fundamentais para que o estudante possa apropriar-se do sistema linguístico que organiza o português brasileiro. Alguns desses objetivos, sobretudo aqueles que dizem respeito à norma, são transversais a toda a base de Língua Portuguesa. (...) Assume-se, na BNCC de Língua Portuguesa, uma perspectiva de progressão de conhecimentos que vai das regularidades às irregularidades e dos usos mais frequentes e simples aos menos habituais e mais complexos (BRASIL, 2017, p. 139, destaque do autor).

De acordo com a Base, nos anos finais do Ensino Fundamental, cabe ao componente curricular de Língua Portuguesa, desenvolver habilidades como “(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico; (EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada” (BRASIL, 2017, p. 16).

O atual documento parametrizador, BNCC, quando se refere ao ensino de norma, apresenta o termo norma-padrão, entretanto cabe observamos que as habilidades estão voltadas diretamente para o ensino da norma culta, tal como conceitua Faraco (2008). Isto é, trabalha com uma norma mais monitorada e de maior prestígio social, viva, e que é realizada pelos falantes. Quando a norma-padrão é um construto abstrato. Dessa maneira, percebemos que a ideia não é essa abstração, mas levar a língua em uso para a sala de aula, tanto é que o documento fala da importância de língua portuguesa ser contextualizado em práticas de linguagem, daí a grande incoerência que o documento apresenta em relação ao conceito de norma. Assim, é possível percebemos o uso equivocado do termo norma-padrão, ou seja, o que a Base chama de norma-padrão é na verdade norma culta, conforme são apresentados nos conceitos de Faraco (2008).

Nesse sentido, considerando que, diferentemente da norma culta, que é composta por um conjunto de variedades cultas distribuídas em um *continuum*¹⁵ de monitoramento, que pode ser adquirida e utilizada por uma comunidade de fala, a norma-padrão representa uma língua idealizada, padronizada, isto é, ela é uma abstração e não representa situações de usos dos falantes. Considerando que o documento fala da importância do ensino de língua portuguesa ser pautado nas práticas de linguagem, acreditamos que a função principal é o ensino da norma

¹⁵ Proposto inicialmente por Bortoni-Ricardo (2004), refere-se à passagem de um estágio/sistema a outro, de mudança linguística, em que as variantes coexistem e concorrem (COELHO et al, 2015).

culta nas aulas de língua portuguesa, portanto, toda vez que aparecer norma-padrão dentro do documento, devemos entendê-la como norma culta, tal como Faraco (2008) conceitua. Desse modo, corroboramos com o linguista ao afirmar que

“A crítica à gramatiquice e ao normativismo não significa, como pensam alguns desavisados, o abandono da reflexão gramatical e do ensino da norma culta/comum/standard. Refletir sobre a estrutura da língua e sobre seu funcionamento social é atividade auxiliar indispensável para o domínio fluente da fala e da escrita. E conhecer a norma culta/comum/standard é parte integrante do amadurecimento das nossas competências linguístico-culturais, em especial as que estão relacionadas à cultura escrita. O lema aqui pode ser: reflexão gramatical sem gramatiquice e estudo da norma culta/comum/standard sem normativismo” (FARACO, 2008, p. 157 - 158).

Assim, faz-se necessário que nós, professores de Língua Portuguesa, estejamos atentos à maneira como os conteúdos gramaticais são trabalhados em sala de aula com os alunos, e dessa maneira, busquemos estratégias significativas para um ensino de forma contextualizada e funcional e, não, meramente por meio de atividades e insossos, através de uma lista de regras. Por exemplo, para o ensino da concordância verbal, é necessário que o professor articule com o uso da norma culta/comum/standard, em que seja possível aos alunos reconhecerem a flexibilidade estrutural da língua e consequentemente a riqueza de expressões que está à disposição dos falantes (FARACO, 2008).

Corroboramos com o autor ao propor que “talvez o melhor caminho para se atingir o domínio dessa norma seja o contato direto e sistemático com a língua viva, i.e., com textos oriundos das mais diversas fontes, em particular dos meios de comunicação social (revista, jornais); e claro com os textos literários” (FARACO, 2008, p. 161), tendo em vista que, nesse estudo de norma, é preciso que o estudante compreenda claramente que

ela é uma dentre as muitas variedades da língua, com funções expressivas e socioculturais específicas. Ao lado disso, é indispensável compreender que ela não constitui uma camisa de força, mas admite inúmeras formas alternativas; e não é tampouco um monumento pétreo, fixado de uma vez para sempre, mas muda com o passar do tempo (FARACO, 2008, p. 160).

Dessa forma, cabe a nós, docentes, avançarmos para uma ideia de língua como realidade heterogênea, levando para a sala de aula, atividades significativas que favoreçam a desconstrução da ideia de língua como realidade homogênea, unitária, a fim de darmos início à superação de um ensino voltado, principalmente, para a norma-padrão. Portanto, devemos buscar desenvolver nos estudantes o domínio das formas de linguagem, adequadas às diversas

situações monitoradas de fala e escrita, ou seja, levar para a sala de aula um ensino reflexivo e dinâmico, pautado pela norma culta. À luz dessas considerações é que propomos o presente estudo, pelo qual, por meio do desenvolvimento de uma pesquisa sociolinguística em sala de aula, buscaremos substituir um ensino da língua materna meramente metalinguístico e descontextualizado por um ensino analítico e reflexivo da língua, a partir do fenômeno da concordância verbal.

Na seção seguinte, apresentamos brevemente considerações sobre o letramento e, por conseguinte, as contribuições relevantes acerca do letramento científico para o ensino da Língua Portuguesa, às quais são necessárias ao desenvolvimento da proposta didática desta pesquisa.

3.5 DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO AO LETRAMENTO CIENTÍFICO NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

Ao longo dos anos a sociedade evoluiu em função de seu caráter político, social e cultural. Em razão disso, a leitura e a escrita foram se modificando e avançando de acordo com as novas necessidades de ler e de escrever. Em 1986 surge o termo letramento com a publicação do livro de Mary Kato “No Mundo da Escrita: uma Perspectiva Psicolinguística”. Segundo Soares (2011, p.29):

[o] surgimento do termo literacy, nessa época, representou, certamente, uma mudança histórica nas práticas sociais: novas demandas sociais pelo uso da leitura e da escrita exigiram uma nova palavra para designá-las. Ou seja: uma nova realidade social trouxe a necessidade de uma nova palavra.

Considerando as mudanças, as palavras alfabetização e letramento começaram a ser utilizadas, muitas vezes, como sinônimas. Contudo, elas remetem a processos distintos, porém indissociáveis. A alfabetização e o letramento são dois processos associados ao desenvolvimento da leitura e da escrita da criança - e é por meio desses processos que o cidadão se envolve diretamente nas questões sociais da escrita e da leitura, buscando tornar-se crítico, habilidoso nas práticas de codificação e de decodificação.

O conceito de letramento é extenso e complexo. O letrar é mais que alfabetizar, uma vez que envolve uma série de competências e habilidades voltadas para práticas sociais de leitura e de escrita. Nessa direção, “[...] podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 2004, p. 19).

Assim, quando se diz que o indivíduo alfabetizado não é necessariamente letrado, isso pode ser explicado a partir do fato de que a pessoa alfabetizada comprehende as tecnologias da leitura e da escrita, já o letrado não só sabe codificar, mas também consegue responder às questões sociais da leitura e da escrita em diversos contextos.

Diante disso, é necessário diferenciar alfabetização de letramento e, para tal, coadunamos com Soares (2004, p. 17), para quem a “alfabetização nomeia aquele que apenas aprendeu a ler e a escrever, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam”.

Nesse contexto, a alfabetização é a ação de ensinar a ler e a escrever, enquanto o letramento consiste no resultado da ação das práticas de ler e de escrever, tendo em vista o uso social da leitura e da escrita. Em outros termos, “Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita” (SOARES, 2004, p. 18).

Em relação ao letramento, a BNCC estabelece que:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens (BRASIL, 2017, p. 67-68).

Em vista disso, para que aconteça o avanço do letramento no âmbito escolar, é missão do professor de Língua Portuguesa propor aos alunos atividades diversificadas que visem desenvolver o uso efetivo da escrita em práticas sociais, desde as mais simples, como fazer uma lista de compras ou escrever um bilhete, às mais complexas, como produzir uma resenha crítica, por exemplo.

Partindo dessa noção de letramento, faz-se necessário ao desenvolvimento do presente projeto de pesquisa, estabelecer algumas reflexões acerca do conceito “letramento científico” que, por sua vez, aborda o uso da escrita em práticas sociais envolvendo não apenas o conhecimento sobre a ciência e tecnologia, mas, principalmente, sua correlação com a sociedade.

Désirée Motta-Roth (2011), traz em seus estudos que uma pesquisa divulgada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), em 2006, mostra que o conhecimento científico é pouco ou nada propagado entre brasileiros e brasileiras. De um total de 2004 entrevistados, 85% afirmam que desconhecem textos sobre ciência; 81% admitem que o conhecimento científico não é amplamente dissipado, uma vez que não é bem esclarecido nas unidades

escolares; e 73% dizem ter pouco ou nenhum conhecimento sobre ciência e tecnologia. Em 2010, os dados divulgados pela declaração governamental do MCT foram atualizados, mostrando que, no período de quatro anos, houve um avanço no que se refere à relação entre a população e a ciência, uma vez que o índice de interessados pela ciência subiu de 41% em 2006 para 65% em 2010.

Frente à diversidade de usos e da divulgação do conhecimento científico e tecnológico nos tempos atuais, é fundamental que o ensino da língua materna esteja atrelado ao letramento científico, para que dessa forma seja explorado em toda a sua potencialidade, levando sempre em consideração os estudos acerca de língua e linguagem e o trabalho conjunto dos professores de todas as áreas do conhecimento. Portanto, é preciso que os aprendizes compreendam os termos científicos da língua, para que dessa maneira sejam capazes de relacioná-los ao se estudar a língua - sejam capazes de aplicá-los em uma pesquisa sociolinguística, por exemplo, como é o caso da nossa proposta didática.

Silva (2016) assinala que há inúmeras conceituações para letramento científico, isto é, existem várias teorias que abordam o assunto. Partindo dessas considerações, compartilhamos com as ideias de Andrade (2003) ao afirmar que “o letramento científico diz respeito não apenas à capacidade da leitura e escrita de conteúdos presentes em textos vistos restritamente como científicos” (ANDRADE, 2003, p. 95), mas sim a capacidade de relacioná-los e aplicá-los, neste caso, ao estudo da língua. Que esses conhecimentos e procedimentos científicos sejam o ponto de partida para a formação de alunos pesquisadores da própria língua e dessa forma sejam capazes de compreender a funcionalidade da língua em uso, sua heterogeneidade e dinamicidade.

No Brasil, a área com maior quantidade de estudos publicados em torno da discussão sobre “letramento científico” é a de Ciências da Natureza, ou melhor, este conceito ainda não está atrelado ao ensino da Língua Portuguesa, como se a língua não pudesse ser objeto de estudo. Essa questão pode ser constatada em documentos orientadores educacionais, como por exemplo, na BNCC (2017). Ao longo da Base é possível verificarmos várias referências à pesquisa, destacando-a como uma ação fundamental para a formação do aluno, entretanto, o documento não aborda o termo “letramento científico” para a disciplina de Língua Portuguesa.

Tendo em vista o ensino ao longo da educação básica, a BNCC traz o “letramento científico” apenas na área de Ciências da Natureza e também destaca como objeto de pesquisa esse componente curricular, o qual é o responsável pelo “desenvolvimento do letramento científico, que envolve a capacidade de compreender e interpretar o mundo (natural, social e tecnológico)” (BRASIL, 2017, p. 321). Embora esse termo apareça apenas na área de Ciências

da Natureza, por outro lado, há no componente de LP um campo de atuação na Base diretamente ligado à pesquisa – Campo das práticas de estudo e pesquisa. De acordo com a Base, esse campo de atuação busca

ampliar e qualificar a participação dos jovens nas práticas relativas ao estudo e à pesquisa, por meio de: - compreensão dos interesses, atividades e procedimentos que movem as esferas científica, de divulgação científica e escolar; - reconhecimento da importância do domínio dessas práticas para a compreensão do mundo físico e da realidade social, para o prosseguimento dos estudos e para formação para o trabalho; e - desenvolvimento de habilidades e aprendizagens de procedimentos envolvidos na leitura/escuta e produção de textos pertencentes a gêneros relacionados ao estudo, à pesquisa e à divulgação científica (BRASIL, 2017, p. 150).

Portanto, percebemos através de várias leituras e pesquisas relacionadas ao letramento científico, que não há referências, de maneira explícita, à língua como objeto de estudo científico para o ensino da língua materna. Entretanto, pudemos verificar que há uma estreita relação entre competências linguísticas, produção de conhecimento, pesquisa e o ensino da língua.

A esse respeito mencionamos os estudos de Silva (2016) que, a partir da observação de um edital divulgado pelo “Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)” propõe que “as propostas interventivas a serem implementadas em escolas básicas devem focalizar o ‘letramento científico’, ‘abordagens investigativas’, ‘metodologias ativas de ensino’, além de promoverem a “disseminação dos métodos científicos das diferentes áreas do conhecimento” (SILVA, 2016, p. 12-13). Dessa forma, percebemos a necessidade, assim como a área de Ciências da Natureza, que os professores de língua portuguesa também se envolvam com o letramento científico dos estudantes em suas aulas, a fim de que seja possível refletir com os alunos sobre conceitos teóricos, procedimentos metodológicos e também sobre termos científicos acerca da língua. Nesse sentido, é preciso que o professor leve os alunos a perceberem que a língua também pode ser objeto de estudo científico, contribuindo, assim, para formação de alunos pesquisadores da própria língua.

Diante disso, cabe destacar também a importância dos cursos de formação inicial e continuada serem reformulados, a fim de se adequarem às novas demandas metodológicas que surgem para dar conta do que propõe a Base.

É possível ir muito além do ensino da leitura e escrita nas aulas de Língua Portuguesa e, nesse caso, é fundamental que o professor se envolva e proponha atividades de pesquisa acerca dos diversos usos da língua em diferentes contextos comunicativos, levando também os

alunos a perceberem a necessidade de consultar fontes adequadas e confiáveis aos objetivos propostos, bem como compreenderem os termos científicos a partir de conceitos teóricos para que dessa maneira sejam capazes de refletir sobre as diversas práticas de linguagem e a investigar sobre seu funcionamento.

Acreditamos que, a partir das contribuições da Sociolinguística Variacionista, por meio de uma transposição didática do modelo teórico-metodológico laboviano, a pesquisa sociolinguística possa ser realizada em sala de aula, na Educação Básica, rompendo, assim, com a abordagem tradicional de ensino da língua materna. Nesse sentido, será possível desenvolver o letramento científico dos alunos a partir de pesquisas que tenham como objeto de estudo científico fenômenos variáveis da língua em uso. Assim, a nossa motivação para a escolha do desenvolvimento de uma pesquisa sociolinguística em sala de aula pode ser enriquecedora, uma vez que os alunos terão a oportunidade de realizar estudos acerca da própria língua e ainda poderão refletir sobre as suas funcionalidades, a partir de contextos mais e menos formais.

A postura e as ações do professor de LP na sala de aula são fatores cruciais para o letramento científico dos alunos, tendo em vista que é fundamental que ele proponha atividades direcionadas ao letramento científico dos estudantes. Nesse caso, o professor precisa ensinar aos alunos a pesquisar, levando-os a perceberem a necessidade de consultar fontes adequadas e confiáveis aos objetivos propostos, bem como compreenderem termos científicos da área de LP, pois acreditamos que, uma das maneiras mais enriquecedoras de promover o aprendizado está ligada à experimentação e à construção do conhecimento a partir de situações concretas. Portanto, é imprescindível que a escola propicie aos alunos a oportunidade de buscar o conhecimento de maneira ativa, reflexiva e autônoma, desenvolvendo, assim, habilidades atreladas à conquista de sua própria autonomia como estudante e como pesquisador.

Após observar as práticas pedagógicas que permeiam o ensino da língua materna, é preciso reconhecermos o protagonismo juvenil como uma estratégia que traz impactos positivos acerca do processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, na seção seguinte, iremos apresentar algumas contribuições importantes sobre o protagonismo juvenil para o ensino de língua portuguesa, às quais se apresentam indispensáveis ao longo da aplicação da proposta didática do presente estudo.

3.6 PROTAGONISMO JUVENIL NA ESCOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES ENQUANTO PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ESPAÇO ESCOLAR

Nos últimos anos, a Educação tem sido desafiada não só em aspectos de conhecimentos linguísticos, mas também na construção de valores para essa nova geração, valores estes que não devem ser apenas ensinados ou repassados, mas vivenciados, buscando assim possibilitar o desenvolvimento de um indivíduo crítico, autônomo, proativo, de iniciativa, responsável, enfim, que esteja preparado para exercer a cidadania – solucionar problemas reais do cotidiano de sua comunidade.

Ainda permanece enraizado em nossa cultura escolar o modelo tradicional de ensino, em que o professor é peça principal no processo de ensino-aprendizagem e o aluno um mero receptor de conhecimentos. Na tentativa de amenizar/solucionar essas questões, acreditamos que os estudos acerca do Protagonismo Juvenil podem contribuir bastante para o desenvolvimento da pesquisa sociolinguística em sala de aula, no sentido de levar os alunos a refletirem sobre a língua, validando os seus conhecimentos prévios.

Em relação ao protagonismo juvenil, Costa (2001, p. 179) apresenta seus fundamentos afirmindo que

O termo Protagonismo Juvenil, enquanto modalidade de ação educativa, é a criação de espaços e condições capazes de possibilitar aos jovens envolverem-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso. [...] O cerne do protagonismo, portanto, é a participação ativa e construtiva do jovem na vida da escola, da comunidade ou da sociedade mais ampla.

Ao construir o projeto político-pedagógico, é necessário que as unidades escolares estejam atentas para a elaboração de ações voltadas para o desenvolvimento do protagonismo juvenil, buscando estratégias efetivas que propiciem o pleno desenvolvimento e o exercício da cidadania dos estudantes. Dessa maneira, o professor deve agir como mediador, estabelecendo, assim, um elo entre o saber epistemológico, o aluno e a disciplina de estudo. Quanto ao aluno, é preciso que se torne o protagonista do processo de ensino-aprendizagem, pois é necessário que ele desenvolva uma formação que lhe forneça os meios teóricos e práticos para ser um pesquisador e seja capaz de alcançar a sua autonomia.

Assim, acreditamos que é possível tornar a educação emancipadora e democrática nos espaços escolares através de discussões reflexivas com os alunos sobre temas e/ou assuntos sociais, utilizando-se de conceitos científicos de Língua Portuguesa, por exemplo. Em suma, é

preciso que os docentes reconheçam o protagonismo juvenil como uma estratégia de ensino da língua em sala de aula, para que dessa forma aconteça uma participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento. Acreditamos ser esta uma maneira de formar cidadãos conscientes e autônomos, que sejam capazes de transformar a realidade social em que vivem, indo muito além da transmissão de conteúdo.

Enfim, o protagonismo juvenil se revela como um dos mecanismos que busca o fortalecimento do processo de ensino-aprendizagem, pois temos o aluno como protagonista desse processo, por meio de uma relação mútua entre o professor e o aluno. É neste sentido que Freire ([1996] 2019, p. 25) afirma que “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, ou seja, há uma relação de troca entre o professor e o aluno, em que ambos aprendem e se desenvolvem, continuamente. Justamente por isso, acreditamos que um dos grandes desafios da escola em relação ao ensino de Língua Portuguesa seja levar os alunos a se reconhecerem como participantes ativos do processo de estudo e aprendizagem em relação à língua materna.

Diante disso, como forma de ensinar a língua portuguesa diferente do modelo tradicional, buscamos em nossa proposta didática seguir um novo paradigma no processo de ensino-aprendizagem: o/a professor/a como orientador/a e o/a aluno/a como pesquisador/a. Ou seja, o papel do professor neste estudo é orientar os alunos, partindo das atividades propostas para o desenvolvimento da pesquisa sociolinguística em sala de aula. Com isso, os alunos terão a oportunidade de olhar para a língua de uma maneira diferente, isto é, de forma mais reflexiva.

Consideramos ainda que essa nova prática se constitui como um grande desafio para a professora pesquisadora, bem como também para o ensino da língua materna, uma vez que exige o comprometimento mútuo do/a professor/a na construção do conhecimento científico, a partir da língua como objeto de estudo.

Como pretendemos elaborar um passo a passo para o desenvolvimento de uma pesquisa sociolinguística a partir de uma transposição didática teórico-metodológico laboviano, apresentamos na seção a seguir, algumas contribuições em relação ao objeto de estudo da pesquisa que será realizada em sala de aula com os alunos.

3.7 OBJETO DA PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA: CONCORDÂNCIA VERBAL

Estudos (sócio) linguísticos recentes demonstram que todas as línguas humanas seguem regras e possuem estruturas gramaticais lógicas (BAGNO, 2007), pois os falantes já possuem

uma gramática internalizada¹⁶ que colabora para o seu aprendizado da língua. Tendo em vista essa gramática e a maneira que a língua se transforma conforme os usos dos falantes é que defendemos a concepção de língua heterogênea e variável, isto é, que muda no decorrer do tempo, seguindo padrões adequados e valores sociais.

Mesmo diante dos avanços nos estudos sobre a variação linguística, ainda notamos que há poucas mudanças no ensino da língua portuguesa na sala de aula. Isso ocorre porque, em geral, os brasileiros ainda privilegiam o ensino tradicional da língua, pautado na norma-padrão. Concordamos que o ensino pautado nesta norma possui o seu lugar e deve ser ensinado na escola. Entretanto, é fundamental que as diversas normas linguísticas, níveis de fala ou registros sejam conhecidos pelos falantes, para que, então, consigam usá-los nos diferentes contextos em que se encontrarem inseridos.

Acreditamos, portanto, que é, sim, função da escola ensinar, também, a norma-padrão. O que não se deve fazer é se centrar apenas nela como se as prescrições dessa norma fossem sinônimo de língua e, mais, como se a língua possuísse apenas um tipo de norma, qual seja, a padrão.

Para Franchi (2006, p.22) a noção de gramática está diretamente ligada a

[...] um sistema mediante as quais se descrevem os fatos de uma língua, permitido associar a cada expressão da língua uma descrição estrutural e estabelecer suas regras de uso, de modo a separar o que é gramatical do que não é gramatical.

“Saber gramática” significa, no caso, ser capaz de distinguir, nas expressões de uma língua, as categorias, as funções e as relações que entram em sua construção, descrevendo com elas sua estrutura interna e avaliando sua gramaticalidade.

Diante desse conceito é que apresentamos, nesta subseção, considerações específicas acerca do objeto de estudo escolhido pela professora-pesquisadora para a pesquisa sociolinguística: a concordância verbal¹⁷. Como conteúdo gramatical, é pertinente entendê-lo do ponto de vista científico para que, dessa maneira, possamos compreender tal fenômeno do ponto de vista funcional, diante de situações concretas ligadas aos usos reais da língua.

Nesse sentido, o trabalho linguístico dos docentes deve estar voltado para a discussão e a reflexão sobre os usos e valores sociais das variedades que os estudantes utilizam. Por isso,

¹⁶ É a língua em uso pelos falantes, isto é, os conhecimentos e usos linguísticos com regras implícitas - na maioria das vezes o falante não tem consciência dessas regras - que utilizam na comunicação.

¹⁷ Este fenômeno foi escolhido pela professora-pesquisadora da presente pesquisa, a partir da observação da realidade de seus alunos (8º ano – EF). Contudo, qualquer outro (a) professor (a), considerando a realidade e dificuldades de seus alunos, poderá escolher outro fenômeno linguístico como objeto de estudo/ensino.

acreditamos que cabe a nós, professores de língua portuguesa, conhecer os estudos variacionistas mais recentes para que, assim, possamos nos apropriar melhor de alternativas/metodologias mais inovadoras e dinâmicas para que, dessa maneira, seja possível trabalhar a variação linguística em sala de aula de forma mais significativa e dinâmica.

Diversos estudos e pesquisas científicas variacionistas, realizados no Brasil, mostram que a maioria da população apresenta variações no emprego concordância verbal, uma vez que as marcas são típicas das gramáticas de prestígio e se constituem, por conseguinte, como um traço de discriminação social. A variação na concordância verbal ocorre também entre as camadas mais cultas da sociedade e, consequentemente, se apresenta bastante presente em nossa realidade escolar. Neste sentido, corroboramos com Bagno (2011, p. 994) ao afirmar que “[...] não existe ninguém que faça todas as concordâncias previstas pela TGP, nem mesmo em textos escritos altamente monitorados [...]”.

Esses estudos mostram também que a ausência de concordância acontece mais na fala do que na escrita. Isto ocorre, provavelmente, porque os falantes da língua têm menos tempo para monitorar sua produção linguística ao falar, uma vez que ele se preocupa mais com a troca de informação do que, propriamente, com a possibilidade de autocorreção. Em outras palavras, o falante é direcionado pelas regras de usos da língua. Naturalmente, essas regras também aparecem em situações de escrita, como comentários de assuntos mais informais nas redes sociais, bilhetes e conversas no *WhatsApp*, contextos nos quais o monitoramento da língua é bem menor. Na escrita, o monitoramento às regras da norma-padrão pode ser bem maior, tendo em vista o gênero e o contexto em que os falantes se encontram inseridos.

Desse modo, é importante que os alunos compreendam que podemos utilizar a língua falada em uma conversa espontânea e informal com um (a) amigo (a) na escola, mas podemos, também, falar de maneira mais monitorada e formal em uma apresentação de trabalho na escola, assim como também em uma entrevista de emprego. Na escrita, podemos escrever um bilhete para um (a) amigo (a), assim como podemos escrever um texto acadêmico. Nestes casos, vale ressaltar que vamos encontrar a ausência das marcas de concordância se pensarmos em uma fala espontânea totalmente informal e a escrita mais formal e monitorada.

É importante salientar que, o fenômeno da concordância verbal é condicionado tanto por fatores internos quanto por fatores externos ao sistema linguístico. Dentre os primeiros, em trabalhos de descrição – cf., por exemplo, Almeida (2006) e SCHERRE & NARO (1998), Santos (2010) -, geralmente, em dados de fala, aparecem fatores como a posição do sujeito em relação ao verbo, distância entre o sujeito e o verbo, tipo estrutural do sujeito, paralelismo

formal no nível oracional, saliência fônica; já entre os segundos, fatores como a faixa etária, escolaridade e sexo/gênero.

Tendo em vista a relevância desses estudos nesta pesquisa, a partir de dados escritos, serão considerados os seguintes fatores internos: (i) a saliência fônica e (ii) a posição do sujeito em relação ao verbo; os fatores externos serão analisados a partir das amostras¹⁸ que foram elaboradas como *corpus* para o desenvolvimento da pesquisa sociolinguística.

Ao longo da elaboração das etapas da pesquisa sociolinguística, buscamos tratar o fenômeno da concordância verbal de uma maneira que pudesse fazer sentido para os alunos, sem levar em conta apenas regras impostas pela gramática normativa, questões/atividades teóricas, mecanicistas e descontextualizadas. Para isso, buscando tornar o ensino mais prazeroso e significativo, partimos, então, dos anseios dos alunos através de questões reflexivas, de autonomia, criticidade e criatividade e, também, da escolha de gêneros com níveis de linguagem diferentes, que circulam em vários suportes e com diversas funcionalidades comunicativas. Dessa maneira, acreditamos que através da pesquisa sociolinguística em sala de aula, será possível levar o aluno a perceber que a língua é um sistema dinâmico e variável, tornando-o, assim, um pesquisador da sua própria língua.

Visando contribuir para a elaboração e desenvolvimento da pesquisa sociolinguística em sala de aula, na qual temos como objeto de estudo a concordância verbal, na subseção a seguir, faremos uma revisão teórica acerca do fenômeno da concordância verbal baseada em gramáticas normativas e descritivas.

3.7.1 A concordância verbal nas gramáticas normativa e descritiva

Pensando na relevância da concordância verbal para o ensino da língua portuguesa, ao longo desta subseção, faremos considerações específicas acerca deste fenômeno, a partir das contribuições de duas diferentes concepções de gramática: a “normativa” e a “descritiva”. Franchi (2006, p.16) define a gramática normativa¹⁹ como:

[...] o conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecidas pelos especialistas, com base no uso da língua consagrado pelos bons escritores. Dizer que alguém ‘sabe gramática’ significa dizer que esse alguém ‘conhece essas normas e as domina tanto nocionalmente quanto operacionalmente’.

¹⁸ Serão considerados para controle de fatores externos o tipo de gênero textual, sendo que um é um gênero mais monitorado e, outro, menos monitorado. Na seção “2.5” há uma explicação mais ampliada acerca da motivação e escolha desses gêneros para o presente estudo.

¹⁹ Consideramos nesta pesquisa, a Gramática Normativa igual a Gramática Tradicional.

Nessa concepção, todo uso linguístico que foge às regras pré-estabelecidas é tido como um “erro” ou “desvio”. Já a gramática descritiva é definida pelo linguista como:

[...] um sistema de noções mediante as quais se descrevem os fatos de uma língua, permitindo associar a cada expressão dessa língua uma descrição estrutural e estabelecer suas regras de uso, de modo a separar o que é grammatical do que não é grammatical (FRANCHI, 2006, p. 22).

Diferentemente da normativa, a gramática descritiva apresenta a língua como uma atividade funcional, ou seja, busca descrever o funcionamento da língua, entendendo-a como um conjunto dinâmico e heterogêneo de normas e princípios que são estabelecidos e determinados diante de diversas situações de interação e comunicação.

Assim, é necessário entendermos que os manuais gramaticais são livros que se aproximam de mais de uma perspectiva de codificação da língua. Cabe ressaltar que, em geral, esses compêndios gramaticais focam, principalmente, em uma escrita mais estável e menos suscetível a mudança. Contudo, vale lembrarmos também que esses livros são de produções humanas, o que são passíveis a erros e, em geral, apresentam ideologias.

Diante dessas considerações, esta pesquisa propõe a elaboração e análise crítica de uma proposta didática que envolve o ensino da concordância verbal no contexto escolar dos anos finais do Ensino Fundamental II. Assim, buscaremos nos afastar da mera memorização das prescrições que estabelecem a gramática normativa e trataremos a concordância verba como um fenômeno científico a fim de promover reflexões para se compreender as variedades da língua em situações comunicativas a partir da escolha de gêneros textuais com linguagem mais e menos monitorada.

Ao abordarmos o fenômeno da concordância verbal nos anos finais do Ensino Fundamental II, por exemplo, ficamos presos às regras prescritas pela gramática normativa, por exemplo, à regra de que o verbo precisa concordar com o núcleo do SN em posição de sujeito, isto é, se o núcleo for singular, consequentemente o verbo deve aparecer no singular, como podemos verificar em diversos manuais gramaticais, como, por exemplo, na “Gramática normativa da língua portuguesa”, de Rocha Lima ([1972] 2011).

Observamos que é vasta a definição de concordância verbal encontradas em diversos manuais de gramáticas, tanto de caráter normativo quanto descritivo. Tendo em vista os estudos em diferentes gramáticas normativas e alguns livros didáticos, pudemos verificar que a regra de CV é obrigatória, portanto, a ausência é tida como um “erro”. Para compreendermos melhor essa abordagem, faremos, primeiro, um estudo acerca de tal fenômeno, pautando-nos em

gramáticas normativas como a de Bechara (2001); Cunha e Cintra ([1985] 2007) e Rocha Lima ([1972] 2011)].

As regras impostas pela gramática normativa se tornam mais abstratas quando comparadas às de uso, uma vez que, o falante busca reinterpretar essas regras e combiná-las de acordo com o quadro atual da morfologia. Exemplo disso, ocorre com a marca de plural no português brasileiro, ou seja, essa marca fica apenas no determinante, como em “os menino” ou no possessivo “minhas menina”. Percebemos também que é uma marca muito parecida com a do inglês, que tem a marca do plural apenas sobre o nome, como por exemplo em: “the white birds” (cabe destacar que não ouvimos expressões como “errado” ou “ele não sabe inglês”). Outro exemplo é que a neutralização das pessoas (singular e plural), a posição do sujeito em relação ao verbo são exemplos que levam os falantes a realizarem a concordância apenas nas posições iniciais da sentença, como, por exemplo, em “os menino inteligente faz o dever de casa” e “os gato bonito”.

De acordo com Bechara (2001), a concordância pode ser estabelecida de palavra para palavra ou de palavra para sentido. Também nomeada como “atrativa”, a concordância de palavra para palavra pode ser total ou parcial, tendo em vista que, numa série de períodos coordenados, se leve em conta a totalidade ou a proximidades das palavras. Ademais, no item referente a concordância de palavra para sentido (também chamada de “*ad sensum*” ou silepse), “a palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a forma da palavra determinada para levar em consideração, apenas, o sentido em que se aplica [...]” (BECHARA, 2001, p. 543). Nestes dois casos, há uma série de particularidades e exceções impostas pela gramática normativa (cf. BECHARA).

Bechara (2001, p. 543), diz que a concordância verbal é “a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o predicativo) e o verbo da oração”, o que indica que para haver a concordância entre um termo e outro, ambos deverão estar de acordo em determinados aspectos. Para exemplificar, ele apresenta a seguinte passagem: “Os outros não sabendo o que era, falavam, olhavam, gesticulavam, ao tempo que ela olhava só, ora fixa, ora móbil, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque deixava cair as pálpebras” (ID., *ibid*, 183).

Esse gramático divide o estudo da CV em três partes: (i) concordância de palavra para palavra, podendo esta ser total ou parcial, “conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo dos vocábulos determinados numa série de coordenação” (Idem), oferecendo exemplos como ‘Povo sem lealdade não alcança estabilidade’ e ‘Repeti-as, porque se me ofereciam vida e honras a troco de perpétua infâmia’; neste caso, “o verbo ofereciam concorda

com a totalidade do sujeito composto: vida e honras ” (BECHARA, 2001, p.554); (ii) concordância de palavra para sentido, realizada quando o sujeito simples é um nome ou um pronome que tem uma ideia de coleção ou grupo ‘A gente vamos’, contudo Bechara (2001, p.555) salienta que “a língua moderna impõe apenas a condição estética, uma vez que soa desagradável ao ouvido”²⁰; e (iii) – demais casos de concordância verbal, em que são apresentados vinte e dois casos, dentre os quais vamos destacar apenas o que diz respeito à concordância do verbo ser: “Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo ser concordem em número” (BECHARA, 2001, 558). Ele também faz uma ressalva: “Todavia, em alguns casos, o verbo ser se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando se acha no plural” (BECHARA, 2001).

Em relação ao sujeito simples, Cunha e Cintra (2007, p. 497) dizem que “o verbo concorda em número e pessoa com o sujeito, venha ele claro ou subentendido”; para Bechara (2001, p. 555) “se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular (...)”; diante disso, vemos que se o sujeito simples estiver no plural, o verbo irá segui-lo, da mesma maneira que se o sujeito estiver no singular, o verbo irá para o singular. Trata-se, portanto, de uma regra obrigatória que defende o princípio de que o sujeito está diretamente atrelado ao verbo; no caso de o sujeito ser de quem se fala algo e o predicho aquilo que falamos sobre o sujeito, obrigatoriamente, um deve concordar com o outro.

Em relação ao sujeito composto, Cunha e Cintra (2007, p. 497) declaram que “o verbo que tem mais de um sujeito (sujeito composto) vai para o plural”; já para Bechara (2001, p. 555) “se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo”. Tal qual o sujeito simples, o sujeito composto, também segue uma regra. Contudo, observamos que, nesse caso alguns gramáticos já sinalizam a variação, uma vez que em suas definições usam construções como, por exemplo, “o verbo irá, normalmente, para o plural” (BECHARA, 2001, p. 349).

Mesmo diante de regras obrigatórias, existem casos em que esta “obrigatoriedade” cede lugar às exceções. Notamos que apesar de Bechara (2001) se mostrar mais preocupado em apresentar definições de usos e exceções, apontando regras e priorizando a modalidade padrão, ele ainda assim, apresenta uma postura menos categórica que a dos gramáticos apresentados anteriormente, uma vez que se mostra mais flexível em relação aos fatos que ocorrem na língua, utilizando formas verbais como “pode” em casos como: “A concordância pode ser estabelecida de palavra para palavra ou de palavra para sentido” (BECHARA, 2001, p. 543).

²⁰ Percebiam que ao afirmar isso Bechara não está sendo funcionalista, tal como se diz ser, mas sim purista, uma vez que está preocupado com a “pureza” da linguagem.

A seguir, abordaremos alguns casos especiais (normativos) referentes à concordância verbal, priorizando àqueles que serão estudados nessa pesquisa.

1. Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo". (Bechara, 2001, p.555)
2. Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular (...). (Bechara, 2001, p.555)
3. Nas orações ditas equitativas em que com ser se exprime a definição ou a identidade, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome: Exemplo: A pátria não é ninguém: são todos [RB. 3, 11] (Bechara, 2001, p. 559);
4. Todavia em alguns casos o verbo ser se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando se acha no plural. São os seguintes casos em que se dá esta concordância: "(...) quando o verbo ser é empregado impessoalmente, isto é, sem sujeito, nas designações de horas, datas, distâncias. Exemplo.: São dez horas? Ainda não são. Da estação à fazenda são três léguas a cavalo [M.Said] (Bechara, 2001, p. 558);

Nas Gramáticas Normativas que foram consultadas, (BECHARA, 2001), CUNHA E CINTRA ([1985] 2007) e ROCHA LIMA, [1972] 2011), observamos um padrão de descrição das regras de concordância verbal. Isto é, primeiro, os autores abordam as “regras” ou casos gerais”, depois os “casos especiais ou particulares” e/ou a “concordância ideológica” ou “síntese” ou, ainda, “silepse”. Dessa maneira, postulam duas regras que são consideradas como “gerais” (no caso, o sujeito simples concorda em número e pessoa com o verbo; o sujeito composto, por ter mais de um núcleo, o verbo vai para o plural e para pessoa que está de acordo com o sujeito). Observamos também que, no caso do sujeito composto, a concordância segue uma escala que, de acordo com Rocha Lima ([1972] 2011, p. 473): “(a) A 1^a pessoa prefere todas as outras; (b) Não figurando a 1^a pessoa, a precedência cabe a 2^a pessoa; (c) Na ausência de uma e outra, o verbo assume a forma da 3^a pessoa”. De maneira geral, os gramáticos pesquisados não diferem muito ao tratarem da concordância verbal.

A partir dessas considerações, podemos verificar que a concordância entre sujeito e verbo, na língua portuguesa, é, de fato, uma regra obrigatória nos estudos normativos da língua. Dessa maneira, nessas gramáticas são prescritas inúmeras regras (pouco criteriosas) e estabelecidas um grande número de exceções, que tentam sistematizá-las. A escola, portanto, na maioria das vezes, utiliza essa gramática como único referencial no processo de ensino da língua materna e como isso, acaba proliferando o preconceito linguístico e silenciando a voz do estudante que, certamente, traz com ele um uso linguístico muitas vezes distante daquilo que essa gramática e, consequentemente, a instituição escolar esperam o que aluno aprenda.

Em contrapartida, partindo da necessidade de um ensino acerca dos usos reais da língua, no qual abarque todas as suas variedades de usos, buscaremos realizar um breve estudo acerca do fenômeno da concordância verbal por meio de gramáticas descritivas como a de Bagno (2011), Perini (2005), Castilho (2010) e contribuições dos estudos de Vieira (2007), entre outros.

Iniciamos por Bagno (2011, p. 647), que ao falar sobre a concordância verbal, questiona, primeiramente a regra geral de que “o verbo concorda com o sujeito”. Neste caso, o autor propõe que, se um dos termos deve concordar com outro, o sujeito é que concorda como verbo, uma vez que este “projeta seus valores semânticos sobre os demais elementos da sintaxe para maior eficiência discursiva da sentença”. Contudo, essa inversão da regra geral ainda não é capaz de explicar realmente o fenômeno da concordância verbal.

Também para o linguista, a não concordância na ordem sujeito – verbo, tanto na fala quanto na escrita monitorada, “[n]ão se trata, portanto, de ‘distrações’, nem de ‘erros’ cometidos por pessoas sem instrução formal adequadas. Trata-se, isso sim, de obediência a uma *regra* que já se firmou na gramática do Português Brasileiro e tem que ser reconhecida como tal” (BAGNO, 2011, p. 634, grifo do autor). Por exemplo, ao falante produzir o período “Nos últimos meses, subiu os preços do arroz e feijão e, consequentemente, aumentou os lucros do governo federal”, seguem a regra a seguir: “[n]a ordem VS o elemento S deixa de ser analisado como sujeito e, por ocupar o lugar sintático do objeto, não concorda com o verbo” (BAGNO, 2011, p. 634).

De acordo com Perini (2005, p. 186) a concordância verbal é compreendida como “um sistema de condições de harmonização entre o sujeito e o núcleo do predicado das orações” como no exemplo: “Minhas sobrinhas ganharam um cavalo”. Neste exemplo, como “minhas sobrinhas” é marcado como “terceira pessoa do plural”, o núcleo do predicado é preenchido por um verbo que mostra as flexões igualmente de terceira pessoa do plural, o que está de acordo com a prescrição da concordância segundo a gramática descritiva.

Entretanto, Perini (2005, p. 187) defende que, no que diz respeito a concordância verbal “não existe propriamente o fenômeno da violação” dessa concordância. Ele exemplifica isso através da frase “Minhas sobrinhas ganhei um cavalo”, que por razões que extrapolam a argumentação da inaceitabilidade (desarmonia) de pessoa e de número entre “minhas sobrinhas e ganhei”, sob a análise tradicional da gramática normativa. Isto porque o autor considera que o “erro de concordância em si não existe”, pois, “Trata-se, antes, da violação de certos filtros e restrições independentes do mecanismo de concordância” (PERINI, 2005, p. 189).

Perini (2005) sugere a necessidade de se elaborar uma nova gramática do português brasileiro, cujos estudos/teorias gramaticais refletem uma análise mais coerente da estrutura da língua. Na sua visão, uma gramática satisfatória seria aquela que focasse, principalmente, na descrição das formas da língua (morfologia, fonologia, sintaxe). “Entendo essa descrição como abrangendo não só a estrutura da língua padrão (objeto da minha *Gramática*), mas ainda a descrição da língua coloquial, sua variação social e geográfica, sua história etc.” (PERINI, 2005, p. 14). O autor dá a ideia de que com a reformulação da gramática, seria possível entendermos melhor a língua em seu uso real.

Nessa perspectiva, notamos que existe algumas divergências entre as prescrições gramaticais e as descrições linguísticas. Observamos, por exemplo, que gramáticos como Bechara (2001) e Cunha e Cintra (2007), afirmam que é preciso que o verbo concorde com o sujeito, para este se posicionar conforme as regras normativas que regem a língua portuguesa. Contudo, nos dados de usos reais da língua, verificamos que há uma área de ampla variação, surgindo, assim, construções sentenciais sem concordância gramatical visível.

Para Bagno (2011), de fato,

A concordância “errada” só desperta rejeição quando

- (i) o sujeito e o verbo estão na ordem SV e
- (ii) não há grande quantidade de material fonético ou de segmentos escritos entre S e V.

Por isso, a concordância do tipo eles chegou, na fala ou na escrita, provoca reação imediata dos falantes mais letrados (que se queixam que ela “dói no ouvido”).

Fora dessas duas situações, porém, a concordância “errada” passa tranquilamente pelos ouvidos e sob os olhos desses mesmos falantes que, é claro, também servem dela (BAGNO, 2011, p. 650).

O fenômeno da concordância verbal se mostra cada vez mais valorizado nas aulas de língua portuguesa, principalmente, nas situações de escrita, uma vez que a não concordância representa uma condição de discriminação social e estigmatização. Nem sempre os falantes empregam as regras de concordância verbal. É muito comum, no dia-a-dia, por exemplo, ouvirmos, sem perdas quanto à semântica, construções como: (i) “nós vamos comprar pão”, (ii) “nós vamo comprar pão”, (iii) “nós vai comprar pão”, evidenciando que a concordância verbal é um fenômeno variável. Cabe destacar que, do ponto de vista linguístico, temos três formas diferentes de dizer a mesma coisa.

Na linguagem oral, é possível também observarmos a expressiva variação que cerca a concordância verbal, principalmente no emprego do pronome de primeira pessoa do plural -

nós -, que chama mais atenção do que o emprego do pronome de terceira pessoa do plural – eles/elas. Podemos perceber isso na construção “nós vai”, uma vez que esta parece mais “inadequada” do “eles vai”.

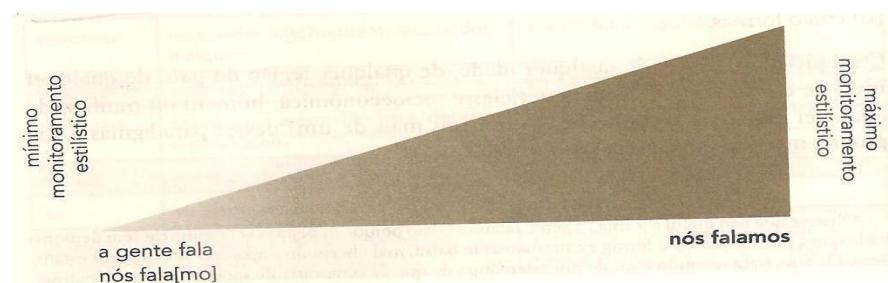
Na escola, essas formas, na maioria das vezes, são consideradas “erros” ou “desvios” e isso é motivo de estigma e preconceito linguístico, uma vez que, conforme o ensino tradicional, o aluno frequenta a escola para aprender a falar corretamente, de acordo com as regras da gramática normativa, portanto, não sendo relevante o aluno compreender que a concordância verbal é um fenômeno linguístico variável, que pode ou não ser marcado.

Para a Sociolinguística Variacionista, a língua possui diferentes formas, mas que são equivalentes semanticamente, isto é, apresenta um dinamismo próprio. Portanto, não há uma construção melhor do que a outra, porém, do ponto de vista social, há umas formas mais prestigiadas, outras menos. Há ainda aquelas que são desprestigiadas/estigmatizadas. Nesse caso, a língua permite o uso dessas formas e por isso devem ser respeitadas, cabendo aos falantes utilizarem a mais adequada/apropriada em cada situação comunicativa/contexto. Esse contexto, está relacionado ao local em que a língua está sendo usada e ao grau de formalidade/monitoramento, por exemplo. De acordo com Faraco e Zilles (2015, p.21):

Os falantes procuram adequar seu modo de falar às circunstâncias sociais, considerando graus de maior ou menor formalidade atribuídos socialmente à situação. Também levam em conta o tipo de relação com o interlocutor (simétrica ou assimétrica, em função do poder ou da posição hierárquica de um sobre o outro e do grau de solidariedade ou intimidade que exista entre os interlocutores). E, entre outras coisas, consideram o contexto social onde a interação ocorre: na escola, diferenciando conversas entre colegas durante o recreio das conversas entre alunos e professor na busca de solução para um problema, por exemplo.

A figura 2, a seguir, ilustra o grau de monitoramento estilístico de uso da língua em diferentes situações comunicativas:

Figura 2 - Monitoramento estilístico



Fonte: BAGNO (2011, p. 540)

Por meio dessa ilustração, podemos verificar que conforme a situação de interação verbal em que o falante se encontra inserido, o uso da língua pode ser mais ou menos monitorado. Isso é o que identificamos por meio da expressão “nós falamos” – há marcação de concordância no plural – no eixo “máximo de monitoramento estilístico”. Nesse caso, com certeza, o falante irá se expressar com mais cuidado, observando e controlando o que está falando. Ao contrário, por exemplo, das expressões “nós fala” e “a gente fala”, que não há marcação de concordância no plural, são utilizadas pelos falantes em situações comunicativas que exigem menos atenção com a linguagem, isto é, em situações de “mínimo monitoramento estilístico”. Dependendo do contexto de comunicação, há nesses usos, estilos que vão de uma maior exigência de formalidade a estilos menos formais.

Em relação ao fenômeno linguístico que será estudado em sala de aula com os alunos, é possível verificarmos também que dado o grau de policiamento e determinadas situações de comunicação, de fato, não observamos a concordância padrão. Entretanto, essa marcação de concordância verbal no plural, ainda é um dos maiores alvos de correções e críticas quando um falante não a realiza conforme a norma-padrão; são utilizadas expressões como “ele fala errado” “não sabe português”. Desse modo, devemos considerar que não existe a noção de “certo” e “errado” do ponto de vista linguístico, mas sim, de mais e menos adequado ou até mesmo de adequado e inadequado. E isso tem a ver com questões/valores sociais. Corroboramos, portanto, com Franchi (2006) ao assinalar que o que não está em consonância com a norma-padrão não constitui necessariamente um erro ou desvio, mas apenas uma modalidade linguística diferente.

Para apresentar a realidade linguística do português, muitos estudos estão sendo desenvolvidos levando em consideração que a língua varia conforme o contexto em que ela é utilizada, isto é, em cada comunidade de fala ocorrem processos de variação conforme os fatores linguísticos e extralingüísticos envolvidos. Dessa maneira, de acordo com Castilho (2010, p. 273) “a concordância não pode ser descrita em termos de regras categóricas. A postulação de regras variáveis capta melhor o que ocorre aqui, dada a complexidade dos fatores determinantes da concordância e a instabilidade em sua execução em nossa língua”.

Antunes (2007) enfatiza que os usos linguísticos se realizam de diversas maneiras, o que passa a ser visto como marca de identidade de determinados grupos. Para a autora,

[...] a língua não pode ser vista tão simplistamente, como uma questão, apenas, de certo ou errado, ou como um conjunto de palavras que pertencem a determinada classe e que se juntam para formar frases, à volta de um sujeito e de um predicado. A língua é muito mais que isso. É parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica e social. É por meio dela que nos

socializamos que interagimos, que desenvolvemos nosso sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade (ANTUNES, 2007, p. 22).

A língua marca a identidade de um determinado grupo que a utiliza, levando em consideração a circunstância em que o processo de comunicação ocorre. Dessa maneira, o uso da língua pode, sim, mudar; é a partir dessa mudança que podemos perceber a presença das variáveis linguísticas – que podem ser influenciadas conforme a idade, região, grau de instrução e de acordo com a situação comunicativa em que o falante se encontra (conforme ilustramos na figura 1 anteriormente – ou seja, num grau de monitoramento ou não).

Diante do exposto, acreditamos que o nosso papel, enquanto professores de Língua Portuguesa, é o de possibilitar aos alunos a capacidade de saber definir suas escolhas em detrimento dos seus objetivos comunicacionais e das situações sociais das quais participa, uma vez que, essas escolhas refletem as diversas possibilidades que temos quando fazemos uso da língua. Desta maneira, os usos reais da língua não devem ser taxados como “erros” a serem corrigidos, mas como um fenômeno que merece ser discutido e refletido com os discentes para que, assim, possa ser utilizado de maneira apropriada e consciente.

Sobre o ensino da concordância verbal nos anos finais do Ensino Fundamental, a Base propõe que o aluno desenvolva habilidades como:

(EF06LP06) Empregar, adequadamente, as regras de concordância nominal (relações entre os substantivos e seus determinantes) e as regras de concordância verbal (relações entre o verbo e o sujeito simples e composto) (BRASIL, 2017, p. 171)

(EF07LP06) Empregar as regras básicas de concordância nominal e verbal em situações comunicativas e na produção de textos. (BRASIL, 2017, p. 171)

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada. (BRASIL, 2017, p. 161)

(EF08LP04) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: ortografia, regências e concordâncias nominal e verbal, modos e tempos verbais, pontuação, etc. (BRASIL, 2017, p. 187)

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto, produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação -, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero, utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/*redesign* e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos, editando imagens [...] etc. (BRASIL, 2017, p. 143).

Portanto, corroboramos com Vieira (2007) ao afirmar que

[...] deve-se promover o raciocínio lógico-científico do aluno, com base em atividades reflexivas, para que ele desenvolva o conhecimento acerca da concordância verbal e esteja consciente da valoração sociolinguística da concordância ou da não-concordância, de modo a fazer opções linguísticas conscientes na produção de textos orais e escritos (VIEIRA, 2007, p. 101).

Frente ao exposto, destacamos a importância de partirmos de uma perspectiva que leve em consideração as normas reais observadas diante da funcionalidade da língua nas diversas situações de comunicação e interação, visto que os usos linguísticos da concordância verbal estão condicionados a fatores internos e externos, os quais não podem ser desconsiderados. Com isso, acreditamos que por meio de um ensino pautado nos usos reais da língua, estimulado a partir de reflexões científicas, seja possível promover um ensino eficiente e significativo, no qual permita aos estudantes o reconhecimento e identificação dos modos adequados e/ou inadequados de utilizar a língua nas diferentes situações comunicativas das quais participam no seu dia-a-dia, contribuindo, assim, para a formação de alunos pesquisadores da própria língua.

3.7.2 A concordância verbal nas pesquisas sociolinguísticas variacionistas

Diferente da abordagem da gramática tradicional, os estudos descritivos do português brasileiro têm procurado mostrar, de fato, como o fenômeno da concordância verbal se manifesta em dados reais da língua, falada ou escrita.

Ao ler e analisar algumas pesquisas científicas variacionistas acerca do fenômeno da concordância verbal, verificamos que a falta de cumprimento às regras de concordância da gramática normativa parece decorrer do próprio funcionamento da língua e dos processos cognitivos envolvidos nos usos que os falantes praticam. É possível percebermos também que no português brasileiro está acontecendo um processo de enfraquecimento morfológico, onde a concordância deixa de ser utilizada em alguns casos. Diante disso, vários estudos linguísticos e sociolinguísticos surgiram e contribuíram para um certo enfraquecimento da visão normativa.

Nesse estudo, interessa-nos a visão da Sociolinguística acerca da concordância verbal, uma vez que evidencia, através da observação da língua usada em situações de comunicação e interação, o contraste entre a visão normativa e a realidade em que a concordância verbal se apresenta. Desse modo, considerando a avaliação descritiva e atual da língua, buscaremos ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa, ir além dos estudos normativos da língua, ou seja,

iremos analisar e comparar o fenômeno da concordância verbal com os estudantes também a partir de gramáticas descritivas.

Ao analisarmos algumas pesquisas sociolinguísticas variacionistas como a de Rubio (2008) e Santos (2010) percebemos que, em ambas, a variável “concordância verbal” é um exemplo característico de variação linguística. Observamos no trabalho de Rúbio (2008), por exemplo, que o sujeito quando aparece anteposto ao verbo, favorece a presença das marcas de concordância verbal. Por outro lado, quando o sujeito aparece proposto ao verbo, vindo imediatamente ou não, ele desfavorece a presença dessas marcas.

No trabalho de dissertação de Santos (2010) foram obtidas 631 ocorrências com sujeito anteposto ao verbo e somente 76 ocorrências com sujeito posposto ao verbo: “Quando o sujeito aparece depois do verbo, a probabilidade do falante usar a variante não-padrão em vez da padrão é bem maior (33)” (SANTOS, 2010, p. 107). Ele apresenta também as principais variáveis linguísticas e extralingüísticas consideradas como significativas para a variação da concordância verbal, a saber: “Variável posição do sujeito em relação ao verbo”; “Variável distância entre o sujeito e o verbo”; “Variável natureza do sujeito” e “Variável escolaridade”.

De acordo com Vieira (2007, p.85)

“[...] o primeiro passo para o estabelecimento de uma metodologia adequada ao ensino da concordância é o conhecimento real dos fatores que presidem à opção do falante pela aplicação ou não da regra, visto que a presença da marca de número na forma verbal não é categórica em nenhuma variedade do português brasileiro”.

Verificamos, portanto, que essas pesquisas mostram que as regras de concordância verbal são variáveis e que essa variabilidade depende da influência tanto de grupos de fatores linguísticos (ordem dos constituintes em uma sentença, classe das palavras envolvidas no fenômeno da variação, aspectos sintáticos, semânticos, entre outros) quanto extralingüísticos (sexo, faixa etária, escolaridade e localidade da residência, entre outros). Constatamos também que esses grupos de fatores são bastante relevantes para o uso da variação linguística.

Visto que é muito importante a escolha do gênero textual para a pesquisa sociolinguística, abordaremos este assunto na subseção a seguir.

3.8 A IMPORTÂNCIA DA ESCOLHA DO GÊNERO TEXTUAL PARA A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

Primeiramente, é importante ressaltarmos a importância do ensino da língua materna sempre pautado em gêneros textuais. Para o ensino da Língua Portuguesa, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), atual documento orientador do ensino nas diversas áreas do conhecimento, propõe:

a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividade de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses (BRASIL, 2017, p. 67).

Nesse sentido, para o processo de ensino da língua materna nos anos finais do Ensino Fundamental, a base mantém coerência com o princípio já adotado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em que a centralidade do ensino se encontra no texto, materializado em diferentes gêneros textuais, ou melhor, o ensino da língua precisa, necessariamente, continuar contextualizado e articulado ao uso social dos falantes.

Marcuschi (2008) assinala que o texto é a entidade concreta, realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual. O autor apresenta algumas perspectivas acerca de estudos sobre as diferentes abordagens relacionadas ao estudo dos gêneros, tanto no contexto brasileiro quanto mundial. Ele ressalta que um consenso existente entre essas perspectivas é que, para comunicar-se, o indivíduo sempre recorre aos gêneros como uma forma de se adequar ao contexto em que se encontra inserido. Ele acrescenta ainda que os textos e/ou discursos circulam através dos gêneros. Segundo Marcuschi (2008),

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. [...] os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas constituindo em princípio listagens abertas (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

A partir dessas considerações, acreditamos que em um trabalho de variação linguística a partir de dados escritos da língua, a escolha do gênero textual é de fundamental importância,

uma vez que é a partir dele que será possível a descrição e análise acerca do objeto de estudo escolhido pelo (a) professor (a) para ser estudado com os alunos.

Partindo desses pressupostos, na medida em que os textos vão se materializando em gêneros textuais, acreditamos que seja possível analisar de que modo a construção desses textos (por conseguinte desses gêneros) está relacionada com as possibilidades de variação linguística. Como se trata de uma pesquisa de variação linguística com dados escritos da língua, a escolha do *corpus* partiu da escolha de gêneros textuais com possibilidades de variação estilística – ou seja, gêneros em que o estilo da linguagem se mostrou mais e menos monitorado, levando em consideração que o uso da língua menos monitorado está mais suscetível a fenômenos variáveis, portanto, há maiores possibilidades deles serem observados.

A escolha do *corpus* é muito importante, uma vez que é esse material que irá servir de descrição da língua. Tendo em vista que pretendemos na pesquisa com os alunos em sala de aula, realizar uma comparação em diferentes textos escritos representando a língua em uso, então, pensamos em construir uma amostra englobando textos mais e menos monitorados. Uma vez que o nosso objeto de estudo é a concordância verbal, o gênero textual menos monitorado escolhido pela professora-pesquisadora foi o *rap*²¹, considerando que o fenômeno linguístico a ser estudado – no caso dessa pesquisa, a concordância verbal - nas letras de músicas são recorrentes, isto é, há um número considerável de ocorrências para analisarmos e refletirmos acerca desse fenômeno.

Sendo assim, para realizar a comparação a partir dos usos da língua, escolhemos o gênero textual notícia, na qual o estilo da linguagem é mais monitorada. Para isso, pegamos uma revista de divulgação científica mais voltada ao público em geral, principalmente aos jovens, que além de servir como *corpus* que trabalha com a língua mais monitorada, também ao mesmo tempo proporciona o trabalho com uma temática que coloca a ciência em evidência (visto que, assim, também estaremos trabalhando o letramento científico com os estudantes).

A escolha por esses dois gêneros ocorreu pelo fato de que são adequados aos anos finais do Ensino Fundamental II, e que provavelmente, são gêneros conhecidos pelos estudantes. Cabe destacar, que para o desenvolvimento da proposta didática, faz-se necessário que o (a) professor (a) já tenha estudado esses gêneros com os alunos anteriormente. Outro fator que motivou a escolha por esses gêneros, está atrelado ao fato de acreditarmos que para o desenvolvimento de uma pesquisa sociolinguística a partir de dados escritos da língua, é importante nos pautarmos em gênero (s) em que o fenômeno linguístico de objeto de estudo seja recorrente.

²¹ Rap é um estilo musical que caracteriza o movimento *Hip Hop*. A sigla rap significa *rhythm and poetry*, junção de DJ (ritmo) com MC (poesia).

No livro didático “Se liga na língua Leitura, Produção de Texto e Linguagem”, do 8º ano do Ensino Fundamental II, encontramos as seguintes caracterizações para o gênero rap:

O *rap* faz parte da cultura *hip hop*, que chegou ao Brasil no final da década de 1970. Outras manifestações artísticas dessa cultura são a *breakdance*, como dança, grafite, como arte gráfica. [...] O gênero textual *rap* é um texto oral produzido para ser declamado, como um discurso, sobre um fundo musical. É caracterizado, sonoramente, pela presença de rimas e contém marcas das variedades linguísticas que costumam ser usadas por jovens das periferias urbanas. De maneira geral, os temas dessas produções relacionam-se às experiências desses jovens. O arranjo da música que acompanha a letra do *rap* é, me geral, bastante simples. O texto pode ser apresentado à capela (sem acompanhamento musical) ou vir acompanhado por sons produzidos com a boca e o nariz ou, ainda, por uma base montada eletronicamente ou por instrumentos. [...] No gênero textual *rap*, predomina temas críticos e a denúncia da exclusão social, do preconceito racial e das condições precárias de vida nos bairros mais pobres. Também estão presentes os temas relacionados à produção artística. São mensagens carregadas de ideologia e que, muitas vezes, apresentam imagens fortes e até mesmo violentas. No entanto, a preocupação com a mensagem crítica a ser transmitida não elimina a força da poesia, obtida pela exploração da sonoridade e do sentido das palavras e pela construção de imagens expressivas. (ORMUNDO e SINISCALCHI, 2018, p. 60; 62; 64, destaque do autor).

Além de partirmos do pressuposto de que o *rap* é um estilo musical bastante conhecido pelos adolescentes, escolhemos esse gênero textual como uma das amostras do *corpus*, porque aciona a variedade da língua escrita menos formal. As letras apresentam um grande apelo e crítica sociais, manifestados por meio de uma linguagem provocativa, que instiga à reflexão e desnuda os graves problemas enfrentados diariamente na sociedade, como, por exemplo, o racismo e o trabalho infantil.

No livro didático “Se liga na língua Leitura, Produção de Texto e Linguagem”, do 7º ano do Ensino Fundamental II, traz que gênero textual notícia “é um relato sobre um fato real e relevante para o público. Os assuntos, a linguagem e os recursos da notícia são definidos de acordo com as características do veículo de comunicação e as expectativas de seu público” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 22, destaque do autor).

A notícia, além de informar as pessoas sobre determinado assunto, pode, ao mesmo tempo, criar uma opinião nos leitores. Logo, este gênero textual possui também uma função social muito importante: a de formar opiniões. Frente ao exposto, imaginamos que no gênero textual notícia haverá mais ocorrências da concordância verbal se mostrando, sobretudo, pela variedade padrão da língua; enquanto isso, nas letras do *rap*, possivelmente, vamos encontrar a

variedade não padrão. Portanto, acreditamos que estes são gêneros produtivos para o fenômeno linguístico que será estudado em sala de aula com os alunos nesta pesquisa.

4 METODOLOGIA: PRESSUPOSTOS E PROCEDIMENTOS

O estudo em questão fundamenta-se nos seguintes pressupostos metodológicos:

- Revisão bibliográfica acerca da literatura da Sociolinguística Educacional, Pedagogia da Variação Linguística, Letramento Científico e Protagonismo Juvenil;
- Revisão documental da Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Fundamental II, com foco para as orientações diretamente atreladas ao ensino da Língua Portuguesa, principalmente, ao eixo de “Análise Linguística e Semiótica”;
- Método da pesquisa qualitativa, de natureza aplicada, respaldada por pesquisa bibliográfica e documental (Base Nacional Comum Curricular – BNCC), conforme o que propõe Gerhardt e Silveira (2009):

A **pesquisa qualitativa** não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p. 34) (GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p. 31-32, grifo do autor).

Esses autores afirmam ainda que:

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens (GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p. 32).

Assim, nessa pesquisa não utilizamos instrumentos estatísticos como base para avaliação e análise da nossa proposta didática. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 35), a pesquisa de natureza aplicada possui como objetivo “gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos”, envolvendo “verdades e interesses locais”. Dessa forma, a partir das experiências como docente e da observação da dura realidade enfrentada por educadores e alunos acerca do ensino da língua portuguesa, elaboramos e realizamos a descrição e análise teórica/critica de uma proposta de intervenção pedagógica à

luz das contribuições da Pedagogia da Variação Linguística, pautadas para o que sugere um ensino à luz da Sociolinguística Educacional, da BNCC e do Letramento Científico.

Portanto, essa metodologia²² está em consonância com a proposta do Profletras (Programa de Mestrado Profissional em Letras).

Assim, considerando que a língua em uso, materializada em dados escritos, pode ser objeto de estudo científico; que a pesquisa sociolinguística, pode também ocorrer a partir de dados da língua escrita; é que propomos de forma inovadora e dinâmica, uma intervenção didática - destinada aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II – que contempla a transposição didática do modelo teórico-metodológico variacionista. Trata-se de um roteiro de pesquisa sociolinguística para ser desenvolvido em sala de aula, o qual se constitui como uma espécie de passo a passo que visa subsidiar o professor no desenvolvimento das atividades propostas nele. Também, para facilitar a aplicação da pesquisa sociolinguística elaboramos um caderno de atividades destinado ao aluno.

Nesse sentido, para o desenvolvimento da pesquisa sociolinguística em sala de aula, buscaremos realizar uma comparação do objeto de estudo (concordância verbal) a fim de verificarmos como o fenômeno linguístico se comporta em gêneros mais e menos monitorados. Com isso, levaremos os estudantes a refletirem sobre a variação estilística - uma escrita que esteja atrelada a contextos mais e menos monitorados -, mostrando, assim, as situações de usos reais da língua e a sua adequação aos diferentes contextos comunicativos.

Diante disso, buscamos, portanto, elaborar e analisar de forma crítica/teórica essa proposta didática²³, a fim de colaborar para a aprendizagem da língua materna marcada pela reflexão da língua em uso. Cabe destacar que para a elaboração da proposta didática

²² É importante esclarecermos ainda que, essa metodologia foi escolhida, uma vez que, diante do contexto atual de pandemia (COVID -19) em 2020/2021, não seria possível aplicar, presencialmente, a proposta didática devido à suspensão das aulas presenciais em todo o estado de Minas Gerais, conforme legislações específicas: Decreto Estadual nº 47.886, de 15 de março de 2020, que dispõe sobre medidas de prevenção ao contágio e de enfrentamento e contingenciamento, no âmbito do Poder Executivo, da epidemia de doença infecciosa viral respiratória causada pelo agente Coronavírus (COVID-19); Deliberação do Comitê Gestor Extraordinário COVID-19 nº 18, de 22 de março de 2020, que dispõe sobre as medidas adotadas no âmbito do Sistema Estadual de Educação, enquanto durar o estado de CALAMIDADE PÚBLICA em decorrência da pandemia causada pelo agente Coronavírus (COVID-19), em todo o território do Estado; a Deliberação do Comitê Gestor Extraordinário COVID-19 nº 26, de 8 de abril de 2020 que dispõe sobre o regime de teletrabalho no âmbito do Sistema Estadual de Educação, enquanto durar o estado de CALAMIDADE PÚBLICA em decorrência da pandemia Coronavírus – COVID-19, em todo o território do Estado; Nota de Esclarecimento e Orientações 01/2020 do Conselho Estadual de Educação - CEE, de 26 de março de 2020, que esclarece e orienta para a reorganização das atividades escolares do Sistema Estadual de Ensino de Minas Gerais, devido à pandemia COVID-19; Resolução SEE nº 4310/2020.

²³ Maiores detalhes acerca da nossa proposta didática serão abordados na seção “5” desta dissertação, onde apresentaremos informações relacionadas à mesma.

selecionamos um fenômeno variável da língua para o desenvolvimento da pesquisa sociolinguística que terá como *corpus* textos com escrita mais e menos monitorada²⁴.

Como produto desta pesquisa, pautadas pelas contribuições do modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, bem como nos estudos da Sociolinguística Educacional e da Pedagogia da Variação Linguística, concebemos a elaboração de um “Roteiro comentado de pesquisa sociolinguística em sala de aula”, destinado aos professores, a fim de apresentar o passo a passo para desenvolvimento de uma pesquisa sociolinguística em sala de aula para que, assim, qualquer professor possa aplicá-la. Também, buscando facilitar o processo de aplicação criamos um “Caderno de atividades do estudante” destinado ao aluno.

Na seção a seguir, apresentamos a descrição e a análise crítica de uma proposta didática dinâmica e inovadora, a qual poderá ser desenvolvida com alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II. Destacamos que encontramos múltiplos desafios ao elaborá-la, por isso é relevante salientarmos que ela poderá sofrer alterações/modificações ao longo dos nossos estudos (posteriores), visto que este é apenas o primeiro passo para o desenvolvimento de uma pesquisa sociolinguística em sala de aula.

²⁴ Coadunamo-nos com o linguista Faraco (2008) ao afirmar que as situações mais monitoradas são aquelas em que precisamos de mais atenção à forma da nossa fala ou escrita e, nesse caso, prestamos atenção porque se trata de situações interacionais marcadas por um grau de formalidade. É preciso ter claro que há diversos graus de formalidade, portanto, não se pode simplesmente trabalhar com a dicotomia formal e informal. Para o autor, trata-se de um *continuum* que vai do mais informal (baixo monitoramento) até o mais formal (alto monitoramento). Por exemplo, no caso da escrita, no *whatsapp* informal, será utilizada sob baixo monitoramento, já um artigo científico será escrito sob alto monitoramento, um texto de crônica humorística de um jornal diário poderá, possivelmente, ser escrito sob médio monitoramento, seguindo o estilo menos formal da norma culta. Isso mostra que a norma culta não é homogênea, isto é, há uma variação estilística, ela não só comporta diferenças entre fala e escrita, como também diferenças entre os gêneros textuais.

5 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA: DESCRIÇÃO E ANÁLISE CRÍTICA

Com o intuito de contribuir para o desenvolvimento de práticas inovadoras de ensino da Língua Portuguesa, elaboramos uma proposta didática dinâmica e inovadora. Nesse sentido, elaboramos um roteiro comentado de pesquisa sociolinguística que se constitui como um passo a passo que poderá ser seguido para a aplicação das atividades propostas. Por isso, é fundamental que o professor fique atento às orientações e às sugestões de estratégias sugeridas em cada atividade.

Tendo em vista que a BNCC é um documento federal que aponta as diretrizes do ensino na Educação Básica, buscamos elaborar atividades didáticas que atendessem às orientações e às habilidades contempladas nesse documento, tanto de maneira geral quanto específica, acerca do ensino da língua portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental II. Levamos em consideração também os diversos campos sociais aos quais nossos alunos estão inseridos em seu dia-a-dia.

Nessa perspectiva, ao elaborarmos a proposta didática, elencamos, para cada atividade, as habilidades e as práticas de linguagem que buscamos trabalhar. Os campos de atuação, as competências gerais da Educação Básica e as competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental II são apresentadas apenas no início de cada módulo da proposta. Cabe destacar que, ao longo da elaboração das atividades, trabalhamos com ênfase no eixo da análise linguística, visto que, através dele, buscamos atingir, mas não unicamente, os objetivos desta pesquisa.

Buscando trabalhar a língua de forma mais dinâmica e inovadora, dividimos a nossa proposta de intervenção didática em três módulos, a saber: “Módulo I/INTRODUÇÃO: Roda de Conversa”, “Módulo II/DESENVOLVIMENTO: A pesquisa sociolinguística em sala de aula” e, por fim, “Módulo III/CONCLUSÃO: Apresentação do resultado final da pesquisa sociolinguística”. Nesse sentido, tendo em vista cada módulo, buscaremos a seguir, fazer uma análise crítica das atividades que propomos na proposta de intervenção didática, pautando-nos em estudos sociolinguísticos, facilitando, assim, o desenvolvimento da pesquisa em sala de aula para o professor.

Tendo em vista a importância do letramento científico dos estudantes para o ensino da língua materna, no “módulo I”, propomos atividades que podem ser realizadas por meio da roda de conversa tematizando a “pesquisa científica”. Sugerimos que esta roda de conversa aconteça a partir do levantamento de hipóteses sobre o tema, sendo assim, mediado pelo professor. Cabe

ressaltar que estas hipóteses serão confirmadas ou não, juntamente com os estudantes, ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Nesse sentido, propomos atividades de cunho analítico e reflexivo sobre a língua. Isto é, um estudo por meio de um material teórico que foi elaborado pela professora-pesquisadora a partir das contribuições de Bagno (2002, 2007, 2013), Faraco (2008), Faraco e Zilles (2017), Cyranka (2015) entre outros, acerca da natureza heterogênea e variável da língua; sobre noções de variação linguística; conceituação e exemplificação do fenômeno linguístico em estudo (concordância verbal), tendo em vista a gramática prescritiva e a descritiva, bem como também algumas pesquisas sociolinguísticas;

É preciso que, antes de iniciar a proposta didática, o professor entregue e apresente aos alunos o “Diário de bordo do estudante” - que poderá ser confeccionado pelo próprio professor ou caso não tenha recursos financeiros disponíveis na escola, poderá ser utilizado o próprio caderno do aluno para fazer os registros e/ou anotações. O diário de bordo irá auxiliar o professor no letramento científico dos alunos, bem como também verificar e refletir as descobertas ao longo do desenvolvimento das atividades em diferentes momentos da investigação. Por isso, é importante que ele seja utilizado pelos alunos ao longo do desenvolvimento das atividades propostas ao longo do desenvolvimento da proposta didática.

No módulo I, buscamos introduzir alguns conceitos bastante importantes para o desenvolvimento da pesquisa sociolinguística em sala de aula (que será implementada junto aos alunos mais adiante, no módulo II). Assim, propomos sete atividades, conforme veremos a seguir.

ATIVIDADE 1: Sondagem

1º passo: Aluno (a), inicialmente, você deverá responder a um questionário²⁵ de sondagem sobre pesquisa científica e a língua portuguesa. Leia com bastante atenção e responda às questões que são apresentadas.

Esta atividade busca sondar os conhecimentos prévios dos alunos acerca da pesquisa científica e a língua portuguesa. Assim, sugerimos que, antes de iniciar as reflexões e discussões sobre a pesquisa científica e a língua portuguesa, os alunos respondam a um questionário que

²⁵ O questionário proposto nesta pesquisa foi elaborado no intuito de verificar/sondar os conhecimentos prévios dos alunos acerca da pesquisa científica e a língua portuguesa. Foi elaborado e sugerido um modelo de questionário pelas pesquisadoras e se encontra no apêndice “1” do “Roteiro comentado de pesquisa sociolinguística em sala de aula”.

aborda o assunto. Dessa forma, esperamos que o professor, neste momento, tome cuidado para não influenciar nas respostas de seus alunos.

Após a aplicação do questionário, para iniciar as discussões e reflexões acerca da pesquisa científica e a língua portuguesa é importante que o professor convide os alunos a estudarem a língua portuguesa de uma maneira dinâmica e inovadora, isto é, de uma forma que a língua seja objeto de estudo científico. Assim, antes de iniciar os estudos sobre a língua portuguesa, é importante que o professor mostre/reflita com os alunos acerca do que é “pesquisa” e “pesquisa científica”.

ATIVIDADE 2: Primeiras impressões sobre pesquisa

1º passo: É fundamental, primeiro, estabelecermos algumas discussões e reflexões sobre o que é pesquisa e o que é pesquisa científica. Para isso, vamos iniciar a partir da seguinte questão:

- Para você, o que é “pesquisa”?

2º passo: Agora, vamos ver algumas definições sobre o que é uma pesquisa?! Vamos lá!

1 - Conforme o “Novo dicionário de Língua Portuguesa” pesquisa é a “Indagação ou busca minuciosa para averiguação da realidade; investigação, inquirição. Investigação e estudo, minudentes e sistemáticos com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a um campo qualquer do conhecimento (...)"

FERREIRA, A.B.H. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 1984.

2 - De acordo com Bagno (2005, p. 17), “pesquisa é uma palavra que nos veio do Espanhol. Este por sua vez herdou-a do latim. Havia no latim o verbo *perquire*, que significava “procurar; buscar com cuidado; procurar por toda parte; informar-se; inquirir, perguntar; indagar bem; aprofundar na busca”.

BAGNO, Marcos. *Pesquisa na Escola o que é como se faz*. 19 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

3 – Segundo Gil (2007, p. 17), pesquisa é um “(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados”.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

ATIVIDADE 3: Conhecendo a pesquisa científica

1º passo: Aluno (a), agora, a partir das discussões e reflexões sobre os conceitos de pesquisa, vamos um pouco mais adiante. Para isso, discuta/reflita, juntamente com seu professor, as seguintes questões:

- Certamente você já ouviu falar sobre pesquisa científica. O que você sabe sobre esse assunto?
- O que você entende por fazer ciência?
- Você acredita que os conhecimentos produzidos pelas ciências podem contribuir para solucionar ou aliviar problemas sociais? Levante alguns exemplos.

2º passo: Aluno (a), primeiramente, assista, juntamente com seu professor, ao vídeo “O mundo sem ciência (disponível em https://www.youtube.com/watch?v=9qnNUCI3_yM) e, juntamente com ele, construa um conceito para a palavra “ciência”.

3º passo: Agora, vamos refletir um pouco sobre os conceitos de pesquisa científica?! Discuta e reflita, juntamente com seu professor, acerca dos conceitos de “pesquisa científica” que são apresentados a seguir.

1 – De acordo com Bagno (2005, p. 18), a pesquisa científica é “a investigação feita com o objetivo expresso de obter conhecimento específico e estruturado sobre um assunto preciso”. BAGNO, Marcos. *Pesquisa na Escola o que é como se faz*. 19 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

2 – “De acordo com Fonseca (2002), (...) A pesquisa científica é o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos. Investiga-se uma pessoa ou grupo capacitado (sujeito da investigação), abordando um aspecto da realidade (objeto da investigação), no sentido de comprovar experimentalmente hipóteses (investigação experimental), ou para descrevê-la (investigação descritiva), ou para explorá-la (investigação exploratória)”.

(GERHARDT; SILVEIRA. 2009, p. 36)

3 – Pesquisa científica é a aplicação prática de um **conjunto de processos metódicos de investigação** utilizados por um pesquisador para o desenvolvimento de um estudo. Ela caracteriza-se por ser uma investigação extremamente disciplinada, que segue as regras formais dos procedimentos para adquirir as informações necessárias e levantar as hipóteses que dão suporte para a análise feita pelo pesquisador (cientista). Através deste conjunto de procedimentos, a pesquisa científica tem como objetivo encontrar respostas para determinadas questões propostas para o desenvolvimento de um experimento ou estudo, de maneira a produzir novos conhecimentos que visem o benefício da ciência.

Disponível em: <https://www.significados.com.br/pesquisa-cientifica/>. Acesso em 19/11/2020.

Nas atividades 2 e 3, as quais dividimos em alguns passos para facilitar o desenvolvimento delas, buscamos verificar os conhecimentos prévios dos alunos acerca dos termos “pesquisa” e “pesquisa científica”. Em seguida, por meio do levantamento de algumas questões, tentamos verificar as primeiras impressões acerca destes termos. Antes de introduzir os conceitos sobre pesquisa científica, foi preciso, primeiro, levar os alunos a perceberem a

importância da ciência em nossas vidas. Depois, por meio de conceitos sobre pesquisa e pesquisa científica de diferentes fontes bibliográficas, buscamos construir, juntamente com os alunos, um conceito para tais termos. Assim, acreditamos que partir das questões que foram propostas, será possível o professor discutir e refletir com os estudantes acerca dos temas abordados na aula, buscando, dessa forma, construir um aprendizado mais significativo. Nesse sentido, esperamos que os alunos consigam conhecer um pouco sobre os termos estudados, bem como consigam também se apropriar deles em diversos contextos que forem solicitados em seu dia a dia.

ATIVIDADE 4: Ampliando os conceitos sobre pesquisa científica

1º passo: Aluno (a), buscando ampliar e aprofundar um pouco mais os seus conhecimentos acerca da pesquisa científica, discuta e reflita com seu professor as seguintes questões:

- O que é/pode ser objeto de pesquisa/estudo científico (o)?
- Quem pode ser um cientista/pesquisador?
- Para você, no Brasil, há mais cientistas homens ou mulheres?

Na atividade 4, através de algumas questões elaboradas para discussão e reflexão junto aos alunos, buscamos ampliar um pouco mais os conhecimentos deles acerca da pesquisa científica. Com isso, esperamos que eles consigam diferenciar os termos “cientista” e “pesquisador”, bem como também compreendam o que pode ser objeto de estudo científico. Também, verifiquem por meio de dados estatísticos, o percentual de cientistas conforme cada gênero. Ademais, percebam que também é possível realizar uma pesquisa no âmbito escolar e, portanto, também se reconheçam como pesquisadores.

ATIVIDADE 5: Despertando a curiosidade

1º passo: Leia os textos abaixo.

TEXTO I

“A ciência é importante porque o ato de fazer ciência é um processo criativo. Todos os processos criativos são importantes, sejam eles arte, música, contar histórias ou qualquer outra coisa. Depois do amor, a criatividade é a qualidade humana mais importante. Não apenas a ciência é criativa, ela permite a criação”.

Trecho de depoimento de Martin Budden, arquiteto de softwares, retirado de um blog que integra o projeto “Why is science important?”, disponível em: <http://whyscience.co.uk/contributors/martin-budden-it-encourages-us-to-question-authority.html>. Acesso em 26/11/2020, às 15:30. Editado pela autora.

TEXTO II

Por que **investir** em ciência é tão importante? Porque o **desenvolvimento** de qualquer país está diretamente relacionado à aplicação de **capital** no setor. **Inovação, pesquisa, capacitação científica**, no fim, é um **bem público**. Aliás, no Brasil, o desenvolvimento científico é garantido pela Constituição de 1988, nos artigos 218 e 219.

Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/2019/07/29/internas_educacao,1073199/via-de-mao-dupla.shtml. Acesso em 27/11/2020 às 9:44. Editado pela autora.

TEXTO III

Uma pessoa que investiga os processos de transformação, sejam eles sociais, econômicos, humanos ou químicos, e a partir dessa investigação constrói conhecimentos que são essenciais para o desenvolvimento de uma nação. Esta é definição de pesquisador científico segundo Anna Benite, professora-doutora da Universidade Federal de Goiás, mestre em Ciências e Licenciada em Química pela UFRJ, além de integrante da Associação Brasileira de Pesquisa e Ensino de Ciências e da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN).

A especialista afirma que **95% dos conhecimentos produzidos no Brasil vêm das universidades**, e que esse trabalho traz explicações para diversos fenômenos que nos movem. “Quem faz pesquisa científica também é quem ensina e forma novos pesquisadores e profissionais do ramo”, reflete.

“Nenhuma nação consegue evoluir sem pesquisa científica”, afirma Benite. “Se estamos hoje em uma sociedade tecnológica, isso se deve aos pesquisadores que criam modelos de pesquisa, validam dados e os publicam. Essa sistematização é fundamental para alimentar a produção de conhecimento”. (Trecho de uma reportagem)

Disponível em: <http://fundacaotelefonicavivo.org.br/noticias/entenda-por-que-a-pesquisa-cientifica-e-importante-para-a-sociedade/>. Acesso em 26/11/2020 às 15:58. Editado pela autora.

TEXTO IV

POR QUE A CIÊNCIA É IMPORTANTE?



A ciência nos levou a descobrir coisas que nos dão o que temos hoje. Na verdade, sem a ciência não teríamos eletricidade, o que significaria nenhum celular, internet, Facebook, não teríamos geladeiras para manter a comida fresca, televisão para entreter ou até mesmo carros para viajar.

Um mundo sem ciência significaria que ainda estariam de uma forma muito diferente daquela que vivemos hoje. A ciência começou quando (imaginamos) 2 homens das cavernas se perguntaram o que esfregar 2 gravetos faria. A ciência é baseada na curiosidade e em como fazer. Na verdade, somos cientistas naturais observando crianças e você verá que as crianças brincam como os cientistas trabalham, com investigação.

Hoje a ciência influencia tantas coisas diferentes que tentar lista-las significaria que esta página poderia durar para sempre. A ciência influenciou a indústria médica que hoje reduz milhares de mortes todos os dias. Mas a ciência trata apenas de novas invenções, novas tecnologias e novos medicamentos?

Queremos que as pessoas entendam que não se trata apenas de novas tecnologias, invenções ou novos medicamentos. A ciência é muito mais do que isso e, para resumir, acreditamos que a ciência é uma forma de ajudar o cérebro a crescer na descoberta de novos conhecimentos e nos ajuda a derrotar nossa curiosidade de como o mundo se desenvolve e funciona hoje.

A ciência é importante porque ajudou a formar o mundo em que vivemos hoje.

Disponível em: <https://fizzpopscience.co.uk/why-is-science-important/>. Acesso em 27/11/2020 às 9:02. Traduzido pelas autoras: Inglês > Português. Adaptado pelas autoras.

2º passo: Após a leitura dos textos, discuta e reflita com o seu professor acerca das questões a seguir. Não se esqueça de anotar os resultados das discussões e reflexões em seu diário de bordo.

- Na sua opinião, por que a ciência é importante?
- Você já parou para pensar o que pode ser objeto de estudo científico? Pense sobre isso e cite alguns exemplos que, na sua opinião, podem ser objetos de estudo científico.
- Você sabia que a Língua Portuguesa é/pode ser objeto de estudo científico?

3º passo: Leia a definição abaixo e, juntamente com seu professor, construa um conceito para o termo “Sociolinguística”. Faça as anotações em seu diário de bordo.

Sociolinguística “é uma área de estudos, que busca desvendar o comportamento de fenômenos variáveis dentro da própria língua e fora dela, em seu contato com a sociedade” COELHO, et al (2015, p. 8).

4º passo: Após compreender o que é Sociolinguística, discuta e reflita, juntamente com seu professor, as questões abaixo:

- Para você, o que é língua?
- Na sua opinião, a língua é variável²⁶ ou estática? Se é variável, por que ela varia?

²⁶ De acordo com Coelho et al (2015, p. 14), “chamamos de variável o lugar na gramática em que se localiza a variação, de forma mais abstrata”. Por exemplo, no português brasileiro, a concordância entre o sujeito e verbo (Eles gostam da professora/ Ele gosta da professora) é uma variável linguística (ou fenômeno variável), uma vez que se realiza por meio de duas variantes, duas alternativas que são possíveis e, semanticamente, elas se equivalem: a marca de concordância no verbo ou a ausência da marca de concordância.

➤ Já ouviu falar em variação linguística? Se sim, o que é variação linguística para você?

5º passo: Considerando as discussões e reflexões acerca das questões anteriores, a partir das explicações científicas que foram apresentadas abaixo, elabore, juntamente com o seu professor, um conceito para “língua” e “variação linguística”.

1. **Língua:** “é um sistema organizado – tão organizado que seus falantes se comunicam perfeitamente entre si, não importando se um mora no interior de São Paulo e o outro na capital do Rio Grande do Sul, se um tem 6 anos de idade e o outro 60, se um tem curso superior e o outro ensino fundamental. (...) podemos concluir que a língua varia, e essa variação decorre de fatores que estão presentes na sociedade – além de fatores que podem ser encontrados dentro da própria língua” (COELHO et al., 2015, p. 13, destaque dos autores).
2. **Variação linguística:** “A variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado” (COELHO et al., 2015, p. 14), ou seja, duas ou mais palavras para referenciar a mesma coisa. Para os autores, um fenômeno que pode ser bastante perceptível “é o da alternância entre os pronomes pessoais ‘tu’ e ‘você’ para a expressão pronominal de segunda pessoa”. Podemos ouvir uma pessoa se referindo a nós tanto por ‘tu’ quanto por ‘você’, dependendo da origem ou, por vezes, do grau de formalidade com o qual se ela se dirige a nós (COELHO et al., 2015, p. 15).

Na atividade 5, a qual dividimos em cinco passos, propomos, inicialmente, que o professor leve para a sala de aula textos sobre a ciência e a sua importância para o nosso país, despertando, assim, a curiosidade e interesse dos alunos pelo assunto. A partir desses textos, por meio de algumas questões que sugerimos para discussão e reflexão, o professor levará os estudantes a perceberem que a língua portuguesa é/pode ser objeto de estudo científico. Cabe ressaltar que verificamos que a língua não é tida como objeto de estudo científico em documentos oficiais de ensino. Nesse sentido, percebemos a necessidade dos professores de língua portuguesa se envolverem com o letramento científico dos alunos em suas aulas, assim como a área de Ciências da Natureza, buscando dessa maneira refletir com os alunos sobre termos científicos da língua, contribuindo para a formação de alunos pesquisadores da própria língua.

Após isso, o professor deve mostrar aos alunos que existem diversas maneiras-teorias de estudar a língua, entretanto, neste momento iremos nos ater às contribuições da Sociolinguística. Provavelmente, existe grandes chances dos alunos não terem tido contato com o que esta corrente estuda. Nesse sentido, sugerimos que a partir de uma definição bem científica, o professor faça uma transposição desse conceito, de modo que, seja possível uma

compreensão mais significativa acerca dessa área pelos alunos. É muito importante que o professor mostre a eles, de uma maneira mais simples, o que é a sociolinguística e também qual é o seu objeto de estudo. Contudo, acreditamos que o professor também não tenha muito conhecimento acerca dos estudos da sociolinguística, sendo assim, é preciso que ele busque aprofundar seus conhecimentos antes de trabalhar com os alunos. Para isso, sugerimos a obra “Para conhecer sociolinguística” de COELHO et al, 2015. Sugerimos que leia também as subseções “3.1” e “3.2” desta dissertação que fala sobre as contribuições dessa área ao ensino da língua materna.

Após os alunos compreenderem o que é a sociolinguística e o seu objeto de estudo, propomos um estudo sobre a variação linguística, pautado nas contribuições da Sociolinguística Variacionista. Dessa maneira, sugerimos que a partir de definições bem científicas sobre “língua” e “variação linguística”, o professor faça a transposição destes conceitos, de modo que os alunos percebam a dinamicidade e heterogeneidade da língua. É fundamental neste momento que o professor trabalhe também por meio de exemplos mais concretos (relacionados às vivências e experiências dos alunos) sobre as variações (regionais, históricas, sociais e estilísticas).

Para o desenvolvimento desta atividade, também é fundamental que o professor amplie seus conhecimentos acerca da variação linguística e ensino nos livros “Pedagogia da Variação Linguística” de Ana Maria Stahl Zilles e Carlos Alberto Faraco [Organização]; “educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula” e “Nós chegoumu na escola, e agora?: sociolinguística & educação” de Stella Maris Bortoni-Ricardo; “Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino do português” de Marcos Bagno. Cabe destacar que é de suma importância que o professor se dedique à pesquisa e estude acerca dos conteúdos que serão abordados em cada atividade, pois, acreditamos que, com certeza, o professor não esteja habilitado para desenvolver tais atividades. Sugerimos também que, caso haja oportunidades de formação continuada e/ou profissional, que o professor participe também para ampliar seus conhecimentos acerca do ensino da língua materna.

ATIVIDADE 6: Exemplificando as variações na língua portuguesa

1º passo: Aluno (a), após as discussões e reflexões acerca da língua e variação linguística, foi possível você verificar que a língua é heterogênea, isto é, ela varia em diversas dimensões que a constituem (no caso, sintaxe, fonologia, léxico e estilo). Leia os exemplos a seguir e, juntamente com seu professor, discuta e reflita acerca das questões que foram propostas. Faça as anotações no seu diário de bordo.

SINTAXE: De acordo com o Dicionário de Termos Linguísticos, sintaxe é a “área da linguística que estuda as regras, as condições e os princípios subjacentes à organização estrutural dos constituintes da frase, ou seja, o estudo da ordem dos constituintes das frases”. Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=2222>. Acesso em 01/09/2021. Em outras palavras, a sintaxe está relacionada com a maneira com a qual as palavras são combinadas com outras palavras para constituem unidades maiores, isto é, as sentenças. Vejamos os pares de frases:

1. O filme a que me referi é legal. (Pronome relativo - Gramática Normativa) / O filme que me referi é legal. (forma inovadora)
 2. Nós estamos na escola. (Concordância verbal - Gramática Normativa) / A gente está na escola. (forma inovadora)
 3. Vendem-se apartamentos. (Concordância verbal – Gramática Normativa) / Vende-se apartamentos. (forma inovadora)
 4. Eu vi-o no clube. (posição do pronome clítico em relação ao verbo – Gramática Normativa) / Eu o vi no clube. (forma inovadora)
- entre outros.

FONOLOGIA: De acordo com o Dicionário de Termos Linguísticos, fonologia é o “ramo da linguística que estuda os sistemas sonoros das línguas. Da variedade de sons que o aparelho vocal humano pode produzir, e que é estudado pela fonética, se um número relativamente pequeno é usado distintivamente em cada língua. Os sons estão organizados num sistema de contrastes, analisado em termos de fonemas, segmentos, traços distintivos ou quaisquer outras unidades fonológicas de acordo com a teoria usada”. Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=344>. Acesso em 01/09/2021. Ou seja, é uma área da linguística que estuda o sistema de sons da língua. Vejamos alguns exemplos:

1. substância – “sustança”; pouco – “poco”; beijo – “bejo”; manteiga – “mantega”; caixa – “caxa”; peixe – “pexe”; dou – “dô”; mais – “mas”; (monotongação)
 2. bicicleta – “bicicreta”; planta – “pranta”; chiclete – “chicrete”; Cláudia – “Craúdia”; (rotacismo)
 3. fósforo – “fósfró”; relâmpago – “relampo”; falando – “falano”; passar – “passa”; avó – “vó”; (síncope)
 4. está – “tá”; José – “Zé”; enamorar – “namorar”; você – “cê”; (Apagamento do segmento inicial)
 5. ‘porta’ – “‘poRta’”; ‘carne’ – “‘caRne’”; (Retroflexão)
- entre outros.

LÉXICO: Conforme o Dicionário de Termos Linguísticos, léxico é o “termo que designa o conjunto virtual de palavras de uma língua. O léxico pode ser entendido também como sinônimo de índice, glossário, vocabulário ou dicionário sucinto relativo à língua corrente, a uma ciência ou técnica ou a outro domínio especializado, a um autor ou a uma determinada época”. Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=3556>. Acesso em 01/09/2021.

Em síntese, o léxico diz respeito ao vocabulário (palavras). A mesma realidade é representada conforme a região, por palavras diferentes. Observe alguns exemplos:

Nordeste	Sudeste/Sul
jerimum	abóbora
picolé	Sorvete no palito
menino	criança, guri, piá
mainha, painho	mãezinha, paizinho

ESTILO: Conforme o Dicionário Online de Língua Portuguesa, estilo está relacionado à “maneira particular e pessoal de se expressar através da escrita da música, do modo de vestir, etc [...]”. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/estilo/>. Acesso em 01/09/2021.

Ou seja, está ligado diretamente ao estilo mais e menos formal/informal/monitorado, em que o indivíduo usa os recursos da língua para expressar, seja por meio da fala ou da escrita, pensamentos, sentimentos etc. Veja os exemplos a seguir e compare-os quanto à forma, seleção de palavras, entre outros aspectos que venha a observar:

Exemplo 1: Leia um trecho da letra da música “Sementes” (part. Drik Barbosa) Emicida.

TEXTO I

Desde cedo, 9 anos, era um pingo de gente
 Empurrado a fórceps, pro batente
 O bíceps dormente, a mão cheia de calo
 Treme, não aguenta um lápis, no fundão de São Paulo (puts)
 Se a alma rebelde se quer domesticar
 Menina preta perde infância, vira doméstica
 Amontoados ao relento, sem poder se esticar
 Um baobá vira um bonsai, é só assim pra explicar
 Que o nosso povo nas periferia
 Precisa encher suas panela vazia
 Dignidade é dignidade, não se negocia
 Porque essa troca leva infância, devolve apatia
 E é pior na pandemia
 Sobra ferida na alma
 Uma coleção de trauma
 Fora a parte física
 E nós já tá na parte crítica
 Pra que o nosso futuro não chore
 A urgência é: Precisamos ser melhores, viu?

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/emicida/sementes-part-drik-barbosa/>. Acessado em 04/12/2020.

Caro (a) aluno (a), agora, vamos refletir um pouco?!

- > Que tipo de linguagem foi empregada pelo *rapper* neste trecho da música?
- > Qual é a função da linguagem neste contexto? Você acredita que ele usou essa linguagem intencionalmente?
- > Porque o *rapper* não utilizou a concordância verbal padrão?
- > Você acredita que essa linguagem utilizada pelos compositores é considerada “correta” ou “errada”? Explique por quê.

Exemplo 2: Leia os textos I e II e compare conforme as orientações do (a) professor (a):

TEXTO I

Ao Exmo. prefeito da cidade de Varjão de Minas – MG
M. D. Engenharia Aline Silva

Nós, abaixo assinados, alunos da Escola Estadual João Pereira Brandão, vimos, por meio deste, solicitar a V. Exa. que implante o sistema de iluminação na rua onde se situa nossa escola, a fim de evitar os assaltos frequentes que põem em risco a vida de professores, funcionários e alunos da citada escola.

Varjão de Minas, 03 de dezembro de 2020.

Assinatura:

TEXTO II

Varjão de Minas, 03/12/2020.

Pai,

Antes de sair para o trabalho, eu queria que você desse um jeito na luz do meu quarto que queimou. Quando é de noite eu não posso estudar e na sala os meninos faz a maior zoeira e a gente termina brigando. Me ajuda aí, por favor.

Aline Silva.

Exemplo III: Leia e compare os textos a seguir.

TEXTO I

3. Por que memes são objeto de interesse da Educomunicação?

Imagen 1 - Meme publicado por pós-graduandos da USP



Fonte: Facebook (2017). **Legenda:** Meme retirado da página de pós-graduandos da USP em fevereiro de 2017

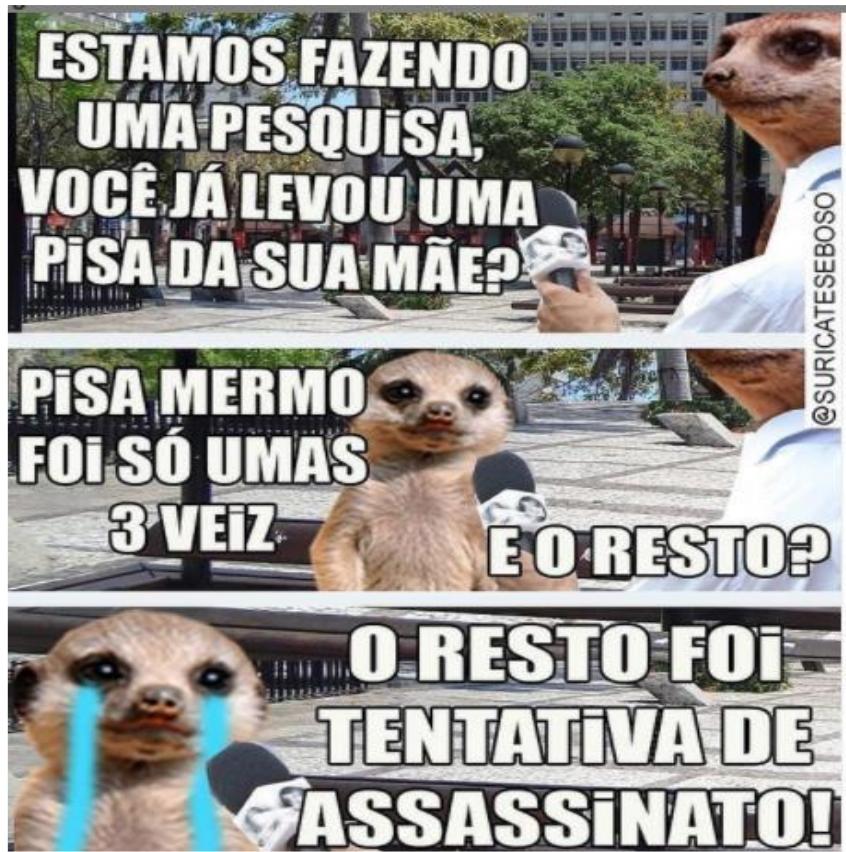
A imagem acima é um meme. Foi compartilhada em um grupo de pós-graduandos da USP, no Facebook. Os memes geralmente funcionam assim: em uma forma de deboche ou

crítica, referenciam ou parodiam situações do cotidiano. Nesse caso, uma menção às dificuldades de concluir uma tese acadêmica – que, suspeitamos, parece ter levado a personagem aos suspiros finais.

Há diversas formas de construir e circular esses objetos nas redes sociais. [...] Além de caçoar das corriqueiras reclamações de mestrandos e doutorandos, apresentamos esse meme por uma particularidade: ele pertence ao universo da vida adulta. Diversos sujeitos, que não são necessariamente crianças e adolescentes, produzem e compartilham nas redes digitais. [...]

Fonte: Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-01112017-102256/publico/DOUGLASDEOLIVEIRACALIXTO.pdf>. Acesso em 04/12/2020. Editado pelas autoras.

TEXTO II



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B6LVgPiDqHD/>. Acesso em 04/12/2020.

Após as discussões e reflexões acerca da língua e da variação linguística na atividade anterior, acreditamos que foi possível os alunos verificarem que a língua é heterogênea e dinâmica. Dessa maneira, na atividade 6, propomos que o professor leve para a sala de aula exemplos de variação linguística, tendo em vista as dimensões da sintaxe, fonologia, léxico e estilo. Assim, sugerimos alguns exemplos que o professor poderá utilizar para desenvolver a

atividade, mas, cabe destacar que, quanto mais exemplos, melhor, uma vez que, acreditamos que, a partir disso será possível levar os alunos a perceberem a variação da língua nas diversas dimensões que a constituem. Para isso, sugerimos algumas questões para o professor discutir e refletir com os alunos acerca da variação no “Roteiro comentado de pesquisa sociolinguística em sala de aula”.

Cabe destacar que um dos nossos objetivos nessa pesquisa também é trabalhar a variação estilística, por isso escolhemos textos mais e menos monitorados para estudar com os alunos, buscando, dessa maneira, facilitar o desenvolvimento da pesquisa sociolinguística que será realizada mais adiante no módulo II.

Portanto, esperamos que por meio dessa atividade os alunos reconheçam as variedades da língua escrita/falada e também percebam que a variação na língua está atrelada ao gênero que a língua se materializa, isto é, está diretamente atrelado a essa variação de estilo (mais e menos monitorado).

ATIVIDADE 7: Ampliando conceitos: norma culta e norma popular

1º passo: Aluno (a), agora você já sabe que a língua é viva, isto é, ela muda, se transforma e, por isso, é variável e heterogênea; contudo, também é importante você saber que existem várias normas linguísticas: norma culta, norma popular, norma-padrão etc. Neste momento, vamos estudar e ampliar os conhecimentos acerca da norma culta e norma popular. Primeiro, leia e compare as definições científicas que são apresentadas para esses termos nos textos a seguir.

TEXTO I

O que é norma culta?

A norma culta corresponde “a variedade de uso corrente entre falantes urbanos com escolaridade superior completa, em situações monitoradas (FARACO, 2008, p. 46 – 47).

Por norma culta designa-se o conjunto das características do grupo de falantes que se consideram cultos (ou seja, a “norma normal” desse grupo social específico). Na sociedade brasileira, esse grupo é tipicamente urbano, tem elevado nível de escolaridade e faz amplo uso dos bens da cultura escrita. A norma culta é uma “norma normal”, porque é uma das tantas normas presentes na dinâmica corrente, viva, do funcionamento da língua (FARACO; ZILLES, 2017, p. 19, grifos do autor).

TEXTO II

O que é norma popular?

A norma popular designa “as variedades linguísticas relacionadas a falantes sem escolaridade superior completa, com pouca ou nenhuma escolarização, moradores da zona

rural ou das periferias empobrecidas das grandes cidades, aparece frequentemente na literatura linguística a classificação língua popular, norma popular, variedades populares etc". (BAGNO, 2003, p. 59, grifos do autor).

"[...] o chamado português popular (variedades de origem rural, própria dos segmentos sociais da parte baixa da pirâmide econômica e, portanto, com acesso historicamente muito restrito à educação básica completa e aos bens da cultura letrada)" (FARACO, 2015, p. 25).

2º passo: A partir das discussões anteriores sobre norma culta e norma popular, construa, juntamente com o seu professor, uma definição para estes termos. Anote no seu diário de bordo.

3º passo: Para finalizar as discussões deste módulo, analise, juntamente com o seu professor, as frases de cada exemplo proposto abaixo.

Exemplo I:

- i) "a gente termina brigando" (Fragmento retirado do "Texto II, Exemplo II")
- ii) Nós terminamos brigando.
- iii) Nós termina brigando.

Exemplo II:

- i) "E nós já tá na parte crítica" (Fragmento retirado do "Texto I, Exemplo I")
- ii) E nós já estamos na parte crítica
- iii) E nós já está na parte crítica

Exemplo III:

- i) "Pisa mermo foi só umas 3 veiz" (Fragmento retirado do "Texto II, Exemplo I")
- ii) Pisa mesmo foram só umas 3 vezes.
- iii) Pisa mesmo foi só umas 3 vez.

4º passo: Caro (a) aluno (a), após todas essas reflexões sobre língua, variação linguística, norma, vamos conhecer e estudar um pouco sobre o preconceito linguístico. Para isso, discuta e reflita, juntamente com o professor, as questões a seguir.

- Em algum momento vocês já ouviram falar sobre o preconceito linguístico?
- Para vocês, o que significa essa expressão?

5º passo: Buscando aprofundar sobre esse assunto, assista, juntamente com o professor, o vídeo "Preconceito linguísticos (Mimetizado)". Esse vídeo é pautado nos estudos de Marcos Bagno (2008) e está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=QLsmAGq5jZw>

A partir dele, juntamente com o seu professor, construam um conceito para "preconceito linguístico". Anote em seu diário de bordo.

6º passo: Vamos fazer uma pesquisa?! Pesquise na internet "*memes*" sobre o preconceito linguístico. Anote o *link* da sua pesquisa no diário de bordo.

Através da atividade 7, pautadas em Coseriu (1979), buscamos propor um ensino a partir da concepção de língua como um conjunto de normas (variedades sociais). Para a elaboração

dessa atividade, pautamo-nos no conceito de norma linguística defendido pelo professor Alberto Faraco (2002): “(...) a norma, qualquer que seja, não pode ser compreendida apenas como um conjunto de formas linguísticas, ela é também (e principalmente) um agregado de valores socioculturais articulados com aquelas formas” (FARACO, 2002, p. 39). O professor, em suas pesquisas discorre que existem inúmeras normas linguísticas, além da mais conhecida e trabalhada na maioria das vezes pela escola, a norma-padrão (a qual ele constitui como norma curta em seus estudos). Entretanto, devido essa norma não se tratar dos usos reais dos falantes da língua portuguesa (e sim de uma referência de língua idealizada), tomamos como base para direcionar o entendimento/compreensão por parte dos estudantes, a norma culta e a norma popular. Portanto, é muito importante que o professor (a), amplie seus conceitos sobre normas linguísticas, uma vez que, no Brasil, existem várias normas cultas e várias normas populares. Sugerimos, assim, a leitura das obras “Norma culta brasileira: desatando alguns nós” de Carlos Alberto Faraco (2008) e “Linguística da norma”, organizada por Marcos Bagno (2002).

Nesse sentido, nessa atividade, sugerimos algumas definições científicas acerca dos termos “norma culta” e “norma popular” para que a partir delas, o professor realize a transposição desses conceitos, pautando-se na literatura sociolinguística e, buscando assim, facilitar a compreensão dos alunos acerca deles. Sugerimos também que o professor mostre aos alunos exemplos em textos, cuja a linguagem se apresenta na forma mais monitorada e menos monitorada (o professor pode usar os textos trabalhados na atividade anterior).

Em seguida, propomos alguns pares de frases no intuito de levar os alunos a perceberem que do ponto de vista linguístico temos várias maneiras diferentes de se dizer a mesma coisa, dessa maneira, não há uma melhor do que a outra. Contudo, do ponto de vista social, há formas mais prestigiadas, outras menos. Há ainda aquelas que são desprestigiadas, estigmatizadas. A partir disso, esperamos que os alunos compreendam que não existe uma noção de “certo” e “errado” do ponto de vista linguístico, mas sim, de mais e menos adequado, sendo que isso tem a ver com questões sociais também.

A partir das discussões e reflexões propostas nos cinco primeiros passos, sugerimos que o professor trabalhe o preconceito linguístico, a fim de que os alunos percebam/reflitem sobre as suas atitudes linguísticas, mostrando que essas atitudes podem revelar tanto o respeito como também o preconceito linguístico. Este é um momento oportuno em que o professor poderá trabalhar a “consciência linguística” com os alunos. Com isso, esperamos que os alunos percebam que é preciso estudar mais a nossa língua, para que assim eles possam conhecê-la em toda a sua heterogeneidade, dinamicidade e elasticidade. Dessa forma, acreditamos que somente assim será possível minimizar o preconceito linguístico, isto é, na medida em que os

eles reconhecerem as diferentes variedades que constituem a língua portuguesa. Para facilitar as discussões acerca do preconceito linguístico com eles, sugerimos ao professor ampliar seus conhecimentos a partir da leitura da obra “Preconceito Linguístico: o que é, como se faz? ” de Marcos Bagno (2008).

Dando continuidade, ao partirmos da língua materna como objeto de estudo científico, propomos no “módulo II”, atividades que visam ao desenvolvimento de uma pesquisa sociolinguística em sala de aula, com vistas ao letramento científico, a fim de promover um estudo analítico e reflexivo acerca da língua em uso, em substituição a um estudo meramente metalinguístico e descontextualizado da língua, isto é, as atividades voltadas para a pesquisa, focam na delimitação do objeto de estudo (concordância verbal), a definição da teoria que fundamenta a pesquisa (Sociolinguística Variacionista), a metodologia da aplicação e a análise da pesquisa sociolinguística (transposição didática da pesquisa sociolinguística variacionista).

O letramento científico dos alunos é de fundamental importância para a realização das atividades propostas neste módulo, visto que é preciso que eles desenvolvam habilidades necessárias para fazer a pesquisa sociolinguística. Para tal, levando em consideração que para qualquer tipo de pesquisa científica é necessário o conhecimento de uma série de termos e procedimentos científicos, sugerimos, no “Roteiro comentado de pesquisa sociolinguística em sala de aula”, um passo a passo para o desenvolvimento da pesquisa junto aos alunos. Buscamos também nas atividades propostas neste módulo oportunizar aos alunos perceberem que a língua pode ser um objeto de estudo científico.

Tendo em vista o letramento científico, bem como também o papel do professor neste estudo, elaboramos atividades que buscam desenvolver o protagonismo juvenil na sala de aula, considerando, dessa maneira, o professor como um orientador/facilitador das atividades propostas e, os alunos como pesquisadores (da própria língua). Com isso, buscamos levar os alunos a olharem para a língua de uma maneira diferente, ou seja, de uma maneira mais reflexiva.

Para o desenvolvimento da pesquisa sociolinguística com os alunos, dividimo-la em três passos: o primeiro, busca definir junto aos estudantes o objeto de estudo da pesquisa; o segundo, definir a teoria que vai fundamentar a pesquisa; e o terceiro, apresentar aos alunos as etapas da pesquisa que eles irão realizar. Tudo isso, por meio da transposição didática da pesquisa sociolinguística variacionista para os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II. Cabe destacar que, as atividades propostas neste módulo foram organizadas, a partir das contribuições de diversos estudos, como o de Coelho *et. al* (2015), Tarallo (2007), pesquisas sociolinguísticas, entre outros.

Diante disso, sugerimos algumas estratégias ao professor para a realização da pesquisa com os alunos. Para tal, propomos um total de 06 (seis) atividades – as quais demos continuidade a numeração das atividades propostas no módulo I -, conforme veremos a seguir.

ATIVIDADE 8: Conhecendo a pesquisa sociolinguística

1º passo: Aluno (a), primeiro, antes de iniciarmos a pesquisa sociolinguística, é muito importante estabelecermos algumas discussões e reflexões sobre o que é uma “pesquisa sociolinguística”. Para isso, relembrre, juntamente com o seu professor o que é “pesquisa” e o que é “Sociolinguística” e, juntamente com ele, construa um conceito para a expressão “pesquisa sociolinguística”.

2º passo: Você agora já sabe o que é uma pesquisa sociolinguística. Entretanto, é importante conhecer também o passo a passo para realizá-la. Então, vamos lá! São eles:

- 1º - Definir o objeto de estudo científico;
- 2º - Definir a teoria que vai fundamentar a pesquisa;
- 3º - Etapas/Metodologia para execução da pesquisa:
 - Revisão bibliográfica sobre o objeto de estudo;
 - Definição/organização do *corpus*;
 - Levantamento de dados;
 - Quantificação e tratamento estatísticos dos dados;
 - Análise qualitativa, baseada nas teorias estudadas.

Nesta atividade, buscamos, inicialmente, retomar algumas discussões e reflexões acerca dos termos “pesquisa” e “Sociolinguística”. A partir do conhecimento dos alunos acerca dos termos estudados, propomos que o professor construa, juntamente com eles, um conceito para “pesquisa sociolinguística”. Neste sentido, é preciso que os alunos compreendam o que é uma pesquisa sociolinguística, por isso, faz-se necessário que o professor esteja preparado para trabalhar esse conceito junto a eles. Cabe salientar que é de suma importância o papel do docente ao longo do desenvolvimento das atividades propostas, pois, ele deve deixar de ser apenas um mero transmissor de conhecimento (e o aluno receptor) para se posicionar como mediador (e o aluno pesquisador) do processo de ensino-aprendizagem. Acreditamos, portanto, que esse envolvimento entre professor e aluno irá facilitar/colaborar para a construção do conhecimento científico.

Ao explicar o que é pesquisa sociolinguística aos alunos, sugerimos que o professor mostre também a eles o que é “comunidade de fala”, “variante linguística” e “variedade linguística”. Após compreenderem o que é pesquisa sociolinguística, é importante que o professor mostre a eles um exemplo de pesquisa sociolinguística variacionista, na qual aborde,

preferencialmente, o objeto de estudo que eles irão estudar na pesquisa. Para este estudo, escolhemos um artigo científico de Rubio (2008), que trata da concordância verbal. A partir dele, o professor pode mostrar e explicar aos alunos as etapas da pesquisa sociolinguística que eles irão realizar neste módulo. Para o desenvolvimento da pesquisa com os alunos, é fundamental que o professor aprofunde os seus conhecimentos nas seguintes obras: “Pesquisa sociolinguística” de Fernando Tarallo (2007); “Para conhecer Sociolinguística” de Coelho et al. (2015).

Nesse sentido, observamos que a educação vem sofrendo mudanças no processo de ensino-aprendizagem nos últimos anos, com reflexos na prática pedagógica. Essas novas mudanças no processo de ensino-aprendizagem, exigem dos professores e alunos novos papéis, tanto no âmbito escolar quanto fora dele. Coadunamo-nos com Paulo Freire ([1996] 2019) onde ele diz que não existe ensino sem pesquisa, nem pesquisa sem ensino. Sendo assim, acreditamos que é preciso que o professor mantenha ao longo deste estudo (mas não somente nele), uma postura de professor-pesquisador, visto que faz parte da prática docente, a busca, a indagação e a pesquisa. O professor como pesquisador deve estar aberto a ouvir os seus alunos, assumindo também o papel de aprendiz, entendendo que quem mais precisa aprender é aquele que está ensinando, isto é, aprender a aprender.

Esperamos que, por meio das atividades que foram trabalhadas com os alunos até aqui, eles já conheçam/saibam o que é uma pesquisa sociolinguística. A partir desses conhecimentos, na atividade seguinte, o aluno irá iniciar, sob a mediação do seu professor, a pesquisa sociolinguística. Cabe ressaltar que para cada etapa da pesquisa sugerimos estratégias ao professor, por isso, é preciso que ele fique atento aos boxes no “Roteiro comentado de pesquisa sociolinguística me sala de aula”.

ATIVIDADE 9: Pesquisa sociolinguística em ação

1º passo: Caro estudante, agora que você já sabe/conhece o que é, de fato, uma pesquisa sociolinguística, chegou a hora de “colocar a mão na massa”, isto é, de você realizar, sob a mediação do seu professor, uma pesquisa sociolinguística em sala de aula. Lembrando que é muito importante que você fique atento às orientações do seu professor.

Primeiro defina, juntamente com o seu professor, o objeto de estudo científico para esta pesquisa.

2º passo: Aluno (a), você sabia que toda pesquisa é regida por, pelo menos, uma TEORIA científica, isto é, existe uma teoria por traz dela para embasar, sustentar e justificar o que está sendo pesquisado. Diante disso, juntamente com o seu professor, defina a teoria que vai fundamentar a pesquisa que será realizada por vocês na sala de aula. Faça as anotações no seu diário de bordo.

3º passo: Caro estudante, até o momento, já definimos o objeto de estudo nesta pesquisa, que é o fenômeno linguístico variável da concordância verbal e, também, definimos a teoria que vai fundamentar a nossa pesquisa, que é a Sociolinguística Variacionista. Agora, tendo em vista que a teoria não pode ser vista de modo separado da metodologia, o nosso próximo passo é conhecer as etapas que compõem a metodologia dessa teoria, isto é, sobre os procedimentos/passos que irão guiar a pesquisa sociolinguística de vocês. São eles:

- **Revisão bibliográfica sobre o objeto de estudo;** (concordância verbal)
- **Definição/organização do *corpus*;** (gêneros textuais cuja linguagem é mais e menos monitorada: notícias da revista Superinteressante e letras de música *rap*)
- **Levantamento de dados;**
- **Quantificação e tratamento estatísticos dos dados;**
- **Análise qualitativa, baseada nas teorias estudadas.**

Na atividade 9, sugerimos no 1º passo que o professor inicie com os alunos a pesquisa sociolinguística. Seguindo as etapas, pautadas nos estudos de Coelho et al (2015) e Tarallo (2007)²⁷, propomos que o professor, juntamente com os estudantes, primeiro, defina o objeto de estudo científico da pesquisa que eles farão em sala de aula. Certamente, os alunos não saberão o que é objeto de estudo. Portanto, esperamos que, antes de escolher o objeto, o professor esclareça para eles que este é o primeiro passo para realizar uma pesquisa sociolinguística, e também explique o que é e a sua importância para a realização da pesquisa. A partir dessas discussões, o professor pode direcionar para a escolha do objeto de estudo (no caso dessa pesquisa, escolhemos a concordância verbal).

Em seguida, no 2º passo, propomos que o professor defina, juntamente com os alunos, a teoria que irá fundamentar a pesquisa deles. Para isso, sugerimos que antes de defini-la, o professor retome os conceitos de “variação linguística” e “Sociolinguística” que foram estudadas no “Módulo I”. A partir disso, é importante que o professor diga aos alunos que há algumas maneiras/teorias que fundamentam a pesquisa, entretanto, nesta pesquisa nos pautaremos na Sociolinguística Variacionista. Com certeza, os estudantes não saberão do que se trata. Sendo assim, achamos necessário o professor esclarecer que se trata de um “modelo teórico-metodológico” criado por William Labov e que ele também atende por outros nomes: (i) Sociolinguística Laboviana; (ii) Sociolinguística Variacionista; (iii) Teoria da Variação e Mudança Linguística (COELHO, et al., 2015). Sugerimos também ao professor, que explique o que é um “modelo teórico-metodológico”, bem como também mostre aos alunos quem é

²⁷ Cabe lembrar que a proposta didática que elaboramos contempla a transposição didática do modelo teórico-metodológico (cf. Labov 2008 [1972]).

William Labov (o professor pode mostrar também uma foto dele). Depois disso, propomos que o professor deve levar os alunos a compreenderem o que é a Sociolinguística Variacionista e o motivo pelo qual escolhemos ela como teoria que irá fundamentar a pesquisa deles.

Tendo em vista que uma teoria não pode ser aplicada de modo separado da metodologia, no 3º passo, propomos que os alunos conheçam as etapas que compõem a metodologia da teoria que foi escolhida para a pesquisa (Sociolinguística Variacionista). Assim, propomos alguns passos que irão guiar a pesquisa dos alunos. Como se trata de termos científicos, que certamente, os alunos desconhecem, é fundamental que o professor esclareça/explique aos alunos cada um desses passos, à medida que forem apresentadas as atividades da pesquisa. Para isso, sugerimos que o professor utilize recursos pedagógicos como Dicionário de Língua Portuguesa para explicar termos, bem como também retome conceitos já estudados anteriormente.

Dando continuidade à pesquisa dos alunos, propomos nas atividades posteriores, as etapas da metodologia que eles farão na sala de aula, sob a orientação do professor. Lembrando que, no “Roteiro comentado de pesquisa sociolinguística em sala de aula” – Apêndice A – é possível o professor verificar sugestões de estratégias para o desenvolvimento das atividades da proposta de intervenção didática.

ATIVIDADE 10: Estudando a concordância verbal

1º passo: Aluno (a), agora você já conhece/sabe as etapas que compõem a metodologia de uma pesquisa sociolinguística. Assim, o nosso primeiro passo nesta pesquisa é aprofundar nossos conhecimentos acerca do nosso objeto de estudo – a concordância verbal. Iremos começar pela revisão bibliográfica acerca desse objeto, isto é, vamos realizar uma pesquisa bibliográfica sobre esse fenômeno linguístico a partir dos pressupostos da gramática normativa, depois buscaremos compará-lo aos estudos de variação em uma pesquisa sociolinguística. Para isso, faça o que se pede a seguir:

- Primeiro, em grupos de dois ou três, verifique de que maneira a concordância verbal é abordada no manual de gramática. Anotem os resultados das pesquisas de vocês no diário de bordo, lembrando-se que é importante você registrar a fonte e as páginas que foram retiradas as informações/explicações. Depois, juntamente com o (a) seu (a) professor (a) e seus colegas, elaborem “uma síntese das explicações trazidas pela tradição normativa” (BAGNO, 2011, p. 906) acerca do fenômeno linguístico em estudo. Anote esta síntese no seu diário de bordo.

- Após você verificar como o fenômeno linguístico da concordância verbal ocorre nos estudos normativos, chegou o momento de vocês saberem/conhecerem como acontece no uso real da língua (no dia a dia dos falantes), isto é, de verificar como este fenômeno é abordado nos estudos descritivos da língua. Para isso, leia o texto a seguir, que trata do objeto de estudo – CV – em uma pesquisa sociolinguística variacionista. Em seguida, juntamente com o (a) seu (a) professor (a), analise e compare a forma como o fenômeno linguístico é abordado nele com as prescrições que são apontadas pela gramática normativa. Por último, anote as

diferenças que você conseguiu perceber ao discutir e observar juntamente com o seu professor as prescrições apontadas pelas gramáticas normativas e pelos dados analisados em pesquisas sociolinguísticas pautados em usos da língua. Faça também uma síntese das explicações apontadas ao longo das análises e discussões trazidas pelos estudos descritivos da língua. Registre tudo no seu diário de bordo.

TEXTO: Estudando a concordância verbal através de uma pesquisa sociolinguística variacionista

Uma das investigações que mais vem sendo desenvolvida são os estudos acerca da variação da concordância verbal (CV). Vários estudos (SCHERRE, 2005; RUBIO, 2008; entre outros) tem demonstrando que as regras de concordância verbal não são homogêneas ou uniformes, ao contrário, se mostra como uma regra variável, uma vez que, os falantes da língua têm a possibilidade de optar por usar as marcas de CV, considerada padrão conforme a gramática normativa, ora não usando essas marcas, forma considerada não-padrão. Essa escolha de alternância entre as variantes (presença ou ausência das marcas de concordância) vai ser motivada pelas características sociais dos falantes da língua, tomados também por aspectos estruturais da própria língua.

No processo de CV do português brasileiro (PB), a estrutura que analisamos é a que se dá entre o sujeito e o verbo, característica esta que não é exclusiva dessa variedade da língua. Assim, o fato de tanto o sujeito quanto o verbo apresentarem marcas de número e de pessoa, tornam possíveis algumas realizações como:

- (i) Nós vamos comprar pão.
- (ii) Vamos comprar pão.
- (iii) Nós vai comprar pão.

Pautando-nos em estudos sociolinguísticos, esse processo não implica, necessariamente, que estejam presentes todas as marcas de concordância para que ele funcione. Observamos em (i) a marca de primeira pessoa do plural que se encontra tanto no sujeito, através do pronome “nós”, quanto no verbo (vamos), através da terminação “-mos” (desinência número pessoal). Já em (iii), essa marca aparece apenas no sujeito (pronome nós). E em “(ii)”, o sujeito não aparece, contudo, podemos identificá-lo (nós). Do ponto de vista linguístico, temos três maneiras diferentes de dizer a mesma coisa, não havendo uma melhor do que a outra. Entretanto, do ponto de vista social, há formas mais prestigiadas como em “(i)”, outras menos, como em “(iii)”, por exemplo. E existe ainda aquelas que são desprestigiadas e até mesmo, estereotipadas.

É importante salientarmos que situações formais exigem do falante uma variedade de língua mais cuidada e elaborada, uma vez que a sociedade impõe certas regras sociais e, consequentemente linguísticas, as quais espera ver cumpridas; o desrespeito a essas regras pode gerar o preconceito linguístico. Por isso, as diferentes maneiras de falar não devem ser consideradas como “erros”, evitando dessa maneira esse preconceito.

Para estudarmos esta variável a partir de contribuições variacionistas, vamos nos pautar nos estudos de um linguista²⁸ chamado Dante Lucchesi “A variação na concordância verbal no português popular da cidade de Salvador”. Esta pesquisa buscou focalizar o efeito da presença ou ausência de marca de plural no último elemento do sujeito que precede imediatamente o verbo (LUCCHESI, 2015). O autor analisou a concordância verbal tanto a

²⁸ Conforme Dicionário Online de Português, linguista é “aquele que é versado em linguística. Etimologia (origem da palavra *linguista*). De língua”. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/linguista/>. Acessado em 18/06/2021. Isto é, “o linguista é responsável por analisar e investigar toda a evolução e desdobramentos dos diferentes idiomas, bem como a estrutura das palavras expressões, expressões idiomáticas e aspectos fonéticos de cada língua”. Disponível em: <https://www.significados.com.br/linguistica/>. Acessado em 18/06/2021.

partir de fatores internos (como a posição do sujeito em relação ao verbo, distância entre o sujeito e o verbo, tipo estrutural do sujeito, paralelismo formal no nível oracional, saliência fônica) e quanto externos (como a faixa etária, escolaridade e sexo/gênero) à língua. Dessa maneira, vamos estudá-la por meio de alguns resultados e análises de trechos retirados da sua pesquisa para que, assim, vocês consigam perceber a heterogeneidade e dinamicidade da nossa língua.

Considerando os fatores internos, para verificarmos a variação do fenômeno linguístico da concordância verbal, escolhemos o capítulo “**3.5 Realização e posição do sujeito**”, em que o autor faz uma análise da posição e da presença do constituinte entre o sujeito e o verbo simultaneamente. Em sua pesquisa, a variável apresenta os seguintes valores²⁹:

Sujeito realizado imediatamente antes ao verbo

- (17) E as minhas irmãs *são* moderna.
- (18) Todos os blocos *passava* por aqui.

Sujeito realizado antes do verbo com um ou mais constituintes intervenientes

- (1) Muitos colegas *também conseguiram* também.
- (2) Muitas crianças *já num gosta* de estudá.

Sujeito anteposto ao verbo com um sintagma preposicionado (SPrep) ou uma oração relativa

- (3) Quero não, porque todos que eu me aproximo *me roubam*.
- (4) Aí os cara de lá da rua *tava brigano*.

Sujeito retomado por pronome relativo

- (5) É, meus vizinho, tem uns que *são* bons, tem uns *que* *são* ruim.
- (6) Era os próprios seguranças que *contratava* os maus elementos.

Sujeito não realizado

- (7) Eles acharo que foi a gente, aí *escarreraro* a gente, né?
- (8) As pessoas qué comprá um gás, *qué* pegá uma água, num *pode*.

Sujeito posposto

- (9) *Morreram dois, ficô quatro*, são dois irmão.
- (10) A gente não sabe quem é quem, ainda mais hoje em dia, do jeito que tá as coisas, né?

Assim, a variável apresentou os seguintes resultados quantitativos (cf. LUCCHESI, 2015, p. 20):

Tabela 1 - A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “realização e posição do sujeito”, no português popular de Salvador (Nível de significância: .024)

Sujeito	Ocorrências	Frequência	Peso relativo
Imediatamente anteposto ao verbo	325/1.054	30,8%	0,523
Não realizado	195/707	27,6%	0,515
SN com relativa ou SPrep	12/69	17,4%	0,513
Retomado por pronome relativo	55/245	22,4%	0,505
Anteposto com constituinte interveniente	25/114	21,9%	0,471
Posposto ao verbo	11/111	9,9%	0,225
Total	623/2.300	27,1%	0,382

Fonte: Lucchesi (2015, p. 20).

²⁹ Estes exemplos foram retirados de Lucchesi (2015, p. 19).

Como observado em todas as análises sobre o tema, o sujeito imediatamente anteposto ao verbo é o contexto que mais favorece a concordância. Isso se deve à facilidade de processamento linguístico, já que a especificação de pessoa e número do SN³⁰ está explicitamente disponível, imediatamente antes do verbo. Por outro lado, o sujeito não realizado se mostrou favorável ao mecanismo da concordância verbal, o que não é muito observado³¹. Nesse caso, pode-se invocar um princípio funcional: a ausência do sujeito aumenta o valor informacional da flexão verbal, embora o ouvinte possa, na maioria das vezes, obter essa informação por meios discursivos e/ou pragmáticos.

Resultados e análises de fatores externos/extralinguísticos

A tabela a seguir mostra os resultados das frequências de aplicação da regra de concordância verbal, conforme as variáveis sociais no português popular de Salvador em termos percentuais:

Tabela 2 - Frequência de aplicação da regra de concordância verbal, de acordo com as variáveis sociais, no português popular de Salvador

Variável	Fator	Ocorrências	Frequência
Idade	25-35 anos	203/654	31%
	35-45 anos	222/835	26,6%
	Mais de 65 anos	198/811	24,4%
Sexo	Homem	299/983	30,4
	Mulher	324/1.317	24,6
Escolaridade	Semianalfabeto	527/1890	27,9%
	Analfabeto	96/410	23,4%
Mídia	Alta	308/1.111	27,7%
	Baixa	315/1.189	26,5%
Rede	Dispersa	243/887	27,4%
	Local	380/1.413	26,9%

Fonte: Lucchesi (2015, p. 27).

De fato, a frequência de aplicação da regra de concordância verbal é maior na fala dos mais jovens, dos homens, dos semianalfabetos, daqueles com uma exposição maior aos meios de comunicação de massa e com uma rede de relações sociais mais dispersa, ou seja, menos densa e *uniplex* (BORTONIRICARDO, 2005, 2011; MILROY, 1980). Isto é, as comunidades mais fechadas e tradicionais (por exemplo, as que existem na zona rural) as redes de relações sociais é mais densa, sendo que essas relações possuem diversas dimensões (nas relações entre si, os indivíduos assumem vários papéis), tornando, assim, essas comunidades mais resistentes à normalização linguística em processos de mudança de cima para baixo. Enquanto que nas comunidades urbanas, as redes sociais são menos densas (já que cada indivíduo se relaciona apenas com uma pequena parcela do conjunto de indivíduos da comunidade) e em suas relações os indivíduos possuem um papel definido, logo, são *uniplex*. Ou melhor, esse tipo de comunidade é mais receptiva à influência de padrões institucionais e de prestígio social.

³⁰ “Sintagma nominal: tem como núcleo o substantivo e exerce a função de núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto, do predicativo do sujeito, do predicativo do objeto, do complemento nominal, do adjunto adnominal, do adjunto adverbial, do agente da passiva, do aposto e do vocativo”. Por exemplo: João está calado. (núcleo do sujeito = João). Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/gramatica/tipos-sintagmas.htm> . Acessado em: 18/06/2021.

³¹ Os resultados de Vieira (1995, p. 104), por exemplo, apontam o sujeito não realizado como fator que não favorece a concordância verbal.

Porém, as diferenças não chegam a ser significativas, nomeadamente, no que se refere à exposição à mídia e a rede de relações sociais, em que a diferença entre os fatores fica em torno de um ponto percentual, ou menos que isso, de modo que essas variáveis foram descartadas pelo *GoldVarb*³², por falta de significância estatística.

Os resultados da variável idade apontaram para um quadro de mudança aquisicional (essa mudança toma como modelo o português culto) da regra de concordância verbal junto à terceira pessoa do plural, no português popular de Salvador, isto é, confirma-se a tendência de mudança “para cima”, já que a frequência de aplicação da regra sobe à medida que se passa das faixas etárias mais velhas para as mais novas (24%, na faixa III, 27%, na faixa II, e 31% na faixa I, dos mais novos)³³.

Tabela 3 - A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “faixa etária”, no português popular de Salvador (Nível de significância: .099)

Faixa Etária	Ocorrências	Frequência	Peso relativo
Faixa I (25 a 35 anos)	203/654	31%	0.549
Faixa II (45 a 55 anos)	222/835	26,6%	0.483
Faixa III (mais de 65 anos)	198/811	24,4%	0.479
Total	623/2.300	27,1%	0.376

Fonte: Lucchesi (2015, p. 28).

Os resultados da análise quantitativa do variável sexo no uso da regra de concordância verbal em quatro bairros populares da cidade de Salvador se ajustam ao que se viu nas periferias das cidades de São Paulo (RODRIGUES, 1987) e Brasília (BORTONI-RICARDO, 2011), como se pode ver na Tabela 4 e no Gráfico 1.

Tabela 4 - A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “sexo”, no português popular de Salvador (Nível de significância: .024)

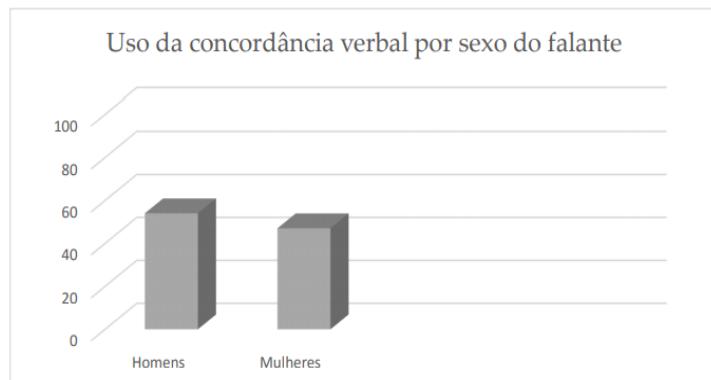
Sexo	Ocorrências	Frequência	Peso relativo
Masculino	299/983	30,4%	0.541
Feminino	324/1313	24,6%	0.469
Total	623/2.300	27,1%	0.376

Fonte: Lucchesi (2015, p. 30)

³² Programa computacional específico para análise estatística de dados linguísticos. Isto é, numa pesquisa de descrição sociolinguística, este programa é utilizado com um método quantitativo que ao ser “lido” e analisado pelo linguista, passa a ter tratamento qualitativo (interpretação dos dados). Cabe ressaltar que não será necessário utilizar este programa com os alunos em sua pesquisa, uma vez que eles trabalharão com estatística simples.

³³ Percentuais arredondados.

Gráfico 1 - A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “faixa etária”, no português popular de Salvador, com base nos pesos relativos



Fonte: Lucchesi (2015, p, 30)

Os resultados revelaram que são os homens que empregam mais a variante de prestígio da concordância verbal, com frequência de 30,4% (contra 24,6% das mulheres)³⁴.

Fonte: Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/15467/10614>. Acessado em: 08/03/2021 às 11:09. Texto adaptado pelas autoras.

Esperamos até aqui que os estudantes já possuam conhecimentos que são necessários para desenvolver as etapas que compõem a metodologia da pesquisa sociolinguística. No “1º passo” dessa atividade (10), propomos que o professor faça uma revisão bibliográfica sobre o objeto de estudo da pesquisa, isto é, estude com os alunos sobre o objeto - no caso dessa pesquisa, o fenômeno linguístico da concordância verbal. Sugerimos que esse estudo seja realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica acerca do fenômeno escolhido a partir dos pressupostos da gramática normativa, comparando-se aos estudos de variação em uma pesquisa sociolinguística. Para tal estudo, sugerimos que o professor leve para a sala de aula um manual de gramática e uma pesquisa sociolinguística que tenha como objeto de estudo o fenômeno linguístico escolhido. Para esta pesquisa, sugerimos o manual de Gramática de Evanildo Bechara “Moderna Gramática Portuguesa” (que tem em praticamente todas as escolas de ensino básico) e a pesquisa sociolinguística de Lucchesi (2015). Cabendo salientar que a pesquisa sociolinguística escolhida para trabalhar o fenômeno da concordância verbal com os alunos foi adaptada conforme o nível de escolaridade dos estudantes. Diante disso, esperamos que a partir das discussões e reflexões realizadas em sala de aula, que os alunos sejam capazes de observar e perceber as diferenças apontadas pelas prescrições das gramáticas normativas e pelos dados

³⁴ A noção de peso relativo está atrelada à pesquisa sociolinguística, contudo isso não será considerado na pesquisa dos alunos, tendo em vista que eles trabalharão com estatística simples.

analisados em pesquisas sociolinguísticas pautados em usos da língua. É muito importante neste momento a mediação do professor, a fim de mostrar aos alunos como tal fenômeno ocorre nas gramáticas normativas e, como é, de fato, no uso real da língua (dia a dia dos falantes) a partir de trechos/exemplos em pesquisas sociolinguísticas variacionistas.

Assim, a partir do que propõe Bagno (2011), acreditamos que é importante mobilizarmos os conhecimentos prévios dos alunos por meio de perguntas que incitem ao estudo variacionista da língua, buscando, dessa maneira, cultivar o interesse e estimular a curiosidade dos nossos alunos para aprenderem mais sobre a nossa língua materna. Por isso, é fundamental que o professor adote estratégias como a sistematização de conhecimentos junto aos estudantes, bem como também a valorização desses conhecimentos. Através da pesquisa, por exemplo, os conhecimentos podem ser ampliados ou refutados num processo de investigação e reflexão, estimulando, assim, o pensamento crítico dos alunos e colaborando para a formação de alunos pesquisadores da própria língua.

É fundamental que antes de trabalhar com os alunos acerca do objeto de estudo da pesquisa, o professor aprofunde seus conhecimentos em gramáticas de cunho normativo e descritivo da língua. Sugerimos algumas gramáticas normativas como, por exemplo: a “Moderna Gramática Portuguesa”, de Evanildo Bechara; a “Nova gramática do português contemporâneo”, de Celso Cunha e Lidley Cintra; a “Gramática normativa da língua portuguesa”, de Rocha Lima; entre outras. Também, gramáticas descritivas como: “Gramática Pedagógica do Português Brasileiro”, de Marcos Bagno; “Gramática descritiva do português”, de Mário Alberto Perini, entre outras. As pesquisas sociolinguísticas também contribuem (e muito) para esse estudo descritivo acerca da língua.

Tendo em vista que “As pesquisas sociolinguísticas são de base empírica, desenvolvidas a partir de dados efetivamente produzidos” (COELHO et al, 2015, p. 102), na atividade seguinte (atividade 11), propomos que o professor defina e organize, juntamente com os alunos, o *corpus* para a pesquisa.

ATIVIDADE 11: Definindo e organizando o “*corpus*” da pesquisa sociolinguística

1º passo: Para você pesquisar o objeto de estudo que foi escolhido – a concordância verbal – temos que definir e organizar um *corpus*. Faça isso, sob a orientação do seu professor. Não se esqueça de anotar as discussões em seu diário de bordo.

Nesta atividade (11), é fundamental que, primeiro, o professor explique aos alunos que em uma pesquisa sociolinguística trabalhamos com dados de fala, tal como aponta Coelho et al (2015, p. 102): “O principal método para investigação sociolinguística é, segundo Labov, a observação direta da língua falada em situações naturais de interação social face a face”. Entretanto, nesta pesquisa, os alunos não irão trabalhar com dados de fala, uma vez que seria necessário eles gravarem as falas das pessoas e realizarem a transcrição delas, e isso na sala de aula seria mais difícil. Também o estudo acerca da língua não precisa, necessariamente, estar limitado à oralidade. Por isso, optamos por trabalhar com dados escritos, isto é, textos escritos. Em seguida, é importante que o professor esclareça aos alunos que esse material (conjunto de textos escritos), dentro da pesquisa sociolinguística, é chamado de *corpus*. Dessa maneira, tal material, irá servir como amostra linguística para realizarmos a quantificação dos dados da pesquisa.

Depois disso, é importante que o professor esclareça/explique aos alunos que, para realizarmos a pesquisa sociolinguística, iremos recorrer a dois gêneros textuais - textos mais monitorados e menos monitorados - para que eles consigam realizar a comparação da “frequência de uso”, isto é, para verificarem quantas ocorrências apareceram da variedade padrão e quantas ocorreram da variedade não-padrão. Diante disso, para a pesquisa com eles, escolhemos as notícias da revista Superinteressante a fim de verificar nelas o uso mais monitorado da língua. Como temos que escolher outros dados na mesma modalidade, optamos pelas letras de músicas de *rap*, visto que, trata-se de um gênero textual que representa o uso legítimo da língua e apresenta uma linguagem menos monitorada, em que o compositor busca, na maioria das vezes, aproximar-se do cotidiano da periferia. Assim, é fundamental que o professor leve os alunos a perceberem que tais gêneros são bastante elucidativos para mostrar esse fenômeno de variação (CV).

Em suma, é preciso que o professor leve os alunos a compreenderem que deve haver um equilíbrio das amostras que compõem o *corpus*, para que assim, eles consigam ter a noção de frequência de uso, isto é, a porcentagem de ocorrências das formas padrão e não-padrão. Achamos necessário também que o professor explique/mostre aos alunos, na prática, o que é uma amostra equivalente. Para a pesquisa dos alunos, elaboramos uma sugestão de *corpus*, o qual o professor encontrará no “Anexo 1” do roteiro de pesquisa. Também é muito importante que o professor anote os resultados das discussões na lousa e peça a eles para registrarem no diário de bordo.

Na próxima atividade, propomos que, a partir da mediação do professor, os alunos façam o levantamento dos dados nas amostras que foram escolhidas para a pesquisa. Vejamos a seguir.

ATIVIDADE 12: Levantando os dados nas amostras escolhidas

1º passo: Caro (a) estudante, após a leitura dos textos, primeiro, grife todas as ocorrências em que o fenômeno da concordância verbal aparece na “amostra 1” (notícias) e, depois, na “amostra 2” (letras de músicas - *rap*). Para isso, inicialmente, juntamente com os seus colegas e seu professor, escolha duas cores de lápis de cor; depois grife, de uma cor as ocorrências de *variedades padrão* e, de outra, as *não-padrão*.

Em seguida, juntamente com o (a) seu (a) professor (a), numere nos textos as ocorrências que foram identificadas e depois transcreva-as para o seu diário de bordo. Ao transcrever as ocorrências, é importante que você transcreva uma parte do texto que seja suficiente para compreender a concordância verbal. Sendo assim, há situações que irão exigir de vocês copiarem trechos maiores, outros menores.

Assim, buscando organizar estas informações, sugerimos, a seguir, o modelo de um quadro que você poderá utilizar para realizar estes registros. Veja um modelo:

Quadro 1 - Levantamento das ocorrências na amostra 1 - notícias

Nº.	Ocorrências	Variedade
1		
2		
3		

Fonte: Elaborado pelas Autoras.

Quadro 2 - Levantamento das ocorrências na amostra 2 - letras de músicas (*rap*)

Nº.	Ocorrências	Variedade
1		
2		
3		

Fonte: Elaborado pelas Autoras.

Na atividade 12, propomos que, antes de pedir aos alunos que faça o levantamento dos dados nas amostras escolhidas para a pesquisa, o professor retome com os alunos a questão do “equilíbrio” das amostras, uma vez que pretendemos obter a porcentagem de uso das formas que são padrão e não-padrão da língua. Após isso, é preciso que, primeiro, o professor estabeleça/defina com os alunos os critérios para a identificação das formas padrão e não-padrão nas amostras. Cabe destacar que o professor deve observar a melhor maneira para a marcação, tendo em vista o nível de escolaridade e a realidade dos seus alunos. Para esta pesquisa, sugerimos que o professor utilize as cores de lápis de cor como forma de diferenciar as ocorrências padrão e não-padrão nas amostras. Sugerimos também que o professor peça aos

alunos para numerar todas as ocorrências que foram identificadas por eles nas amostras (primeiro na amostra 1, depois na amostra 2). Depois disso, sugerimos que o professor oriente aos alunos a transcreverem as ocorrências para os quadros “1” e “2” para facilitar a observação e análise dos dados com eles. Ao mesmo tempo, é necessário que o aluno identifique a variedade de cada uma das ocorrências que foram registradas nos quadros. É fundamental neste momento que os alunos transcrevam partes dos textos que sejam suficientes para compreender o fenômeno linguístico estudado (no caso desta pesquisa a concordância verbal). Sendo assim, haverá situações que irão exigir que eles copiem trechos maiores, outros menores.

A partir do exposto, acreditamos que é de suma importância a mediação do professor no desenvolvimento das atividades propostas, uma vez que ele contribuiativamente para que o aprendiz chegue aos objetivos da pesquisa, além de estimular a pesquisa e a construção do conhecimento científico, estimulando assim a formação de alunos pesquisadores da própria língua.

Após o levantamento e organização dos dados das amostras, na atividade seguinte (atividade 13), propomos inicialmente que, sob a orientação do professor, os alunos quantifiquem as ocorrências que apareceram em cada uma das amostras, tendo em vista cada caso (presença ou ausência de marcas de concordância verbal). Em seguida, façam o tratamento estatístico e a análise qualitativa dos dados que foram obtidos nas amostras escolhidas para a pesquisa.

ATIVIDADE 13: Quantificação, tratamento estatístico e análise qualitativa dos dados obtidos nas amostras

1º passo: Após o levantamento e organização dos dados das amostras “1” e “2” que foi realizado anteriormente, sob a orientação de seu professor, vamos, agora, quantificar as ocorrências que apareceram em cada uma das amostras para cada caso (presença ou ausência de marcas de concordância verbal). Para isso, elabore uma tabela (ou gráfico), para representar esses resultados (nesta pesquisa, utilizem números reais e percentuais). Não se esqueça de registrar no seu diário de bordo. Veja um exemplo de tabela e outro de gráfico que você poderá utilizar:

Tabela 5 - Número de ocorrências analisadas e percentual de ocorrências padrão e não-padrão nas notícias

Ocorrências de variedades padrão	Ocorrências de variedades não-padrão	Total
30 (75 %)	10 (25%)	40 (100%)

Fonte: Elaborado pelas Autoras.

Tabela 6 - Número de ocorrências analisadas e percentual de ocorrências padrão e não-padrão nas letras de músicas - rap

Ocorrências de variedades padrão	Ocorrências de variedades não-padrão	Total
10 (25 %)	30 (75%)	40 (100%)

Fonte: Elaborado pelas Autoras.

Gráfico 2 - Amostra 1 - notícias

Número de ocorrências analisadas e percentual de ocorrências padrão e não-padrão nas notícias



■ Ocorrências de variedades padrão ■ Ocorrências de variedades não-padrão

Fonte: Elaborado pelas Autoras.

Gráfico 3 - Amostra 2 – letras de música (rap)

Número de ocorrências analisadas e percentual de ocorrências padrão e não-padrão nas letras de músicas - *rap*



■ Ocorrências de variedades padrão ■ Ocorrências de variedades não-padrão

Fonte: Elaborado pelas Autoras.

2º passo: É importante partirmos de uma perspectiva que considere as normas reais observadas diante da funcionalidade da língua em diversas situações de interação e comunicação, uma vez que os usos linguísticos da concordância verbal estão condicionados a fatores internos e externos, os quais não devem ser desconsiderados.

Neste sentido, a fim de verificarmos o que condicionou/influenciou a variação na concordância verbal em textos mais e menos monitorados (neste caso, nas amostras 1 e 2), partiremos da análise de alguns fatores linguísticos e extralingüísticos. Estes fatores podem influenciar diretamente nos usos da língua e estão intimamente ligados à mudança linguística. Mas, afinal, o que são fatores *linguísticos* e *extralinguísticos*?

- **Fatores linguísticos ou internos:** está relacionado a aspectos estruturais da língua. “Como exemplos, temos a ordem dos constituintes em uma sentença, a classe das palavras envolvidas no fenômeno em variação, aspectos semânticos etc.” (COELHO et al. 2015, p. 20).

- **Fatores extralingüísticos:** está relacionado a contextos sociais (de natureza social), como sexo, faixa etária, escolaridade, classe social, dentre outros. “[...] os mais comuns são o sexo/gênero, o grau de escolaridade e a faixa etária [...]” (COELHO et al. 2015, p. 20).

Escolhemos, portanto, para a nossa pesquisa sociolinguística a análise dos seguintes fatores:

Quadro 3 - Apresentação dos fatores linguísticos e extralingüísticos

LINGUÍSTICOS	EXTRALINGUÍSTICOS
(i) tipos de verbos: ação, estado;	
(ii) posição do sujeito em relação ao verbo: anteposto ou posposto	Serão considerados para controle de fatores externos o tipo de gênero textual, sendo que um é um gênero mais monitorado (notícia) e, outro, menos monitorado (letras de músicas – rap).
(iii) presença ou ausência do sujeito: sujeito expresso, sujeito nulo.	

Fonte: Elaborado pelas Autoras.

Após você compreender o que são fatores linguísticos e extralingüísticos, analise as ocorrências de concordância verbal (padrão e não-padrão) tendo em vista os fatores linguísticos acima, registre-as na tabela que sugerimos a seguir. Utilize o seu diário de bordo para fazer a tabela e realizar os registros.

Tabela 7 - Ocorrências de concordância verbal nas amostras 1 e 2 conforme o grupo de fatores linguísticos escolhidos

GRUPO DE FATORES	FATORES	OCORRÊNCIAS/VARIÉDADE
(i) tipos de verbo	ação	
	estado	
(ii) posição do sujeito em relação ao verbo	anteposto	
	posposto	
(iii) presença ou ausência do sujeito	expresso	
	nulo	

Fonte: Elaborado pelas Autoras.

Depois de registrar as ocorrências na tabela, juntamente com o seu (a) professor (a), realize o tratamento estatístico dos dados, isto é, verifique a frequência de uso da concordância verbal (padrão e não-padrão) conforme os fatores que foram escolhidos e analisados anteriormente. Para isso, elabore uma tabela com os resultados da frequência de uso para cada fator que acabou de analisar. Veja um exemplo de tabela abaixo.

Tabela 8 - Frequência de uso da concordância verbal conforme o grupo de fatores na amostra 1 – notícias

GRUPO DE FATORES	FATORES	FREQUÊNCIA DE USO (PADRÃO)	FREQUÊNCIA DE USO (NÃO-PADRÃO)
Tipos de verbo	Ação	Nº / %	Nº / %
	Estado	Nº / %	Nº / %
TOTAL		Nº / %	Nº / %

Fonte: Elaborado pelas Autoras.

3º passo: Agora, juntamente com o (a) seu (a) professor (a), verifique o que condicionou/influenciou as ocorrências padrão e não-padrão da concordância verbal, tendo em vista os fatores extralingüísticos (neste caso, os gêneros textuais escolhidos para a pesquisa da variação do fenômeno linguístico estudado - concordância verbal). Verifique se, através dos resultados estatísticos, é possível confirmar hipóteses como:

- O gênero textual interfere no uso das marcas formais de concordância verbal?
- Quanto maior o grau de monitoramento dos textos, maior a probabilidade de marcação da concordância verbal?
- Há possibilidade de encontrarmos um maior número de ocorrências padrão da concordância verbal em textos mais monitorados?

- Os gêneros pertencentes a esfera jornalística pode ser favorecedor das ocorrências de concordância verbal padrão?
- As ocorrências não-padrão são favorecidas nos textos menos monitorados?

4º passo: Caro (a) estudante, após o levantamento dos fatores linguísticos e análise dos fatores extralingüísticos que influenciaram na marcação da concordância verbal em textos mais e menos monitorados, chegou o momento de consolidarmos os resultados da nossa pesquisa sociolinguística. Para isso, juntamente com o (a) professor (a), faça a descrição e a análise qualitativa dos resultados estatísticos obtidos nas etapas anteriores, pautando-se nas teorias que vocês já estudaram acerca do fenômeno linguístico da concordância verbal. A partir disso, busque verificar os contextos que favorecem a concordância verbal padrão e os que favorecem/condicionam as ocorrências não-padrão. Sugerimos que vocês elaborem um quadro para representar/sintetizar as análises e discussões realizadas com o (a) seu (a) professor (a). Veja uma sugestão de quadro abaixo.

Quadro 4 - Fatores que favorecem as ocorrências padrão e que favorecem/condicionam as ocorrências não padrão da CV

FATORES	CONTEXTOS FAVORECEDORES DAS OCORRÊNCIAS PADRÃO DA CV	CONTEXTOS FAVORECEDORES DAS OCORRÊNCIAS NÃO-PADRÃO DA CV
Gênero textual		
Tipos de verbo		
Posição do sujeito em relação ao verbo		
Presença ou ausência do sujeito		

Fonte: Elaborado pelas Autoras.

Depois disso, juntamente com o (a) professor (a), verifique se, através dos resultados obtidos nas etapas anteriores, é possível confirmar hipóteses como:

- Os fatores linguísticos analisados favorecem as ocorrências padrão da concordância verbal nos textos mais monitorados?
- Os fatores extralingüísticos influenciam/condicionam na variação da concordância verbal?
- O verbo de ação induz a ausência da concordância verbal?
- Quanto a posição do sujeito em relação ao verbo, quanto mais longe o verbo estiver do sujeito, maior é a chance de que a concordância não aconteça?
- A posição posposta do sujeito favorece a marcação da não concordância?
- O sujeito expresso (des) favorece a aplicação da marcação da não concordância verbal?
- A frequência de uso da concordância padrão é favorecida nos casos de sujeito nulo?
- A ausência da marca do plural no verbo favorece, no *corpus* analisado, o preenchimento do sujeito?

Na atividade 13, propomos no 1º passo, que os alunos façam a quantificação das ocorrências padrão e não padrão - presença ou ausência - que apareceram nas amostras escolhidas para a pesquisa. Para isso, sugerimos um modelo de tabela (e gráfico) que buscam representar estes resultados para cada uma das amostras. Assim, é fundamental que o professor oriente aos alunos utilizarem números reais e percentuais. Cabe ressaltar que como se trata de uma pesquisa sociolinguística destinada aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II, não será preciso utilizar um programa computacional específico para o tratamento estatístico dos dados obtidos na pesquisa, uma vez que eles irão trabalhar com estatística simples. Para isso, sugerimos que o professor mostre aos alunos como eles irão calcular as ocorrências nas amostras para registrar na tabela (no caso, poderão utilizar a regra de três simples). Outra estratégia que também pode ser utilizada pelo professor é realizar a atividade sob a mediação de um professor de Matemática.

No 2º passo da atividade 13, ao partirmos de uma perspectiva de uso da língua, propomos que os alunos, sob a mediação do professor, verifiquem o que condicionou/influenciou a variação do fenômeno linguístico (objeto de estudo) em textos mais e menos monitorado. Para isso, primeiro, o professor precisa mostrar aos alunos que a variação na língua não é algo aleatório, isto é, há “forças dentro e fora da língua que fazem um grupo de pessoas ou um único indivíduo falar da maneira como fala. A essas forças damos o nome de **condicionadores**”. (COELHO et al., 2015, p. 20, grifo do autor). Dando continuidade, antes de realizar a análise qualitativa das ocorrências, é preciso que os alunos compreendam o que é fatores linguísticos e extralingüísticos. Sugerimos, a partir dos estudos de Coelho et al (2015), que o professor explique e exemplifique estes termos, bem como também a sua importância para a pesquisa. Ao final desse passo, esperamos que os alunos percebam que ao realizarem escolhas linguísticas para a comunicação, estas precisam estar adequadas e de acordo com o contexto linguístico e extralingüístico no qual se encontram inseridos.

Após os alunos compreenderem o que são fatores linguísticos e extralingüísticos, propomos que o professor defina e apresente aos alunos os critérios de análise dos dados por meio da escolha desses fatores, a fim de verificar os que influenciaram a variação do fenômeno linguístico em textos mais e menos monitorados, usando como subsídio principal, a Sociolinguística Variacionista (cf. Labov, 2008 [1972]).

No caso desta pesquisa, tendo em vista o objeto de estudo (concordância verbal), escolhemos os seguintes fatores linguísticos: (i) tipos de verbos: ação, estado; (ii) posição do sujeito em relação ao verbo: anteposto ou posposto; (iii) presença ou ausência do sujeito: sujeito expresso, sujeito nulo; como fatores extralingüísticos serão considerados o tipo de gênero

textual, sendo que se trata de um gênero mais monitorado (notícia) e, outro, menos monitorado (letras de músicas de *rap*). Em seguida, propomos que os alunos, sob a mediação do professor, analisem as ocorrências que apareceram nas amostras tendo em vista os fatores linguísticos e extralingüísticos que foram escolhidos para a pesquisa, registrando-as na tabela que foi sugerida pela professora-pesquisadora. Para o desenvolvimento dessa ação, sugerimos que dependendo do número de ocorrências nas amostras, o professor divida a turma em grupos e divida entre eles o número de ocorrências para a análise e verificação (por exemplo, o grupo “A”, irá analisar as ocorrências de 1 a 10, Grupo B de 11 a 20 e assim sucessivamente).

Destacamos novamente que o papel do professor ao longo do desenvolvimento das atividades é muito importante, uma vez que será preciso mediar a teoria e a sua aplicação (prática). Assim, faz-se necessário que o professor acompanhe e oriente os seus alunos ao longo do processo da pesquisa. Também não se esqueça de pedir aos alunos para registrar todas as informações e discussões no diário de bordo.

Após os alunos registrarem na tabela as ocorrências de concordância verbal retiradas das amostras conforme o grupo de fatores e os fatores linguísticos escolhidos, propomos que o professor faça junto com eles, o tratamento estatístico dos dados obtidos, isto é, verifique a frequência de uso da concordância verbal para cada um dos fatores linguísticos que eles acabaram de analisar. Sugerimos uma tabela (tabela 4) para registro dos resultados da análise dos estudantes. Sugerimos que o professor utilize a lousa para anotar os resultados e, depois, peça aos alunos que registrem no diário de bordo. Cabe ressaltar que, neste momento, os alunos poderão realizar as atividades sob a mediação de um professor de matemática, que irá ajudá-los com o cálculo e a representação destes resultados nas tabelas. Contudo, não sendo possível, o (a) professor (a) deverá mostrar aos alunos como eles irão calcular a frequência de uso das ocorrências retiradas das amostras para registrar na tabela (neste caso, poderão utilizar a regra três simples).

No 3º passo desta atividade, seguimos com a verificação dos fatores. Desta vez, os fatores extralingüísticos. Primeiro, consideramos que é importante o professor explicar aos alunos que a sociolinguística estuda a língua além da sua estrutura, ou seja, ela considera também o seu lado social.

Neste momento, o professor deve mostrar a eles a importância da escolha das amostras (gêneros textuais) para a realização da pesquisa sociolinguística. É preciso que o professor deixe claro para eles que poderiam ter escolhido outros gêneros como amostras do *corpus* da pesquisa deles. Contudo, a escolha por estes gêneros se deu ao fato de que, além de estarem adequados aos anos finais do Ensino Fundamental II e já serem conhecidos por eles (ou melhor, estudados

anteriormente), é de suma importância nos pautarmos em gêneros que o objeto de estudo seja recorrente, isto é, com possibilidades de variação estilística³⁵. Neste sentido, é essencial que o professor leve os estudantes a refletirem acerca da variação estilística - uma escrita que esteja atrelada a contextos mais e menos monitorados -, mostrando, assim, as situações de usos reais da língua e a sua adequação aos diferentes contextos comunicativos.

Enfim, tendo em vista os gêneros textuais escolhidos para a pesquisa de variação do fenômeno linguístico estudado (concordância verbal), propomos que os alunos, sob a mediação do professor, verifiquem, através dos resultados estatísticos obtidos anteriormente, se é possível confirmar algumas hipóteses que foram sugeridas para este estudo (ver no roteiro).

No quarto e último passo da atividade 13, após a quantificação, tratamento estatístico dos dados e definição dos critérios de análise dos dados, o professor realizará uma análise qualitativa junto aos alunos baseadas nas teorias estudadas, com vistas a verificar o que favorece a concordância padrão e o que favorece a ocorrência não-padrão. Também, juntamente com os alunos, o professor fará um levantamento de hipóteses a respeito dos resultados obtidos nas etapas anteriores. Assim, propomos que, a partir de uma abordagem variacionista da língua, o professor faça, juntamente com os alunos, a descrição e análise qualitativa dos resultados estatísticos obtidos ao longo das etapas anteriores. Neste sentido, sugerimos um quadro - “Quadro 3” - que poderá ser utilizado com os alunos para sintetizar as análises e discussões realizadas. Neste momento da pesquisa, é possível o professor observar se, de fato, os alunos conseguiram compreender o fenômeno linguístico estudado – no caso desta pesquisa, a concordância verbal.

No “módulo III”, propomos atividades voltadas à apresentação dos resultados finais da pesquisa sociolinguística desenvolvida em sala de aula para a comunidade escolar.

ATIVIDADE 14: Apresentando os resultados da pesquisa sociolinguística

1º passo: Você já ouviu falar em pôster científico? Vamos conhecer um pouquinho sobre este gênero textual?! Leia os textos a seguir e veja o que é um pôster científico, a sua função e estrutura, e também como é feita a apresentação de um trabalho/pesquisa por meio dele.

³⁵ De acordo com Faraco e Zilles (2017, p. 21) a variação estilística ocorre quando “os falantes procuram adequar seu modo de falar às circunstâncias sociais, considerando graus de maior ou menor formalidade atribuídos socialmente à situação”.

TEXTO I

O QUE É UM PÔSTER CIENTÍFICO?

O pôster científico é um “documento gráfico de ampla dimensão usado para exibir, em um evento científico, os resultados de uma pesquisa, um relato de experiência ou um relato de caso. Composto por texto, imagens e gráficos que tornam a informação mais completa, esteticamente atrativa e facilmente legível”.

Disponível em: <http://www4.pucsp.br/ic/download/oficina/oficina-poster.pdf>. Acessado em 02/05/2021.

FUNÇÃO DO PÔSTER

O pôster tem a função de comunicar sua pesquisa a todos os interessados. É importante que você busque sintetizar as informações e os dados que são relevantes da pesquisa para serem apresentados à comunidade.

ESTRUTURA DO PÔSTER

Geralmente, o pôster apresenta a seguinte estrutura:

1. TÍTULO E NOME DO (S) ESTUDANTE (S)
2. INTRODUÇÃO
 - Seja objetivo.
 - Você deve deixar claro:
 - o problema da pesquisa;
 - os objetivos da pesquisa;
 - relevância do tema de trabalho.
3. MÉTODO
 - Você deve apresentar:
 - participantes;
 - procedimentos;
 - instrumentos;
 - critérios de análise utilizado.
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO
 - Você deve apresentar os principais resultados da pesquisa. Neste caso, podem ser utilizados gráficos e tabelas como recursos visuais.
 - A discussão deve ser breve e objetiva. Recomenda-se a disposição do conteúdo da discussão na forma de itens.
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E/OU CONCLUSÃO
 - Você deve apresentar de maneira breve;
 - Pode ser exposta em forma de texto ou de itens.

6. REFERÊNCIAS

- Você deve inserir apenas as referências que você utilizou para elaborar o seu pôster.

7. CONTATO

- Endereço de e-mail do (s) pesquisador (es).
- Nome do (a) professor (a).

Disponível em: <http://www4.pucsp.br/ic/download/oficina/oficina-poster.pdf> . Acessado em 02/05/2021. Adaptado pelas autoras.

Na figura 3, a seguir, veja um modelo esquemático de pôster:

Figura 3 - Modelo esquemático de pôster



Fonte: <http://modelodeposter.com.br/manual-poster-cientifico/> . Acessado em 02/05/2021.

APRESENTAÇÃO DO PÔSTER

“A comunicação em pôster significa a exposição sintética de um trabalho acadêmico impresso em cartaz, acompanhada de uma apresentação oral feita pelos autores ao público

que dele se aproxima. O público circula entre os pôsteres exibidos durante uma determinada sessão do evento científico e escolhe o (s) pôster (es) que deseja se aproximar. O pôster funciona na medida em que consegue atrair a atenção do público e estimular a aproximação de possíveis interessados nos temas expostos para o contato com os autores.

Normalmente, o pôster é impresso e pendurado ou colado em um local pré-determinado pelos organizadores do evento científico. Mais recentemente, é possível utilizar o pôster em mídia, exposto por projetores ou TV com tela grande.

Esta forma de apresentação é um recurso cada vez mais empregado nos eventos, por permitir o intercâmbio de várias experiências ao mesmo tempo e em um mesmo espaço, dando oportunidade para um grande número de pesquisadores informar sobre o andamento ou os resultados de seus trabalhos". Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/gestaopublica/images/phocadownload/materialdidatico/como_elaborar_pster.pdf. Grifos dos autores. Acessado em 02/05/2021. Adaptado pelas autoras.

TEXTO II:

Gênero: Pôster Científico

**SOPRO MÁGICO:
DESCOBRINDO OS SEGREDOS DO
OXIGÊNIO**

Autores:
Alunos do 5º ano "C" (E. M. F. B. F.)
Orientadora:
Aylizara P. Reis (UFT/CAPES/SEMED Araguaína);

INTRODUÇÃO: Esta pesquisa foi obtida com os alunos do 5º ano "C" de uma escola municipal da cidade de Araguaína. O nosso objetivo foi verificar como se enche uma bexiga sem usar o ar obtido pelo sopro ou pela bomba de oxigênio.

JUSTIFICATIVA: Esta investigação surgiu devido o interesse de se descobrir como se enche o balão sem utilizar o ar da boca ou de uma bomba. Por isso, levamos para a sala de aula materiais como garrafa pet, funil, balde, água quente e água natural.

METODOLOGIA:

Materials utilizados:

1 bexiga
1 garrafa pet
1 funil
1 balde
Água quente
Água natural

Procedimentos:
Pedimos um adulto para ferver a água e em seguida utilizamos um funil para colocá-la dentro da garrafa pet, esperamos alguns segundos e retiramos a água do litro. Colocamos o balão na boca da garrafa e dentro de uma água fria. Esperamos alguns minutos para o balão encher.

RESULTADO: A experiência nos permitiu descobrir que o balão encheu porque o ar que está fora é maior que a quantidade que está dentro.

CONCLUSÃO: Nosso resultado não foi positivo porque utilizamos uma garrafa pet em vez de uma garrafa de vidro e não colocamos a quantidade de água suficiente. Isso nos fez perceber a importância de se cumprir as etapas de uma experiência para que ela dê certo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

Sopro Mágico. Disponível em: <http://professoraverdeedu.blogspot.com.br/2012/09/experiencias-de-ciencias-para-criancas.html>. Acesso em 20/06/2016.
Enche bexiga sem soprar: experiência de física. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qpt3qVtCA>

Fonte: REIS, (2016).

Após você ler os textos acima, reflita juntamente com o (a) seu (a) professor (a) acerca das questões a seguir:

- Você já viu em algum lugar esse tipo de texto? (*Resposta pessoal: Espera-se que o aluno traga à tona os seus conhecimentos de mundo acerca do gênero*).

- Onde você acha que podemos encontrar esse tipo de texto? (Sugestão de resposta: *Em locais diversos onde haja a apresentação de pesquisas, seminários, exposição de produtos, palestras ou eventos*).
- Na sua opinião, por que esse tipo de texto foi escrito nesse formato? (Sugestão de resposta: *Esse texto foi escrito neste formato a fim de facilitar a visualização e também a divulgação das informações*).
- Quais as seções que compõem o texto II? (Sugestão de resposta: *O texto acima está distribuído em algumas seções, a saber: introdução, justificativa, metodologia, resultado, conclusão e referências bibliográficas*).
- Pesquise no dicionário o significado das palavras abaixo:
 - a) Metodologia: (Sugestão de resposta: *Me. to. do. lo. gi. a sf. Conjunto de métodos, regras e postulados utilizados em determinada disciplina, e sua aplicação. § me. to. do. ló. gi. co. adj.*).
 - b) Método: (Sugestão de resposta: *Mé. to. do sm. 1. Procedimento organizado que conduz a um certo resultado. 2. Processo ou técnica de ensino. 3. Modo de agir, de proceder. 4. Regularidade e coerência na ação. 5. Tratado elementar*).
- Além do texto, que outras informações estão presentes no banner? (Sugestão de resposta: *Além da parte textual, o pôster apresenta a parte gráfica, que serve para auxiliar na compreensão das informações e o slogan dos principais envolvidos*).
- Qual foi o problema que gerou a pesquisa? (Sugestão de resposta: *Devido ao interesse de se descobrir como se enche o balão sem usar o ar da boca ou de uma bomba*).
- Quais os resultados da pesquisa que a turma de alunos alcançou com a pesquisa no texto II? (Sugestão de resposta: *Permitiu que os alunos descobrissem que o balão encheu porque o ar que está fora é maior que a quantidade que está dentro*).

REIS, (2016). Adaptado pelas autoras, grifo nosso. p. 158/161.

2º passo: Caro (a) estudante, agora chegou o momento produzir um pôster científico. Sob a orientação/mediação do (a) seu (a) professor (a), elaborem, coletivamente, um pôster para apresentar à comunidade escolar os resultados da pesquisa sociolinguística que vocês realizaram acerca do fenômeno linguístico da concordância verbal. **Alunos (a), é fundamental que você siga as orientações/instruções do (a) seu (a) professor (a) para a elaboração do pôster.**

3º passo: Por meio do pôster, apresente os resultados da pesquisa à comunidade escolar. Fiquem atentos aos elementos paralingüísticos (tais como: tom e volume de voz, pausas e hesitações) e cinésicos (por exemplo: postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, modulação de voz e entonação, entre outros).

Para a apresentação dos resultados da pesquisa, sugerimos ao professor que faça por meio de um pôster científico. É de suma importância que este seja adaptado conforme o nível de aprendizagem e a realidade dos seus alunos, bem como também observando os recursos didáticos disponíveis no âmbito escolar. A escolha pelo pôster se deu devido a necessidade de

utilizarmos um gênero que fosse possível demonstrarmos os resultados da pesquisa sociolinguística realizada pelos estudantes. Assim, ao partirmos do letramento científico, o gênero surgiu a partir da necessidade e não o contrário, isto é, não buscamos criar situações para trabalhar o gênero pôster, mas sim utilizamo-nos das situações para poder produzi-lo.

Acreditamos que, certamente, os alunos nunca viram ou ouviram falar desse gênero textual. Assim, com vistas ao letramento científico, faz-se necessário que o pôster seja confeccionado sob a mediação do professor. Portanto, propomos neste módulo um passo a passo destinado ao professor, no intuito de facilitar o desenvolvimento das atividades propostas. Primeiro, o professor deve mostrar aos alunos o que é um pôster científico e para que ele serve e, só após isso, iniciar com os alunos o processo de produção. É fundamental que o pôster seja elaborado nos moldes das orientações da Associação Brasileira de Normas Técnicas³⁶ (ABNT). Para isso, é preciso que o professor oriente e acompanhe a elaboração junto aos estudantes.

Nesse módulo, na atividade 14, propomos que, inicialmente, o professor leve os alunos a conhecerem e compreenderem o gênero pôster. Para isso, sugerimos que o professor explique/mostre aos alunos o que é um pôster científico, a sua função e estrutura, e também como é feita a apresentação de um trabalho/pesquisa por meio dele. Sugerimos também que, se for possível, o professor verifique nos centros universitários se haverá algum evento em que a apresentação se dará por meio de pôster científico para que os alunos possam participar e, assim, possam se apropriar melhor da estrutura, da linguagem, elementos paralinguísticos e cinésicos, etc. Outra sugestão é que o professor convide um (a) aluno (a) universitário para fazer a apresentação de um pôster científico para os alunos.

Após os alunos conhecerem e compreenderem o gênero textual, propomos no 2º passo, que os alunos, sob a mediação do professor, elaborem, coletivamente, um pôster científico para apresentar à comunidade escolar os resultados da pesquisa sociolinguística que eles fizeram. Sugerimos que o professor siga as orientações da ABNT, fazendo a transposição didático-metodológica conforme a realidade e nível de aprendizagem dos seus alunos. Sugerimos também que antes de iniciar a produção do pôster com os alunos, o professor leia o seguinte material: “Como elaborar um pôster”, disponível em https://www.ufrb.edu.br/gestaopublica/images/phocadownload/materialdidatico/como_elaborar

³⁶ É uma entidade privada sem fins lucrativos, responsável pela normatização técnica no Brasil. As normas, baseadas em padrões internacionais, são usadas para uniformizar a apresentação de trabalhos científicos no país, de forma que facilite a leitura e compreensão das diversas pesquisas realizadas.

ar_pster.pdf. Para a produção do pôster, é importante que o professor utilize a lousa para anotar as discussões e resultados da pesquisa sociolinguística que os alunos realizaram.

Entretanto, caso não seja possível fazer a impressão do pôster em uma gráfica ou na escola para os alunos apresentarem, o professor poderá adaptar e utilizar os recursos didáticos disponíveis na escola, como a cartolina, papel cartão, entre outros. Outra maneira, é criar o pôster no *powerpoint* para apresentar à comunidade escolar. Neste sentido, deixamos a sugestão de um vídeo que o professor pode utilizar para mostrar aos alunos como criar um pôster no *powerpoint*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zGxkiU3FTIY>. Acessado em 02/05/2021.

Para finalizar, no 3º passo dessa atividade, propomos que o professor converse com a equipe diretiva da escola e aproveite a reunião de pais para apresentar os resultados da pesquisa dos alunos. Outra sugestão é marcar um evento específico para a divulgação da pesquisa com a direção escolar. Também é de suma importância o professor orientar aos alunos sobre como realizar a apresentação oral de um trabalho científico.

No ”Apêndice A”, o professor encontra a sugestão de um passo a passo para o desenvolvimento das atividades que foram propostas nos módulos I, II e III. Também disponibilizamos, no ”Apêndice B”, o ”Caderno de atividades do estudante”, no intuito de contribuir/facilitar para o desenvolvimento da pesquisa sociolinguística na sala de aula.

É importante deixar claro que a avaliação ao longo da aplicação das atividades dever ser uma ação contínua e cuidadosa, onde o docente deve ficar atento aos comentários realizados pelos estudantes no decorrer das diversas discussões e reflexões provocadas pelas atividades didáticas propostas. É preciso que o professor se atente também à postura, envolvimento e participação de todos os alunos frente às atividades. Salientamos também que, antes do desenvolvimento das atividades com os estudantes, é fundamental que o professor esclareça suas dúvidas, leia e aprofunde seus conhecimentos acerca dos conteúdos que serão abordados junto aos alunos em sala de aula. Para isso, é muito importante que o professor realize pesquisas em diferentes fontes (livros, internet, gramáticas, etc.). Nesse sentido, acreditamos, que, além do aluno, é preciso também, que o professor seja pesquisador da própria língua, para que, assim, aja um ensino da língua de forma mais dinâmica e significativa. Também, para auxiliar o professor na avaliação e verificar o que as habilidades que os alunos conseguiram consolidar, propomos um exemplo de ”Relatório do aluno para avaliar o módulo” que pode ser aplicado ao final de cada módulo e/ou etapa da pesquisa sociolinguística.

5.1 METODOLOGIA DE ANÁLISES DE DADOS

A partir do *corpus* que será elaborado pela professora pesquisadora, um fenômeno linguístico variável, será pesquisado e estudado com a turma – de maneira quantitativa e qualitativa. A coleta de dados será realizada por meio de textos mais e menos monitorados, a saber: gênero textual notícia de uma revista de conteúdo científico e letras de músicas de *rap*.

Desse modo, baseadas na Sociolinguística Variacionista (cf. LABOV, 2008 [1972]), trabalharemos com dados da língua escrita, a partir de uma abordagem reflexiva à luz das contribuições da Sociolinguística Educacional e do Letramento Científico, no intuito de fazer com que os alunos reflitam sobre uma escrita que esteja atrelada a um gênero musical e também a uma escrita jornalística, mostrando que o gênero se adequa ao público, podendo haver variação de estilo (ser mais ou menos monitorado). Assim, acreditamos que é importante os alunos perceberem que a língua em uso, materializada em dados escritos, pode ser objeto de estudo científico.

Nesse sentido, cabe destacar que os dados linguísticos serão tabulados; um tratamento estatístico dos dados será realizado junto aos alunos, aproveitando, dessa forma, os conhecimentos que eles já possuem acerca desse conhecimento matemático. Pretendemos, também, implementar uma parceria com o professor de Matemática, a fim de que este possa auxiliar nesta etapa da pesquisa e, dessa forma, promover uma atividade transdisciplinar no âmbito da pesquisa sociolinguística. Os números de ocorrências serão registrados e quantificadas pelos alunos tendo em vista as formas padrão e variáveis. Posto isso, acreditamos que a elaboração dessas tabelas e/ou gráficos, bem como a interpretação desses dados são primordiais para o desenvolvimento da pesquisa sociolinguística.

Portanto, os resultados obtidos nas atividades propostas por meio da pesquisa sociolinguística, além da avaliação contínua realizada ao longo do desenvolvimento das atividades, com registro em diário de bordo, irão colaborar para verificarmos se, de fato, os objetivos da pesquisa em questão foram alcançados de maneira satisfatória. Ou seja, é essencial sabermos se, de fato, a pesquisa em questão colaborou para o letramento científico, o desenvolvimento da competência comunicativa destes participantes e se houve contribuições para a formação de sujeitos críticos e reflexivos. Esperamos também que os discentes percebam as variedades em uso da língua e, dessa forma, sejam capazes de (re)conhecer e respeitar a diversidade de usos, adequando assim, aos contextos em que se encontrarem inseridos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que desenvolvemos nos ofereceu condições para verificarmos a importância e a necessidade de se inserir nas aulas de língua portuguesa na educação básica, atividades pautadas na língua em uso. Nesse sentido, tendo em vista o principal objetivo deste trabalho, a saber: a partir da transposição didática do modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (cf. LABOV, 2008 [1972]), conceber uma proposta didática dinâmica e inovadora, por meio do desenvolvimento da pesquisa sociolinguística em sala de aula, voltada a estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental II, acreditamos ter conseguido criar atividades que atendessem a tal objetivo.

Acreditamos que nossa proposta didática possui subsídios teóricos e orientações práticas que contribuem, de fato, para promover um estudo analítico e reflexivo acerca da língua portuguesa, ao mesmo tempo que colabora com o desenvolvimento do letramento científico de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II. Dessa forma, nossa pesquisa se destaca, também, por oferecer alternativas didáticas aos professores de língua portuguesa da educação básica que visam substituir o modelo de ensino mecanicista e tradicional de língua que se é praticado na maioria das escolas brasileiras, além de contribuir para a formação de alunos pesquisadores da própria língua, oportunizando, concomitantemente, o tão desejado protagonismo juvenil no espaço escolar.

Considerando não só o panorama atual de ensino da língua portuguesa, mas também a realidade social e educacional dos nossos alunos, ao longo deste trabalho buscamos responder às seguintes questões propostas nesta pesquisa:

- a) O letramento científico pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental por meio da pesquisa científica em sala de aula?
- b) O desenvolvimento da pesquisa sociolinguística em sala de aula pode favorecer o desenvolvimento da competência comunicativa dos falantes?

Diante de tais questionamentos, pudemos perceber que a pesquisa sociolinguística em sala de aula pode contribuir, de fato, com as práticas docentes, através da participação dos estudantes envolvidos como pesquisadores reflexivos do uso da língua materna. Afinal, esse tipo de pesquisa oportuniza aos alunos a realização de estudos acerca da própria língua em uso, levando-os, assim, a refletirem sobre as funcionalidades dela, tendo em vista contextos mais e menos formais. Além disso, a partir da pesquisa sociolinguística em sala de aula é possível os alunos verificar como um dado fenômeno variável da língua se comporta em gêneros que

demandam maior ou menor monitoramento, levando-os, dessa forma, a refletirem também a respeito da variação estilística da língua.

Cabe salientar que assim como a escolha do *corpus* para o desenvolvimento da pesquisa sociolinguística é de suma importância em uma pesquisa de natureza descritiva, o mesmo acontece quando levamos a pesquisa sociolinguística para a sala de aula. E isso não se deve apenas ao fato de buscar por um gênero que favoreça a ocorrência do fenômeno variável eleito como objeto de estudo, mas também porque através dos gêneros escolhidos para a pesquisa em sala de aula, é possível que os estudantes reflitam acerca do fenômeno em variação, percebendo que a depender do texto, do autor, da temática, diferentes variedades da língua podem ser usadas. O que favorece um olhar mais sensível para a questão da variação linguística, bem como a reflexão acerca da adequação linguística.

Em nossa pesquisa, através de dados escritos da língua em uso, materializados por meio de gêneros textuais com estilos de escrita mais e menos monitoradas, buscamos desmitificar/quebrar as noções de “certo” e “errado” dos usos linguísticos, levando, assim, os alunos a compreenderem o caráter social, heterogêneo e variável da língua portuguesa em uso, colaborando, também, para o desenvolvimento da competência comunicativa deles. Afinal, um falante que possui uma consciência linguística bem desenvolvida, atento à heterogeneidade da língua, possui mais recursos para desenvolver habilidades linguísticas diretamente atreladas ao desenvolvimento de sua competência comunicativa.

Cabe ressaltar que ao longo da construção da proposta de intervenção didática desta pesquisa, percebemos a importância da elaboração de materiais didáticos voltados para o trabalho pedagógico que contemple o desenvolvimento do letramento científico no espaço escolar. Nesse sentido, nossa pesquisa se destaca por propor atividades que oportunizam esse tipo de letramento, ao mesmo tempo em que viabiliza um aprendizado do fenômeno da variação linguística de maneira palpável, transcendendo a abordagens meramente teóricas, frágeis e limitadas que, em geral, são trazidas pelos livros didáticos, nos quais tal fenômeno, por vezes, é reduzido a discussões e exemplos de variação regional, os quais, em alguns casos, acabam reforçando estereótipos que colaboram para reforçar preconceitos linguísticos.

Outro ponto que gostaríamos de destacar é que para a elaboração da proposta didática apresentada nesta dissertação, a professora-pesquisadora encontrou vários desafios. Como professora de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental II há mais de dez anos, um desses desafios (e talvez o principal deles), foi a escassez de saberes acerca dos estudos sociolinguísticos, o que demandou diversas pesquisas e leituras teóricas acerca do objeto de estudo. Isso nos fez perceber que para que seja possível oferecer um ensino contextualizado e

reflexivo da língua materna, considerando as profícias contribuições da Sociolinguística ao ensino de língua portuguesa, acreditamos ser fundamental que seja oferecido, seja através da Secretaria Estadual de Educação ou outros programas de aperfeiçoamento profissional, cursos de formação continuada e/ou profissional destinados a professores da educação básica, visando assim a atualização docente.

Isso porque muitos professores nunca tiveram e continuam sem ter acesso a uma formação sociolinguística que lhes habilite a trabalhar a língua em sala de aula a partir de seus usos, de forma analítica e reflexiva, cotejando tais usos com as prescrições da gramática normativa. Portanto, acreditamos que a formação continuada e/ou profissional tem muito a oferecer no processo de ensino da língua materna, uma vez que possibilita ao professor melhorar cada vez mais as suas práticas pedagógicas. Criar materiais didáticos inovadores ou mesmo documentos oficiais norteadores do ensino, como a Base Nacional Comum Curricular que orienta para um ensino de língua pautado na língua uso, contemplando os fenômenos da variação linguística e seus impactos linguísticos e sociais não são suficientes para mudar a abordagem tradicional do ensino de língua portuguesa vigente em nosso país há décadas. É necessário capacitar os professores para essa nova forma de ensinar.

Sabemos que traçar novos caminhos e novas abordagens para o ensino da Língua Portuguesa não é uma tarefa fácil, mas esperamos ter contribuído para a prática docente de muitos, e esclarecemos que, pretendemos, brevemente, colocar em prática a presente proposta didática e, em outros momentos possíveis, compartilhar os seus resultados.

Por fim, diante de uma pesquisa desenvolvida para o Mestrado Profissional, tendo em vista as discussões que foram realizadas no decorrer deste trabalho, concluímos nossos estudos acreditando ter gerado contribuições à melhoria do ensino língua portuguesa no âmbito da educação básica, para além do que esperávamos, inicialmente. Esta investigação atingiu de forma direta (e profunda) a visão da professora-pesquisadora em relação ao ensino da língua portuguesa em sala de aula, gerando uma transformação docente que certamente irá reverberar ao longo de uma trajetória profissional que já se mostra outra.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alessandra Preussler de. **A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS.** 2006. 159f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2006. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7627>. Acesso em: 12/02/2021.
- ANTUNES, Irandé Costa. **Muito além da gramática:** por um ensino sem pedras no caminho. Belo Horizonte: Parábola, 2007.
- ANTUNES, Irandé Costa. **Língua, texto e ensino:** outra escola possível. 1^a Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BAGNO, Marcos. **Língua, história e sociedade:** breve retrospecto da norma-padrão brasileira. In: BAGNO, Marcos (Org.). Linguística da norma. São Paulo: Loyola, 2002.
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na Escola o que é como se faz.** 19 ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso:** Por uma pedagogia da variação linguística. 2^a ed. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico:** o que é, como se faz? São Paulo: Loyola, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos:** a variação linguística no ensino de português. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa.** 37.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nóis chegemo na escola, e agora? Sociolinguística e educação.** 2^a ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Por que a escola não ensina gramática assim?** 1^a ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 292 p, 1988.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia Digital do PNLD 2017** - FNDE. Portal MEC. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didático/livro-didático-editais/item/6228-edital-pnld-2017>. Acesso em: 28/07/2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEF, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

BRASIL. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

BRASIL. **Plano Nacional da Educação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>>. Acesso em: 03 de maio de 2019.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

COELHO, Izete Lehmkuhl.; GÖRSKI, E. M.; NUNES de SOUZA, C. M. N e MAY, G. H. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COSTA, A. C. G. **Tempo de servir**: o protagonismo juvenil passo a passo; um guia para o educador. Belo Horizonte: Universidade, 2001.

COSERIU, Eugênio. **Teoria da linguagem e linguística geral**: cinco estudos. Rio de Janeiro: Presença, (1979).

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis Felipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. Ed. - Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

CYRANKA, Lúcia F. Mendonça. A pedagogia da variação linguística é possível? In: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (orgs.) **Pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2015. 320 p.

DANTAS, Lys M. V; OLIVEIRA, Adriano A. **Como elaborar um pôster acadêmico**: Material didático de apoio à vídeo-dica Pôster Acadêmico. Projeto de Extensão UFRB. Cachoeira: UFRB, 2015. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/gestaopublica/images/phocadownload/materialdidatico/como_elaborar_pster.pdf. Acessado em 02/05/2021.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M.(org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 37-61.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria. **Pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2015. 320 p.

FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (Orgs.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 19-30.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria. **Para conhecer norma linguística**. SP: Contexto, 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1984.

FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo gramática?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GERALDI, João Wanderley. **Concepções de linguagem e ensino de português**. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). O texto na sala de aula: leitura & produção. 2 ed. Cascavel: Assoeste, 1984, p. 41-48.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, (1997)

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

JUNQUEIRA, et al. **Oficina de Pôster: 26º Encontro de Iniciação Científica**. Programa de Educação Tutorial. Psicologia PUC-SP. 49 slides. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/ic/download/oficina/oficina-poster.pdf>. Acessado em 02/05/2021.

KLEIMAN, Angela. (org.) **Os Significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, Mercado das Letras, 1995.

KLEIMAN, Angela. **Texto e Leitor Aspectos Cognitivos da Leitura**. 09ª ed. Campinas. SP: Pontes, 2004.

KOCH, Ingredore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2006.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008.

LABOV, William; et al. Blog da Parábola Editorial. **William Labov**. Texto traduzido pelo Blog da Parábola Editorial. Disponível em: <https://www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/blogger/william-labov>. Acessado em 18/06/2021.

LUCCHESI, Dante. **A variação na concordância verbal no português popular da cidade de Salvador.** Universidade Federal da Bahia. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. 2015. 39 p. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/15467/10614>. Acessado em 14/05/2021.

MARCUSHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, M. Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARINE, Talita de Cássia; BARBOSA, Juliana Bertucci. **Em Busca de um Ensino Sociolinguístico de Língua Portuguesa no Brasil**, SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 19/1, p. 185-215, jun. 2016. <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2016v19n1p185>

MATEUS, Maria Helena Mira e XAVIER, Maria Francisca. **Dicionário de Termos Linguísticos.** 1ª ed. Lisboa: Cosmos, 1992.

MATHEUS, Sérgio; et al. **Preconceito Linguístico (Mimetizado).** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QLsmAGq5jZw>. Acessado em 08/12/2020.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa.** São Paulo: Contexto, 2013.

MOTTA-ROTH, Désirée. **Letramento Científico:** sentidos e valores. Santa Maria, RS, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/nope/article/view/3983/2352>. Acesso em 21/08/2019.

OLIVEIRA, Leandro Roque de. Emicida. **Amplifica por Emicida - Preconceito linguístico no dia a dia.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QlhsIMWT-eQ>. Acessado em 08/12/2020.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua:** leitura, produção de texto e linguagem: manual do professor. 1. Ed. São Paulo: Moderna, 2018.

PERINI, Mário A. **Gramática Descritiva do Português.** São Paulo: Ática, 2005.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** 17. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2007. 95 p.

REIS, Aylizara Pinheiro dos. **Letramento científico como prática inovadora numa escola pública araguainense.** Araguaína – TO, 2016. 230f. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/1726/1/Aylizara%20Pinheiro%20dos%20Reis%20-%20Disserta%c3%a7%c3%ao.pdf>. Acessado em 14/05/2021.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa.** 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

RUBIO, Cássio Florêncio. **A concordância verbal na língua falada na região noroeste do Estado de São Paulo.** 2008. 152 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2008. Disponível em:
http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wpcontent/uploads/2014/04/silel2009_gt_1g06_artigo_8.pdf. Acessado em 12/02/2021.

SANTOS, Renata Lívia de Araújo. **A concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió.** Maceió: UFAL. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. **Sobre a concordância de número no português falado do Brasil.** In Ruffino, Giovanni (org.) *Dialectologia, geolinguistica, sociolinguistica.(Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza)* Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509- 523, 1998. Disponível em:
<http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/scherre-naro98.pdf>. Acesso em: 12/02/2021.
<https://doi.org/10.1515/9783110934038.509>

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle:** variação lingüística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SILVA, Wagner Rodrigues. **Letramento científico na formação inicial do professor.** Revista Práticas de Linguagem. v. 6, especial, 2016. Disponível em:
<http://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2017/01/2-Artigo-Wagner.pdf>. Acesso em: 09/12/2020. <https://doi.org/10.1515/9783110934038.509>

SILVA, Wagner Rodrigues. **Educação científica como abordagem pedagógica e investigativa de resistência.** Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento.** 2^a ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento.** 6^a ed. São Paulo: Contexto, 2011. 123 p.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 2007.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (Orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso.** São Paulo: Contexto, 2007.
<https://doi.org/10.35520/diadorim.2007.v2n0a3858>

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa.** 2. ed. reimpr. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/ UFSC, 2013. 134 p.: il. Disponível em:
http://arquivos.eadadm.ufsc.br/EaDADM/UAB_2014_2/Modulo_1/Metodologia/material_didatico/Livro%20texto%20Metodologia%20da%20Pesquisa.pdf. Acessado em 25/02/2021.

APÊNDICE A – Roteiro comentado de pesquisa sociolinguística em sala de aula

PROFA. JAQUELINE FREITAS DA SILVA
PROFA. DRA. TALITA DE CÁSSIA MARINE

**ROTEIRO COMENTADO
DE PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA
EM SALA DE AULA**

Componente curricular:
Língua Portuguesa

Anos Finais do
Ensino Fundamental II

**MANUAL DO
PROFESSOR**



Profa. Jaqueline Freitas da Silva

Possui graduação em Letras (Licenciatura) com habilitação em Português, Inglês e respectivas literaturas pela UNIPAM/Patos de Minas (2007). Concluiu graduação em Letras (Licenciatura) com habilitação em Espanhol pela UFU/Uberlândia (2016). Realizou Pós-graduação (*lato sensu*) em Psicopedagogia (2009); Inspeção Escolar (2011); e Educação Especial e Inclusiva (2019). Foi diretora na "Escola Estadual João Pereira Brandão" - Varjão de Minas/MG (2016 - 2018). Professora de Português e Inglês na "E. E. João Pereira Brandão" desde 2008. Aluna do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETTRAS) da UFU/Uberlândia (2021) - financiado pela Capes. Sua atual pesquisa é voltada para a área de ensino de língua portuguesa na Educação Básica, baseada pelas perspectivas da Sociolinguística Educacional, Pedagogia da Variação Linguística e também pelas contribuições do Letramento Científico.

Profa. Dra. Talita de Cássia Marine

Possui graduação em Letras (Licenciatura e Bacharelado) com habilitação em Português e Alemão pela UNESP/Araraquara (2001). Realizou Mestrado (2004) - fomentado pela Capes - e Doutorado (2009) - fomentado pelo CNPq - em Linguística e Língua Portuguesa na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus Araraquara, com estágio PDEE (2006) - financiado pela Capes - na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) e no Centro de Linguística da mesma universidade (CLUL). Em 2020, concluiu o seu pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins, Campus Araguaína/ TO. Foi professora de língua portuguesa na Educação Básica por mais de 10 anos e atualmente é professora associada nível I do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL-UFU), atuando também no Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETTRAS) como professora permanente, orientando pesquisas na linha de pesquisa 1 - Estudos da Linguagem e Práticas Sociais. Tem desenvolvido pesquisas voltadas para a área de ensino de língua portuguesa, embasadas pela perspectiva da Sociolinguística Educacional, da Pedagogia da Variação Linguística e também pelas contribuições do Letramento Científico no âmbito da Educação Básica. Atuou como avaliadora e também como coordenadora adjunta da área de língua portuguesa em vários processos avaliativos de obras didáticas do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD-MEC).

Componente curricular:

Língua Portuguesa

Roteiro comentado de pesquisa sociolinguística em sala de aula

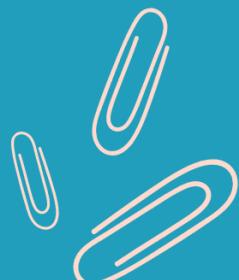
MANUAL DO PROFESSOR

Anos Finais do Ensino Fundamental II

Uberlândia (2021)

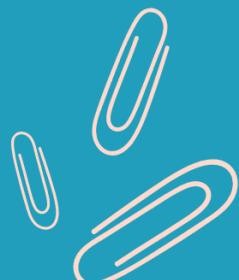
SUMÁRIO

- 06 APRESENTAÇÃO**
- 12 MÓDULO I**
INTRODUÇÃO: RODA DE CONVERSA
- 16 ATIVIDADE 1**
SONDAGEM
- 17 ATIVIDADE 2**
PRIMEIRAS IMPRESSÕES SOBRE PESQUISA
- 18 ATIVIDADE 3**
CONHECENDO A PESQUISA CIENTÍFICA
- 21 ATIVIDADE 4**
AMPLIANDO OS CONCEITOS SOBRE PESQUISA CIENTÍFICA
- 22 ATIVIDADE 5**
DESPERTANDO A CURIOSIDADE



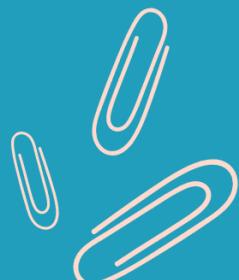
SUMÁRIO

- 27 ATIVIDADE 6**
EXEMPLIFICANDO AS VARIAÇÕES DA
LÍNGUA PORTUGUESA
- 31 ATIVIDADE 7**
AMPLIANDO CONCEITOS: NORMA CULTA
E NORMA POPULAR
- 36 AVALIAÇÃO DO MÓDULO I**
- 39 MÓDULO II**
DESENVOLVIMENTO: A PESQUISA
SOCIOLINGUÍSTICA EM SALA DE AULA
- 46 ATIVIDADE 8**
CONHECENDO A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA
- 48 ATIVIDADE 9**
PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM AÇÃO
- 51 ATIVIDADE 10**
ESTUDANDO A CONCORDÂNCIA VERBAL



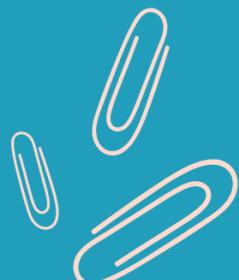
SUMÁRIO

- 58 ATIVIDADE 11**
DEFININDO E ORGANIZANDO O "CORPUS"
DA PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA
- 59 ATIVIDADE 12**
LEVANTANDO OS DADOS DAS AMOSTRAS
ESCOLHIDAS
- 60 ATIVIDADE 13**
QUANTIFICAÇÃO, TRATAMENTO
ESTATÍSTICO E ANÁLISE QUALITATIVA
DOS DADOS OBTIDOS NAS AMOSTRAS
- 66 AVALIAÇÃO DO MÓDULO II**
- 68 MÓDULO III**
CONCLUSÃO: APRESENTAÇÃO DO RESULTADO
FINAL DA PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA



SUMÁRIO

70	ATIVIDADE 14 APRESENTANDO OS RESULTADOS DA PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA
76	AVALIAÇÃO DO MÓDULO III LEVANTANDO OS DADOS DAS AMOSTRAS ESCOLHIDAS
78	 DESCRIÇÃO DAS HABILIDADES (SEGUNDO A BNCC)
82	REFERÊNCIAS
86	ANEXOS
100	APÊNDICES



Apresentação

Caro (a) colega professor (a),

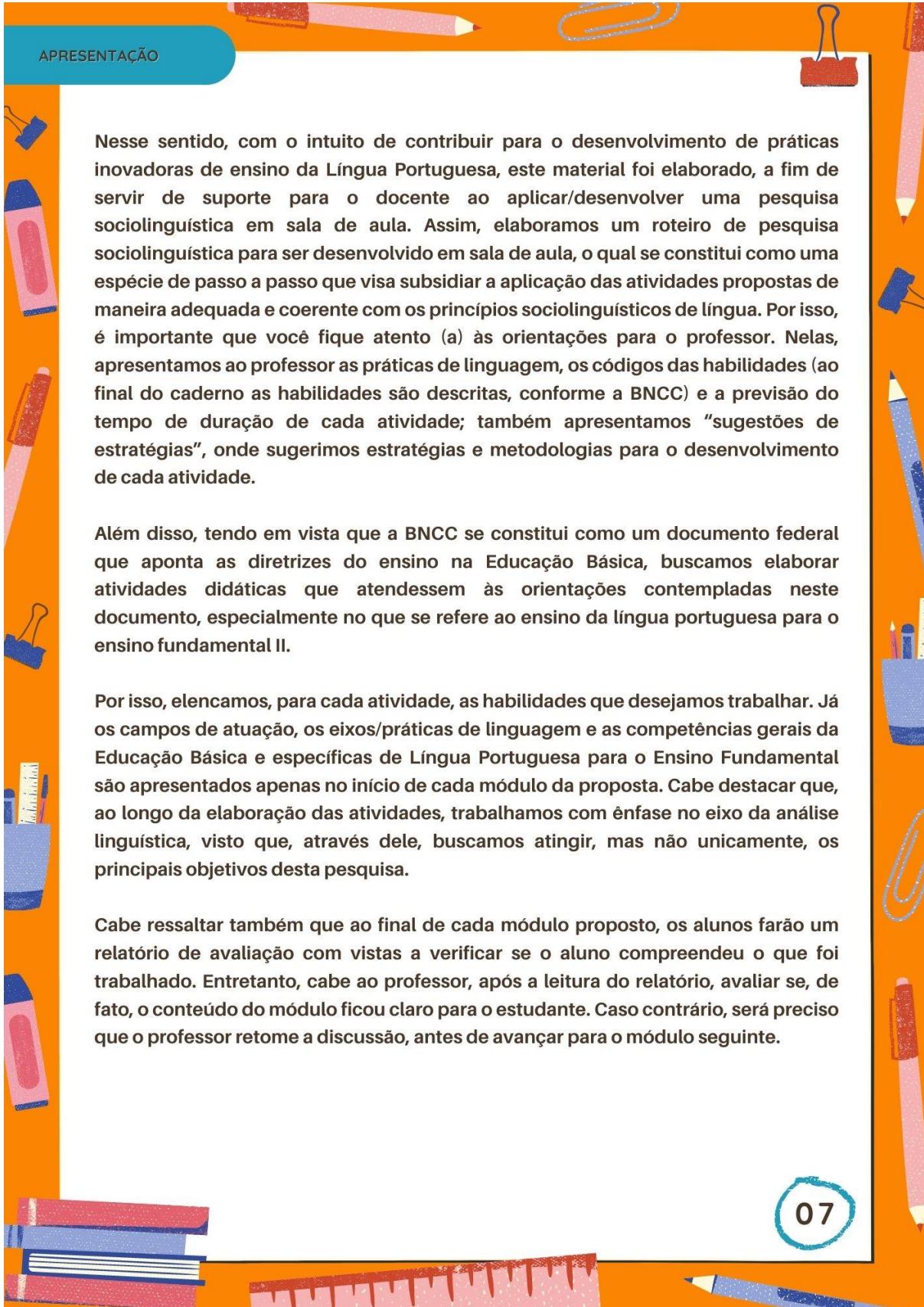
Este “Roteiro comentado de pesquisa sociolinguística em sala de aula” é fruto de uma pesquisa realizada para o Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), intitulada como “A pesquisa sociolinguística na Educação Básica: contribuições para a formação aluno-pesquisador da própria língua”. Essa pesquisa, bem como os materiais que ora concebemos como produtos (“Roteiro comentado de pesquisa sociolinguística em sala de aula” e “Caderno de atividades do estudante”) foram elaborados pela professora Jaqueline Freitas da Silva, sob a orientação da Profª. Drª. Talita de Cássia Marine (UFU).

Neste material, a partir da transposição didática do modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (cf. LABOV, 2008 [1972]), elaboramos uma sequência de atividades destinada aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II.

Por meio do desenvolvimento da pesquisa sociolinguística em sala de aula, com vistas também ao letramento científico, buscamos promover um estudo analítico e reflexivo acerca da língua portuguesa, em substituição a um estudo meramente metalinguístico e descontextualizado da língua, a fim de colaborar para a formação de alunos pesquisadores da própria língua à luz de um ensino-aprendizado significativo pautado na observação da língua em uso.

Para isso, a partir das contribuições do modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa, bem como dos estudos da Sociolinguística Educacional, da Pedagogia da Variação Linguística e do Letramento Científico, procuramos responder às seguintes questões:

- a) O letramento científico pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental por meio da pesquisa científica em sala de aula?
- b) O desenvolvimento da pesquisa sociolinguística em sala de aula pode favorecer o desenvolvimento da competência comunicativa dos falantes?



APRESENTAÇÃO

Nesse sentido, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento de práticas inovadoras de ensino da Língua Portuguesa, este material foi elaborado, a fim de servir de suporte para o docente ao aplicar/desenvolver uma pesquisa sociolinguística em sala de aula. Assim, elaboramos um roteiro de pesquisa sociolinguística para ser desenvolvido em sala de aula, o qual se constitui como uma espécie de passo a passo que visa subsidiar a aplicação das atividades propostas de maneira adequada e coerente com os princípios sociolinguísticos de língua. Por isso, é importante que você fique atento (a) às orientações para o professor. Nelas, apresentamos ao professor as práticas de linguagem, os códigos das habilidades (ao final do caderno as habilidades são descritas, conforme a BNCC) e a previsão do tempo de duração de cada atividade; também apresentamos “sugestões de estratégias”, onde sugerimos estratégias e metodologias para o desenvolvimento de cada atividade.

Além disso, tendo em vista que a BNCC se constitui como um documento federal que aponta as diretrizes do ensino na Educação Básica, buscamos elaborar atividades didáticas que atendessem às orientações contempladas neste documento, especialmente no que se refere ao ensino da língua portuguesa para o ensino fundamental II.

Por isso, elencamos, para cada atividade, as habilidades que desejamos trabalhar. Já os campos de atuação, os eixos/práticas de linguagem e as competências gerais da Educação Básica e específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental são apresentados apenas no início de cada módulo da proposta. Cabe destacar que, ao longo da elaboração das atividades, trabalhamos com ênfase no eixo da análise linguística, visto que, através dele, buscamos atingir, mas não unicamente, os principais objetivos desta pesquisa.

Cabe ressaltar também que ao final de cada módulo proposto, os alunos farão um relatório de avaliação com vistas a verificar se o aluno compreendeu o que foi trabalhado. Entretanto, cabe ao professor, após a leitura do relatório, avaliar se, de fato, o conteúdo do módulo ficou claro para o estudante. Caso contrário, será preciso que o professor retome a discussão, antes de avançar para o módulo seguinte.

APRESENTAÇÃO

É importante deixar claro que a avaliação ao longo da aplicação das atividades deve ser uma ação contínua e multifacetada, exigindo do professor um olhar atento para a participação e envolvimento dos alunos em cada etapa de cada atividade.

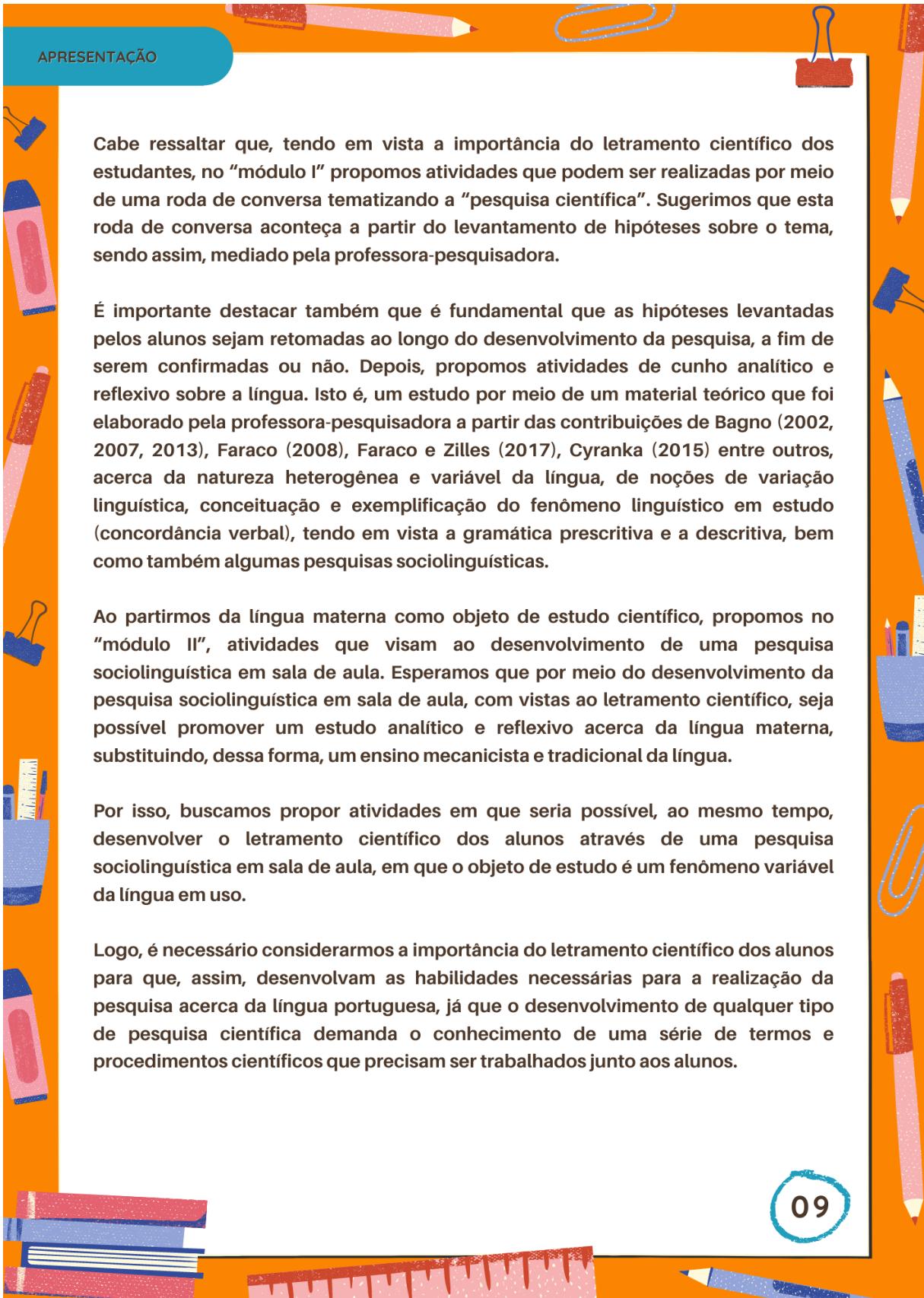
Nesse sentido, é fundamental que o docente fique atento aos comentários realizados pelos estudantes no decorrer das diversas discussões e reflexões provocadas pelas atividades didáticas propostas.

Salientamos também que, antes do desenvolvimento das atividades com os estudantes, é fundamental que o professor esclareça suas dúvidas, leia e aprofunde seus conhecimentos acerca dos conteúdos que serão abordados junto aos alunos em sala de aula. Para isso, é muito importante que você, professor, realize pesquisas em diferentes fontes (livros, internet, gramáticas etc.). Desse modo, acreditamos que, além do aluno, é preciso também, que o professor seja um pesquisador da própria língua para que, assim, um ensino de língua reflexivo, analítico possa, de fato, ocorrer de forma mais dinâmica e significativa.

Acreditamos também que por meio da pesquisa sociolinguística em sala de aula, seja possível levar os alunos a compreender não só a funcionalidade da língua em uso, mas também a sua heterogeneidade, dinamicidade e elasticidade.

Embora saibamos dos diversos desafios que são encontrados no âmbito educacional, especialmente no que se refere à falta de recursos e materiais didáticos, esperamos que este caderno de atividades, elaborado para você professor (a), possa auxiliá-lo (a) a desenvolver aulas mais reflexivas e participativas acerca da variação linguística em sala de aula.

Nessa perspectiva, ao elaborarmos a proposta didática, dividimo-la em três módulos, a saber: "Módulo I/INTRODUÇÃO: Roda de Conversa", "Módulo II/DESENVOLVIMENTO: A pesquisa sociolinguística em sala de aula" e, por fim, "Módulo III/CONCLUSÃO: Apresentação do resultado final da pesquisa sociolinguística".



APRESENTAÇÃO

Cabe ressaltar que, tendo em vista a importância do letramento científico dos estudantes, no “módulo I” propomos atividades que podem ser realizadas por meio de uma roda de conversa tematizando a “pesquisa científica”. Sugerimos que esta roda de conversa aconteça a partir do levantamento de hipóteses sobre o tema, sendo assim, mediado pela professora-pesquisadora.

É importante destacar também que é fundamental que as hipóteses levantadas pelos alunos sejam retomadas ao longo do desenvolvimento da pesquisa, a fim de serem confirmadas ou não. Depois, propomos atividades de cunho analítico e reflexivo sobre a língua. Isto é, um estudo por meio de um material teórico que foi elaborado pela professora-pesquisadora a partir das contribuições de Bagno (2002, 2007, 2013), Faraco (2008), Faraco e Zilles (2017), Cyranka (2015) entre outros, acerca da natureza heterogênea e variável da língua, de noções de variação linguística, conceituação e exemplificação do fenômeno linguístico em estudo (concordância verbal), tendo em vista a gramática prescritiva e a descritiva, bem como também algumas pesquisas sociolinguísticas.

Ao partirmos da língua materna como objeto de estudo científico, propomos no “módulo II”, atividades que visam ao desenvolvimento de uma pesquisa sociolinguística em sala de aula. Esperamos que por meio do desenvolvimento da pesquisa sociolinguística em sala de aula, com vistas ao letramento científico, seja possível promover um estudo analítico e reflexivo acerca da língua materna, substituindo, dessa forma, um ensino mecanicista e tradicional da língua.

Por isso, buscamos propor atividades em que seria possível, ao mesmo tempo, desenvolver o letramento científico dos alunos através de uma pesquisa sociolinguística em sala de aula, em que o objeto de estudo é um fenômeno variável da língua em uso.

Logo, é necessário considerarmos a importância do letramento científico dos alunos para que, assim, desenvolvam as habilidades necessárias para a realização da pesquisa acerca da língua portuguesa, já que o desenvolvimento de qualquer tipo de pesquisa científica demanda o conhecimento de uma série de termos e procedimentos científicos que precisam ser trabalhados junto aos alunos.

APRESENTAÇÃO

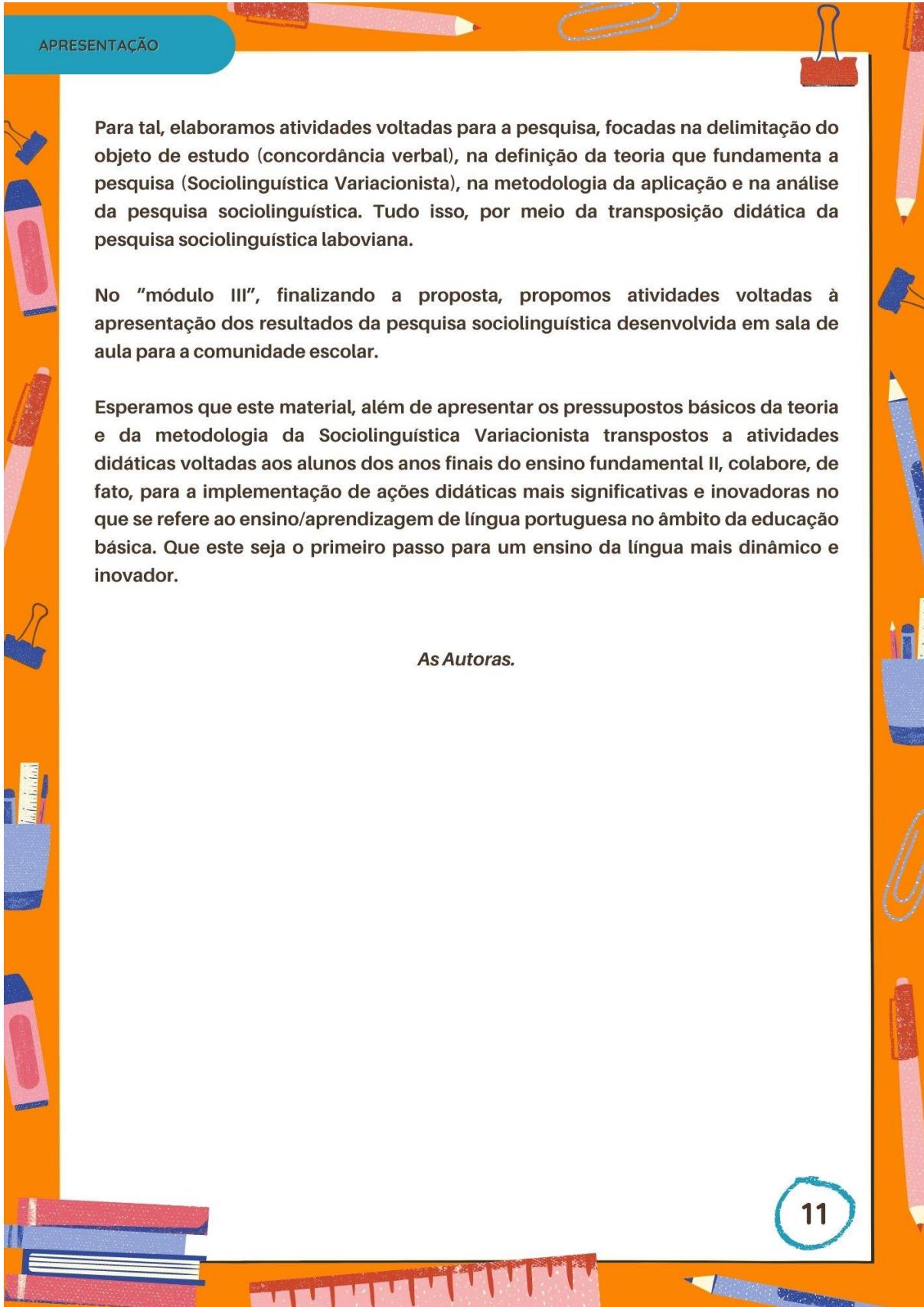
Além disso, acreditamos que, nas aulas de língua portuguesa é preciso oportunizar aos alunos meios que possibilitem a eles enxergarem a língua como objeto de estudo científico.

Tendo em vista o ensino da língua materna ao longo da educação básica, a BNCC traz o “letramento científico” apenas na área de Ciências da Natureza e também destaca como objeto de pesquisa esse componente curricular, o qual é o responsável pelo “desenvolvimento do letramento científico, que envolve a capacidade de compreender e interpretar o mundo (natural, social e tecnológico)” (BRASIL, 2017, p. 321).

Embora esse termo apareça apenas na área de Ciências da Natureza, por outro lado, há no componente de Língua Portuguesa um campo de atuação na Base diretamente ligado à pesquisa - Campo das práticas de estudo e pesquisa. Entretanto, percebemos através de várias leituras e pesquisas relacionadas ao letramento científico (como em Silva 2016 e Andrade 2003), que não há referências, de maneira explícita, à língua como objeto de estudo científico para o ensino da língua materna. Contudo, pudemos verificar que há uma estreita relação entre competências linguísticas, produção de conhecimento, pesquisa e o ensino da língua.

Diante disso, pautando-nos em Costa (2001) e Freire (2019 [1996]), buscamos elaborar atividades que oportunizem também o desenvolvimento do protagonismo juvenil no âmbito escolar.

Como forma de ensinar a língua portuguesa diferente do modelo tradicional, buscamos em nossa proposta didática seguir um novo paradigma no processo de ensino-aprendizagem: o/a professor/a como orientador/a e o/a aluno/a como pesquisador/a. Isto é, o papel do professor neste estudo é orientar os alunos, partindo das atividades propostas para o desenvolvimento da pesquisa sociolinguística em sala de aula. Dessa maneira, os alunos terão a oportunidade de olhar para a língua de uma maneira diferente, isto é, de maneira mais reflexiva.



APRESENTAÇÃO

Para tal, elaboramos atividades voltadas para a pesquisa, focadas na delimitação do objeto de estudo (concordância verbal), na definição da teoria que fundamenta a pesquisa (Sociolinguística Variacionista), na metodologia da aplicação e na análise da pesquisa sociolinguística. Tudo isso, por meio da transposição didática da pesquisa sociolinguística laboviana.

No “módulo III”, finalizando a proposta, propomos atividades voltadas à apresentação dos resultados da pesquisa sociolinguística desenvolvida em sala de aula para a comunidade escolar.

Esperamos que este material, além de apresentar os pressupostos básicos da teoria e da metodologia da Sociolinguística Variacionista transpostos a atividades didáticas voltadas aos alunos dos anos finais do ensino fundamental II, colabore, de fato, para a implementação de ações didáticas mais significativas e inovadoras no que se refere ao ensino/aprendizagem de língua portuguesa no âmbito da educação básica. Que este seja o primeiro passo para um ensino da língua mais dinâmico e inovador.

As Autoras.



MÓDULO I - Introdução

Roda de conversa

MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA

Professor (a), a fim de destacar aspectos relevantes no decorrer da intervenção, antes de iniciar as atividades propostas a seguir, sugerimos que entregue e apresente aos alunos o *diário de bordo do estudante*¹. Explore com os estudantes a sua finalidade e de que forma serão realizadas as anotações.

Neste módulo serão desenvolvidas 7 (sete) atividades, com um passo a passo para o estudante e, também, com orientações e estratégias para o professor. Sugerimos que as atividades sejam realizadas por meio de uma roda de conversa. Para a roda de conversa, o (a) professor (a) deverá organizar um espaço adequado, em que todos os alunos possam se sentar confortavelmente e consigam se ver - sugerimos dispor as carteiras em forma de círculo. Ressaltamos a importância do (a) professor (a) exercer o papel de mediador (a) na sala de aula, não apenas observando, mas também ajudando, orientando, propondo sugestões e questionamentos, elogiando, enfim, buscando, dessa forma, estimular e impulsionar a aprendizagem dos alunos.

Pautadas pela BNCC, a seguir apresentamos os campos de atuação, as competências gerais da Educação Básica e competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, os quais buscamos trabalhar ao longo deste módulo.

¹ O diário de bordo, como ferramenta metodológica, visa auxiliar o docente no desenvolvimento do letramento científico dos estudantes, podendo, desse modo, dar suporte a um processo investigativo, relacionando-o com a proposta de aprender a aprender com a pesquisa sociolinguística na Educação Básica. Como este estudo trata de uma pesquisa qualitativa, de natureza aplicada, o registro no diário de bordo irá auxiliar o docente na análise do aprendizado desses alunos acerca do letramento científico, além de permitir registrar todas as descobertas ao longo do desenvolvimento das atividades e a refletir sobre elas, em diferentes momentos da pesquisa.

MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA

CAMPOS DE ATUAÇÃO	Campo das práticas de estudo e pesquisa; Campo jornalístico-midiático; Campo artístico-literário; Campo de atuação na vida pública.
COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	<p>2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.</p> <p>3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.</p> <p>4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.</p> <p>5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.</p>

14

MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA

**COMPETÊNCIAS
GERAIS DA
EDUCAÇÃO
BÁSICA**

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

**COMPETÊNCIAS
ESPECÍFICAS DE
LÍNGUA
PORTUGUESA
PARA O ENSINO
FUNDAMENTAL**

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.
5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.

MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA

ORIENTANDO O PROFESSOR

Objetivo (s): Verificar os conhecimentos que os alunos já possuem sobre pesquisa científica.

Tempo de duração: 1 h/a de 50 minutos

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

1º Passo

- Para obter um resultado fidedigno da pesquisa, sugerimos que o questionário de sondagem seja aplicado antes do professor iniciar as discussões/reflexões sobre o que é pesquisa e, especialmente, a pesquisa científica.

- Recomendamos que o questionário não seja lido pelo (a) professor (a) e em suas orientações, seja bastante objetivo, tomando os devidos cuidados para não influenciar nas respostas dos estudantes.

Atividade 1 - Sondagem

1º passo: Aluno (a), inicialmente, você deverá responder a um questionário² de sondagem sobre pesquisa científica e a língua portuguesa. Leia com bastante atenção e responda às questões que são apresentadas.



Caro estudante,

vamos iniciar, neste momento, um estudo sobre a Língua Portuguesa como objeto de estudo científico. Entretanto, faz-se necessário estabelecermos algumas discussões e reflexões sobre o que é pesquisa e pesquisa científica. Para isso, a partir das orientações do seu professor, você deverá seguir os passos propostos ao longo de cada atividade. Vamos lá?

² O questionário elaborado e sugerido pelas pesquisadoras encontra-se no apêndice I.

MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA

Atividade 2: Primeiras impressões sobre pesquisa

1º passo: É fundamental estabelecermos algumas discussões e reflexões sobre o que é pesquisa e o que é pesquisa científica. Para isso, vamos iniciar a partir da seguinte questão:

Para você, o que é "pesquisa"?



2º passo: Agora, vamos ver algumas definições sobre o que é uma pesquisa? Vamos lá!

1 - Conforme o "Novo dicionário de Língua Portuguesa" pesquisa é a "Indagação ou busca minuciosa para averiguação da realidade; investigação, inquirição. Investigações e estudo, minudentes e sistemáticos com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a um campo qualquer do conhecimento (...)"

FERREIRA, A.B.H. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 1984.

2 - De acordo com Bagno (2005, p. 17), "pesquisa é uma palavra que nos veio do Espanhol. Este por sua vez herdou-a do latim. Havia no latim o verbo perquire, que significava "procurar; buscar com cuidado; procurar por toda parte; informar-se; inquirir, perguntar; indagar bem; aprofundar na busca".

BAGNO, Marcos. *Pesquisa na Escola o que é como se faz*. 19 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

3 - Segundo Gil (2007, p. 17), pesquisa é um "(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados".

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

ORIENTANDO O PROFESSOR

ATIVIDADE 2

Práticas de linguagem - habilidades
Oralidade: (EF69LP11), (EF96LP25)
(EF69LP26)

Leitura/Escuta: (EF69LP30)

Tempo de duração: 2 h/a de 50 minutos

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

* 1º passo

- Professor (a), aproveite este momento para apresentar aos alunos o tema da aula: escreva a palavra "PESQUISA" na lousa e deixe que os alunos falem o que já ouviram/teram sobre isso, deixe que levantem suas hipóteses antes de trabalhar os conceitos a seguir. Sugerimos também que você leve para a sala de aula dicionários de Língua Portuguesa para que eles possam pesquisar o significado do termo "pesquisa". Registre essas informações na lousa e solicite aos alunos que anotem em seu diário de bordo.

* 2º passo

- Professor (a), a partir do levantamento das hipóteses e questionamentos dos alunos, leia e discuta os conceitos sugeridos para o termo "pesquisa" e construa com eles o conceito para este termo.

MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA

ORIENTANDO O PROFESSOR

ATIVIDADE 3

Práticas de linguagem/habilidades

Oralidade: (EF69LP11),

(EF96LP25), (EF69LP26)

Leitura/Escuta: (EF69LP30)

Análise linguística: (EF69LP42)

Tempo de duração: 1 h/a de 50 minutos

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

* 1º passo

- Professor (a), antes de iniciar a atividade é importante que você levante as seguintes questões com os alunos: "Para que você acha importante a pesquisa?", "De que forma é possível aplicá-la em suas atividades?", "Com que frequência você utiliza uma pesquisa?", "Como pesquisar com segurança?".

Após os alunos apresentarem suas hipóteses, leve-os a compreenderem que a pesquisa faz parte do nosso dia a dia, tal como é assinalado por Bagno (2005). Isto é, realizamos pesquisa a todo momento, por exemplo, quando comparamos preços de um determinado produto e/ou serviço, marcas, consulta a um relógio para verificar as horas ou até mesmo antes de tomarmos qualquer decisão perante uma situação ou problema. É possível encontrá-la presente no dia a dia (nas ações mais corriqueiras), no avanço tecnológico, no desenvolvimento da ciência, ou no progresso intelectual de um indivíduo (BAGNO, 2005).

É necessário que os alunos percebam que, tal como o autor assinala, se não houver pesquisa, "todas as grandes invenções e descobertas científicas não teriam acontecido" (BAGNO, 2005, p. 19).

Mostre a eles que a pesquisa contribui para a construção do conhecimento e da ciência, isto é, a base da pesquisa é a ciência. Logo, esta traz muitos benefícios para a sociedade e, por isso, podemos dizer que é nada mais, nada menos, que um produto social.

- Para finalizar as reflexões, peça aos alunos que respondam a seguinte questão: "Você imagina quantas coisas que usa, faz e pensa vieram do conhecimento científico e da pesquisa?". Uma maneira de exemplificar isso é por meio da ferramenta Google como fonte de pesquisa que, certamente, já se encontra presente na vida deles. Você também pode mostrar aos alunos outras ferramentas que são voltadas para a pesquisa, como:

- Sweet Search (<https://www.sweetsearch.com/>) e o
- Google Acadêmico (<https://scholar.google.com/>).

Atividade 3: Conhecendo a pesquisa científica

1º passo: Aluno (a), agora, a partir das discussões e reflexões sobre os conceitos de pesquisa, vamos um pouco mais adiante. Para isso, discuta/reflita, juntamente com seu professor, as seguintes questões:

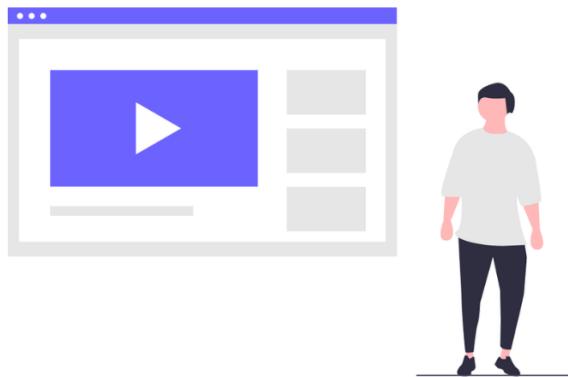


- Certamente você já ouviu falar sobre pesquisa científica. O que você sabe sobre esse assunto?
- O você entende por fazer ciência?
- Você acredita que os conhecimentos produzidos pelas ciências podem contribuir para solucionar ou aliviar problemas sociais? Levante alguns exemplos.



Atividade 3: Conhecendo a pesquisa científica

2º passo: Aluno (a), primeiramente, assista, juntamente com seu professor, ao vídeo “O mundo sem ciéncia (disponível em https://www.youtube.com/watch?v=9qnNUCl3_yM) e, juntamente com ele, construa um conceito para a palavra “ciéncia”.



SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS PARA A ATIVIDADE 3

* 2º passo

- Inicialmente, o professor deverá conduzir a discussão com os alunos fazendo com que eles compreendam, primeiro, o que é ciéncia. Sugermos que o conceito de ciéncia seja elaborado a partir do que propõe Fonseca (2002) apud GERHARDT e SILVEIRA (2009, p. 14): “A publicação de Fonseca (2002, p. 11-2) nos diz que a ciéncia é uma forma particular de conhecer o mundo. É o saber produzido através do raciocínio lógico associado à experimentação prática. Caracteriza-se por um conjunto de modelos de observação, identificação, descrição, investigação experimental e explanação teórica de fenômenos.”

O método científico envolve técnicas exatas, objetivas e sistemáticas. Regras fixas para a formação de conceitos, para a condução de observações, para a realização de experimentos e para a validação de hipóteses explicativas.

O objetivo básico da ciéncia não é o de descobrir verdades ou de se constituir como uma compreensão plena da realidade. Deseja fornecer um conhecimento provisório, que facilite a interação com o mundo, possibilitando previsões confiáveis sobre acontecimentos futuros e indicar mecanismos de controle que possibilitem uma intervenção sobre eles.”

MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS PARA A ATIVIDADE 3

* 3º passo

- Professor (a), a partir da elaboração dos conceitos de ciência e pesquisa científica, é importante também mostrar aos alunos o que não é uma pesquisa científica. Para isso, levante a seguinte questão com os estudantes: "Vocês sabem a diferença entre uma pesquisa científica e não científica?".

Após levantar a questão, deixe que eles falem o que já ouviram/leram/sabem sobre isso, deixe que levantem suas hipóteses e, em seguida, apresente a diferença entre uma pesquisa científica e uma não científica. Leve os alunos a compreenderem que a pesquisa não científica, por exemplo, acontece quando realizamos uma simples pesquisa no Google sobre maquiagem, futebol etc, diariamente.

É preciso que eles percebam as contribuições que a Ciência trouxe para nossas vidas, portanto, se torna muito difícil imaginarmos como seria a nossa vida hoje sem os inúmeros avanços que a pesquisa científica nos proporcionou.

Depois, mostre aos alunos um exemplo de uma pesquisa científica - sugerimos a partir do gênero textual artigo científico. Sugerimos que você utilize um artigo científico sobre pesquisas sociolinguísticas variacionistas sobre o fenômeno linguístico que é objeto de estudo desta pesquisa: concordância verbal. Sugermos o artigo disponível em: http://www.lleel.ufu.br/anaisdosllel/wp-content/uploads/2014/04/silel2009_gt_lg06_artigo_8.pdf.

Após apresentar o artigo científico aos alunos na íntegra, diga a eles que se trata de um gênero textual que apresenta a divulgação de uma pesquisa realizada, que ele é uma publicação com autoria declarada, que apresenta e discute métodos, técnicas, ideias, técnicas e processos nas diferentes áreas do conhecimento.

Sugerimos que você também apresente a eles a estrutura composicional do gênero (sugerimos que o professor grife com eles as partes do texto: Título, autor, resumo, introdução, pressupostos teóricos, procedimentos metodológicos e composição do corpus, análise dos resultados, conclusões, referências bibliográficas).

20

Atividade 3: Conhecendo a pesquisa científica

3º passo: Agora, vamos refletir um pouco sobre os conceitos de pesquisa científica? Discuta e reflita, juntamente com seu professor, acerca dos conceitos de "pesquisa científica" que são apresentados a seguir.

1 - De acordo com Bagno (2005, p. 18), a pesquisa científica é "a investigação feita com o objetivo expresso de obter conhecimento específico e estruturado sobre um assunto preciso".

BAGNO, Marcos. *Pesquisa na Escola o que é como se faz*. 19 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

2 - "De acordo com Fonseca (2002), (...) A pesquisa científica é o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos. Investiga-se uma pessoa ou grupo capacitado (sujeito da investigação), abordando um aspecto da realidade (objeto da investigação), no sentido de comprovar experimentalmente hipóteses (investigação experimental), ou para descrevê-la (investigação descritiva), ou para explorá-la (investigação exploratória)".

(GERHARDT; SILVEIRA. 2009, p. 36)

3 - Pesquisa científica é a aplicação prática de um conjunto de processos metódicos de investigação utilizados por um pesquisador para o desenvolvimento de um estudo. Ela caracteriza-se por ser uma investigação extremamente disciplinada, que segue as regras formais dos procedimentos para adquirir as informações necessárias e levantar as hipóteses que dão suporte para a análise feita pelo pesquisador (cientista). Através deste conjunto de procedimentos, a pesquisa científica tem como objetivo encontrar respostas para determinadas questões propostas para o desenvolvimento de um experimento ou estudo, de maneira a produzir novos conhecimentos que visem o benefício da ciência.

Disponível em: <https://www.significados.com.br/pesquisa-cientifica/>. Acesso em 19/11/2020.

- Professor (a), tendo em vista o nível de aprendizagem e realidade da turma, você pode aproveitar para mostrar aos alunos os elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais de uma pesquisa científica. Sugerimos trabalhar esses elementos a partir do quadro e esclarecimentos propostos por ZANELLA (2013, p. 76). Disponível em: http://arquivos.eadadm.ufsc.br/EadADM/UAB_2014_2/Modulo_1/Metodologia/material_didatico/Livro%20texto%20Metodologia%20da%20Pesquisa.pdf.

Destacamos que neste caso, o objetivo não é trabalhar de forma aprofundada esses elementos, mas sim, apresentá-los aos alunos para que eles possam conhecê-los. Você pode falar de forma rasa acerca de cada um e mostrar exemplos a partir do artigo científico que foi mostrado aos alunos anteriormente acerca do fenômeno linguístico sugerido.

Atividade 4: Ampliando os conceitos sobre pesquisa científica

1º passo: Aluno (a), buscando ampliar e aprofundar um pouco mais os seus conhecimentos acerca da pesquisa científica, discuta e reflita com seu professor as seguintes questões:

- O que é/pode ser objeto de pesquisa/estudo científico (o)?
- Quem pode ser um (a) cientista pesquisador (a)?
- Para você, no Brasil, há mais cientistas homens ou mulheres?



ORIENTANDO O PROFESSOR

ATIVIDADE 4

Práticas de linguagem/habilidades

Oralidade: (EF69LP11), (EF96LP25)

(EF69LP26)

Leitura/Escuta: (EF69LP30)

Tempo de duração: 1 h/a de 50 minutos

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

* 1º passo

- Professor (a), após o levantamento de hipóteses dos alunos referente à primeira questão proposta, explique a eles que a pesquisa científica surge a partir “da determinação de um objeto específico de investigação”, conforme assinala Gerhardt e Silveira (2009).

Esclareça que o objeto de estudo (ou “problema”/questão de uma pesquisa) é a etapa na qual o pesquisador (cientista) irá decidir e delimitar o que será estudado e analisado por ele (foco, eixo central da investigação). Logo, não existe um padrão para a “determinação” do objeto de uma pesquisa científica, mas a escolha desse objeto é de fundamental importância para o pesquisador (cientista), devendo ser realizada de forma cuidadosa e pensada.

- A partir das hipóteses levantadas pelos estudantes oriundas da segunda questão sugerimos, primeiro, você diferenciar os termos cientista e pesquisador com os alunos (antes de mostrar as diferenças entre os termos, você pode perguntar aos alunos se para eles essas duas palavras significam a mesma coisa). Para mostrar a diferença entre esses termos, leve para a sala de aula dicionários de Língua Portuguesa para que eles possam pesquisar o significado. Lembrando que é importante que o (a) professor (a) solicite aos alunos para anotarem as conceituações no diário de bordo. Em seguida, a partir de uma entrevista realizada no âmbito do “Projeto Parasitologia Digital” com o professor Dr. Gilson Luiz Volpati em que ele aponta as diferenças entre pesquisador e cientista - disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gUkRt_jVMPc&feature=emb_title -, construa com os alunos os conceitos para esses termos. Baseada nas considerações do professor Dr. Gilson, sugerimos as seguintes definições:

> Pesquisador é aquele que faz pesquisa. O pesquisador gera conhecimentos que serão utilizados apenas no contexto em que se realizou a pesquisa. Por exemplo, profissionais que fazem pesquisa de opinião, pesquisas de intenção de voto, pesquisas sobre o uso de determinado produto, entre outros. Portanto, não é preciso ser cientista para isso.

> Cientista é aquele que faz pesquisa e ciência. A partir dos resultados e conclusões obtidas em uma pesquisa, o cientista constrói conhecimentos gerais acerca de determinado fato (que é discutido dentro de um corpo teórico maior, procurando avançar em um determinado campo do conhecimento), sendo que tais conhecimentos podem ser utilizados universalmente. Logo, todo cientista também exerce a função de pesquisador (talvez esse seja o motivo da confusão na definição dos dois termos), porém, nem todo pesquisador é um cientista.

Pergunte aos alunos se eles conhecem algum cientista e qual (is) sua (s) contribuição (es) para o desenvolvimento do país; caso não, apresente alguns nomes, por exemplo: O britânico Roger Penrose, o alemão Reinhard Genzel e a norte-americana Andrea Ghez que conquistaram o prêmio Nobel de Física em 2020 pela descoberta do “buraco negro”. Carlos Chagas (9/07/1879 – 08/11/1934), cientista brasileiro que descobriu a doença “Tripanosomíase americana” ou doença de Chagas em 1909; desperte nos alunos a curiosidade e sugira que eles pesquisem outros nomes e contribuições.

Na terceira questão, após ouvir os alunos, sugerimos que apresente a eles um trecho da reportagem retirada do site “Ciência e saúde”, que informa que o Brasil tem ao menos 77,8 mil pesquisadores nas cinco maiores áreas de conhecimento registrados na Plataforma Lattes. “De acordo com um levantamento feito pelo Open Box da ciência (...) 46.501 ou 59,69% são homens e 31.394 ou 40,3% são mulheres”.

- Explique aos alunos que a Plataforma Lattes é uma base de dados que é alimentada pelos próprios pesquisadores (cientistas) com informações acerca do seu currículo acadêmico. O currículo Lattes se tornou referência e padrão nacional na carreira dos cientistas, conforme o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Para ler o texto na íntegra, acesse: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/12/mulheres-sao-40percent-dos-pesquisadores-do-brasil-que-declararam-ter-doutorado-nas-5-maiores-areas-de-conhecimento-aponta-levantamento.ghml>. Acessado em 22/02/2021.

- Para finalizar as discussões acerca do assunto, pergunte aos alunos: “Você acha que é possível realizar uma pesquisa na escola? A partir desta questão, leve-os a perceberem que também é possível realizar uma pesquisa no âmbito escolar, sendo este o primeiro contato deles com o universo da pesquisa. Portanto, também são pesquisadores.

MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA

ORIENTANDO O PROFESSOR

ATIVIDADE 5

Práticas de linguagem/habilidades

Oralidade: (EF69LP11)

Leitura/Escuta: (EF69LP30),

(EF96LP25),

(EF69LP26).

Análise linguística: (EF69LP55)

Tempo de duração: 4 h/a de 50 minutos

Atividade 5: Despertando a curiosidade

1º passo: Leia os textos de I a IV.

TEXTO I

A ciência é importante porque o ato de fazer ciência é um processo criativo. Todos os processos criativos são importantes, sejam eles arte, música, contar histórias ou qualquer outra coisa. Depois do amor, a criatividade é a qualidade humana mais importante. Não apenas a ciência é criativa, ela permite a criação.

Trecho de depoimento de Martin Budden, arquiteto de softwares, retirado de um blog que integra o projeto "Why is science important?", disponível em: <http://whyscience.co.uk/contributors/martin-budden-it-encourages-us-to-question-authority.html>. Acesso em 26/11/2020, às 15:30. Editado pela autora.

TEXTO II

Por que investir em ciência é tão importante? Porque o desenvolvimento de qualquer país está diretamente relacionado à aplicação de capital no setor. Inovação, pesquisa, capacitação científica, no fim, é um bem público. Aliás, no Brasil, o desenvolvimento científico é garantido pela Constituição de 1988, nos artigos 218 e 219.

*Disponível
em:
https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/2019/07/29/internas_educacao,1073199/via-de-mao-dupla.shtml. Acesso em 27/11/2020 às 9:44.*

TEXTO III

Uma pessoa que investiga os processos de transformação, sejam eles sociais, econômicos, humanos ou químicos, e a partir dessa investigação constrói conhecimentos que são essenciais para o desenvolvimento de uma nação. Esta é definição de pesquisador científico segundo Anna Benite, professora-doutora da Universidade Federal de Goiás, mestre em Ciências e Licenciada em Química pela UFRJ, além de integrante da Associação Brasileira de Pesquisa e Ensino de Ciências e da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN).

A especialista afirma que 95% dos conhecimentos produzidos no Brasil vêm das universidades, e que esse trabalho traz explicações para diversos fenômenos que nos movem. "Quem faz pesquisa científica também é quem ensina e forma novos pesquisadores e profissionais do ramo", reflete.

"Nenhuma nação consegue evoluir sem pesquisa científica", afirma Benite. "Se estamos hoje em uma sociedade tecnológica, isso se deve aos pesquisadores que criam modelos de pesquisa, validam dados e os publicam. Essa sistematização é fundamental para alimentar a produção de conhecimento". (Trecho de uma reportagem)

Disponível em: <http://fundacaotelefonicavivo.org.br/noticias/entenda-por-que-a-pesquisa-cientifica-e-importante-para-a-sociedade/>. Acesso em 26/11/2020 às 15:58. Editado pela autora.

TEXTO IV

POR QUE A CIÊNCIA É IMPORTANTE?³

A ciência nos levou a descobrir coisas que nos dão o que temos hoje. Na verdade, sem a ciência não teríamos eletricidade, o que significaria nenhum celular, internet, Facebook, não teríamos geladeiras para manter a comida fresca, televisão para entreter ou até mesmo carros para viajar.

Um mundo sem ciência significaria que ainda estariam de uma forma muito diferente daquela que vivemos hoje. A ciência começou quando (imaginamos) 2 homens das cavernas se perguntaram o que esfregar 2 gravetos faria. A ciência é baseada na curiosidade e em como fazer. Na verdade, somos cientistas naturais observando crianças e você verá que as crianças brincam como os cientistas trabalham, com investigação.

Hoje a ciência influencia tantas coisas diferentes que tentar lista-las significaria que esta página poderia durar para sempre. A ciência influenciou a indústria médica que hoje reduz milhares de mortes todos os dias. Mas a ciência trata apenas de novas invenções, novas tecnologias e novos medicamentos?

Queremos que as pessoas entendam que não se trata apenas de novas tecnologias, invenções ou novos medicamentos. A ciência é muito mais do que isso e, para resumir, acreditamos que a ciência é uma forma de ajudar o cérebro a crescer na descoberta de novos conhecimentos e nos ajuda a derrotar nossa curiosidade de como o mundo se desenvolve e funciona hoje.

A ciência é importante porque ajudou a formar o mundo em que vivemos hoje.

Disponível em: <https://fizzpopscience.co.uk/why-is-science-important/>. Acesso em 27/11/2020 às 9:02. Traduzido pelas autoras Inglês - Português. Adaptado pelas autoras.

³ Texto traduzido pelas autoras (Inglês > Português).

MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA

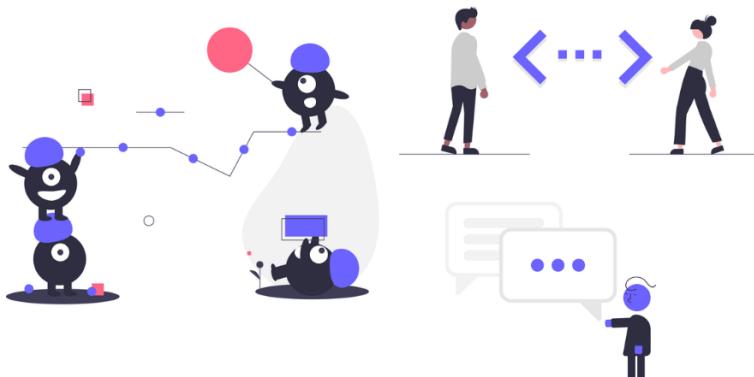
2º passo: Após a leitura dos textos, discuta e reflita com o seu professor acerca das questões a seguir. Não se esqueça de anotar os resultados das discussões e reflexões em seu diário de bordo.

- Na sua opinião, por que a ciência é importante?
- Você já parou para pensar o que pode ser objeto de estudo científico? Pense sobre isso e cite alguns exemplos que, na sua opinião, podem ser objetos de estudo científico.
- Você sabia que a Língua Portuguesa é/pode ser objeto de estudo científico?



3º passo: Leia a definição abaixo e, juntamente com seu professor, construa um conceito para o termo "Sociolinguística". Faça as anotações em seu diário de bordo.

Sociolinguística “é uma área de estudos, que busca desvendar o comportamento de fenômenos variáveis dentro da própria língua e fora dela, em seu contato com a sociedade” COELHO, et al (2015, p. 8).



SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

* 2º passo

- É fundamental que o (a) professor (a) leve os alunos a perceberem que a LP é/pode ser objeto de estudo científico. Dê exemplos do que pode ser pesquisado, como: fenômeno linguístico da concordância verbal (que será trabalhado com os alunos mais adiante); a variação da língua na escola; o preconceito linguístico na comunidade; entre outros.

* 3º passo

- A partir da socialização da terceira questão do 2º passo, mostre aos alunos que existem diversas maneiras teorias de estudar a língua, contudo, neste momento, iremos nos ater aos estudos e contribuições da Sociolinguística.

- Professor (a), após apresentar essa definição bem científica aos alunos sobre o que é a Sociolinguística, faça com eles uma transposição desse conceito, para que dessa maneira, seja possível uma compreensão mais significativa acerca dessa área pelos estudantes. Sugerimos a seguinte definição: é a ciência dos estudos da língua - linguagem que se ocupa da relação entre língua e sociedade - e do estudo da estrutura e da variação e mudanças linguísticas dentro do contexto social da comunidade de fala. Logo, podemos afirmar que o objeto de estudo da sociolinguística é a língua falada ou escrita, observada, descrita e analisada em seu contexto social, ou melhor, em situações reais de uso.

- Professor (a), deixe que os alunos falem o que já ouviram, leram ou sabem sobre isso; é importante que você registre tudo na lousa e não se esqueça de lembrá-los de anotar tudo no diário de bordo.

MÓDULO I - INTRODUÇÃO: RODA DE CONVERSA

ORIENTANDO O PROFESSOR

ATIVIDADE 5

Práticas de linguagem/habilidades
Oralidade: (EF69LP11)
Leitura/Escuta: (EF69LP30),
 (EF96LP25),
 (EF69LP26).
Análise linguística: (EF69LP55)

Tempo de duração: 1 h/a de 50 minutos

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

* 4º e 5º passos

- Professor (a), deixe que os alunos falem o que já ouviram, leram ou sabem sobre isso; é importante que você registre tudo na lousa e peça que eles anotem no diário de bordo.

- Professor (a), após apresentar essa definição bem científica aos alunos sobre "língua" e "variação linguística", pautados nas contribuições da Sociolinguística Variacionista, faça com eles (anotando na lousa) uma transposição desses conceitos, para que dessa forma, seja possível uma melhor compreensão pelos estudantes.

Sugerimos as seguintes definições:

> **Língua:** a língua é viva, dinâmica, por isso, está em constante movimento, ou melhor, variação. Há milhares de falantes e todos os dias, em vários lugares, as pessoas realizam novos usos da língua e reproduzem novos significados para as mesmas palavras ou expressões, reinventando, portanto, novas maneiras de interação com os seus pares.

- Professor (a), após construir com os alunos o conceito de língua, é fundamental conversar com os alunos sobre a importância da comunicação e interação entre as pessoas, o esforço de se fazer entender, adequando a língua às diversas situações de uso, isto é, falamos e escrevemos de formas diferentes, dependendo do contexto que estamos inseridos. Leve os alunos a compreenderem que toda língua natural varia e apesar de percebermos diversos tipos de variação, nada impede o entendimento e interação entre os falantes.

- Professor (a), antes de elaborar com os alunos o conceito de variação linguística, pergunte se eles sabem o que é "variação". Pesquise no dicionário o significado desse termo e, a partir dessa conceituação, construa com eles o que é variação linguística.

> **Variação linguística:** considerando que a língua é heterogênea, variável e, por isso, possui uma diversidade linguística muito grande - existe no português, inúmeras variedades.

- Leve os alunos a compreenderem que a variação linguística não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno linguístico que ocorre conforme as escolhas do falante por uma ou outra variante linguística, motivadas por fatores internos/lingüísticos - categoria das classes de palavras envolvida no fenômeno da variação, aspectos semânticos, sintáticos, entre outros - ou externos/extralingüísticos ou sociais - sexo/gênero, grau de escolaridade, faixa etária, entre outros.

- Para que eles percebam a dinamicidade e heterogeneidade da língua, peça aos alunos que observem as variedades linguísticas relacionadas às regiões geográficas, às classes sociais, aos diversos contextos (em casa, no trabalho, no lazer...). Mostre a eles alguns exemplos de variações (regionais, históricas, sociais e estilísticas).

4º passo: Após compreender o que é Sociolinguística, discuta e reflita, juntamente com seu professor, as questões abaixo:

- Para você, o que é língua?
- Na sua opinião, a língua é variável ou estática? Se é variável, por que ela varia?
- Já ouviu falar em variação linguística? Se sim, o que é variação linguística para você?



5º passo: Considerando as discussões e reflexões acerca das questões anteriores, a partir das explicações científicas que foram apresentadas abaixo, elabore, juntamente com o seu professor, um conceito para "língua" e "variação linguística".

1. Língua: "é um sistema organizado – tão organizado que seus falantes se comunicam perfeitamente entre si, não importando se um mora no interior de São Paulo e o outro na capital do Rio Grande do Sul, se um tem 6 anos de idade e o outro 60, se um tem curso superior e o outro ensino fundamental. (...) podemos concluir que a língua varia, e essa variação decorre de fatores que estão presentes na sociedade – além de fatores que podem ser encontrados dentro da própria língua" (COELHO et al., 2015, p. 13, destaque dos autores).

2. Variação linguística: "A variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado" (COELHO et al., 2015, p. 14), ou seja, duas ou mais palavras para referenciar a mesma coisa. Para os autores, um fenômeno que pode ser bastante perceptível "é o da alternância entre os pronomes pessoais 'tu' e 'voce' para a expressão pronominal de segunda pessoa". Podemos ouvir uma pessoa se referindo a nós tanto por 'tu' quanto por 'voce', dependendo da origem ou, por vezes, do grau de formalidade com o qual se ela se dirige a nós (COELHO et al., 2015, p. 15).

⁴ De acordo com Coelho et al (2015, p. 14), "chamamos de variável o lugar na gramática em que se localiza a variação, de forma mais abstrata". Por exemplo, no português brasileiro, a concordância entre o sujeito e verbo (Eles gostam da professora/ Ele gosta da professora) é uma variável linguística (ou fenômeno variável), uma vez que se realiza por meio de duas variantes, duas alternativas que são possíveis e, semanticamente, elas se equivalem: a marca de concordância no verbo ou a ausência da marca de concordância.

FIQUE ATENTO!

Coelho et al. (2015, p. 17) chama de variantes "as formas individuais que 'disputam' pela expressão variável – no caso, os pronomes 'tu' e 'voce'." Para os autores, para que duas ou mais formas possam ser chamadas de variantes, devem cumprir dois requisitos: "Elas devem ser intercambiáveis no mesmo contexto; 2. Elas devem manter o mesmo significado referencial/representacional." (COELHO, et al, 2015, p. 17). Temos também o conceito de variedade, o qual não deve ser confundido com o de 'variável' ou 'variante': variedade representa a fala de uma comunidade de uma maneira global, considerando-se todas as suas particularidades – tanto categóricas, quanto variáveis ; é o mesmo que dialeto ou falar.



SAIBA MAIS...

- Segundo Antunes (2013, p. 21) "a língua é um fenômeno social, como uma prática e atuação interativa, dependente da cultura de seus usuários, no sentido mais amplo da palavra. Assim, a língua assume um caráter político, um caráter histórico e sociocultural, que ultrapassa em muito o conjunto de suas determinações internas, ainda que consistentes e sistemáticas."

- Sociolinguística Variacionista, também atende por outros nomes: Sociolinguística Laboviana (porque William Labov é o principal representante), Sociolinguística Quantitativa (porque, os pesquisadores dessa área costumam trabalhar com uma quantidade grande de dados de usos da língua, o que pede, normalmente, uma análise estatística) e Teoria da Variação e Mudança (porque preocupa, principalmente, com as variações e mudanças na língua). (COELHO et al., 2015)

- Amplie seus conhecimentos acerca da variação linguística e ensino nos livros "Pedagogia da Variação Linguística" de Ana Maria Stahl Zilles e Carlos Alberto Faraco (Organizadores); "Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula" e "Nós chegamos na escola, e agora?: sociolinguística & educação", ambos de Stella Maris Bortoni-Ricardo; "Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino do português", de Marcos Bagno.



MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA

Atividade 6: Exemplificando as variações na língua portuguesa

1º passo: Aluno (a), após as discussões e reflexões acerca da língua e variação linguística, foi possível você verificar que a língua é heterogênea, isto é, ela varia em diversas dimensões que a constituem (no caso, sintaxe, fonologia, léxico e estilo). Leia os exemplos a seguir e, juntamente com seu professor, discuta e reflita acerca das questões que foram propostas. Faça as anotações no seu diário de bordo.

SINTAXE: De acordo com o Dicionário de Termos Linguísticos, sintaxe é a "área da linguística que estuda as regras, as condições e os princípios subjacentes à organização estrutural dos constituintes da frase, ou seja, o estudo da ordem dos constituintes das frases." Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=2222>. Acesso em 01/09/2021. Em outras palavras, a sintaxe está relacionada com a maneira com a qual as palavras são combinadas com outras palavras para constituem unidades maiores, isto é, as sentenças. Vejamos os pares de frases:

1. O filme a que me referi é legal. (Pronome relativo - Gramática Normativa) / O filme que me referi é legal. (forma inovadora)
2. Nós estamos na escola. (Concordância verbal - Gramática Normativa) / A gente está na escola. (forma inovadora)
3. Vendem-se apartamentos. (Concordância verbal - Gramática Normativa) / Vende-se apartamentos. (forma inovadora)
4. Eu vi-o no clube. (posição do pronome clítico em relação ao verbo - Gramática Normativa) / Eu o vi no clube. (forma inovadora) entre outros.

FONOLOGIA: De acordo com o Dicionário de Termos Linguísticos, fonologia é o "ramo da linguística que estuda os sistemas sonoros das línguas. Da variedade de sons que o aparelho vocal humano pode produzir, e que é estudado pela fonética, se um número relativamente pequeno é usado distintivamente em cada língua. Os sons estão organizados num sistema de contrastes, analisado em termos de fonemas, segmentos, traços distintivos ou quaisquer outras unidades fonológicas de acordo com a teoria usada." Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=344>. Acesso em 01/09/2021.

Ou seja, é uma área da linguística que estuda o sistema de sons da língua. Vejamos alguns exemplos:

1. substância - "sustância"; pouco - "poco"; beijo - "bejo"; manteiga - "mantega'; caixa - "caxa"; peixe - "pexe"; dou - "dó"; mais - 'mas'; (monotongação)
2. bicicleta - "bicicreta"; planta - "pranta"; chiclete - "chicrete"; Cláudia - "Craúdia"; (rotacismo)
3. fósforo - "fósfrø"; relâmpago - "relâmpo"; falando - "falano"; passar - "passa"; avô - "vó"; (sincope)
4. está - "tá"; José - "Zé"; enamorar - "namorar"; você - "cé"; (Apagamento do segmento inicial)
5. 'porta' - "poRta"; 'carne' - "caRne"; (Retroflexão) entre outros.

Na maioria das vezes o rapper está reproduzindo a realidade da periferia. Por exemplo, as marcas de concordância verbal, por vezes, não são utilizadas pelos compositores (diversos estilos musicais). Isto acontece porque a música representa a voz de uma determinada comunidade de fala que possui como uma das suas características, por exemplo, essa não marcação da concordância verbal. Isto é, dentro do que constitui como característica da identidade do indivíduo, de um grupo em que ele faz parte, tem a questão da língua. Por isso, não faz nenhum sentido essas músicas serem expressas de maneira diferente; a concordância verbal padrão, no caso, ficaria inadequada.

Aproveite este momento também para fazer com eles percebam que existe uma norma - normas atreladas a variedades da língua que não seguem as prescrições da gramática normativa -, no entanto, possuem o seu conjunto de normas a serem seguidas.

ORIENTANDO O PROFESSOR

ATIVIDADE 6

Práticas de linguagem/habilidades

Oralidade: (EF69LP11)

Leitura/Escuta: (EF69LP30),

(EF96LP25),

(EF69LP26).

Análise linguística: (EF69LP56)

Tempo de duração: 1 h/a de 50 minutos

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

* 1º passo

- Professor (a), primeiro leia com os alunos os exemplos sugeridos (você pode levar mais exemplos, quanto mais, melhor) e a partir deles, leve-os a perceberem a elasticidade e dinamicidade da língua.

- Para trabalhar a variação de estilo, primeiro leia com os alunos a letra da música proposta (você pode usar outras letras de músicas de outros estilos musicais como sertanejo, hip hop, entre outros, que ocorram variação estilística) e identifique com eles os fenômenos variáveis, depois socialize as questões propostas. É importante que os estudantes percebam as marcas linguísticas que caracterizam o uso da linguagem culta e da linguagem coloquial. Os compositores da música mesclam o uso da norma culta à norma popular.

Atente seus alunos para a questão da "Licença Poética" na Arte, isto é, a permissão que os artistas possuem para extrapolar o uso da norma culta da língua, em que é possível o compositor recorrer a recursos como o uso de palavras de baixo-calão, desvios da norma ortográfica, gírias, entre outros. No caso da letra de música, Emicida e Drik, fazem uso de uma linguagem informal, de maneira intencional, o que o torna permitido, para criar um efeito próximo ao de situações mais descontraídas do cotidiano dos jovens, quando há familiaridade entre os interlocutores e que não é necessário o uso da norma culta, sendo comum o uso da linguagem coloquial.

Aproveite esse momento para explicar aos alunos que o rap é uma canção cuja letra e estilo musical sofre certo preconceito linguístico por ser associado com as classes mais pobres e estigmatizadas da sociedade.

MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA

LÉXICO: Conforme o Dicionário de Termos Linguísticos, léxico é o “termo que designa o conjunto virtual de palavras de uma língua. O léxico pode ser entendido também como sinônimo de índice, glossário, vocabulário ou dicionário sucinto relativo à língua corrente, a uma ciência ou técnica ou a outro domínio especializado, a um autor ou a uma determinada época.” Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/action=terminology&act=view&id=3556>. Acesso em 01/09/2021.

Em síntese, o léxico diz respeito ao vocabulário (palavras). A mesma realidade é representada conforme a região, por palavras diferentes. Observe alguns exemplos:

Nordeste	Sudeste/Sul
jerimum	abóbora
picolé	sorvete no palito
menino	criança, guri, piá
mainha, painho	mãezinha, paizinho

ESTILO: Conforme o Dicionário Online de Língua Portuguesa, estilo está relacionado à “maneira particular e pessoal de se expressar através da escrita da música, do modo de vestir, etc [...].” Disponível em: <https://www.dicio.com.br/estilo/>. Acesso em 01/09/2021.

Ou seja, está ligado diretamente ao estilo mais e menos formal/informal/monitorado, em que o indivíduo usa os recursos da língua para expressar, seja por meio da fala ou da escrita, pensamentos, sentimentos etc. Veja os exemplos a seguir e compare-os quanto à forma, seleção de palavras, entre outros aspectos que venha a observar:

Exemplo 1: Leia um trecho da letra da música “Sementes” (part. Drik Barbosa) Emicida.

Desde cedo, 9 anos, era um pingo de gente
Empurrado a fórceps, pro batente
O bíceps dormente, a mão cheia de calo
Treme, não aguenta um lápis, no fundão de São Paulo (puts)
Se a alma rebelde se quer domesticar
Menina preta perde infância, vira doméstica
Amontoados ao relento, sem poder se esticar
Um baobá vira um bonsai, é só assim pra explicar
Que o nosso povo nas periferia
Precisa encher suas panela vazia
Dignidade é dignidade, não se negocia
Porque essa troca leva infância, devolve apatia
E é pior na pandemia
Sobra ferida na alma
Uma coleção de trauma
Fora a parte física
E nós já tá na parte crítica
Pra que o nosso futuro não chore
A urgência é: Precisamos ser melhores, viu?

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/emicida/sementes-part-drik-barbosa/>. Acessado em 04/12/2020.

MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA

Caro (a) aluno (a), agora vamos refletir um pouco?



- Que tipo de linguagem foi empregada pelo rapper neste trecho da música?
- Qual é a função da linguagem neste contexto? Você acredita que ele usou essa linguagem intencionalmente?
- Por que o rapper não utilizou a concordância verbal padrão?
- Você acredita que essa linguagem utilizada pelos compositores é considerada "correta" ou "errada"? Explique por quê.

Exemplo 2: Leia os textos.

TEXTO I

Ao Exmo. Prefeito da Cidade de Varjão de Minas - MG
M. D. Engenheira Aline Silva

Nós, abaixo-assinados, alunos da Escola Estadual João Pereira Brandão, vimos, por meio deste, solicitar a V. Exa. que implemente o sistema de iluminação na rua onde se situa nossa escola, a fim de evitar os assaltos frequentes que põem em risco a vida de professores, funcionários e alunos da citada escola.

Varjão de Minas, 03 de dezembro de 2020.

Assinatura:

TEXTO II

Varjão de Minas, 03/12/2020.

Pai:

Antes de sair pro seu trabalho, eu queria que você desse um jeito na luz do meu quarto que queimou. Quando é de noite eu não posso estudar e na sala os meninos faz a maior zoeira e a gente termina brigando. Me ajuda aí, por favor.

Aline Silva.

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS PARA A ATIVIDADE 6

* 1º passo

- Neste exemplo (II), primeiramente, leia os dois textos com os alunos e leve-os a perceberem a escolha do estilo em cada um deles. No texto I, chame a atenção para o tratamento formal (Exmo., M.D. V. Exa.), a preocupação com a seleção lexical (solicitar, implemente, sistema de iluminação, põem), não abrevia palavras, usa a data por extenso e segue as normas prescritas pela gramática normativa.

Já no texto II, há um tratamento informal (pai e você em vez de Meu pai e senhor, respectivamente), abreviação da palavra "pro" em vez de usar 'para o', despreocupação com a seleção lexical ("luz" em vez de 'lâmpada', "a maior zoeira" em vez de 'o maior barulho', "a gente" em vez de 'nós', "desse um jeito" na em vez de 'consertou', preposição inadequada "de noite" em vez de 'à noite', "Quando é de noite" em vez de 'à noite'. Trabalhe com os alunos também a passagem do estilo formal para o informal e vice-versa.

Lembre a eles que os dois textos possuem eficácia comunicativa, sendo que, são diferentes entre si em função do interlocutor e das exigências da situação de comunicação.

**MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA**

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

*** 1º passo**

- Professor (a), neste exemplo (III), leia com os alunos os textos I e II. Em seguida, peça que eles observem a linguagem e a estrutura utilizada em cada um deles e, a partir dessa observação, solicite que os alunos identifiquem o gênero textual. Explique a eles que o primeiro texto se trata de um trecho de um capítulo de artigo científico escrito por um aluno da USP e o segundo texto um meme que foi publicado em uma rede social (Instagram).

No texto I, chame a atenção dos alunos para o veículo de publicação do texto, o cuidado com a escolha lexical e a sua organização sintática. Aproveite para mostrá-los também, a preocupação do autor com a concordância verbal, conforme as prescrições da gramática normativa.

Enquanto no texto II, temos uma situação com alto grau de formalidade, pois se trata de uma entrevista jornalística, contudo diferentes estilos marcam as falas do jornalista e do entrevistado. Ou seja, no caso do jornalista podemos perceber uma fala ‘mais cuidada’ e menos espontânea, mais próxima do padrão normativo - o que não é possível percebermos na fala do entrevistado. Chame a atenção dos alunos para os fenômenos variáveis no âmbito sonoro utilizados na fala do entrevistado (variâncias: “mermo” e “veiz” em vez de ‘mesmo’ e ‘vez’ respectivamente).

Leve os alunos a perceberem que a variação nos diferentes estilos de linguagem utilizadas tanto pelo autor do texto I e o jornalista quanto o entrevistado do meme no texto II possuem relação não só com o grau de formalidade da situação de comunicação, mas também com a identidade social de ambos. Por exemplo, no meme, temos de um lado, um entrevistado que foi abordado aleatoriamente na rua pelo jornalista e, de outro, um jornalista que teve tempo para planejar melhor as perguntas que iria utilizar em sua entrevista e também o estilo de linguagem (mais monitorada) que usaria ao abordar os seus entrevistados.

Para finalizar as discussões e reflexões, mostre aos alunos que essa variação na língua também está atrelada ao gênero que a língua se materializa, isto é, está diretamente atrelado a essa variação de estilo (mais e menos monitorado).

Exemplo 3: leia e compare os textos abaixo.

TEXTO I

3. Por que memes são objeto de interesse da Educomunicação?

Imagen 1 - Meme publicado por pós-graduandos da USP



Fonte: Facebook (2017). Legenda: Meme retirado da página de pós-graduandos da USP em fevereiro de 2017

A imagem acima é um meme. Foi compartilhada em um grupo de pós-graduandos da USP, no Facebook. Os memes geralmente funcionam assim: em uma forma de deboche ou crítica, referenciam ou parodiam situações do cotidiano. Nesse caso, uma menção às dificuldades de concluir uma tese acadêmica – que, suspeitamos, parece ter levado a personagem aos suspiros finais.

Há diversas formas de construir e circular esses objetos nas redes sociais. [...] Além de caçoar das corriqueiras reclamações de mestrandos e doutorandos, apresentamos esse meme por uma particularidade: ele pertence ao universo da vida adulta. Diversos sujeitos, que não são necessariamente crianças e adolescentes, produzem e compartilham nas redes digitais. [...]

Fonte: Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-01112017-102256/publico/DOUGLASDEOLIVEIRACALIXTO.pdf>. Acesso em 04/12/2020. Editado pela autora.

TEXTO II



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B6LvgPiDqHD/>. Acesso em 04/12/2020.

Atividade 7: Ampliando conceitos - norma culta e norma popular

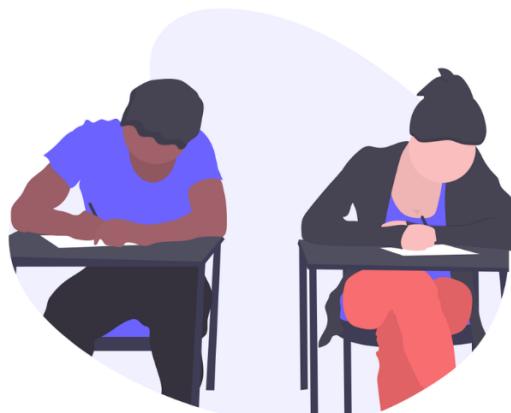
1º passo: Aluno (a), agora você já sabe que a língua é viva, isto é, ela muda, se transforma e, por isso, é variável e heterogênea. Contudo, também é importante você saber que existem várias normas linguísticas: norma culta, norma padrão, norma popular, etc. Neste momento, vamos estudar e ampliar os conhecimentos acerca da norma culta e norma popular. Primeiro, leia e compare as definições científicas que são apresentadas para esses termos nos textos a seguir.

TEXTO I

O que é norma culta?

A norma culta corresponde à “variedade de uso corrente entre falantes urbanos com escolaridade superior completa, em situações monitoradas” (FARACO, 2008, p. 46 - 47).

Por norma culta designa-se o conjunto das características do grupo de falantes que se consideram cultos (ou seja, a “norma normal” desse grupo social específico). Na sociedade brasileira, esse grupo é tipicamente urbano, tem elevado nível de escolaridade e faz amplo uso dos bens da cultura escrita. A norma culta é uma “norma normal”, porque é uma das tantas normas presentes na dinâmica corrente, viva, do funcionamento da língua (FARACO; ZILLES, 2017, p. 19).



ORIENTANDO O PROFESSOR

ATIVIDADE 7

Práticas de linguagem/habilidades

Oralidade: (EF69LP11)

Leitura/Escuta: (EF69LP30),

(EF96LP25),

(EF69LP26), (EF69LP56).

Análise linguística: (EF69LP55)

Tempo de duração: 2 h/a de 50 minutos

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

* 1º passo

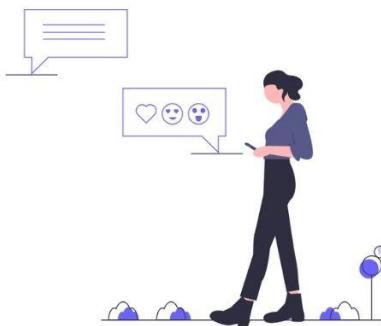
- Professor (a), aproveite este momento para apresentar aos alunos o tema da aula: escreva a palavra “NORMA” na lousa e deixe que alunos falem o que já ouviram/leram sobre isso, deixe que levantem suas hipóteses antes de trabalhar os conceitos a seguir. - Sugerimos também que você leve para a sala de aula dicionários de Língua Portuguesa para que eles possam pesquisar o significado do termo “norma”. Registre essas informações na lousa e solicite aos alunos que anotem em seu diário de bordo.

A partir do levantamento das hipóteses e questionamentos dos alunos, leia e compare com eles os textos sugeridos, buscando diferenciar a norma culta da norma popular. Leve os alunos a compreenderem que é preciso quanto maior o nosso repertório linguístico, mais chances temos de nos adequar às diferentes situações comunicativas que estamos inseridos (práticas de linguagem). Por isso, é fundamental conhecer e aprimorar a norma culta, sobretudo no âmbito escolar, para que, além da sala de aula, o aluno esteja habilitado a ação-la sempre que ele se deparar com uma situação de uso da língua mais formal e monitorada.

1º passo: - *continuação***TEXTO II****O que é norma popular?**

A norma popular designa “as variedades linguísticas relacionadas a falantes sem escolaridade superior completa, com pouca ou nenhuma escolarização, moradores da zona rural ou das periferias empobrecidas das grandes cidades, aparece frequentemente na literatura linguística a classificação língua popular, norma popular, variedades populares etc.” (BAGNO, 2003, p. 59).

“[...] o chamado português popular (variedades de origem rural, própria dos segmentos sociais da parte baixa da pirâmide econômica e, portanto, com acesso historicamente muito restrito à educação básica completa e aos bens da cultura letrada)” (FARACO, 2015, p. 25).



MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA

2º passo: a partir das discussões anteriores sobre norma culta e norma popular, construa, juntamente com o seu professor, uma definição destes termos. Anote no seu diário de bordo.

3º passo: Para finalizar as discussões deste módulo, analise e reflita, juntamente com o seu professor, as frases de cada exemplo proposto abaixo.

Exemplo I:

- i) "a gente termina brigando" (Fragmento retirado do "Texto II, Exemplo II")
- ii) Nós terminamos brigando.
- iii) Nós termina brigando.

Exemplo II:

- i) "E nós já tá na parte crítica" (Fragmento retirado do "Texto I, Exemplo I")
- ii) E nós já estamos na parte crítica
- iii) E nós já está na parte crítica

Exemplo III:

- i) "Pisa mermo foi só umas 3 veiz" (Fragmento retirado do "Texto II, Exemplo I")
- ii) Pisa mesmo foram só umas 3 vezes.
- iii) Pisa mesmo foi só umas 3 vez.

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

* 2º passo

- Professor (a), pautados na literatura sociolinguística, construa, juntamente com os seus alunos, uma definição para as normas, culta e popular. Sugerimos a seguinte definição para os termos:

> norma culta: norma de usos da língua que é constituída por variedade da língua que possuem prestígio social reconhecido. Considera as variedades linguísticas que foram utilizadas por pessoas que tiveram acesso à escola, geralmente, elas falam de maneira mais formal e monitorada. Na maioria das vezes, as pessoas utilizam a língua de forma mais cuidadosa, procurando utilizar um vocabulário mais variado, evitando-se gírias ou termos vulgares.

> norma popular: norma de usos da língua que é constituída por falantes que não se preocupam com as regras que são prescritas pela gramática normativa. Assim, trata-se do uso descuidado e livre que as pessoas fazem da língua, o qual é utilizada pela maior parte dos falantes em contextos de interação mais íntimos ou de menor formalidade, por exemplo, em uma conversa com os amigos. O seu uso também é comum na forma escrita, materializando-se em gêneros textuais que são permitidos o uso menos formal e monitorado da língua. Nesse caso, temos, por exemplo, o rap, cuja a linguagem se apresenta menos monitorada devido as intenções do compositor desse gênero textual.

- É importante mostrar aos alunos exemplos em textos cuja a linguagem se apresenta na forma mais monitorada e menos monitorada. Sugerimos também que você traga à tona, exemplos retirados dos textos propostos na atividade 6 (Exemplo III - variação de estilo) para corroborar às suas explicações. Neste momento, é necessário que os alunos percebam que o estudo e aprendizado acerca da norma culta é imprescindível, uma vez que, nas interações sociais ele irá precisar fazer o uso dela, exigindo, assim, a adequação em contextos mais monitorados. Por exemplo, em uma apresentação de trabalho na escola, em uma entrevista de emprego, entre outros. Dessa maneira, existe uma norma que está atrelada às diversas variedades de usos da língua.

* 3º passo

- Professor (a), para iniciar, escreva na lousa os exemplos sugeridos (você pode usar outros; escolhemos esses que abordam o fenômeno da concordância verbal uma vez que este será trabalhado nesta pesquisa no módulo 2) para serem discutidos e refletidos com os alunos. Retiramos os exemplos dos textos que já foram trabalhados anteriormente na atividade número 6. Daí, pergunta aos alunos: (i) "Geralmente, você utiliza a variedade da língua mais formal ou menos formal?"; (ii) "Em algum momento, você já foi discriminado pelo seu jeito de falar? Explique a sua resposta.", (iii) "Quando você encontra uma pessoa falando de maneira menos formal, o que você faz?"; (iv) "Para você, qual (is) dessas formas não está "adequada"? Explique porquê." Professor (a), é fundamental que alunos percebam que do ponto de vista linguístico temos três formas diferentes de dizer a mesma coisa - não há uma melhor que a outra. Porém, do ponto de vista social, há formas mais prestigiadas, outras menos. E há ainda aquelas que são desprestigiadas, estigmatizadas. A partir dessas questões, leve os alunos a compreenderem que não existe a noção de "certo" e "errado" do ponto de vista linguístico, mas sim, de mais e menos adequado. E isso tem a ver com questões/valores sociais.

SAIBA MAIS...

- Professor (a), por tratar-se de variedades que, de fato, marcam a linguagem real de um certo grupo, a norma culta não deve ser confundida com a chamada norma-padrão. Afinal, ao contrário da primeira, esta segunda é amplamente utilizada para designar aquilo que os linguistas Faraco e Zilles chamam de "norma normativa". "Isto é, o conjunto de preceitos estipulados no esforço homogeneizador do uso em determinados contextos. Nesse sentido, a norma-padrão é um modelo idealizado construído para fins específicos; não é, portanto, uma das tantas normas presentes no fluxo espontâneo do funcionamento social da língua, mas um construto que busca controlá-lo." (FARACO; ZILLES, 2017, p. 19, grifos do autor).

- A BNCC traz as duas designações: norma culta e norma padrão. Entretanto, não apresenta/menciona nenhuma distinção entre as duas. Você pode verificar exemplos disso nas páginas 65 e 140 (BRASIL, 2017, p. 65, 140). Para este trabalho onde trouxer habilidades como norma-padrão, considere norma-culta.

- Professor, para a elaboração dessas atividades, pautamo-nos no conceito de norma linguística defendido pelo professor Alberto Faraco (2002): "...a norma, qualquer que seja, não pode ser compreendida apenas como um conjunto de formas linguísticas, ela é também (e principalmente) um agregado de valores socioculturais articulados com aquelas formas" (FARACO, 2002, p. 39). O professor, em suas pesquisas discorre que existem inúmeras normas linguísticas, além da mais conhecida e trabalhada na maioria das vezes pela escola, a norma-padrão (a qual ele constitui como norma curta em seus estudos). Entretanto, devido essa norma não se tratar dos usos reais dos falantes da língua portuguesa (é sim de uma referência de língua idealizada), tomamos como base para direcionar o entendimento/compreensão por parte dos estudantes, a norma culta e a norma popular. Portanto, é muito importante que, você professor (a), amplie seus conceitos sobre normas linguísticas, uma vez que, no Brasil, existem várias normas cultas e várias normas populares. Sugerimos, assim, a leitura das obras "Norma culta brasileira: desatando alguns nós" de Carlos Alberto Faraco (2008) e "Linguística da norma", organizada por Marcos Bagno (2002).



MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

* 4º passo

- Professor (a), vamos aproveitar as discussões anteriores para trabalhar o preconceito linguístico. Então, discuta e reflita, juntamente com os alunos, as questões sugeridas. Sugerimos também que você leve para a sala de aula dicionários de Língua Portuguesa para que eles possam pesquisar o significado do termo "preconceito". Sugerimos escrever as palavras "preconceito linguístico" na lousa e, pautadas na literatura sociolinguística, construir, juntamente com os alunos, um conceito para tal expressão. Procure esclarecer as dúvidas e anseios dos estudantes em relação ao preconceito linguístico. Sugerimos a seguinte definição para a expressão:

> **Preconceito linguístico:** é o resultado das diferenças linguísticas que existem entre os falantes de uma língua. Associa-se às diferenças regionais, socioeconómicas, étnicas e culturais, dialetais ou sotaques, ao uso de determinada gíria entre outros. Por exemplo, a pessoa fala "pobrema" ao invés de "problema", "fazeno" ao invés de "fazendo", "os menino" ao invés de "os meninos", "Eles comeu" ao invés de "Eles comeram," "colegas da zona rural que falam com sotaque diferente" entre outros. Sugerimos usar exemplos concretos que estejam presentes no dia-a-dia dos alunos. A partir da questão "Como se faz o preconceito linguístico?" (sugerimos que escreva na lousa para que eles levantem hipóteses e reflitam sobre o assunto), leve-os a perceberem que criticar a maneira como uma pessoa fala é um ato de preconceito linguístico tão sério como qualquer outro.

- Registre as informações na lousa e solicite aos alunos que anotem em seu diário de bordo.

- Professor (a), para ampliar os conhecimentos dos alunos, sugerimos também que você assista com eles ao vídeo "Preconceito linguístico no dia a dia: por Emicida", disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QlhsimWWT-eQ>.

- Professor (a), você poderá ampliar seus conhecimentos acerca do preconceito linguístico na obra de Marcos Bagno, "Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?"

4º passo: caro (a) aluno (a), após todas essas reflexões sobre língua, variação linguística, norma, vamos conhecer e estudar um pouco sobre o preconceito linguístico. Para isso, discuta e reflita juntamente com o professor, as questões a seguir.

- Em algum momento vocês já ouviram falar sobre o preconceito linguístico?
- Para vocês o que significa essa expressão?

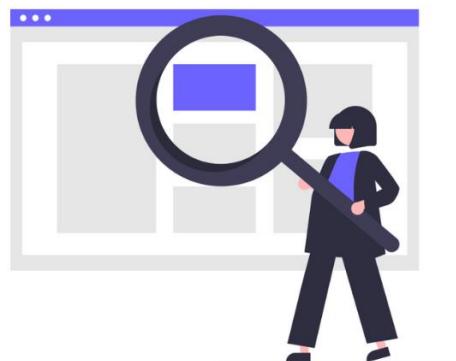


5º passo: Buscando aprofundar sobre esse assunto, assista, juntamente com o professor, ao vídeo "Preconceito linguísticos (Mimetizado)". Esse vídeo é pautado nos estudos de Marcos Bagno (2008) e está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=QLsmAGq5jZw>. A partir dele, juntamente com o professor, construam um conceito para "preconceito linguístico". Anote em seu diário de bordo.



MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA

6º passo: Vamos fazer uma pesquisa?! Pesquise na internet “memes” sobre o preconceito linguístico. Anote o link da sua pesquisa no diário de bordo.



Caro (a) aluno (a), após finalizar as atividades deste módulo, faça o relatório de avaliação dele, conforme modelo proposto a seguir.



SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS PARA A ATIVIDADE 7

* 6º passo

- Após o aluno entender o que é o preconceito linguístico e como se faz, a partir das discussões e reflexões acerca dos “memes” pesquisados e apresentados pelos alunos, sugerimos que você reflita com eles as seguintes questões: “De que maneira podemos combater o preconceito linguístico?”, “O que podemos fazer para que o preconceito linguístico não ocorra no meio em que vivemos? ”.

Após essas reflexões, leve-os a perceberem/refletirem sobre as suas atitudes linguísticas, mostrando que essas atitudes podem revelar tanto o respeito como o preconceito linguístico.

Mostre aos alunos que, por isso, faz-se necessário conhecer, estudar mais a nossa língua, para que assim possamos conhecê-la em toda a sua heterogeneidade, dinamicidade e elasticidade.

Dessa forma, ao reconhecer as diferentes variedades linguísticas que constituem a língua portuguesa, estaremos dando um passo para minimizar o preconceito linguístico.

SAIBA MAIS...



- Professor (a), amplie seus conhecimentos acerca do preconceito linguístico na obra “Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?”, de Marcos Bagno (2008).

MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

Professor (a), após finalizar as atividades propostas no módulo I, peça aos alunos para fazerem o relatório de avaliação. Propomos um modelo de relatório, mas você poderá modificar de acordo com a realidade/necessidade dos seus alunos.

É importante que você realize a leitura dos relatórios dos alunos para verificar/avaliar se eles compreenderam o que é pesquisa científica e se perceberam que a língua pode ser objeto de estudo científico. Se tais questões não ficaram claras a todos os alunos, retome a discussão, antes de avançar com a proposta didática.

AVALIAÇÃO

Caro (a) aluno (a),

Chegamos ao fim deste módulo! Agora, chegou a hora de fazer o relatório de avaliação. Leia as questões propostas nele e relate de maneira objetiva, acerca dos seguintes temas estudados nas atividades ao longo do módulo: (i) pesquisa; (ii) pesquisa científica; (iii) variações linguísticas; (iv) normas linguísticas; (v) preconceito linguístico. Cabe destacar que, o relatório deverá ser feito separado por tema, isto é, um para cada tema.

Relatório do aluno para avaliar o módulo

Módulo:

Tema:

Aluno (a):

Data:

Resumo das atividades realizadas:

O que você conseguiu aprender e compreender com as atividades realizadas?

MÓDULO I - INTRODUÇÃO: RODA DE CONVERSA

Relatório do aluno para avaliar o módulo

Quais dúvidas surgiram ao desenvolver as atividades? Foram esclarecidas? Comente.

Faça uma avaliação das atividades realizadas, isto é, você acha que elas contribuíram para o seu aprendizado? Foram de fácil execução, motivadoras, despertaram o seu interesse para realizá-las? Se não, relate o motivo.

Faça uma avaliação da sua participação, isto é, você se envolveu nas atividades propostas? Se não se envolveu, qual foi o motivo?



MÓDULO II - Desenvolvimento

A pesquisa sociolinguística em sala de aula

Professor (a), a partir dos conhecimentos adquiridos no módulo anterior sobre pesquisa, pesquisa científica, variação linguística, norma linguística e preconceito linguístico, propomos o desenvolvimento de uma pesquisa sociolinguística em sala de aula com os alunos. Para isso, o professor conduzirá as atividades propostas, observando cada passo e as sugestões das estratégias nos boxes.

Tendo em vista que as atividades propostas no “módulo I” é de fundamental importância para a implementação da pesquisa sociolinguística, iremos continuar a ordem numérica das atividades que serão propostas neste “módulo II”. Nele, serão propostas atividades de pesquisa sociolinguística para serem desenvolvidas em sala de aula. Elas contarão com um passo a passo para o estudante e, também, com orientações e estratégias metodológicas para o docente. Sugerimos que algumas atividades sejam trabalhadas por meio da roda de conversa, outras em grupos de dois ou três alunos, para que, dessa forma, aconteça a aquisição e desenvolvimento das competências e habilidades que os estudantes levarão por toda a vida. Nesse sentido, é importante que você fique atento às sugestões das estratégias para o desenvolvimento das atividades.

As atividades de pesquisa sociolinguística com os estudantes serão desenvolvidas por meio de três passos:

1º passo: definir o objeto de estudo com os estudantes; (concordância verbal⁵em dados da língua escrita);

⁵ Normalmente, os estudantes possuem grande dificuldade para trabalhar em grupo, pois, na maioria das vezes não conseguem se organizar para que todos do grupo possam participar das atividades propostas; o que ocorre, muitas vezes, é que um ou dois alunos apenas, realizam, sozinhos, as atividades, enquanto os demais observam ou até mesmo atrapalham através de conversas paralelas ou brincadeiras. Visando evitar problemas recorrentes como esses, sugerimos organizar os alunos em grupos menores, de três participantes, no máximo quatro, para que dessa forma, ajude a maior produtividade e participação dos estudantes nas atividades propostas.

⁶ A escolha por esse objeto de estudo se deu a partir da análise e observação de um elevado número de ocorrências não padrão da concordância verbal nas produções textuais de alunos dos anos finais do ensino fundamental II. Porém, cabe ressaltar que a pesquisa sociolinguística poderá ser realizada em sala de aula junto aos alunos, a partir da escolha de qualquer outro fenômeno linguístico variável.

2º passo: definir a teoria que fundamentará a pesquisa; (Sociolinguística Quantitativa);

3º passo: apresentar à turma, as etapas (isto é, a metodologia) para a execução da pesquisa sociolinguística que eles vão fazer (a partir de uma transposição didática do modelo teórico-metodológico laboviano para os anos finais do Ensino Fundamental II), a saber:

- **Revisão bibliográfica sobre o objeto de estudo, mediada pelo professor;** (Estratégias utilizadas: sugerimos, primeiro, que o professor leve para a sala de aula uma pesquisa sociolinguística variacionista que aborde o fenômeno variável da concordância verbal - nosso objeto de estudo ; para tal, recomendamos que utilize dados de uma dissertação, artigo científico ou tese. Depois, sugerimos que o professor, a partir da apresentação dos resultados dessa pesquisa, reflita junto aos alunos, fazendo com que eles percebam a variação através de exemplos e percentual de ocorrências do fenômeno em estudo (tentando estimulá-los a perceberem também os valores sociais associados a ele). Posteriormente a essas reflexões e discussões que o professor fez sobre a concordância verbal junto aos alunos (buscando também estimulá-los a perceberem os valores sociais associados a ela), os alunos farão uma pesquisa acerca de conceitos e exemplos sobre o fenômeno linguístico concordância verbal em gramáticas normativas e estudos descritivos.⁷

⁷ A gramática descritiva não se constitui um compêndio gramatical ordinariamente usado nos ambientes escolares, pois, na verdade, essa gramática se constrói a partir dos resultados das pesquisas realizadas pelos estudos (sócio) linguísticos. Com base nessas gramáticas, é possível afirmar que as marcas de concordância verbal se encontram em processo de variação estilística. Diante disso, para realizar o estudo e a comparação junto aos estudantes, escolhemos exemplos de pesquisas sociolinguísticas variacionistas sobre a concordância verbal (objeto de estudo linguístico).

Para isso, o professor levará para a sala de aula o conteúdo xerocado, juntamente com os manuais e livros didáticos, para o aluno analisar e pesquisar sobre o objeto de estudo. É importante neste momento a mediação do professor, a fim de mostrar aos alunos como tal fenômeno ocorre nas gramáticas normativas e, como é, de fato, no uso real da língua (isto é, no cotidiano dos falantes) a partir de trechos/exemplos em pesquisas sociolinguísticas variacionistas.

- **Definição/organização do corpus⁸**; (gêneros textuais: notícia e letras de músicas – Rap);

- **Levantamento dos dados;** (Estratégias utilizadas: a partir de amostras equivalentes (para esta pesquisa escolhemos 03 letras de músicas e 08 (oito) notícias retiradas da revista Superinteressante), o (a) professor (a) deverá solicitar aos alunos que grifem e numerem todas as ocorrências em que o fenômeno da concordância verbal aparecem em cada uma dessas amostras. Após isso, os alunos deverão registrar essas ocorrências em dois arquivos distintos, um com as ocorrências de variedades padrão e outro com as ocorrências de variedade não-padrão (isto é, variáveis).

⁸ A escolha por esses dois gêneros ocorreu pelo fato de que para o desenvolvimento de nossa pesquisa, iríamos precisar nos pautar em usos da língua escrita em contextos mais e menos monitorados. É importante destacar que como vamos observar um fenômeno em variação, faz-se necessário que a escolha dos textos (amostras) seja ‘produtivo’ para realizar a pesquisa acerca do fenômeno linguístico, ou seja, deve haver um percentual de ocorrências acerca do fenômeno que será estudado. Assim, escolhemos estes dois gêneros como amostras do corpus desta pesquisa porque acreditamos que eles são elucidativos para mostrar o fenômeno linguístico em variação (no caso, a concordância verbal), já que refletir acerca da variação estilística também é um dos objetivos da nossa pesquisa. Diante disso, no gênero textual notícia, acreditamos que a linguagem seja mais formal, mais monitorada, logo, as ocorrências acerca desse fenômeno linguístico (concordância verbal) vão estar em consonância com a gramática normativa. No outro, letras de música de rap, acreditamos que a linguagem seja menos formal, menos monitorada, portanto, conforme a variedade não-padrão.

- **Quantificação e tratamento estatístico dos dados;** (Estratégias utilizadas: nesta etapa os alunos irão quantificar as ocorrências para cada caso (de variedades padrão e variedade não-padrão) que apareceram nas amostras e, em seguida, elaborar tabelas e/ou gráficos para representar esses resultados - nesta pesquisa orientamos utilizar a tabela em números reais e percentuais. Cabe destacar que, esta etapa pode ser realizada também sob um planejamento interdisciplinar com o componente curricular de Matemática. Após realizar o tratamento estatístico dos dados, o professor deve, em seguida, definir os critérios de análise dos dados por meio da escolha de fatores linguísticos e extralingüísticos, a fim de verificar os fatores que influenciaram a variação do fenômeno linguístico em textos mais e menos monitorados, usando, como subsidio principal, a Sociolinguística Quantitativa (Cf. Labov, 2008).
- **Análise qualitativa dos dados, baseadas nas teorias estudadas;** (Estratégias utilizadas: após a quantificação, tratamento estatístico dos dados e definição dos critérios de análise dos dados, o professor realizará uma análise qualitativa junto aos alunos baseadas nas teorias estudadas, com vistas a verificar o que favorece a concordância padrão e o que favorece a ocorrência não-padrão. Também, juntamente com os alunos, ele fará um levantamento de hipóteses a respeito dos resultados obtidos nas etapas anteriores. Nesta etapa, é possível observarmos se, de fato, os alunos conseguiram compreender o fenômeno linguístico estudado - no caso desta pesquisa, a concordância verbal).

Portanto, pautadas pela BNCC, apresentamos a seguir, os campos de atuação, as competências gerais da Educação Básica e competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, que buscamos trabalhar ao longo deste módulo.

CAMPOS DE
ATUAÇÃO

Todos os campos de atuação.

COMPETÊNCIAS
GERAIS DA
EDUCAÇÃO
BÁSICA

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

**COMPETÊNCIAS
GERAIS DA
EDUCAÇÃO
BÁSICA**

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

**COMPETÊNCIAS
ESPECÍFICAS DE
LÍNGUA
PORTUGUESA
PARA O ENSINO
FUNDAMENTAL**

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.
3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.

COMPETÊNCIAS
ESPECÍFICAS DE
LÍNGUA
PORTUGUESA
PARA O ENSINO
FUNDAMENTAL

5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.
6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.
8. Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).
10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

MÓDULO II - DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA

ORIENTANDO O PROFESSOR

Oralidade: (EF69LP11), (EF96LP25),
(EF69LP26).

Leitura/Escuta: (EF69LP30)

Tempo de duração: 2 h/a de 50 minutos

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

* 1º passo

- Professor (a), antes de iniciarmos a pesquisa sociolinguística como os alunos, é importante que os alunos tenham noção do que é uma pesquisa sociolinguística. Para isso, primeiro relembrar com os alunos os conceitos discutidos no "módulo I" acerca dos termos "pesquisa" e "sociolinguística". Após isso, construa juntamente com os alunos um conceito para a expressão "pesquisa sociolinguística". Sugerimos o seguinte conceito:

> **Pesquisa sociolinguística:** estuda a língua em uso por meio de dados de fala ou dados escritos em situações naturais de comunicação. Portanto, realizamos uma pesquisa sociolinguística a fim de observar, analisar e aprender a sistematizar as variantes linguísticas utilizadas pelos falantes de uma determinada comunidade de fala. Nesse caso, já que buscamos observar o uso da língua, temos que, o uso é diferente do que propõe a gramática normativa.

- Professor (a), aproveite também para explicar aos alunos o que é uma "comunidade de fala" e o que é "variante linguística". Sugerimos que o professor escreva esses termos na lousa e elabore com os alunos os conceitos acerca de cada expressão. Sugerimos as seguintes definições:

> **Comunidade de fala:** o linguista Faraco, baseado em Lucchesi (2015), define como comunidade de fala "um grupo social que compartilha (a) determinadas características linguísticas, (b) atitudes valorativas frente a fatos linguísticos e (c) tendências de mudança linguística" Faraco (2017, p. 18).

> **Variante linguística:** de acordo com Tarallo (2007), "variável linguística" é o que há possibilidade de variar e "variantes linguísticas" são as maneiras de variação. Para exemplificar, podemos citar "as mocas bonitas/ as moças bonita/ as moça bonita." Neste exemplo, a variável é marca de plural e as variantes são, respectivamente, a que tem o segmento /s/ indicando o plural e a que não tem /0/.

> Existe ainda o conceito de variedade, que não pode ser confundido com o de variável ou o de variante: variedade linguística representa a fala de uma comunidade de modo global, onde é considerado todas as suas particularidades, tanto categoricas quanto variáveis; é o mesmo que dialeto ou falar.

Atividade 8: Conhecendo a pesquisa sociolinguística



Caro estudante,

convido você, neste momento, para, juntos, açãoarmos a língua sob um novo olhar, isto é, por meio de uma pesquisa sociolinguística. Neste sentido, fique atento (a) às discussões e reflexões ao longo de cada atividade proposta.

1º passo: Aluno (a), primeiro, antes de iniciarmos a pesquisa sociolinguística, é muito importante estabelecermos algumas discussões e reflexões sobre o que é uma "pesquisa sociolinguística". Para isso, relembrar, juntamente com o seu professor o que é "pesquisa" e o que é "Sociolinguística" e, juntamente com ele, construa um conceito para a expressão "pesquisa sociolinguística".

A partir da construção desses conceitos, leve os alunos a compreenderem a importância de um estudo sociolinguístico, uma vez que, por meio dele, buscamos descrever, de maneira fundamentada, um fenômeno variável, a partir da análise, compreensão e sistematização das variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala.

- Para fixar os conceitos, sugerimos que você mostre para eles uma pesquisa sociolinguística variacionista que aborde o objeto que será estudado posteriormente na pesquisa com eles. Você pode escolher um artigo científico, dissertação ou tese que trate do objeto de estudo. Já que nosso objeto de estudo é a concordância verbal, sugerimos o artigo científico "A concordância verbal na língua falada na região noroeste do Estado de São Paulo" de Cássio Florêncio Rubio (2008), disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaidsilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2009_gt_lg06_artigo_8.pdf. Acessado em 12/02/2021. Para entender melhor a pesquisa sociolinguística, você pode ler também a dissertação dele, disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/8659/2/rubio_cf_me_sjrp.pdf?sequence=1&isAllowed=y.

SAIBA MAIS...



- Professor (a), para aprofundar os seus conhecimentos acerca da pesquisa sociolinguística, sugerimos as seguintes obras: "Pesquisa sociolinguística" de Fernando Tarallo (2007); "Para conhecer Sociolinguística" de Coelho et al (2015).

MÓDULO II - DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA

2º passo: Você agora já sabe o que é uma pesquisa sociolinguística. Entretanto, é importante conhecer também o passo a passo para realizá-la. Então, vamos lá! São eles:

1. Definir o objeto de estudo científico;
 2. Definir a teoria que vai fundamentar a pesquisa;
 3. Etapas/Metodologia para execução da pesquisa:
- Revisão bibliográfica sobre o objeto de estudo;
 - Definição/organização do corpus;
 - Levantamento de dados;
 - Quantificação e tratamento estatísticos dos dados;
 - Análise qualitativa, baseada nas teorias estudadas.



SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

* 2º passo

- Professor (a), sua mediação ao longo deste processo é de fundamental importância. Leia, juntamente com os alunos o passo a passo para a realização de uma pesquisa sociolinguística, explique e exemplifique para eles o passo a passo proposto neste estudo, a partir de uma pesquisa sociolinguística variacionista sobre a concordância verbal (nossa objeto de estudo nesta pesquisa).

Nesta pesquisa, sugerimos o artigo científico de Rubio (2008) que foi apresentado aos alunos no passo anterior, disponível em http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2009_gt_lg06_artigo_8.pdf. Também se encontra no apêndice “2”, um material com trechos do respectivo artigo que você pode utilizar para exemplificar para os alunos as etapas da pesquisa sociolinguística.

Você pode utilizar o Datashow para analisar com os alunos. Neste momento, apenas apresente a eles as etapas da pesquisa sociolinguística, diga que eles irão saber mais a respeito de cada uma mais adiante, na realização da pesquisa em si.

MÓDULO II - DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA

ORIENTANDO O PROFESSOR

Oralidade: (EF69LP11), (EF96LP25),
(EF69LP26).

Leitura/Escuta: (EF69LP30)

Tempo de duração: 2 h/a de 50 minutos

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

* 1º passo

- Professor (a), provavelmente os alunos vão perguntar: "O que é isso?", então, esclareça que o objeto de estudo é o que a gente vai estudar na pesquisa sociolinguística. Logo, precisamos escolher um fenômeno que possui variação na língua, chamamos isso de fenômeno variável. Essa variação na língua não acontece de forma aleatória, existem coisas que influenciam, na sociolinguística, chamamos isso de FATORES que influencia a mudança, que podem ser fatores considerados pela própria língua que vamos chamar de 'internos' ou então de fatores que estão associados a influências sociais, que são os 'externos' a língua. Então, mostre a eles que o primeiro passo para realizarmos a pesquisa sociolinguística é a escolha do nosso objeto de estudo científico. Direcione a escolha desse objeto para o fenômeno variável da "concordância verbal". Diga a eles que até podemos escolher outro, mas no momento vamos estudar este. Sugerimos que escreva na lousa o objeto de estudo e peça para eles anotarem no diário de bordo.

Atividade 9: Pesquisa sociolinguística em ação

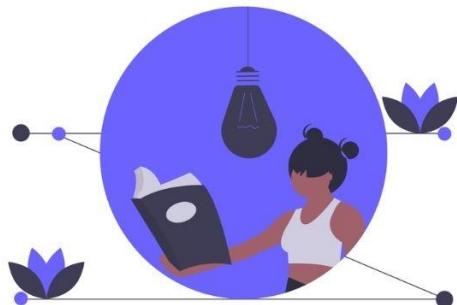
1º passo: Aluno (a), Caro estudante, agora que você já sabe/conhece o que é, de fato, uma pesquisa sociolinguística, chegou a hora de "colocar a mão na massa", isto é, de você realizar, sob a mediação do seu professor, uma pesquisa sociolinguística em sala de aula. Lembrando que é muito importante que você fique atento às orientações do seu professor.

Primeiro defina, juntamente com o seu professor, o objeto de estudo científico para esta pesquisa.



MÓDULO II - DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA

2º passo: Aluno (a), você sabia que toda pesquisa é regida por, pelo menos, uma TEORIA científica, isto é, existe uma teoria por traz dela para embasar, sustentar e justificar o que está sendo pesquisado. Diante disso, juntamente com o seu professor, defina a teoria que vai fundamentar a pesquisa que será realizada por vocês na sala de aula. Faça as anotações no seu diário de bordo.



SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

* 2º passo

- Professor (a), para iniciar, sugerimos que você anote as discussões e reflexões na lousa e peça aos alunos para registrarem no diário de bordo.

- Primeiro, retome com os alunos os conceitos de variação linguística e sociolinguística (estudadas/elaboradas no módulo 1).

Após isso, esclareça aos alunos que a variação linguística é estudada por uma ciência da língua chamada "Sociolinguística" e que, para trabalharmos esta questão existem algumas formas diferentes, mas nesta pesquisa que vamos desenvolver, iremos nos pautar na teoria da "SOCIOLINGUISTICA QUANTITATIVA". Provavelmente, os alunos vão perguntar o que é isso. Sugerimos, primeiro, que você mostre a eles que é um modelo teórico-metodológico que também atende por outros nomes: (i) Sociolinguística Laboviana; (ii) Sociolinguística Variacionista; (iii) Teoria da Variação e Mudança Linguística (COELHO, et al., 2015).

- Professor (a), para explicar o que é a "Sociolinguística Quantitativa", leve os alunos a compreenderem que a "SOCIOLINGUISTICA" não dá condições/subídios para entendermos o que motiva uma determinada variação na língua. Assim, nesta pesquisa vamos entender porque temos a possibilidade de variação na concordância verbal e o que motiva que exista essa variação na língua. Temos o que a prescrição aponta através da gramática normativa, mas ainda assim, os falantes muitas vezes fazem o uso que é diferente daquele (da GN). E mesmo assim, as pessoas conseguem se entender, contudo é diferente, isto é, varia. É importante que os alunos percebam que isso não é algo aleatório, mas que existe, portanto, uma ciência que consegue explicar como isso acontece na língua. Diga a eles que vamos chamar de "QUANTITATIVA" porque vamos trabalhar com a quantificação de dados (sugerimos que pesquise no dicionário o significado de "quantificar"). Para isso, eles precisarão ter uma amostra de dados da língua (dados de fala - entrevista ou dados escritos - textos -). No caso da pesquisa que eles vão fazer, vamos utilizar dados escritos, isto é, vamos pegar alguns textos (é importante que o aluno saiba que precisamos ter uma quantidade de dados robusta, que nos permita verificar o percentual de ocorrências, para isso, não podemos escolher qualquer texto, uma vez que vamos quantificar as ocorrências e analisá-las) e identificar todos os usos de concordância verbal, seja a concordância que está de acordo com a gramática normativa, seja uma que não esteja. Esclareça aos alunos que, nesta pesquisa, eles irão estudar o fenômeno da CV por meio de textos da revista "Superinteressante". Assim, a escolha de uma revista de conteúdo científico se deu, uma vez que acreditamos que esta apresenta uma linguagem mais formal, mais monitorada, então imaginamos que nela, a CV vai ser de acordo com as prescrições da gramática normativa, assim, tudo que estiver atrelado à gramática, leve o aluno a entender que é a variedade PADRÃO. Já o que não estiver, o que, no caso, varia, diga a eles, que vamos chamar de variedade NÃO-PADRÃO. Após isso, explique aos alunos que para observarmos as variedades que nem sempre está conforme prevê as regras da gramática normativa, é muito mais fácil observar a variação por meio da fala, porque todo fenômeno de variação começa na fala (algum aluno pode perguntar, "mas por que professora?", "porque na fala todo mundo pode falar errado?", caso este tipo de questão seja levantada, este é o momento de você trabalhar com eles o "adequado" e "inadequado", ou seja, não é que é errado, mas uma outra forma de usar a língua em um contexto, que no caso, é válido.

Você pode aproveitar e trabalhar a "consciência linguística" com os seus alunos.

- Depois, esclareça para eles que, normalmente, em uma pesquisa sociolinguística trabalhamos com dados de fala, entretanto nesta pesquisa eles não irão trabalhar com dados de fala porque teria que gravar a fala das pessoas, fazer a transcrição, pois isso na sala de aula ficaria muito difícil. Assim, iremos trabalhar com textos escritos. Portanto, esses textos serão o nosso material de pesquisa, o qual chamamos dentro da pesquisa sociolinguística de CORPUS. Eles podem perguntar, "Mas o que é corpus, professora?", dessa maneira, esclareça a eles que é o conjunto de textos que irá servir como amostra linguística para fazermos a quantificação dos nossos dados.

- Após isso, explique aos alunos que para realizarmos a pesquisa sociolinguística, vamos precisar também de um outro texto para compararmos a FREQUÊNCIA DE USO, ou melhor, quantas ocorrências aparecem de variedade padrão e quantas ocorrências aparecem de variedade não-padrão, em textos que são mais e menos monitorados. Uma vez que já escolhemos notícias da revista Superinteressante para verificar as ocorrências padrão, temos que escolher outros dados na mesma modalidade. Neste caso, optamos em nosso estudo pelas letras de música de rap, uma vez que se trata de um gênero textual que representa um uso legítimo da língua, cujo texto apresenta uma linguagem menos formal e menos monitorada. Leve os alunos a perceberem que este gênero é muito elucidativo para mostrar esse fenômeno de variação, pois, no texto da notícia não se adequa a língua, mas no rap se adequa, pois, se o compositor fizesse a concordância ali, iria ficar artificial, não faria sentido para eles, sendo que isso tem a ver com a voz que essas músicas representam, com a realidade, com a fala, com a identidade daquelas pessoas. Retome com eles que é "quantitativa" porque vamos trabalhar com a quantidade de dados, a partir dos gêneros textuais que foram escolhidos, por ora, para a pesquisa sociolinguística. É importante também que os alunos comprendam que deve haver um "equilíbrio" entre as amostras que compõem o corpus, para que assim, eles consigam ter a noção de frequência de uso.

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

* 3º passo

- Professor (a), agora retome com os alunos o momento em que você explicou que a sociolinguística quantitativa é um modelo teórico-metodológico; assim, através das palavras teórico e metodológico (escreva na lousa, não se esqueça de ir anotando tudo para ficar mais fácil para o aluno assimilar tais conceitos), leve-os a perceberem que temos a teoria e a metodologia, ou seja, a teoria já foi falada e explicada, a Sociolinguística é uma teoria que vai nos explicar o que condiciona e o que motiva os fenômenos de variação dentro da língua. Agora, quando falamos que esse é um modelo também metodológico, é porque para que seja possível pesquisarmos o que condiciona a variação na língua, é preciso ter uma metodologia. Neste momento, sugerimos que o professor explique aos alunos o que é metodologia. Para isso, pesquise, primeiro, em um dicionário de Língua Portuguesa, o que significa a palavra metodologia. A partir deste conceito, leve os alunos a perceberem que além da teoria que fundamenta uma dada pesquisa, é preciso também ter um método para desenvolvê-la, ou seja, um procedimento, um passo a passo, que guie a pesquisa. Explique aos alunos que iremos abordar cada um desses passos, à medida em que forem apresentadas as atividades da pesquisa.

3º passo: Aluno (a), Caro estudante, até o momento, já definimos o objeto de estudo nesta pesquisa, que é o fenômeno linguístico variável da concordância verbal e, também, definimos a teoria que vai fundamentar a nossa pesquisa, que é a Sociolinguística Variacionista. Agora, tendo em vista que a teoria não pode ser vista de modo separado da metodologia, o nosso próximo passo é conhecer as etapas que compõem a metodologia dessa teoria, isto é, sobre os procedimentos/passos que irão guiar a pesquisa sociolinguística de vocês. São eles:

- Revisão bibliográfica sobre o objeto de estudo; (concordância verbal)
- Definição/organização do corpus; (gêneros textuais cuja linguagem é mais e menos monitorada: notícias da revista Superinteressante e letras de música rap)
- Levantamento de dados;
- Quantificação e tratamento estatísticos dos dados;
- Análise qualitativa, baseada nas teorias estudadas.

MÓDULO II – DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA

Atividade 10: Estudando a concordância verbal

1º passo: Aluno (a), agora você já conhece/sabe as etapas que compõem a metodologia de uma pesquisa sociolinguística. Assim, o nosso primeiro passo nesta pesquisa é aprofundar nossos conhecimentos acerca do nosso objeto de estudo – a concordância verbal. Iremos começar pela revisão bibliográfica acerca deste objeto, isto é, vamos realizar uma pesquisa bibliográfica sobre este fenômeno linguístico a partir dos pressupostos da gramática normativa, depois buscaremos compará-lo aos estudos de variação em uma pesquisa sociolinguística. Para isso, faça o que se pede a seguir:

→ Primeiro, em grupos de dois ou três, verifique de que maneira a concordância verbal é abordada no manual de gramática. Anotem os resultados das pesquisas de vocês no diário de bordo, lembrando-se que é importante você registrar a fonte e as páginas que foram retiradas as informações/explicações. Depois, juntamente com o (a) seu (a) professor (a) e seus colegas, elaborem “uma síntese das explicações trazidas pela tradição normativa” (BAGNO, 2011, p. 906) acerca do fenômeno linguístico em estudo. Anote esta síntese no seu diário de bordo.

→ Após você verificar como o fenômeno linguístico da concordância verbal ocorre nos estudos normativos, chegou o momento de vocês saberem/conhecerem como acontece no uso real da língua (no dia a dia dos falantes), isto é, de verificar como este fenômeno é abordado nos estudos descritivos da língua. Para isso, leia o texto a seguir, que trata do objeto de estudo – CV – em uma pesquisa sociolinguística variacionista. Em seguida, juntamente com o (a) seu (a) professor (a), analise e compare a forma como o fenômeno linguístico é abordado nele com as prescrições que são apontadas pela gramática normativa. Por último, anote as diferenças que você conseguiu perceber ao discutir e observar juntamente com o seu professor as prescrições apontadas pelas gramáticas normativas e pelos dados analisados em pesquisas sociolinguísticas pautados em usos da língua. Faça também uma síntese das explicações apontadas ao longo das análises e discussões trazidas pelos estudos descritivos da língua. Registre tudo no seu diário de bordo.

- Professor (a), é importante que você já marque ou informe as páginas do manual de gramática que serão utilizados para a pesquisa dos alunos. Primeiro, divida a turma em grupos pequenos (dois ou três alunos no máximo); em seguida, solicite aos alunos que pesquiem sobre o fenômeno linguístico da concordância verbal no manual de gramática normativa. Em seguida, juntamente com os alunos, faça uma síntese do conteúdo trazido pela gramática normativa e anote na lousa. Não se esqueça de pedir aos alunos para anotarem no diário de bordo.
- Depois disso, professor (a), inicie as suas reflexões com os alunos a partir das seguintes questões proposta pelo linguista Marcos Bagno (2011): “vamos ver se é assim mesmo que as coisas acontecem no dia a dia da língua? Será que as explicações das gramáticas normativas correspondem ao uso real da língua pelos brasileiros?” (BAGNO, 2011, p. 906).

É muito importante que os alunos compreendam que, tanto a concordância nominal ou verbal, fogem aos padrões que são impostos pela gramática normativa, assim como qualquer outro fenômeno linguístico.

Após isso, compare com as prescrições da gramática normativa, a forma como o fenômeno da concordância verbal é abordada nos estudos descritivos. Para analisarem e compararem o fenômeno linguístico tendo em vista os usos reais da língua, sugerimos o texto: “Estudando a concordância verbal através de uma pesquisa sociolinguística variacionista”, o qual aborda o fenômeno linguístico numa perspectiva variacionista da língua. Sugerimos que você leve o texto xerocado (caso não seja possível, leia-o e transcreva na lousa, alguns trechos/exemplos para ir comparando e analisando com os estudantes).

Ao mostrar e explicar aos alunos, os resultados da pesquisa no texto, traga à tona (para discussão) algumas das regras impostas pela gramática normativa. Ou seja, sugerimos que no momento da discussão com os alunos, que você compare os aspectos linguísticos que foram identificados às regras impostas pela gramática normativa e, ao mesmo tempo, relate-as às contribuições da gramática descritiva, pautando-se numa perspectiva variacionista (pautada nos usos reais/variáveis da língua). Leve eles a perceberem que a realização ou não da concordância depende de determinados fatores, linguísticos ou não linguísticos, que influenciam essa variação. Além disso, percebam ainda, que existem diversas variedades linguísticas que se adequam às situações comunicativas e, assim, consigam compreender a língua em sua heterogeneidade, flexibilidade e dinamismo. Professor (a), na medida em que você vai percebendo os entraves, procure interferir nas colocações dos alunos, possibilitando, desta forma, o entendimento de que a língua é dinâmica, heterogênea e variável.

- A partir dessas reflexões, leve os alunos a observarem as prescrições apontadas pelas gramáticas normativas e pelos dados analisados em pesquisas sociolinguísticas pautados em usos da língua, amparando-se em princípios científicos, mostrando, assim, um avanço com relação ao conceito tradicional de concordância verbal, que é proposto nas gramáticas normativas. Na medida em que for refletindo com os alunos sobre o fenômeno, sugerimos que faça uma síntese dessas discussões na lousa e lembre os alunos de anotarem no seu diário de bordo. É importante que você retome com os alunos o preconceito linguístico, levando-os a perceberem que não existe uma maneira “certa” de falar, mas sim, “adequada”.

ORIENTANDO O PROFESSOR
ATIVIDADE 10

Práticas de linguagem/habilidades
Oralidade: (EF69LP11), (EF96LP25), (EF69LP26),
Leitura/Escuta: (EF69LP30),
Análise linguística: (EF07LP06), (EF08LP04)
Tempo de duração: 4 h/a de 50 minutos cada.

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

* 1º passo

- Professor (a), primeiro, explique aos alunos o que é revisão bibliográfica, ou seja, que eles irão estudar o fenômeno da CV a partir das contribuições de alguns linguistas e também de pesquisas científicas. Dessa forma, eles irão conhecer o objeto de estudo por meio de uma pesquisa bibliográfica. Mostre a eles que para isso iremos utilizar um manual de gramática normativa e uma pesquisa sociolinguística variacionista.

- Professor (a), é fundamental que você prepare o material/aula com antecedência. Então, leia/estude o conteúdo, faça algumas cópias sobre o fenômeno da concordância verbal trazido no manual de gramática normativa e do texto sugerido (da pesquisa sociolinguística). Sugerimos que você utilize nesta pesquisa com os alunos o manual de gramática normativa de Evanildo Bechara (2001), “Moderna gramática portuguesa”. Cabe ressaltar que escolhemos Bechara por dois motivos: porque além de ser um dos maiores gramáticos da língua portuguesa, essas gramáticas estão disponibilizadas na maioria das escolas públicas. Já que também a grande maioria dos alunos nem sabem da existência deste manual, uma vez que eles estudam a gramática na maioria das vezes por meio do livro didático. Portanto seria muito interessante os alunos conhecerem e consultarem este manual. Então, sugerimos que o docente leve para a sala de aula ao menos um exemplar para que os alunos conheçam e pesquiem acerca do objeto de estudo - CV.

SAIBA MAIS...



- Neste passo, fizemos um breve estudo do fenômeno da concordância verbal pautada em algumas sugestões de Bagno (2011). A partir do que propõe Bagno (2011), acreditamos que é importante mobilizarmos os conhecimentos prévios dos alunos por meio de perguntas que incitem ao estudo variacionista da língua, buscando, dessa maneira, cultivar o interesse e estimular a curiosidade dos nossos alunos para aprenderem mais sobre a nossa língua materna. Por isso, é fundamental que o professor adote estratégias como a sistematização de conhecimentos junto à turma, bem como também a valorização desses conhecimentos. Através da pesquisa, por exemplo, os conhecimentos podem ser ampliados ou refutados num processo de investigação e reflexão, estimulando, assim, o pensamento crítico dos alunos.

- Professor (a), você poderá aprofundar ainda mais os seus conhecimentos sobre o fenômeno linguístico estudado em gramáticas normativas como, por exemplo, a “Moderna Gramática Portuguesa”, de Evanildo Bechara; a “Nova gramática do português contemporâneo”, de Celso Cunha e Lidley Cintra; a “Gramática normativa da língua portuguesa”, de Rocha Lima; entre outras. Também, em gramáticas de cunho descritivos como a “Gramática Pedagógica do Português Brasileiro”, de Marcos Bagno; a “Gramática descritiva do português”, de Mário Alberto Perini, entre outras. Existem também várias pesquisas sociolinguísticas variacionistas sobre o fenômeno linguístico da concordância verbal publicadas, para acessá-las, sugerimos que pesquise sobre o assunto no “Google Acadêmico”.



TEXTO: Estudando a concordância verbal através de uma pesquisa sociolinguística variacionista

Uma das investigações que mais vem sendo desenvolvida são os estudos acerca da variação da concordância verbal (CV). Vários estudos (SCHERRE, 2005; RUBIO, 2008; entre outros) vêm demonstrando que as regras de concordância verbal não são homogêneas ou uniformes, ao contrário, se mostra como uma regra variável, uma vez que, os falantes da língua têm a possibilidade de optarem por usar as marcas de CV, considerada padrão conforme a gramática normativa, ora não usando essas marcas, forma considerada não-padrão. Essa escolha de alternância entre as variantes (presença ou ausência das marcas de concordância) vai ser motivada pelas características sociais dos falantes da língua, tomados também por aspectos estruturais da própria língua.

No processo de CV do português brasileiro (PB), a estrutura que analisamos é a que se dá entre o sujeito e o verbo, característica esta que não é exclusiva dessa variedade da língua. Assim, o fato de tanto o sujeito quanto o verbo apresentarem marcas de número e de pessoa, tornam possíveis algumas realizações como:

- (i) Nós vamos comprar pão.
- (ii) Vamos comprar pão.
- (iii) Nós vai comprar pão.

Pautando-nos em estudos sociolinguísticos, esse processo não implica, necessariamente, que estejam presentes todas as marcas de concordância para que ele funcione. Observamos em (i) a marca de primeira pessoa do plural que se encontra tanto no sujeito, através do pronome "nós", quanto no verbo (vamos), através da terminação "-mos" (desinéncia número pessoal). Já em (iii), essa marca aparece apenas no sujeito (pronome nós). E em "(ii)", o sujeito não aparece, contudo, podemos identificá-lo (nós). Do ponto de vista linguístico, temos três maneiras diferentes de dizer a mesma coisa, não havendo uma melhor do que a outra. Entretanto, do ponto de vista social, há formas mais prestigiadas como em "(i)", outras menos, como em "(iii)", por exemplo. E existe ainda aquelas que são desprestigiadas e até mesmo, estereotipadas.

É importante salientarmos que situações formais exigem do falante uma variedade de língua mais cuidada e elaborada, uma vez que a sociedade impõe certas regras sociais e, consequentemente linguísticas, as quais espera ver cumpridas; o desrespeito a essas regras pode gerar o preconceito linguístico. Por isso, as diferentes maneiras de falar não devem ser consideradas como "erros", evitando dessa maneira esse preconceito.

continua na próxima página

MÓDULO II - DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA

TEXTO: Estudando a concordância verbal através de uma pesquisa sociolinguística variacionista

Para estudarmos esta variável a partir de contribuições variacionistas, vamos nos pautar nos estudos de um linguista⁹ chamado Dante Lucchesi "A variação na concordância verbal no português popular da cidade de Salvador". Esta pesquisa buscou focalizar o efeito da presença ou ausência de marca de plural no último elemento do sujeito que precede imediatamente o verbo (LUCCHESI, 2015). O autor analisou a concordância verbal tanto a partir de fatores internos (como a posição do sujeito em relação ao verbo, distância entre o sujeito e o verbo, tipo estrutural do sujeito, paralelismo formal no nível oracional, saliência fônica) e quanto externos (como a faixa etária, escolaridade e sexo/gênero) à língua. Dessa maneira, vamos estudá-la por meio de alguns resultados e análises de trechos retirados da sua pesquisa para que, assim, vocês consigam perceber a heterogeneidade e dinamicidade da nossa língua.

Considerando os fatores internos, para verificarmos a variação do fenômeno linguístico da concordância verbal, escolhemos o capítulo "3.5 Realização e posição do sujeito", em que o autor faz uma análise da posição e da presença do constituinte entre o sujeito e o verbo simultaneamente. Em sua pesquisa, a variável apresenta os seguintes valores¹⁰:

Sujeito realizado imediatamente antes ao verbo

- (17) E as minhas irmãs são modernas.
- (18) Todos os blocos passava por aqui.

Sujeito realizado antes do verbo com um ou mais constituintes intervenientes

- (1) Muitos colegas também conseguiram também.
- (2) Muitas crianças já num gostava de estudá.

Sujeito anteposto ao verbo com um sintagma preposicionado (SPrep) ou uma oração relativa

- (3) Quero não, porque todos que eu me aproximo me roubam.
- (4) Aí os cara de lá da rua tava brigando.

⁹Conforme Dicionário Online de Português, linguista é "aquele que é versado em linguística. Etimologia (origem da palavra linguista). De língua." Disponível em: <https://www.dicio.com.br/linguista/>. Acessado em 18/06/2021. Isto é, "o linguista é responsável por analisar e investigar toda a evolução e desdobramentos dos diferentes idiomas, bem como a estrutura das palavras expressões, expressões idiomáticas e aspectos fonéticos de cada língua." Disponível em: <https://www.significados.com.br/linguistica/>. Acessado em 18/06/2021.

¹⁰Estes exemplos foram retirados de Lucchesi (2015, p. 19).

continua na próxima página

TEXTO: Estudando a concordância verbal através de uma pesquisa sociolinguística variacionista

Sujeito retomado por pronome relativo

- (5) É, meus vizinho, tem uns quesão bons, tem uns que são ruim.
 (6) Era os próprios segurâncas quecontratava os maus elementos.

Sujeito não realizado

- (7) Eles acharo que foi a gente, ai escarreraro a gente, né?
 (8) As pessoas qué comprá um gás, qué pegá uma águia, num pode.

Sujeito posposto

- (9) Morreram dois, ficô quattro, são dois irmão.

(10) A gente não sabe quem é quem, ainda mais hoje em dia, do jeito que tá as coisa, né?

Assim, a variável apresentou os seguintes resultados quantitativos (Cf. Lucchesi, 2015, p. 20):

Tabela 1 – A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “realização e posição do sujeito”, no português popular de Salvador (Nível de significância: .024)

Sujeito	Ocorrências	Frequência	Peso relativo
Imediatamente anteposto ao verbo	325/1.054	30,8%	0,523
Não realizado	195/707	27,6%	0,515
SN com relativa ou SPrep	12/69	17,4%	0,513
Retomado por pronome relativo	55/245	22,4%	0,505
Anteposto com constituinte interventiente	25/114	21,9%	0,471
Posposto ao verbo	11/111	9,9%	0,225
Total	623/2.300	27,1%	0,382

Fonte: Lucchesi (2015, p. 20).

continua na próxima página

MÓDULO II - DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA

TEXTO: Estudando a concordância verbal através de uma pesquisa sociolinguística variacionista

Como observado em todas as análises sobre o tema, o sujeito imediatamente anteposto ao verbo é o contexto que mais favorece a concordância. Isso se deve à facilidade de processamento linguístico, já que a especificação de pessoa e número do SN¹¹ está explicitamente disponível, imediatamente antes do verbo. Por outro lado, o sujeito não realizado se mostrou favorável ao mecanismo da concordância verbal, o que não é muito observado¹². Nesse caso, pode-se invocar um princípio funcional: a ausência do sujeito aumenta o valor informacional da flexão verbal, embora o ouvinte possa, na maioria das vezes, obter essa informação por meios discursivos e/ou pragmáticos.

Resultados e análises de fatores externos/extralingüísticos

A tabela a seguir mostra os resultados das frequências de aplicação da regra de concordância verbal, conforme as variáveis sociais no português popular de Salvador em termos percentuais:

Tabela 2: Frequência de aplicação da regra de concordância verbal, de acordo com as variáveis sociais, no português popular de Salvador

Variável	Fator	Ocorrências	Frequência
Idade	25-35 anos	203/654	31%
	35-45 anos	222/835	26,6%
	Mais de 65 anos	198/811	24,4%
Sexo	Homem	299/983	30,4
	Mulher	324/1.317	24,6
Escolaridade	Semanalfabeto	527/1890	27,9%
	Analfabeto	96/410	23,4%
Mídia	Alta	308/1.111	27,7%
	Baixa	315/1.189	26,5%
Rede	Dispersa	243/887	27,4%
	Local	380/1.413	26,9%

Fonte: Lucchesi (2015, p. 27).

¹¹"Síntagma nominal: tem como núcleo o substantivo e exerce a função de núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto, do predicativo do sujeito, do predicativo do objeto, do complemento nominal, do adjunto adnominal, do adjunto adverbial, do agente da passiva, do aposto e do vocativo." Por exemplo: João está calado. (núcleo do sujeito = João). Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/gramatica/tipos-sintagmas.htm> . Acessado em: 18/06/2021.

¹² Os resultados de Vieira (1995, p. 104), por exemplo, apontam o sujeito não realizado como fator que não favorece a concordância verbal.

continua na próxima página

TEXTO: Estudando a concordância verbal através de uma pesquisa sociolinguística variacionista

De fato, a frequência de aplicação da regra de concordância verbal é maior na fala dos mais jovens, dos homens, dos semianalfabetos, daqueles com uma exposição maior aos meios de comunicação de massa e com uma rede de relações sociais mais dispersa, ou seja, menos densa e uniplex (BORTONIRICARDO, 2005, 2011; MILROY, 1980). Isto é, as comunidades mais fechadas e tradicionais (por exemplo, as que existem na zona rural) as redes de relações sociais é mais densa, sendo que essas relações possuem diversas dimensões (nas relações entre si, os indivíduos assumem vários papéis), tornando, assim, essas comunidades mais resistentes à normalização linguística em processos de mudança de cima para baixo. Enquanto que nas comunidades urbanas, as redes sociais são menos densas (já que cada indivíduo se relaciona apenas com uma pequena parcela do conjunto de indivíduos da comunidade) e em suas relações os indivíduos possuem um papel definido, logo, são uniplex. Ou melhor, esse tipo de comunidade é mais receptiva à influência de padrões institucionais e de prestígio social.

Porém, as diferenças não chegam a ser significativas, nomeadamente, no que se refere à exposição à mídia e a rede de relações sociais, em que a diferença entre os fatores fica em torno de um ponto percentual, ou menos que isso, de modo que essas variáveis foram descartadas pelo *GoldVarb*¹³, por falta de significância estatística.

Os resultados da variável idade apontaram para um quadro de mudança aquisicional (essa mudança toma como modelo o português culto) da regra de concordância verbal junto à terceira pessoa do plural, no português popular de Salvador, isto é, confirma-se a tendência de mudança "para cima", já que a frequência de aplicação da regra sobe à medida que se passa das faixas etárias mais velhas para¹⁴ as mais novas (24%, na faixa III, 27%, na faixa II, e 31% na faixa I, *Tabela 3: aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável "faixa etária", no português popular de Salvador (Nível de significância: .099)*

Faixa Etária	Ocorrências	Frequência	Peso relativo
Faixa I (25 a 35 anos)	203/654	31%	0.549
Faixa II (45 a 55 anos)	222/835	26,6%	0.483
Faixa III (mais de 65 anos)	198/811	24,4%	0.479
Total	623/2.300	27,1%	0.376

Fonte: Lucchesi (2015, p. 28).

¹³ Programa computacional específico para análise estatística de dados linguísticos. Isto é, numa pesquisa de descrição sociolinguística, este programa é utilizado com um método quantitativo que ao ser "lido" é analisado pelo linguista, passa a ter tratamento qualitativo (interpretação dos dados). Cabe ressaltar que não será necessário utilizar este programa com os alunos em sua pesquisa, uma vez que eles trabalharão com estatística simples.

¹⁴ Percentuais arredondados.

continua na próxima página

TEXTO: Estudando a concordância verbal através de uma pesquisa sociolinguística variacionista

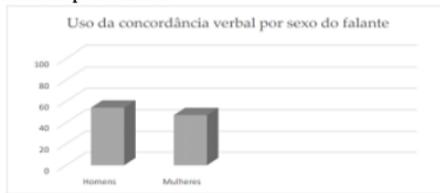
Os resultados da análise quantitativa do variável sexo no uso da regra de concordância verbal em quatro bairros populares da cidade de Salvador se ajustam ao que se viu nas periferias das cidades de São Paulo (RODRIGUES, 1987) e Brasília (BORTONI-RICARDO, 2011), como se pode ver na Tabela 11 e no Gráfico 3.

Tabela 4: A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “sexo”, no português popular de Salvador (Nível de significância: .024)

Sexo	Ocorrências	Frequência	Peso relativo
Masculino	299/983	30,4%	0,541
Feminino	324/1313	24,6%	0,469
Total	623/2.300	27,1%	0,376

Fonte: Lucchesi (2015, p. 30)

Gráfico 1: A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “faixa etária”, no português popular de Salvador, com base nos pesos relativos



Fonte: Lucchesi (2015, p. 30)

Os resultados revelaram que são os homens que empregam mais a variante de prestígio da concordância verbal, com frequência de 30,4% (contra 24,6% das mulheres)¹⁵.

Fonte: Disponível em
<https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/15467/10614>. Acessado em: 08/03/2021 às 11:09. Texto adaptado pelas autoras.

¹⁵ A noção de peso relativo está atrelada à pesquisa sociolinguística, contudo isso não será considerado na pesquisa dos alunos, tendo em vista que eles trabalharão com estatística simples.

MÓDULO II - DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA

ORIENTANDO O PROFESSOR

Oralidade: (EF69LP11), (EF96LP25),
(EF69LP26).

Leitura/Escuta: (EF69LP30)

Análise linguística: (EF07LP06),
(EF08LP04)

Tempo de duração: 2 h/a de 50 minutos

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

* 1º passo

- Professor (a), primeiro, retome como os alunos que normalmente, em uma pesquisa sociolinguística trabalhamos com dados de fala, tal como aponta Coelho, et al. (2015, p. 102) que "O principal método para investigação sociolinguística é, segundo Labov, a observação direta da língua falada em situações naturais de interação social face a face." Entretanto nesta pesquisa, eles não irão trabalhar com dados de fala, uma vez que seria necessário eles gravarem a fala das pessoas e fazerem a transcrição delas, e isso na sala de aula ficaria muito difícil.

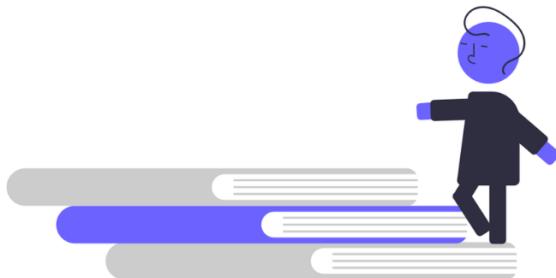
Assim, iremos trabalhar com textos escritos. Esses textos serão o material de pesquisa, o qual chamamos dentro da pesquisa sociolinguística de CORPUS. Lembre os alunos que o corpus é formado por um conjunto de textos que irá servir como amostra linguística para fazermos a quantificação dos nossos dados.

- Após isso, explique aos alunos que para realizarmos a pesquisa sociolinguística, vamos precisar de dois gêneros textuais para compararmos a FREQUÊNCIA DE USO, ou melhor, para verificarmos quantas ocorrências aparecem de variedade padrão e quantas ocorrências aparecem de variedade não-padrão, em textos que são mais e menos monitorados.

Explique aos alunos que escolhemos, para nossa pesquisa, notícias da revista Superinteressante para verificar as ocorrências padrão. Como temos que escolher outros dados na mesma modalidade, optamos pelas letras de música de rap, uma vez que se trata de um gênero textual que representa um uso legítimo da língua, cujo texto apresenta uma linguagem menos formal e menos monitorada. Leve os alunos a perceberem que este gênero é muito elucidativo para mostrar esse fenômeno de variação, pois, no texto da notícia não se adequa a língua, mas no rap se adequa, pois, se o compositor fizesse a concordância ali, iria ficar artificial, não faria sentido para eles. Esclareça que isso tem a ver também com a voz que essas músicas representam, com a realidade, com a fala, com a identidade daquelas pessoas. Neste momento, é importante também que os alunos compreendam que deve haver um equilíbrio* das amostras que compõem o corpus, para que assim, eles consigam ter a noção de frequência de uso (porcentagem) de ocorrências das formas padrão e não-padrão.

Atividade 11: Definindo e organizando o "corpus" da pesquisa sociolinguística

1º passo: Para você pesquisar o objeto de estudo que foi escolhido – a concordância verbal – temos que definir e organizar um corpus. Faça isso, sob a orientação do seu professor. Não se esqueça de anotar as discussões em seu diário de bordo.



- Sugerimos que o professor anote os resultados das discussões na lousa e peça aos alunos para registrarem no diário de bordo.

SAIBA MAIS...



- Professor (a), para aprofundar os seus conhecimentos acerca da pesquisa sociolinguística, sugerimos as seguintes obras: "Pesquisa sociolinguística" de Fernando Tarallo (2007); "Para conhecer Sociolinguística" de Coelho et al. (2015).

* Uma amostra equivalente, isto é, a quantidade de texto deve ser equivalente (no caso, se for utilizado na pesquisa textos digitados, o pesquisador deverá observar a quantidade de páginas ou palavras em cada uma das amostras). Cabe salientar que para a elaboração do corpus desta pesquisa, utilizamos um total de 03 (três) letras de músicas que totaliza 1842 palavras; e 08 (oito) notícias, totalizando 1854 palavras.

MÓDULO II - DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA

Atividade 12: Levantando os dados nas amostras escolhidas

1º passo: Caro (a) estudante, após a leitura dos textos, primeiro, grife todas as ocorrências em que o fenômeno da concordância verbal aparece na "amostra 1" (notícias) e, depois, na "amostra 2" (letras de músicas - rap). Para isso, inicialmente, juntamente com os seus colegas e seu professor, escolha duas cores de lápis de cor; depois grife, de uma cor as ocorrências de variedades padrão e, de outra, as não-padrão.

Em seguida, juntamente com o (a) seu (a) professor (a), numere nos textos as ocorrências que foram identificadas e depois transcreva-as para o seu diário de bordo. Ao transcrever as ocorrências, é importante que você transcreva uma parte do texto que seja suficiente para compreender a concordância verbal. Sendo assim, há situações que irão exigir de vocês copiarem trechos maiores, outros menores.

Assim, buscando organizar estas informações, sugerimos, a seguir, o modelo de um quadro que você poderá utilizar para realizar estes registros. Veja um modelo:

Quadro 1. Levantamento das ocorrências na amostra 1 - notícias

Nº.	Ocorrências	Variedade
1		
2		
3		

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2021).

Quadro 2. Levantamento das ocorrências na amostra 2 - letras de músicas (rap)

Nº.	Ocorrências	Variedade
1		
2		
3		

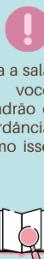
Fonte: Elaborado pelas Autoras (2021).

FIQUE ATENTO!

- Professor (a), antes de levar as amostras que sugerimos para a sala de aula para os alunos pesquisarem, é necessário você verificar/analisar e quantificar as ocorrências das formas padrão e não-padrão do fenômeno linguístico (no caso da concordância verbal). Para auxiliar você, elaboramos um exemplo de como isso deve ser feito. Este exemplo você encontra no apêndice "3".

SAIBA MAIS...

- Professor (a), para aprofundar os seus conhecimentos acerca da pesquisa sociolinguística, sugerimos as seguintes obras: "Pesquisa sociolinguística" de Fernando Tarallo (2007); "Para conhecer Sociolinguística" de Coelho et al. (2015).



ORIENTANDO O PROFESSOR

Oralidade: (EF69LP11), (EF96LP25), (EF69LP26).
Leitura/Escuta: (EF69LP30).
Análise linguística: (EF07LP06), (EF08LP04)

Tempo de duração: 2 h/a de 50 minutos

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

* 1º passo

- Professor (a), inicialmente, retome com eles a questão do "equilíbrio" das amostras, ou seja, que a quantidade de texto nas amostras deve estar equilibrada, uma vez que desejamos obter a frequência de uso (porcentagem de uso) das formas que são padrão e das não-padrão. Enfim, para obtermos uma frequência de uso que nos dê uma resposta científica precisamos, assim, de uma amostra equivalente, pois se eu tiver um texto maior do que o outro, as ocorrências, com certeza, serão maiores nele. Mostre aos alunos o equilíbrio das amostras escolhidas e sugeridas para esta pesquisa (Anexo 1). Cabe ressaltar que, caso seja escolhida outras amostras, você deverá se ater à equivalência delas. Por exemplo, nas amostras sugeridas, foi necessário digitar as notícias e as letras de músicas para que, dessa maneira, fosse possível verificar o número de palavras em cada uma (isto é, a equivalência de texto). Nossa amostra 1 (notícias), tivemos um total de 1854 palavras. Já a amostra 2 (letras de músicas), um total de 1842 palavras.

- Após isso, peça aos alunos que grifem todas as ocorrências de concordância verbal (variedade padrão e não-padrão) na amostra 1, depois na amostra 2. Lembre-se de estabelecer com os alunos uma cor de lápis de cor para marcar a variedade padrão e, outra, para a não-padrão, para que, dessa maneira, seja possível verificar/analisar o número de ocorrências de cada variedade utilizada nos textos. Sugerimos que seja utilizado as cores como forma de diferenciar as ocorrências, entretanto, fica a critério do professor, tendo em vista a realidade de sua turma, definir junto aos alunos a melhor maneira para essa marcação (por exemplo, circular as ocorrências padrão e apenas girar as não-padrão).

- Em seguida, numere, juntamente com os alunos, todas as ocorrências que foram identificadas por eles (primeiro, na amostra 1, depois na amostra 2), transcrevendo-as para os quadros "1" e "2" que foram sugeridos como exemplos nesta atividade como forma de organização deste levantamento de dados. Ao transcrever as ocorrências, é importante lembrar aos alunos que devemos utilizar um a parte do texto que seja suficiente para compreender a concordância verbal. Sendo assim, haverá situações que irão exigir copiar trechos maiores, outros menores. Ao mesmo tempo, identifique com eles a variedade (padrão ou não-padrão) de cada uma dessas ocorrências.

MÓDULO II - DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA

ORIENTANDO O PROFESSOR

Oralidade: (EF69LP11), (EF96LP25),
(EF69LP26).

Leitura/Escuta: (EF69LP30)

Análise linguística: (EF07LP06),
(EF08LP04)

Tempo de duração: 3 h/a de 50 minutos

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

* 1º passo

- Professor (a), lembre-se que a sua mediação no desenvolvimento da pesquisa sociolinguística é fundamental. Nesta atividade, utilizando a lousa, primeiro, quantifique com os estudantes, as ocorrências que apareceram em cada uma das amostras para cada caso (de variedade padrão e de variedade não padrão). Depois, peça aos alunos para tentar elaborar uma tabela que busque representar os resultados que vocês acabaram de realizar o levantamento. Não se esqueça de pedi-los que utilizem números reais e percentuais conforme no exemplo proposto.

- Cabe ressaltar que, neste momento, os alunos poderão realizar as atividades sob a mediação de um professor de Matemática, que irá ajudá-los com o cálculo e a representação destes resultados nas tabelas ou gráficos. Contudo, não sendo possível, o (a) professor (a) deverá mostrar aos alunos como eles irão calcular as ocorrências nas amostras para registrar na tabela (neste caso, poderão utilizar a regra três simples).

Atividade 13: Quantificação, tratamento estatístico e análise qualitativa dos dados obtidos nas amostras

1º passo: Após o levantamento e organização dos dados das amostras "1" e "2" que foi realizado anteriormente, sob a orientação de seu professor, vamos, agora, quantificar as ocorrências que apareceram em cada uma das amostras para cada caso (presença ou ausência de marcas de concordância verbal). Para isso, elabore uma tabela (ou gráfico), para representar esses resultados (nesta pesquisa, utilizem números reais e percentuais). Não se esqueça de registrar no seu diário de bordo. Veja um exemplo de tabela e outro de gráfico que você poderá utilizar:

Tabela 5: Número de ocorrências analisadas e percentual de ocorrências padrão e não-padrão nas notícias

Ocorrências de variedades padrão	Ocorrências de variedades não-padrão	Total
30 (75 %)	10 (25%)	40 (100%)

Fonte: Elaborado pelas Autoras.

Tabela 6: Número de ocorrências analisadas e percentual de ocorrências padrão e não-padrão nas letras de músicas - rap

Ocorrências de variedades padrão	Ocorrências de variedades não-padrão	Total
10 (25 %)	30 (75%)	40 (100%)

Fonte: Elaborado pelas Autoras.

Gráfico 2: Amostra 1 - notícias

Número de ocorrências analisadas e percentual de ocorrências padrão e não-padrão nas notícias



Fonte: Elaborado pelas Autoras.

Gráfico 3: Amostra 2 – letras de música (rap)

Número de ocorrências analisadas e percentual de ocorrências padrão e não-padrão nas letras de músicas - rap



Fonte: Elaborado pelas Autoras.

MÓDULO II – DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA

2º passo: É importante partirmos de uma perspectiva que considere as normas reais observadas diante da funcionalidade da língua em diversas situações de interação e comunicação, uma vez que os usos linguísticos da concordância verbal estão condicionados a fatores internos e externos, os quais não devem ser desconsiderados.

Neste sentido, a fim de verificarmos o que condicionou/influenciou a variação na concordância verbal em textos mais e menos monitorados (neste caso, nas amostras 1 e 2), partiremos da análise de alguns fatores linguísticos e extralingüísticos. Estes fatores podem influenciar diretamente nos usos da língua e estão intimamente ligados à mudança linguística. Mas, afinal, o que são fatores linguísticos e extralingüísticos?

- **Fatores linguísticos ou internos:** está relacionado a aspectos estruturais da língua. "Como exemplos, temos a ordem dos constituintes em uma sentença, a classe das palavras envolvidas no fenômeno em variação, aspectos semânticos etc." (COELHO et al. 2015, p. 20).

- **Fatores extralingüísticos:** está relacionado a contextos sociais (de natureza social), como sexo, faixa etária, escolaridade, classe social, dentre outros. "[...] os mais comuns são o sexo/gênero, o grau de escolaridade e a faixa etária [...]" (COELHO et al. 2015, p. 20).

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

* 2º passo

-- Professor (a), para começar, explique aos estudantes que para estudarmos a língua é fundamental partirmos de uma perspectiva de uso dela, isto é, a língua em suas diversas variedades. Mostre a eles que, pautados nos estudos de Coelho et al. (2015), a variação na língua não é algo aleatório, assim, há "forças dentro e fora da língua que fazem um grupo de pessoas ou um único indivíduo falar da maneira como fala. A essas forças damos o nome de condicionadores". (COELHO et al., 2015, p. 20, grifo do autor). Dessa maneira, é importante identificarmos conjuntos de circunstâncias linguísticas e sociais que podem favorecer ou desfavorecer o uso de uma ou de outra variante. Assim, esses conjuntos de circunstâncias linguísticas e sociais chamamos de *grupo de fatores**. Explique aos alunos que como buscarmos verificar o que condicionou/influenciou a variação no fenômeno linguístico (no caso da concordância verbal nesta pesquisa) em textos mais e menos monitorados, partiremos da análise de alguns fatores linguísticos e extralingüísticos. Explique e exemplifique aos alunos o que são fatores linguísticos e extralingüísticos conforme propõe os estudos de Coelho et al. (2015). Enfim, mostre a eles que para a nossa comunicação realizamos escolhas linguísticas que precisam estar adequadas e de acordo com o contexto linguístico e extralingüístico no qual nos encontramos inseridos.

- Depois de levar os alunos a compreenderem o que são fatores linguísticos e extralingüísticos, peça aos alunos para analisarem as ocorrências padrão e não-padrão que apareceram nas duas amostras tendo em vista os fatores linguísticos que escolhemos para esta pesquisa. Depois disso, registrem na tabela. Sugerimos que, dependendo do número de ocorrências o (a) professor (a) divida a turma em grupos e divida o número de ocorrências entre eles para a análise e verificação, por exemplo, grupo "A", irá analisar as ocorrências de 1 a 10, Grupo B de 11 a 20 e assim sucessivamente. O papel do professor neste momento é muito importante, uma vez que será preciso mediar a teoria e a sua aplicação (prática). Assim, acompanhe e oriente os seus alunos ao longo do processo da pesquisa. Não se esqueça de pedir aos alunos para registrar as informações da tabela no diário de bordo.

SAIBA MAIS...

- Professor (a), para aprofundar os seus conhecimentos acerca da pesquisa sociolinguística, sugerimos as seguintes obras: "Pesquisa sociolinguística" de Fernando Tarallo (2007); "Para conhecer Sociolinguística" de Coelho et al. (2015).

- *"Os condicionadores linguísticos e extralingüísticos, numa pesquisa sociolinguística, são também chamados de variáveis independentes (ou grupo de fatores) [...] Os condicionadores, em um caso de variação, são fatores que regulam, que condicionam nossa escolha entre uma ou outra variante. E o controle rigoroso desses fatores que nos permite avaliar em que tipo de ambiente, tanto linguístico quanto extralingüístico, uma variante tem maior probabilidade de ser escolhida em detrimento de sua (s) "rival (is)". Os condicionadores ajudam o analista a delimitar quais são os contextos mais propícios para a ocorrência das variantes em estudo. Eles são divididos em dois grandes grupos, em função de serem mais ligados a aspectos internos da língua ou externos a ela. No primeiro caso, são também chamados de condicionadores linguísticos. [...] No segundo caso, são também chamados de condicionadores extralingüísticos." (COELHO et al., 2015, p. 20, grifos do autor).



MÓDULO II – DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA

- Após os alunos registrarem na tabela as ocorrências de concordância verbal retiradas das amostras conforme o grupo de fatores e os fatores linguísticos escolhidos, faça junto com eles, o tratamento estatístico dos dados obtidos, isto é, verifique a frequência de uso da concordância verbal para cada fator que eles acabaram de analisar. Sugerimos uma tabela (tabela 4) para registrar os resultados da análise dos estudantes. Não se esqueça de utilizar números reais e percentuais para registrar o resultado do levantamento dos dados na tabela. Sugerimos que o (a) professor (a) utilize a lousa para anotar os resultados e, posteriormente, peça aos alunos que registrem no diário de bordo. Cabe ressaltar que, neste momento, os alunos poderão realizar as atividades sob a mediação de um professor de matemática, que irá ajudá-los com o cálculo e a representação destes resultados nas tabelas. Contudo, não sendo possível, o (a) professor (a) deverá mostrar aos alunos como eles irão calcular a frequência de uso das ocorrências retiradas das amostras para registrar na tabela (neste caso, poderão utilizar a regra três simples).

2º passo: *continuação*

Escolhemos, portanto, para a nossa pesquisa sociolinguística a análise dos seguintes fatores:

Quadro 3: Apresentação dos fatores linguísticos e extralingüísticos

LINGÜÍSTICOS	EXTRALINGÜÍSTICOS
(i) tipos de verbos: ação, estado;	Serão considerados para controle de fatores externos o tipo de gênero textual, sendo que um é um gênero mais monitorado (notícia) e, outro, menos monitorado (letras de músicas – rap).
(ii) posição do sujeito em relação ao verbo: anteposto ou posposto	
(iii) presença ou ausência do sujeito: sujeito expresso, sujeito nulo.	

Fonte: Elaborado pelas Autoras.

Após você compreender o que são fatores linguísticos e extralingüísticos, analise as ocorrências de concordância verbal (padrão e não-padrão) tendo em vista os fatores linguísticos acima, registre-as na tabela que sugerimos a seguir. Utilize o seu diário de bordo para fazer a tabela e realizar os registros.

Tabela 7: Ocorrências de concordância verbal nas amostras 1 e 2 conforme o grupo de fatores linguísticos escolhidos

GRUPO DE FATORES	FATORES	OCORRÊNCIAS/VARIÉDADE
	ação	
(i) tipos de verbo	estado	
	anteposto	
(ii) posição do sujeito em relação ao verbo	posposto	
	expresso	
	nulo	

Fonte: Elaborado pelas Autoras.

MÓDULO II - DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA

Depois de registrar as ocorrências na tabela, juntamente com o seu (a) professor (a), realize o tratamento estatístico dos dados, isto é, verifique a frequência de uso da concordância verbal (padrão e não-padrão) conforme os fatores que foram escolhidos e analisados anteriormente. Para isso, elabore uma tabela com os resultados da frequência de uso para cada fator que acabou de analisar. Veja um exemplo de tabela abaixo.

Tabela 8: Frequência de uso da concordância verbal conforme o grupo de fatores na amostra 1 – notícias

GRUPO DE FATORES	FATORES	FREQUÊNCIA DE USO (PADRÃO)	FREQUÊNCIA DE USO (NÃO-PADRÃO)
Tipos de verbo	Ação	Nº / %	Nº / %
	Estado	Nº / %	Nº / %
TOTAL		Nº / %	Nº / %

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2021).



MÓDULO II - DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

* 3º passo

- Professor (a), primeiro, explique aos estudantes que a sociolinguística estuda a língua considerando, além da sua estrutura. Ela considera também o seu lado social. Por isso, é de importante a análise dos fatores extralingüísticos e para isso você apresentará a eles os fatores extralingüísticos que atuam na ocorrência das variedades estudadas. Dessa maneira, mostre aos estudantes a importância da escolha dos gêneros textuais para a realização da pesquisa sociolinguística. Deixe claro que, considerando o fenômeno linguístico a ser estudado, poderíamos ter escolhido outros (gêneros) como amostras do nosso corpus. No intuito de analisar e refletir acerca do fenômeno da concordância verbal em textos menos monitorados, verificamos que nas letras de músicas (escolhemos o rap) as ocorrências são recorrentes. Sendo assim, para realizar a comparação a partir dos usos da língua, escolhemos o gênero textual notícia, na qual o estilo da linguagem é mais monitorada; cabe destacar que, escolhemos uma revista (SUPERINTERESSANTE) que ao mesmo tempo proporciona o trabalho com uma temática que coloca a ciência em evidência. Portanto, leve os alunos a compreenderem que a escolha por estes dois gêneros textuais ocorreu pelo fato de que, além de estarem adequados aos anos finais do Ensino Fundamental II e já serem conhecidos (estudados) por eles, é de grande importância nos pautarmos em gêneros em que o fenômeno da concordância verbal (objeto de nosso estudo) seja recorrente, ou seja, com possibilidades de variação estilística (isto é, gêneros em que o estilo da linguagem se mostrou mais e menos monitorado). Levando em consideração que o uso da língua menos monitorado está mais suscetível a fenômenos variáveis, logo, há maiores possibilidades deles serem observados.

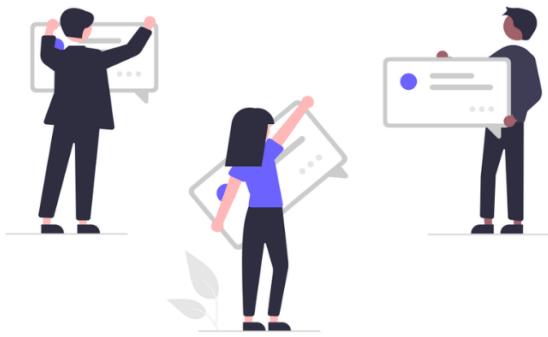
- Depois disso, analise com os estudantes o que condicionou/influenciou as ocorrências padrão e não-padrão da concordância verbal, tendo em vista os gêneros textuais escolhidos para esta pesquisa. Retome os resultados estatísticos obtidos nas etapas anteriores, analise e discuta com eles as hipóteses que foram sugeridas para a atividade.

Anote os resultados das análises na lousa e peça aos alunos para registrarem no diário de bordo. Enfim, leve os alunos a compreenderem que ocorrências como essas (padrão e não-padrão) advém de contextos linguísticos e extralingüísticos que estão atrelados às diversas possibilidades de usos da nossa língua.

64

3º passo: Agora, juntamente com o (a) seu (a) professor (a), verifique o que condicionou/influenciou as ocorrências padrão e não-padrão da concordância verbal, tendo em vista os fatores extralingüísticos (neste caso, os gêneros textuais escolhidos para a pesquisa da variação do fenômeno linguístico estudado - concordância verbal). Verifique se, através dos resultados estatísticos, é possível confirmar hipóteses como:

- O gênero textual interfere no uso das marcas formais de concordância verbal?
- Quanto maior o grau de monitoramento dos textos, maior a probabilidade de marcação da concordância verbal?
- Há possibilidade de encontrarmos um maior número de ocorrências padrão da concordância verbal em textos mais monitorados?
- Os gêneros pertencentes à esfera jornalística podem ser favorecedores das ocorrências de concordância verbal padrão?
- As ocorrências não-padrão são favorecidas nos textos menos monitorados?



É preciso que o (a) professor (a) proporcione reflexões científicas e críticas que visem permitir aos estudantes o reconhecimento de que se trata de uma variável possível, entretanto inadequada em situações mais formais, como é o caso por exemplo, de uma reportagem, notícia ou gêneros textuais que circulam na esfera acadêmica. Explique que eles devem estar aptos a realizarem escolhas apropriadas para as situações interacionais e comunicativa que se encontrarem expostos em seu dia-a-dia.

MÓDULO II – DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA

4º passo: Caro (a) estudante, após o levantamento dos fatores linguísticos e análise dos fatores extralingüísticos que influenciaram na marcação da concordância verbal em textos mais e menos monitorados, chegou o momento de consolidarmos os resultados da nossa pesquisa sociolinguística. Para isso, juntamente com o (a) professor (a), faça a descrição e a análise qualitativa dos resultados estatísticos obtidos nas etapas anteriores, pautando-se nas teorias que vocês já estudaram acerca do fenômeno linguístico da concordância verbal. A partir disso, busque verificar os contextos que favorecem a concordância verbal padrão e os que favorecem/condicionam as ocorrências não-padrão. Sugerimos que vocês elaborem um quadro para representar/sintetizar as análises e discussões realizadas com o (a) seu (a) professor (a). Veja uma sugestão de quadro abaixo.

Quadro 3: Fatores que favorecem as ocorrências padrão e que favorecem/condicionam as ocorrências não padrão da CV

FATORES	CONTEXTOS FAVORECEDORES DAS OCORRÊNCIAS PADRÃO DA CV	CONTEXTOS FAVORECEDORES DAS OCORRÊNCIAS NÃO-PADRÃO DA CV
Gênero textual		
Tipos de verbo		
Posição do sujeito em relação ao verbo		
Presença ou ausência do sujeito		

Fonte: Elaborado pelas Autoras.

Depois disso, juntamente com o (a) professor (a), verifique se, através dos resultados obtidos nas etapas anteriores, é possível confirmar hipóteses como:

- Os fatores linguísticos analisados favorecem as ocorrências padrão da concordância verbal nos textos mais monitorados?
- Os fatores extralingüísticos influenciam/condicionam na variação da concordância verbal?
- O verbo de ação induz a ausência da concordância verbal?
- Quanto a posição do sujeito em relação ao verbo, quanto mais longe o verbo estiver do sujeito, maior é a chance de que a concordância não aconteça?
- A posição posposta do sujeito favorece a marcação da não concordância?
- O sujeito expresso (des) favorece a aplicação da marcação da não concordância verbal?
- A frequência de uso da concordância padrão é favorecida nos casos de sujeito nulo?
- A ausência da marca do plural no verbo favorece, no corpus analisado, o preenchimento do sujeito?



Aluno (a), após finalizar as atividades deste módulo, faça o relatório de avaliação dele, conforme modelo proposto a seguir.



SAIBA MAIS...

- Segundo Vieira (2007) “[...] o primeiro passo para o estabelecimento de uma metodologia adequada ao ensino da concordância é o conhecimento real dos fatores que presidem à opção do falante pela aplicação ou não da regra, visto que a presença da marca de número na forma verbal não é categórica em nenhuma variedade do português brasileiro.” (VIEIRA, 2007, p. 85).
- Professor (a), você poderá escolher, conforme sua realidade, outro objeto de estudo e, também, outros gêneros textuais como amostra para o seu CORPUS. Entretanto fique atento (a) se o fenômeno linguístico a ser analisado/pesquisado é recorrente nos textos.
- Professor (a), para aprofundar os seus conhecimentos acerca da pesquisa sociolinguística, sugerimos as seguintes obras: “Pesquisa sociolinguística” de Fernando Tarallo (2007); “Para conhecer Sociolinguística” de Coelho et al. (2015);
- Professor (a), para aprofundar os seus conhecimentos acerca da variação linguística e variação estilística, sugerimos as seguintes obras: “Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística” de Marcos Bagno (2007); “Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula” de Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004)

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

* 4º passo

- Professor (a), após o levantamento dos fatores linguísticos e análise dos fatores extralingüísticos que influenciaram na marcação da concordância verbal nos textos, juntamente com os estudantes, faça a descrição e análise qualitativa dos resultados estatísticos obtidos ao longo das etapas anteriores, a partir de uma abordagem variaçãocionista da língua.

Depois disso, verifique com os alunos os contextos que favorecem a concordância verbal padrão e os que favorecem/condisionam as ocorrências não-padrão. Sugerimos um quadro que você poderá utilizar com os alunos para sintetizar as suas análises e discussões. Também, juntamente com os alunos, faça o levantamento de hipóteses a respeito dos resultados obtidos. Cabe ressaltar que sugerimos algumas hipóteses as quais, a partir dos dados e dos resultados obtidos, deverão ser confirmadas ou não ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Entretanto, ao longo do desenvolvimento da pesquisa você pode ir criando outras hipóteses a respeito dos resultados obtidos e ir verificando com os estudantes. Neste momento, é possível você observar se, de fato, os alunos conseguiram compreender o fenômeno linguístico estudado/pesquisado.

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

Professor (a), após finalizar as atividades propostas no módulo II, peça aos alunos para fazerem o relatório de avaliação. Propomos um modelo de relatório, mas você poderá modificar de acordo com a realidade/necessidade dos seus alunos. É importante que você realize a leitura dos relatórios dos alunos para verificar/avaliar se eles compreenderam o fenômeno linguístico estudado. Se tais questões não ficaram claras a todos os alunos, retome a discussão, antes de avançar com a proposta didática.

AVALIAÇÃO

Caro (a) aluno (a),

Chegamos ao fim deste módulo! Agora, chegou a hora de fazer o relatório de avaliação. Leia as questões propostas nele e relate de maneira objetiva, acerca dos seguintes temas estudados nas atividades ao longo do módulo: (i) conhecendo a pesquisa sociolinguística; e (ii) etapas da pesquisa sociolinguística. Cabe destacar que, o relatório deverá ser feito separado por tema, isto é, um para cada etapa da pesquisa sociolinguística que você acabou fazer.

Relatório do aluno para avaliar o módulo

Módulo:

Tema:

Aluno (a):

Data:

Resumo das atividades realizadas:

O que você conseguiu aprender e compreender com as atividades realizadas?

MÓDULO II - DESENVOLVIMENTO: A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM SALA DE AULA

Relatório do aluno para avaliar o módulo

Quais dúvidas surgiram ao desenvolver as atividades? Foram esclarecidas? Comente.

Faça uma avaliação das atividades realizadas, isto é, você acha que elas contribuíram para o seu aprendizado? Foram de fácil execução, motivadoras, despertaram o seu interesse para realizá-las? Se não, relate o motivo.

Faça uma avaliação da sua participação, isto é, você se envolveu nas atividades propostas? Se não se envolveu, qual foi o motivo?



MÓDULO III - Conclusão

Apresentação do resultado final
da pesquisa sociolinguística

MÓDULO III - CONCLUSÃO:
APRESENTAÇÃO DO RESULTADO FINAL
DA PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA

Professor (a), neste módulo, propomos uma sugestão para a apresentação dos resultados finais da pesquisa sociolinguística que foi desenvolvida no decorrer dos módulos "I" e "II". Sugerimos que a apresentação dos resultados da pesquisa seja feita por meio de um pôster científico, que deverá ser adaptado conforme o nível de aprendizagem e a realidade dos seus alunos, bem como também observando os recursos didáticos disponíveis no âmbito escolar.

Cabe frisar que a escolha pelo pôster se deu devido a necessidade de utilizarmos um gênero que fosse possível demonstrarmos os resultados da pesquisa sociolinguística realizada pelos estudantes. Assim, tendo em vista também o letramento científico dos alunos, o gênero surgiu a partir da necessidade e não o contrário, isto é, não buscamos criar situações para trabalhar o gênero pôster, mas sim utilizamo-nos das situações para poder produzi-lo.

Provavelmente, os alunos nunca viram ou ouviram falar desse gênero textual. Dessa maneira, faz-se necessário que o pôster seja confeccionado sob a mediação do docente. Portanto, o professor deverá primeiro mostrar aos alunos o que é um pôster científico e para que ele serve e, só após isso, iniciar com os alunos o processo de produção.

É importante que o pôster seja elaborado nos moldes das orientações da Associação Brasileira de Normas Técnicas¹⁶ (ABNT). Para isso, é fundamental que o professor oriente e acompanhe a elaboração junto aos estudantes.

Assim, após a elaboração do pôster, sugerimos que ele seja apresentado pelos próprios estudantes em um espaço comum da escola (sala de multimídias) para os demais alunos e professores, bem como também seja apresentado à comunidade escolar em uma reunião de pais.

Para isso, professor (a), é fundamental que você conduza as atividades propostas, observando, portanto, cada passo e sugestões das estratégias nos boxes.

¹⁶ É uma entidade privada sem fins lucrativos, responsável pela normatização técnica no Brasil. As normas, baseadas em padrões internacionais, são usadas para uniformizar a apresentação de trabalhos científicos no país, de forma que facilite a leitura e compreensão das diversas pesquisas realizadas

MÓDULO III - CONCLUSÃO:
APRESENTAÇÃO DO RESULTADO FINAL
DA PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

ORIENTANDO O PROFESSOR

Leitura/Escuta: (EF69LP30),
(EF69LP29), (EF89LP24), (EF69LP30)
Oralidade: (EF69LP11), (EF96LP25),
(EF89LP27), (EF69LP26), (EF69LP38)
Análise linguística: (EF08LP04),
(EF09LP04)
Produção de textos: (EF89LP25)

Tempo de duração: 4 h/a de 50 minutos

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

* 1º passo

- Professor (a), provavelmente os alunos nunca viram ou ouviram falar sobre o gênero textual pôster. Por isso, antes de produzi-lo, é importante, primeiro, levar os alunos a conhecerem e compreenderem tal gênero.

Para isso, inicialmente, pergunte aos alunos o que eles sabem sobre o pôster científico. Deixe que os alunos falem o que sabem ou ouviram dizer sobre o gênero.

Depois, peça que os alunos leiam os textos propostos e discuta com eles as questões sugeridas. Explique aos alunos as partes que compõem o pôster e foque no tipo de linguagem que é utilizada para a sua produção.

Sugerimos que, se for possível, o professor verifique nos centros universitários se haverá algum evento em que a apresentação se dará por meio de pôster científico para que os alunos possam participar e, assim, possam se apropriar melhor da estrutura, da linguagem, elementos paralingüísticos e cinéticos, etc.

Outra sugestão é que você convide um (a) aluno (a) universitário para fazer a apresentação de um pôster científico para os seus alunos.

Atividade 14: Apresentando os resultados da pesquisa sociolinguística

*Caro estudante,
chegou a hora de você apresentar os resultados
da pesquisa sociolinguística para a comunidade
escolar. Vamos lá?!*



1º passo: Você já ouviu falar em pôster científico? Vamos conhecer um pouquinho sobre este gênero textual?! Leia os textos a seguir e veja o que é um pôster científico, a sua função e estrutura, e também como é feita a apresentação de um trabalho/pesquisa por meio dele.

TEXTO I

O QUE É UM PÔSTER CIENTÍFICO?

O pôster científico é um “documento gráfico de ampla dimensão usado para exibir, em um evento científico, os resultados de uma pesquisa, um relato de experiência ou um relado de caso. Composto por texto, imagens e gráficos que tornam a informação mais completa, esteticamente atrativa e facilmente legível.”

Disponível em: <http://www4.pucsp.br/ic/download/oficina/oficina-poster.pdf>. Acessado em 02/05/2021.

FUNÇÃO DO PÔSTER

O pôster tem a função de comunicar sua pesquisa a todos os interessados. É importante que você busque sintetizar as informações e os dados que são relevantes da pesquisa para serem apresentados à comunidade.



MÓDULO III - CONCLUSÃO:
APRESENTAÇÃO DO RESULTADO FINAL
DA PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA

1º passo: - continuação

ESTRUTURA DO PÔSTER

Geralmente, o pôster apresenta a seguinte estrutura:

1.TÍTULO E NOME DO (S) ESTUDANTE (S)

2.INTRODUÇÃO

- Seja objetivo.
- Você deve deixar claro:
 - o problema da pesquisa;
 - os objetivos da pesquisa;
 - relevância do tema de trabalho.

3.MÉTODO

- Você deve apresentar:
 - participantes;
 - procedimentos;
 - instrumentos;
 - critérios de análise utilizado.

4.RESULTADOS E DISCUSSÃO

- Você deve apresentar os principais resultados da pesquisa. Neste caso, podem ser utilizados gráficos e tabelas como recursos visuais.
- A discussão deve ser breve e objetiva. Recomenda-se a disposição do conteúdo da discussão na forma de itens.

5.CONSIDERAÇÕES FINAIS E/OU CONCLUSÃO

- Você deve apresentar de maneira breve;
- Pode ser exposta em forma de texto ou de itens.

6.REFERÊNCIAS

- Você deve inserir apenas as referências que você utilizou para elaborar o seu pôster.

7.CONTATO

- Endereço de e-mail do (s) pesquisador (es).
- Nome do (a) professor (a).

Disponível em: <http://www4.pucsp.br/ic/download/oficina/oficina-poster.pdf>. Acessado em 02/05/2021.
Adaptado pelas autoras.

1º passo: - continuação

A seguir, veja um modelo esquemático de pôster:

Figura 3: Modelo esquemático de pôster

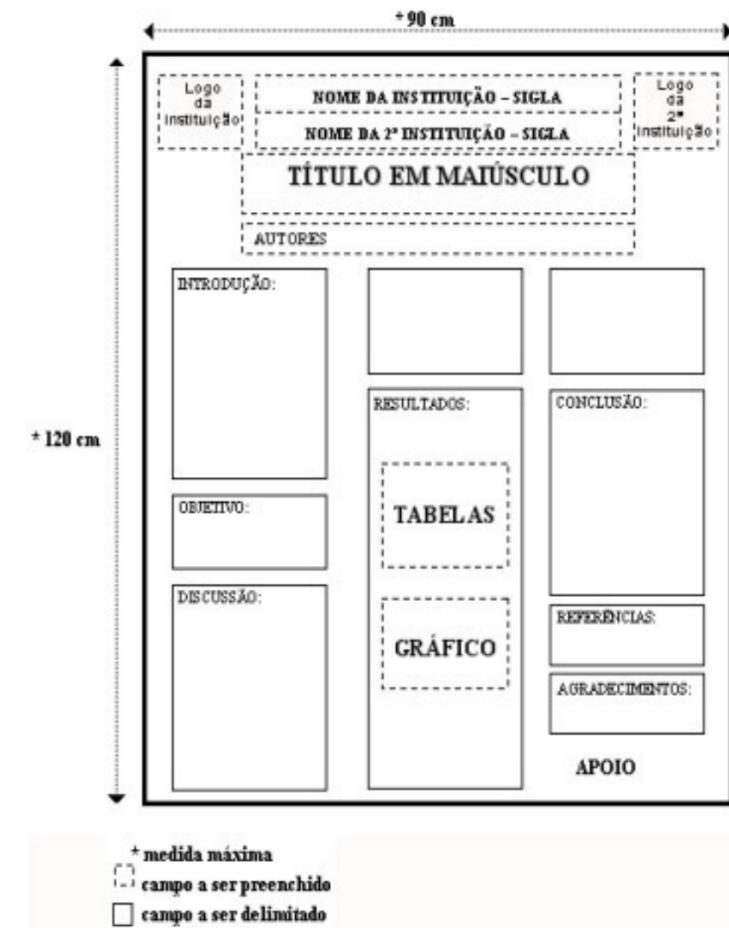


Imagen disponível em: <http://modelodeposter.com.br/manual-poster-cientifico/>. Acessado em 02/05/2021.

**MÓDULO III - CONCLUSÃO:
APRESENTAÇÃO DO RESULTADO FINAL
DA PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA**

1º passo: - continuação

APRESENTAÇÃO DO PÔSTER

"A comunicação em pôster significa a exposição sintética de um trabalho acadêmico impresso em cartaz, acompanhada de uma apresentação oral feita pelos autores ao público que dele se aproxima. O público círcula entre os pôsteres exibidos durante uma determinada sessão do evento científico e escolhe o (s) pôster (es) que deseja se aproximar. O pôster funciona na medida em que consegue atrair a atenção do público e estimular a aproximação de possíveis interessados nos temas expostos para o contato com os autores.

Normalmente, o pôster é impresso e pendurado ou colado em um local pré-determinado pelos organizadores do evento científico. Mais recentemente, é possível utilizar o pôster em mídia, exposto por projetores ou TV com tela grande. Esta forma de apresentação é um recurso cada vez mais empregado nos eventos, por permitir o intercâmbio de várias experiências ao mesmo tempo e em um mesmo espaço, dando oportunidade para um grande número de pesquisadores informar sobre o andamento ou os resultados de seus trabalhos."

Disponível
https://www.ufrb.edu.br/gestaopublica/images/phocadownload/materialdidatico/como_elaborar_pster.pdf. Grifos dos autores. Acessado em 02/05/2021. Adaptado pelas autoras.

TEXTO II



SOPRO MÁGICO:
DESCOBRIENDO OS SEGREDOS DO
OXIGÊNIO

Autores:
 Alunos do 5º ano "C" (E. M. F. B. F.)
Orientadora:
 Aylizara P. Reis (UF/T/CAPES/SEMED Araguaína);

INTRODUÇÃO: Esta pesquisa foi obtida com os alunos do 5º ano "C" de uma escola municipal da cidade de Araguaína. O nosso objetivo foi verificar como se enche uma bexiga sem usar o ar obtido pelo sopro ou pela bomba de oxigênio.

JUSTIFICATIVA: Esta investigação surgiu devido o interesse de se descobrir como se enche o balão sem utilizar o ar da boca ou de uma bomba. Por isso, levamos para a sala de aula materiais como garrafa pet, funil, balde, água quente e água natural.

METODOLOGIA:

Materiais utilizados:

- 1 bexiga
- 1 garrafa pet
- 1 funil
- 1 balde
- Água quente
- Água natural

Procedimentos:
 Pedimos um adulto para ferver a água e em seguida utilizamos um funil para colocá-la dentro da garrafa pet, esperamos alguns segundos e retiramos a água do litro. Colocamos o balão na boca da garrafa e dentro de uma água fria. Esperamos alguns minutos para o balão encher.

RESULTADO: A experiência nos permitiu descobrir que o balão encheu porque o ar que está fora é maior que a quantidade que está dentro.

CONCLUSÃO: Nossa resultado não foi positivo porque utilizamos uma garrafa pet em vez de uma garrafa de vidro e não colocamos a quantidade de água suficiente. Isso nos fez perceber a importância de se cumprir as etapas de uma experiência para que ela dê certo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:
 Sopro Mágico. Disponível em <http://professoravaleraeduc.blogspot.com.br/2012/09/experiencia-de-ciencias-para-criancas.html>. Acesso em 20/06/2016.
 Encha bexiga sem aspirar: experiência de física. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qgpt3qyCtCA>

Fonte: REIS, 2016.

MÓDULO III - CONCLUSÃO:
APRESENTAÇÃO DO RESULTADO FINAL
DA PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

1º passo: - continuação

Após você ler os textos acima, reflita juntamente com o (a) seu (a) professor (a) acerca das questões a seguir:



- Você já viu em algum lugar esse tipo de texto?
(Resposta pessoal: Espera-se que o aluno traga à tona os seus conhecimentos de mundo acerca do gênero).
- Onde você acha que podemos encontrar esse tipo de texto?
(Sugestão de resposta: Em locais diversos onde haja a apresentação de pesquisas, seminários, exposição de produtos, palestras ou eventos).
- Na sua opinião, por que esse tipo de texto foi escrito nesse formato?
(Sugestão de resposta: Esse texto foi escrito neste formato a fim de facilitar a visualização e também a divulgação das informações).
- Quais as seções que compõem o texto II?
(Sugestão de resposta: O texto acima está distribuído em algumas seções, a saber: introdução, justificativa, metodologia, resultado, conclusão e referências bibliográficas).
- Pesquise no dicionário o significado das palavras abaixo:
 - a) Metodologia:
(Sugestão de resposta: Me. to. do. lo. gi. a sf. Conjunto de métodos, regras e postulados utilizados em determinada disciplina, e sua aplicação. § me. to. do. lo. gi. co. adj.).
 - b) Método:
(Sugestão de resposta: Mé. to. do sm. 1. Procedimento organizado que conduz a um certo resultado. 2. Processo ou técnica de ensino. 3. Modo de agir, de proceder. 4. Regularidade e coerência na ação. 5. Tratado elementar).
- Além do texto, que outras informações estão presentes no banner?
(Sugestão de resposta: Além da parte textual, o pôster apresenta a parte gráfica, que serve para auxiliar na compreensão das informações e o slogan dos principais envolvidos).
- Qual foi o problema que gerou a pesquisa?
(Sugestão de resposta: Devido ao interesse de se descobrir como se enche o balão sem usar o ar da boca ou de uma bomba).
- Quais os resultados da pesquisa que a turma de alunos alcançou com a pesquisa no texto II?
(Sugestão de resposta: Permitiu que os alunos descobrissem que o balão encheu porque o ar que está fora é maior que a quantidade que está dentro).

REIS, 2016. Adaptado pelas autoras, grifo nosso. p. 158/161.

MÓDULO III - CONCLUSÃO:
APRESENTAÇÃO DO RESULTADO FINAL
DA PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA

2º passo: Caro (a) estudante, agora chegou o momento produzir um pôster científico. Sob a orientação/mediação do (a) seu (a) professor (a), elaborem, coletivamente, um pôster para apresentar à comunidade escolar os resultados da pesquisa sociolinguística que vocês realizaram acerca do fenômeno linguístico da concordância verbal.

Alunos (a), é fundamental que você siga as orientações/instruções do (a) seu (a) professor (a) para a elaboração do pôster.



3º passo: Por meio do pôster, apresente os resultados da pesquisa à comunidade escolar. Fiquem atentos aos elementos paralingüísticos (tais como: tom e volume de voz, pausas e hesitações) e cinésicos (por exemplo: postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, modulação de voz e entonação, entre outros).

Aluno (a), após finalizar as atividades deste módulo, faça o relatório de avaliação dele, conforme modelo proposto a seguir.



SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS PARA A ATIVIDADE 14

* 2º passo

- Professor (a), após os alunos compreenderem o que é um pôster científico e suas funções, juntamente com os alunos, elabore um pôster, seguindo as orientações da ABNT, fazendo a transposição didático-metodológica conforme a realidade e nível de aprendizagem dos seus alunos.

Sugerimos que antes de iniciar a produção do pôster com os alunos, você leia o seguinte material: "Como elaborar um pôster", disponível em https://www.ufrb.edu.br/gestaopublica/images/phocadownload/materiaisdidatico/como_elaborar_pster.pdf. Para a produção do pôster, sugerimos que você utilize a lousa para anotar as discussões e resultados da pesquisa sociolinguística que os alunos realizaram.

- Professor (a), caso não seja possível fazer a impressão do pôster em uma gráfica ou na escola, você poderá adaptar e utilizar os recursos didáticos disponíveis na escola, como a cartolina, papel cartão, entre outros.

Outra maneira, é criar o pôster no powerpoint para apresentar à comunidade escolar. Deixamos a sugestão de um vídeo que você pode utilizar para mostrar aos alunos como criar um pôster no powerpoint. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zGxkiU3FTIY>. Acessado em 02/05/2021.

* 3º passo

- Professor (a), você pode aproveitar a reunião de pais para apresentar os resultados da pesquisa dos alunos ou também marcar um evento com a direção escolar. Lembre-se de orientar os alunos sobre como realizar a apresentação oral de um trabalho científico.

SAIBA MAIS...



- Veja em Reis (2016), sugestões de como você pode trabalhar o gênero pôster científico com os alunos em sala de aula. Disponível em: <http://repositorio.uff.edu.br/bitstream/11612/1726/1/Aylizara%20Pinheiro%20dos%20Reis%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acessado em 14/05/2021.

MÓDULO III - CONCLUSÃO:
APRESENTAÇÃO DO RESULTADO FINAL
DA PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIAS

Professor (a), após finalizar as atividades propostas no módulo III, peça aos alunos para fazerem o relatório de avaliação. Propomos um modelo de relatório, mas você poderá modificar de acordo com a realidade/necessidade dos seus alunos. É importante que você realize a leitura dos relatórios dos alunos para verificar/avaliar se eles compreenderam o fenômeno linguístico estudado. Se tais questões não ficaram claras a todos os alunos, retome a discussão, antes de avançar com a proposta didática.

AVALIAÇÃO

Caro (a) aluno (a),

Chegamos ao fim deste módulo! Agora, chegou a hora de fazer o relatório de avaliação. Leia as questões propostas nele e relate de maneira objetiva, acerca dos seguintes temas estudados nas atividades ao longo do módulo: (i) produção/elaboração do pôster científico e (ii) apresentação dos resultados da pesquisa à comunidade escolar por meio do pôster. Cabe destacar que, o relatório deverá ser feito separado por tema, isto é, um para cada etapa da pesquisa sociolinguística que você acabou fazer.

Relatório do aluno para avaliar o módulo

Módulo:

Tema:

Aluno (a):

Data:

Resumo das atividades realizadas:

O que você conseguiu aprender e compreender com as atividades realizadas?

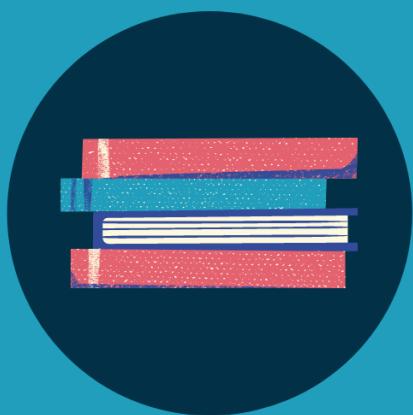
MÓDULO III - CONCLUSÃO: APRESENTAÇÃO DO RESULTADO FINAL DA PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA

Relatório do aluno para avaliar o módulo

Quais dúvidas surgiram ao desenvolver as atividades? Foram esclarecidas? Comente.

Faça uma avaliação das atividades realizadas, isto é, você acha que elas contribuíram para o seu aprendizado? Foram de fácil execução, motivadoras, despertaram o seu interesse para realizá-las? Se não, relate o motivo.

Faça uma avaliação da sua participação, isto é, você se envolveu nas atividades propostas? Se não se envolveu, qual foi o motivo?



Descrição das Habilidades (segundo a BNCC)

Descrição das Habilidades (segundo a BNCC)

(EF69LP11) Identificar e analisar posicionamentos defendidos e refutados na escuta de interações polêmicas em entrevistas, discussões e debates (em sala de aula, em redes sociais etc.), entre outros, e se posicionar frente a eles.

(EF89LP24) Realizar pesquisa, estabelecendo o recorte das questões, usando fontes abertas e confiáveis.

(EF89LP25) Divulgar o resultado de pesquisas por meio de apresentações orais, verbetes de encyclopédias colaborativas, reportagens de divulgação científica, vlogs científicos, vídeos de diferentes tipos etc.

(EF96LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão, (...) e outras situações de apresentação de propostas e defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando posicionamentos, no tempo de fala previsto, valendo-se de sínteses e propostas claras e justificadas.

(EF69LP26) Tomar nota em discussões, debates, (...), como forma de documentar o evento e apoiar a própria fala (que pode se dar no momento do evento ou posteriormente, quando, por exemplo, for necessária a retomada dos assuntos tratados em outros contextos públicos, como diante dos representados).

(EF89LP27) Tecer considerações e formular problematizações pertinentes, em momentos oportunos, em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.

(EF89LP28) Tomar nota de videoaulas, aulas digitais, apresentações multimídias, vídeos de divulgação científica, documentários e afins, identificando, em função dos objetivos, informações principais para apoio ao estudo e realizando, quando necessário, uma síntese final que destaque e reorganize os pontos ou conceitos centrais e suas relações e que, em alguns casos, seja acompanhada de reflexões pessoais, que podem conter dúvidas, questionamentos, considerações etc.

DESCRÍÇÃO DAS HABILIDADES
(SEGUNDO BNCC)

(EF69LP29) Refletir sobre a relação entre os contextos de produção dos gêneros de divulgação científica – texto didático, artigo de divulgação científica, reportagem de divulgação científica, verbete de enciclopédia (impressa e digital), esquema, infográfico (estático e animado), relatório, relato multimidiático de campo, podcasts e vídeos variados de divulgação científica etc. – e os aspectos relativos à construção composicional e às marcas linguística características desses gêneros, de forma a ampliar suas possibilidades de compreensão (e produção) de textos pertencentes a esses gêneros.

(EF69LP30) Comparar, com a ajuda do professor, conteúdos, dados e informações de diferentes fontes, levando em conta seus contextos de produção e referências, identificando coincidências, complementaridades e contradições, de forma a poder identificar erros/imprecisões conceituais, compreender e posicionar-se criticamente sobre os conteúdos e informações em questão.

(EF69LP38) Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou slides de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multissempiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas, ensaiar a apresentação, considerando também elementos paralingüísticos e cinésicos e proceder à exposição oral de resultados de estudos e pesquisas, no tempo determinado, a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea.

(EF69LP42) Analisar a construção composicional dos textos pertencentes a gêneros relacionados à divulgação de conhecimentos: título, (olho), introdução, divisão do texto em subtítulos, imagens ilustrativas de conceitos, relações, ou resultados complexos (fotos, ilustrações, esquemas, gráficos, infográficos, diagramas, figuras, tabelas, mapas) etc., (...) e reconhecer traços da linguagem dos textos de divulgação científica, fazendo uso consciente das estratégias de impessoalização da linguagem (ou de pessoalização, se o tipo de publicação e objetivos assim o demandarem, como em alguns podcasts e vídeos de divulgação científica), 3^a pessoa, presente atemporal, recurso à citação, uso de vocabulário técnico/especializado etc., como forma de ampliar suas capacidades de compreensão e produção de textos nesses gêneros.

DESCRÍÇÃO DAS HABILIDADES
(SEGUNDO BNCC)

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

(EF07LP06) Empregar as regras básicas de concordância nominal e verbal em situações comunicativas e na produção de textos.

(EF08LP04) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: ortografia, regências e concordâncias nominal e verbal, modos e tempos verbais, pontuação etc. (BRASIL, 2017, p. 189)

(EF09LP04) Escrever textos corretamente, de acordo com a norma-padrão, com estruturas sintáticas complexas no nível da oração e do período.



Referências

Referências

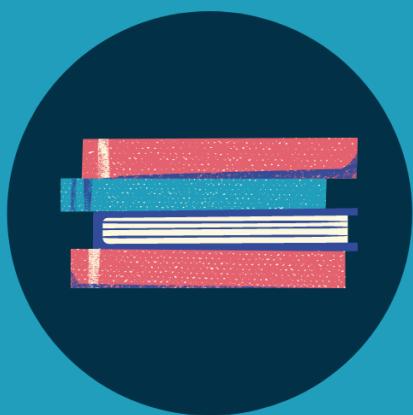
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC/SEF, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- BAGNO, Marcos. (org.) et al. **Linguística da norma.** São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na Escola o que é como se faz.** 19 ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?** São Paulo: Loyola, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa.** 37.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2004.
- CARBINATTO, Bruno. **Australianos criam "shazam" para aranhas e cobras.** Revista Superinteressante. Edição 419. Setembro/2020. Página 11.
- CARBINATTO, Bruno. **Cientistas descobrem 32 novos anfíbios fluorescentes.** Revista Superinteressante. Edição 414. Abril/2020. Página 11.
- CARBINATTO, Bruno. **Encontrado registro mais antigo de morte por meteoro.** Revista Superinteressante. Edição 416. Junho/2020. Página 11.
- CARBINATTO, Bruno. **Formato da cabeça faz tubarão-martelo nadar pior.** Revista Superinteressante. Edição 420. Outubro/2020. Página 11.
- CARBINATTO, Bruno. **O buraco negro que foi avistado por acidente.** Revista Superinteressante. Edição 414. Abril/2020. Página 15.
- CARBINATTO, Bruno. **Queimadas humanas destroem mais que as naturais.** Revista Superinteressante. Edição 423. Janeiro/2021. Página 15.
- CARBINATTO, Bruno. **Sem gravidade, aranhas usam luz para tecer teias.** Revista Superinteressante. Edição 423. Janeiro/2021. Página 11.

REFERÊNCIAS

- COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, E. M.; NUNES de SOUZA, C. M. N e MAY, G. H. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luis Felipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. Ed. - Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil - UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica - Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- DANTAS, Lys M. V; OLIVEIRA, Adriano A. **Como elaborar um pôster acadêmico: Material didático de apoio à videocaptação Pôster Acadêmico**. Projeto de Extensão UFRB. Cachoeira: UFRB, 2015. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/gestaopublica/images/phocadownload/materialdidatico/como_elaborar_pster.pdf . Acessado em 02/05/2021.
- DETENTOS DO RAP. **Amor só de mãe**. Espaço Rap. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/espaco-rap/1033483/> . Acessado em 04/05/2021.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós**. In: BAGNO, M.(org.). Linguística da norma. São Paulo: Loyola, 2002, p. 37-61.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (Orgs.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 19-30.
- FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria. **Para conhecer norma linguística**. SP: Contexto, 2017.
- FIORATTI, Carolina. Ilustração Amanda Miranda. **Projeto quer que leigos opinem sobre ciência**. Revista Superinteressante. Edição 420. Outubro/2020. Página 12.
- GRUPO PET - Infoinclusão: demanda da cultura, direito de todos. Universidade Federal de Pernambuco - CAA. I Oficina de Infoinclusão (Módulo I): Formatação de Trabalho acadêmicos. Pernambuco - PE. Set./Out. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zGxkiU3FTIY> . Acessado em 05/05/2021.
- JUNQUEIRA, et al. **Oficina de Pôster: 26º Encontro de Iniciação Científica**. Programa de Educação Tutorial. Psicologia PUC-SP. 49 slides. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/ic/download/oficina/oficina-poster.pdf> . Acessado em 02/05/2021.
- LABOV, William; et al. Blog da Parábola Editorial. **William Labov**. Texto traduzido pelo Blog da Párola Editorial. Disponível em: <https://www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/blogger/william-labov> . Acessado em 18/06/2021.
- LUCCHESI, Dante. **A variação na concordância verbal no português popular da cidade de Salvador**. Universidade Federal da Bahia. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. 2015. 39 p. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/15467/10614> . Acessado em 14/05/2021.
- MATHEUS, Sérgio; et al. **Preconceito Linguístico (Mimetizado)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QLsmAGq5jZw> . Acessado em 08/12/2020.

REFERÊNCIAS

- OLIVEIRA, Leandro Roque de. Emicida. **Amplifica por Emicida - Preconceito linguístico no dia a dia.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QlhsIMWT-eQ>. Acessado em 08/12/2020.
- PERINI, Mário A. **Gramática Descritiva do Português.** São Paulo: Ática, 2005.
- PEREIRA, José Tiago Sabino Pereira - Projota. **A Rua É Noiz.** Disponível em: <https://www.letras.mus.br/projota/1433783/>. Acessado em 02/05/2021.
- PEREIRA, José Tiago Sabino Pereira - Projota. **Nóis.** Disponível em: <http://www.letrasdemusica.com.br/p/projota/nois.html>. Acessado em 04/05/2021.
- REIS, Aylizara Pinheiro dos. **Letramento científico como prática inovadora numa escola pública araguainense.** Araguaína – TO, 2016. 230f. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/1726/1/Aylizara%20Pinheiro%20dos%20Reis%20-20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acessado em 14/05/2021.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa.** 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- RUBIO, Cássio Florêncio. **A concordância verbal na língua falada na região noroeste do Estado de São Paulo.** 2008. 152 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2008. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wpcontent/uploads/2014/04/silel2009_gt_lg06_artigo_8.pdf. Acessado em 12/02/2021.
- SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 2007.
- VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (Orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso.** São Paulo: Contexto, 2007.
- ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa.** 2. ed. reimpr. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2013. 134 p.: il. Disponível em: http://arquivos.eadadm.ufsc.br/EaDADM/UAB_2014_2/Modulo_1/Metodologia/material_didatico/Livro%20texto%20Metodologia%20da%20Pesquisa.pdf. Acessado em 25/02/2021.



Anexos

Anexo I : Corpus da pesquisa sociolinguística

AMOSTRA 1: Letras de músicas - Rap

Música 1: A Rua É Noiz - Projota

A rua é noiz
Isso mermo tio, ae
Então ..

Linda, como a mais bela flor do mais belo jardim
De concreto com piche onde não cresce mais capim
Sem jasmim, ela exala o cheiro da fumaça
Sou eu que passo por ela, não vejo quando ela passa
Me perco nas suas curvas encontro outros caminhos
De sempre estar perto o bastante dos seus carinhos
Não é masoquismo e também não tô dando guela
Mas eu só me sinto bem quando eu tô pisando nela
Ela é tão bela e eu tô sempre junto com ela
Encontro com ela lá no centro e ela me trás pra favela
Ela é fiel, por isso nosso amor decola
Os cara passa, olha, mexe, ela nunca da bola
Eu quero ela e ela me quer, vai ser sempre assim
Faço rolé junto com ela mesmo se tô sem dindin
E ela nem reclama ela é meio calada
Acho que perdeu a voz, por estar tão apaixonada
Minha melhor amiga, minha deusa, minha musa
Me abusa, me usa, talvez ela te seduza
Ai se vê que essa é a vida de um Mc
Se apaixona por alguém que nunca vai te trair
Passo por ela pra ir no mercado e até na padaria
Lembro que antes ela me paquerava e eu só sorria
Mas agora nosso amor é eterno
Eu escrevi Projota e Rua lá no fim do meu caderno
Eu vou de busão só pra pode te admirar
Com uma vontade de correr e te abraçar
Ai quem me dera se essa rua fosse minha
Só andava descalça pra nela sempre tocar (2x)
Eu preservo ela assim como ela me preserva
Se não sei pra onde ir, deixo que ela me leva
Por ela eu canto, eu rimo, eu vivo
Encontro nela várias armadilhas das quais eu me esquivo
Rua que me encaminha pros melhores lugares
Que leva eu e meus amigos a salvo pros nossos lares
Na sola de um pé que bate um coração vagabundo
Porque a rua fica lá e ela é o coração do mundo
Vem para mim (vem)
Seja minha porque eu sou seu
A rua reina mais do que o rei da roupa que o rato roeu
Linda menina da pele preta ou marrom

- continua

Anexo I : Corpus da pesquisa sociolinguística
 - continuação

Seja asfaltada ou de barro se eu to com ela tá bom,
 Vai to ansioso até umas horas para te ver
 Mas a gente se tromba assim que eu saio pro role
 Te dedico cada letra escrita nessa canção
 Os vagabundo como eu também te tem no coração
 É embaçado saber que tem uns mano troncado, privado de poder te ver
 isso me deixa chocado, porque o que quiser de mim pode levar
 Mas foi na rua que eu cresci e e nela que eu vou ficar
 Os cara te maltrata, te deixa esburacada
 Mas a minha paixão por você não diminui nada
 Os falsos reclama que é suja, mas edai ?!
 É suja mesmo, a sujeira mais linda que eu ja vi
 Eu vou de busão só pra pode te admirar
 Com uma vontade de correr e te abraçar
 Ai quem me dera se essa rua fosse minha
 Só andava descalça pra nela sempre tocar
 (2x)

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/projota/1433783/>. Acessado em 02/05/2021.

Música 2: Nóis - Projota

Vagabundo, ergue a cabeça!
 Tudo vai ficar bem, irmão!
 Pra Deus peço saúde assim eu mesmo busco o pão
 A inspiração pros rap vem sem encomenda, quando lembro
 Os muleque amigo indo pra escola só comer merenda.
 E eu aprendi também que não adianta o champanhe pra estourar
 Enquanto a vitória não vem.
 Então, procure o seu lugar
 Melhor, eu sei que é difícil manter sua fé com tanto
 Demônio ao redor, mas mano, quantas vezes cê viu o sol
 Ficar pra trás se perguntando se você tinha um dia a
 Menos ou um dia a mais, e quantos Che Guevara nunca
 Aprenderam a ler, partiram antes de virar Guevara, muito menos che?
 Te faz pensar na razão de subsistir,
 Mas te faz chorar por ver quem te gosta sorrir, então
 Tanto faz a razão, se ta aqui, demoro, pega a arma, a missão já ta aí.
 Quem nasce pobre já tem que vir
 Forte, quando doutor dá boas vindas um anjo deseja boa sorte.
 Depois que cê passa dos dezessete percebe que ta
 No meio de uma guerra carregando um canivete.
 Mas um dia você vai acordar pra ver que dormir é desculpa pra
 Quem tem medo de viver.
 Então, levanta a mão e agradece
 E quando for fazer sua prece ora por mim que eu também
 Oro por você.

- continua

Anexo I : Corpus da pesquisa sociolinguística
- continuaçāo

Anjos olham por mim, me protegem do fim e é por isso
Que eu vim, porque é nós..
E você sabe bem o rumo
Desse trem, nossa vitória vem, porque é nós!

É aquele velho sonho de ser alguém na vida, ter um
Lugar pra gente reclamar que a inflação subiu, que a
Barriga cresceu, que sua filha saiu, que seu time perdeu
Eu sempre tive ambições diferentes dos padrões
Diferentes dos patrões, referentes às lições que a vida me deu
E a conclusão que eu chego hoje é de que o mundo é meu, tanto quanto é seu, favela
Hoje é o dia da cobrança, vamo buscar a parcela do que é nosso
Tipo mst, lutar por terra, nossa luta é pela vida, não tem como perder essa guerra

Lembra do tempo das ladeiras, de sexta-feira, você, seus mano, umas mina maneira?
Na melhor tamo aí, ta firmão, to firmão, focadão pra vencer
Se pá a gente se tromba algum dia, no farol
Sem saber, no role quem diria, na rua que sempre foi nós
A luz que emana nossas almas tem poder de cinco sóis
E as oportunidades estão lá fora, bota a mochila
Nas costas, se for pra dar certo, é agora
E um dia alguém me disse que eu não era um rei, hahahaha, por um
Segundo eu quase acreditei mas...

Anjos olham por mim, me
Protegem do fim, é por isso que eu vim
Porque é nós..
E você sabe bem o rumo desse trem, nossa vitória vem
Porque é nós!

Disponível em: <http://www.letrasdemusica.com.br/p/projota/nois.html>. Acessado em 04/05/2021.

Música 3: Amor só de mãe - Espaço Rap

Amor Só De Mãe
Detentos do Rap
Composição: Indisponível

Vai vendo, quando estou no veneno preciso de uma idéia não vejo ninguém.
Familiares, parceiros só pensam no que convém, não cai e ai ladrão sei muito bem quem
foi por mim, só deus sabe o que eu
Passei meu amor é de mãe só...penso assim.
São vários os patifes que apertam minha mão me chamam de irmão, mas viram as costas
quando a necessidade bate no meu portão eu sempre, corri pelo certo não sou Deus pra
ser todo correto, não abaixo a cabeça pro meu desafeto, se é vem...pensamento é
concreto.

- continua

Anexo I : *Corpus da pesquisa sociolinguística*
 - *continuação*

Lamento se a inveja foi mais forte do que a sensatez.

Detentos agora e pra sempre...a bola da vez eu sim, vi, corri e fiz por onde o barato virar, dificuldades eu passei mas eu resisti as artilharias que por ...sinal cuzão foi fracas demais. Eu acrediitei, eu acreedito que a moral não se ganha se faz, corre atrás pois não vou, dá asa...pro inimigo, viveu mas não viverás pra ficar no nosso ritmo.

Quem é sabe o que eu falo não quer ser, pois já é de fato não faz o barato de embalo, não vive e nem corre atrás de status

Parceiro só Deus nele é a única confiança e nela é o único amor é a fonte desde criança. Não temo pois em algum lugar sei, que Deus "tá" olhando por mim, e você que abraçou o mundão que nada fez por ti.

Fim de ano ali dentro guardado, castelo é só champanhe... guarda pra você vagabundo... O amor é só de mãe...

- alô!

- alô, filho? é a mãe, onde é que "cé" ta?

- oh mãe, to fazendo um corre com os parceiros que foi preso no assalto ali.

- assalto? e você como é que "cé" ta?

- to bem mãe...ai nós foi fazer um corre com a mãe do parceiro ali, entendeu?

-Mais é o seguinte, caiu no esquecimento, mais ai, ta preso,

Mas não ta morto não...ta preso, mas não ta morto não,

Entendeu?

- ta bom filho, Deus te acompanhe.

Dominou sem visita, e o resto da grana a policia deu o bote, seus parceiros da cena veio por você entraram em choque.

Três anos se passou e a loira tingida trabalha no 12,que valor que isso tem agora já matou pela vaca e nos dias de hoje, seus filhos estão jogados, de aviãozinho na amargura, que que você quer pra ele, a mesma tabela ou a mesma loucura !?

Truta agora percebe as pessoas que você deu valor, enquanto aquela que merece, implorava pelo seu amor.

Do que adiantou as noitadas com as vagabundas que só queriam

Dinheiro, quantos mil reais na cena mas é só ela que "ta" sofrendo.

Bandido reflita na idéia, raciocina, porque o caminho é

constante, sem liberdade e sem aliado mas com amor que é de mãe.

- Na vida do crime eu me entreguei e pra sobreviver eu tive que matar...e lagrimas de mãe...fiz rolar.

- Saiba filho que eu te perdoei...e pra te ver feliz eu tive que chorar, só não quero lamentar...quero te ver voltar.

É foda saber que já maguo que mais te amava, por mais que respeitado no crime vagabundo, agora se sente um nada parceiro.

O Mundo da volta e é sempre ela que vai te ajudar, por mais que a gente fale de irmão, é só nela que dá pra confiar.

Compartilha a tristeza e alegria pois ninguém é tão fiel assim e eu sei o que ela pedi pra ela, é porque jamais vai querer pra ti, entende agora vagabundo, porque o amor é só de mãe?

Viva por ela de o valor naquela frase "Deus te acompanhe" Ai dentro quem manda seu jumbo, esta sempre presente em dia de visita, quem desmaiou e quase morreu de enfarte, com a noticia.

- continua

Anexo I : *Corpus da pesquisa sociolinguística*
- *continuação*

Desamparada chicote estralando, dentro da prisão e a tropa choque invadindo e só ela com o coração na mão, sabendo que quem não senta pra aprender jamais ficara de pé para ensinar e que o crime ele é o que é, mas ele jamais vai admitir as falhas.

Ela pede a Deus que sempre te ilumine e que te acompanhe, o exemplo é pra você vagabundo e o amor é só de mãe.

- Não me lamentei quando até matei, vendo lagrimas de mãe que fiz rolar...

- Mas só eu sei, tudo o que eu passei, quando pra vida do crime tive que voltar.

- Meu filho? dia 15 de outubro de 93, lembro como se fosse ontem...

Favela cercada, minha casa invadida pensei até que era um assalto... Mas não, de repente eu vi o nome do meu filho sendo gritado, o polícia invadiu minha casa, levou meu filho lá pra fora... Mataram ele, jogaram uma "pá" de droga em cima, depois disso minha vida mudou completamente.

- Meu filho eu perdi em 92 no massacre do carandiru, não apresentara um o documento, nem o corpo no IML.

Desde o dia do massacre.

- Meu filho? meu filho é um jovem... Jovem preso em uma cadeira de rodas, pro resto da vida.

Toda mãe sabe, tampa o sol com a peneira... E eu fui mais uma.

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/espaco-rap/1033483/>. Acessado em 04/05/2021.

- continua

91

Anexo I : *Corpus da pesquisa sociolinguística*
 - continuação

AMOSTRA 02: Notícias da Revista Superinteressante

NOTÍCIA (01)



FORMATO DA CABEÇA FAZ TUBARÃO-MARTELO NADAR PIOR

Quantidade de energia gasta pode ser até 10 vezes maior em comparação a outros tubarões.

As oito espécies de tubarão-martelo conhecidas pela ciência destoam de qualquer outro peixe. Tudo porque elas carregam uma característica inconfundível: seus olhos e narinas estão localizados nos chamados cefalofólios, estruturas que lembram aerofólios de carros e podem medir até um metro de ponta a ponta.

Como a seleção natural chegou a esse design tão peculiar ainda é um mistério. Um novo estudo, feito por cientistas da Universidade do Mississippi, porém, usou modelos de computador para comparar o nado dos tubarões-martelo com o de outros peixes na tentativa de se aproximar de uma resposta.

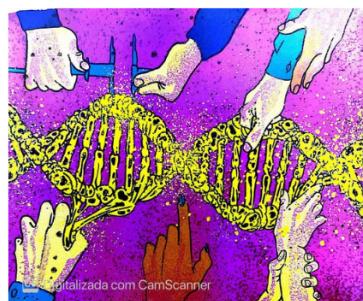
Uma das hipóteses era de que o formato dos cefalofólios fosse hidrodinâmico, assim como as asas de um avião são aerodinâmicas. Mas, para a surpresa dos cientistas, o achatamento cria resistência ao nado em linha reta – os tubarões-martelo precisam fazer até dez vezes mais força para se locomover em frente.

Mas o formato diferenciado de cachola não traz só prejuízos: basta uma pequena inclinação para que o tubarão-martelo faça curva repentina. Isso permite que ele realize manobras debaixo d'água e troque de altitude com mais facilidade. Essa habilidade pode ser útil na hora de perseguir uma presa – um privilégio que exímios nadadores, como o tubarão-branco, por exemplo, adorariam ter. Bruno Carbinatto

Revista Superinteressante. Edição 420.
 Outubro/2020. Página 11.

Anexo I : Corpus da pesquisa sociolinguística
- continuação

NOTÍCIA (02)



PROJETO QUER QUE LEIGOS OPINEM SOBRE CIÊNCIA

Para grupo, colegiados de cientistas e cidadãos poderiam orientar atividade científica.

Um grupo de cientistas de 22 países está organizando reuniões para que pessoas leigas discutam assuntos relacionados à ciência. O foco são temas que trazem dilemas éticos e sociais, como a edição genética. Ricardo Mendonça, professor da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) envolvido no projeto, explica a importância de envolver pessoas sem conhecimento técnico em discussões antes restritas a cientistas.

Como alguém leigo pode opinar sobre algo que não domina? Cidadãos não dominam, não vão dominar e não precisam dominar todos os assuntos, já que a democracia não requer conhecimento técnico sobre tudo. Mas ela [a democracia] precisa do julgamento político, que, por sua vez, envolve os cidadãos. Platão diria "eu não confio nem minha embarcação a qualquer um, por que vou confiar a pólis?". Se a economia não fosse alvo de debate, se só existisse uma solução correta, então, no final, não seria necessário democracia.

Defendemos que isso também vale para certas áreas da ciência. Mas, para que alguém opine, é preciso, primeiro, proporcionar acesso a um conhecimento traduzido e exposto de forma didática por especialistas.

Como poderiam funcionar essas reuniões? Já existem, nos 22 países, fóruns públicos voltados à discussão de aspectos da edição genética, como sua aplicação na produção alimentar. O passo seguinte é fazer uma Assembleia Global. Nela, cerca de cem cidadãos do mundo todo, escolhidos aleatoriamente, serão divididos em grupos de dez pessoas, com mediadores, para discutir o tema. A ideia é formular documentos públicos e se unir a organizações internacionais, que devem fazer a divulgação desses registros. Acreditamos que esse processo pode oferecer diretrizes que ajudem na regulamentação nacional e internacional do método científico. Carolina Fioratti. Ilustração Amanda Miranda.

Revista Superinteressante. Edição 420.
Outubro/2020. Página 12.

Anexo I : *Corpus da pesquisa sociolinguística*
 - continuação

NOTÍCIA (03)



CIENTISTAS DESCOBREM 32 NOVOS ANFÍBIOS FLUORESCENTES

Brilhar no escuro parecia ser uma habilidade incomum entre esses vertebrados. Até agora.

ATÉ 2017, CIENTISTAS jamais haviam encontrado um sapo, rã ou salamandra que fosse naturalmente fluorescente. A habilidade de absorver a luz e refleti-la numa cor diferente era bem conhecida em espécies marinhas e em aves. Mas era só. Foi então que a perereca *Hypsiboas Punctatus*, que é nativa da América do Sul e pode, inclusive, ser encontrada no Brasil, finalmente se juntou a esse grupo.

Agora, pesquisadores da St. Cloud State University, no Estados Unidos, investigaram mais 32 anfíbios – em sua maioria sapos e salamandras. O teste era bem simples: colocar todos eles sob luz UV e ver qual brilhava no escuro.

Para a surpresa do grupo, vários novos anfíbios fluorescentes se acusaram numa tacada só. Todos os 32 bichos testados, sem exceção, adquiriram aquele verde néon característico – alguns para um tom mais próximo do amarelo marca-texto, mas todos brilhantes.

Não podia ser apenas questão de sorte: para os cientistas, isso é um indício de que viemos subestimado por décadas a capacidade de anfíbios brilhar no escuro. Os pesquisadores trabalham, agora, para entender para que exatamente a habilidade serve: se o brilho tem por objetivo intimidar predadores, função que as cores chamativas em anfíbios já cumprem, ou se serve para atrair a atenção de potenciais parceiros, por exemplo.

Revista Superinteressante. Edição 414.
 Abril/2020. Página 11.

Anexo I : *Corpus da pesquisa sociolinguística*
 - continuaçāo

NOTÍCIA (04)



O BURACO NEGRO QUE FOI AVISTADO POR ACIDENTE

Estudantes queriam investigar um asteroide, mas encontraram algo bem maior.

ALUNOS DO MIT E HARVARD construíram um equipamento para uma sonda da Nasa lançada ao espaço. A missão estuda o asteroide Bennu – um dos candidatos a atingir a Terra no futuro. O equipamento, chamado Rexit, foi projetado para medir os raios X emitidos por Bennu. Mas, ao analisar os dados, os estudantes encontraram uma enorme quantidade de energia em um ponto distante. E descobriram, sem querer, que ali havia um buraco negro giganesco, o Maxi Jo637-430.

Para ser justo, eles não foram os primeiros a avistar o gigante – uma semana antes, o telescópio japonês Maxi já havia notado o buraco negro quando ele começou a engolir uma estrela próxima e liberar energia. Mas, enquanto o instrumento japonês opera da ISS, na órbita da Terra, o Rexit conseguiu a proeza estando a milhões de quilômetros do nosso planeta – a primeira observação do tipo na história. E olha que eles ainda nem se formaram. Bruno Carbinatto

Revista Superinteressante. Edição 414.
 Abril/2020. Página 15.

Anexo I : *Corpus da pesquisa sociolinguística*
- continuação

NOTÍCIA (05)



AUSTRALIANOS CRIAM "SHAZAM" PARA ARANHAS E COBRAS

A ideia é que, tirando uma foto, seja possível "puxar a ficha" de uma espécie na natureza

SABE QUANDO VOCÊ está em uma festa e toca uma música muito bacana, mas cujo nome e autor você não sabe quais são? Felizmente, um popular aplicativo chamado Shazam tem a solução: apenas ouvindo a canção, o app te mostra todas as informações dela.

Agora imagine-se em uma viagem para a Austrália, conhecida por sua natureza selvagem extravagante. No meio de uma trilha, você se depara com um bicho desconhecido. É pensando nesse cenário que a Agencia de Pesquisa Científica da Austrália criou o Critterpedia, um app que funciona como o Shazam, só que para vida selvagem. Basta tirar uma foto da serpente ou aranha para acessar suas informações – incluindo se as espécies são perigosas.

A inteligência artificial do programa conta com uma biblioteca com mais de 200 mil imagens, fornecidas por especialistas. Assim, consegue usar o registro do usuário e identificar as espécies por comparação. O app é voltado apenas para a fauna australiana, e quer quebrar a má fama de aracnídeos e serpentes: a Austrália tem mais de 2 mil espécies de aranhas, mas só dois gêneros são perigosos para humanos. E, das mais de 170 cobras do país, só 12 tem peçonha potencialmente fatal. Conhecer melhor essas espécies pode evitar acidentes – e contribuir para a preservação da biodiversidade do país. Bruno Carbinatto

Revista Superinteressante. Edição 419.
Setembro/2020. Página 11.

Anexo I : *Corpus da pesquisa sociolinguística*
- continuação

NOTÍCIA (06)



SEM GRAVIDADE, ARANHAS USAM LUZ PARA TECER TEIAS

É o que descobriu um experimento feito na ISS que investigou os aracnídeos por dois meses.

UM PAR DE ARANHAS da espécie *Trichonephila clavipes* embarcou rumo à ISS para um experimento curioso. Um grupo de cientistas suíços e americanos pretendia estudar como os bichos produzem suas teias na ausência de gravidade. Na Terra, as *T. calvipes* constroem teias de forma assimétrica, com o centro próximo ao topo. Questão de estratégia: quando descansam de cabeça para baixo, podem usar a gravidade para se mover mais rapidamente até a presa. Mas e quando não há essa ajuda gravitacional?

Usando 14,5 mil fotos produzidas em dois meses, os cientistas analisaram 100 teias fabricadas pela dupla de aranhonautes – e as compararam com aquelas feitas por aranhas da mesma espécie na Terra. Teias feitas em gravidade zero eram amis simétricas do que as tecidas por aqui – ou seja, seu centro estava mais próximo do meio. Mas outra coisa chamou a atenção: as teias tinham formatos diferentes se a luz do teto estava acesa ou apagada.

As fotos mostraram que aranhas não tinham uma posição de descanso preferida na ausência de luz. Quando a luz estava acesa, no entanto, elas repousavam de cabeça para baixo, descendo para tecer suas teias. Isso quer dizer que, na falta de gravidade, a luz serviu para fazê-las distinguir “acima” (a direção da luz) e “abaixo” (contrária à luz) – algo que cientistas faziam ideia que fosse possível em aranhas.

Revista Superinteressante. Edição 423.
Janeiro/2021. Página 11.

Anexo I : *Corpus da pesquisa sociolinguística*
- continuação

NOTÍCIA (07)



ENCONTRADO REGISTRO MAIS ANTIGO DE MORTE POR METEORO

Fragmento de rocha espacial despencou no Iraque em 1888, atingindo duas pessoas.

POR DÉCADAS, A CIÊNCIA TEVE uma única evidencia concreta de alguém atingindo diretamente por um meteorito. O episódio aconteceu em 1954, com a americana Anne Hodges. Ela dormia no sofá de sua casa, no Estado do Alabama, quando um meteorito de 4 quilos atravessou o teto e caiu bem em sua perna esquerda. Apesar dos ferimentos graves, Anne sobreviveu para contar a história.

Agora, pesquisadores da Universidade Ege, na Turquia, encontravam evidencia de um impacto assassino um pouco mais antigo, de agosto de 1888. Segundo revelam três documentos históricos, o local em que o meteorito caiu foi uma colina na cidade de Suleimânia, atual território do Iraque. Dois homens foram os alvos: um deles ficou paraplégico e o outro morreu. De acordo com os relatos da época, uma chuva de meteoros, que durou cerca de 10 minutos, acontecia no momento do acidente.

Graças ao atrito com a atmosfera, meteoritos normalmente se desintegram no espaço antes mesmo de atingir o solo - ou, numa fatalidade, a cabeça de algum desavisado. Ainda bem, porque eles são muitos: a Nasa, agencia espacial americana, estima que pelo menos 44 toneladas de pó de meteorito caiam na superfície da Terra todos os dias.

Revista Superinteressante. Edição 416.
Junho/2020. Página 11.

Anexo I : Corpus da pesquisa sociolinguística
- continuação

NOTÍCIA (08)



QUEIMADAS HUMANAS DESTROEM MAIS QUE AS NATURAIS

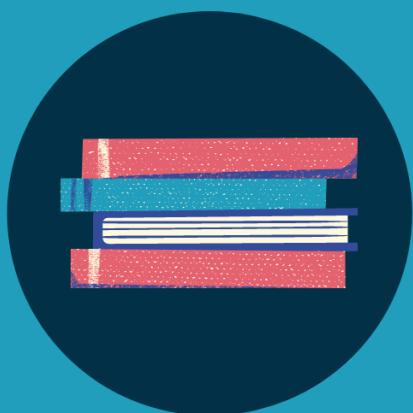
Além de avançarem mais rápido, elas também matam até três vezes mais árvores.

O ÚLTIMO ANO foi marcado por uma série de queimadas florestais, sobretudo nos EUA, Austrália e Brasil. O clima seco faz aumentar os incêndios, mas ações humanas podem amplificar - e muito - os danos.

Agora, um estudo americano descobriu que queimadas causadas por humanos são mais destrutivas e se espalha mais rápido que as naturais. Cientistas compilaram dados de satélite de 214 incêndios florestais da Califórnia entre 2012 e 2018. Os provocados por humanos avançaram, em média, 1,83 km por dia, mais que o dobro da velocidade de queimadas induzidas por descargas elétricas (0,83 km/dia). Eventos naturais matam de duas a três vezes menos árvores que os produzidos por humanos.

O fogo é claro, é o mesmo, seja causado por uma bituca de cigarro ou por um raio. A diferença é que incêndios naturais ocorrem sazonalmente, enquanto os humanos podem causar queimadas a qualquer momento - incluindo quando o clima é mais favorável para o espalhamento das chamas.

Revista Superinteressante. Edição 423. Janeiro/2021. Página 15.



Apêndices

Apêndice I : Questionário de sondagem¹⁷ e diagnose

Caro (a) estudante,

Sua participação é muito importante nesta pesquisa. Não se preocupe, suas opiniões e informações serão respeitadas e mantidas em sigilo. No intuito de resguardar a sua identidade, você NÃO deverá se identificar. A veracidade dos dados em muito contribuirá para o meu trabalho. Você terá livre arbítrio para responder ao questionário de acordo com suas convicções sem sofrer qualquer censura pela resposta dada. A seguir, você encontrará algumas perguntas que visam traçar seu perfil social seguidas de outras que tratam da pesquisa científica e da língua portuguesa. Leia-as com atenção e assinale as alternativas que estejam de acordo com a sua opinião.

1 - Realização

_____ / _____ / 2021

2 - Sou:

- Aluno
- Aluna

3 - Idade:

4 - Instituição de Ensino/MG

- Estadual
- Particular
- Municipal

5 - Nacionalidade

6 - Naturalidade / UF:

¹⁷ Questionário elaborado por mim (Jaqueline Freitas da Silva) e pela mestrandona do programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), turma 06, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Ana Lúcia Alves de Oliveira, cujo título da sua dissertação é "Letrando cientificamente alunos da Educação Básica por meio da pesquisa sociolinguística", sob a orientação e colaboração da Profª. Drª. Talita de Cássia Marine, Profletras/UFU.

- continua

101

Apêndice I : Questionário de sondagem e diagnose

7 - Ensino fundamental - Regular

8 - Turno:

- Matutino
- Vespertino

9 - Sua cor é:

- Branca
- Preta
- Amarela
- Parda
- Indígena
- Não desejo declarar

10 - Naturalidade / UF (mãe):

11 - Naturalidade / UF (pai):

12 - Você sabe o que é uma pesquisa científica?

- Sim
- Não

13 - Você acredita que no Brasil há muitos cientistas?

- Sim
- Não
- Não sei

- continua

102

Apêndice I : Questionário de sondagem e diagnose

14 - Para você, há mais cientistas:

- Homens
- Mulheres

15 - Você sabe como se realiza um estudo científico?

- Sim
- Não

16 - A pesquisa científica é importante para a sociedade?

- Sim
- Não
- Não sei

17 - Qualquer pessoa pode ser um pesquisador?

- Sim
- Não
- Não sei

18 - É possível realizar uma pesquisa científica em sala de aula?

- Sim
- Não
- Não sei

19 - Você acredita que a língua pode ser objeto de estudo científico?

- Sim
- Não
- Não sei

- continua

103

Apêndice I : Questionário de sondagem e diagnose

20 - Você acha que é difícil estudar a língua portuguesa?

- Homens
- Mulheres

21 - Você gosta de estudar a língua portuguesa?

- Sim
- Não
- Não sei

22 - Para você, a língua é:

- Variável
- Estática (não varia)

23 - A língua que você fala é igual a que é ensinada na escola?

- Sim
- Não

24 - Você sabe o que é variação linguística?

- Sim
- Não

25 - Você sabe o que é preconceito linguístico?

- Sim
- Não

26 - Você já sofreu preconceito linguístico?

- Sim
- Não
- Não sei

- continua

104

Apêndice I : Questionário de sondagem e diagnose

27 - Na turma que você estuda, as pessoas falam de maneira muito diferente umas das outras?

- Sim
- Não
- Não sei

28 - Para você existe "erro" de português?

- Sim
- Não
- Não sei

29 - Você já teve medo de falar ou escrever algo que fosse considerado "errado" do ponto de vista gramatical e, por isso, deixou de se expressar em sala de aula?

- Nunca
- Raramente
- Frequentemente
- Várias vezes

30 - O que pode ser objeto de estudo científico na sala de aula?

- Conteúdos de Ciências
- Conteúdos de Geografia e História
- Conteúdos de Matemática
- Conteúdos de Língua Portuguesa
- Todos os conteúdos acima mencionados

- continua

105

Apêndice I : Questionário de sondagem e diagnose

31 - Suponha a seguinte situação:

A professora de língua portuguesa solicita uma pesquisa sobre concordância verbal, mas ela não indica nenhuma fonte de pesquisa para realizar tal atividade. Você então recorre a:

- Livros didáticos
- Gramáticas disponíveis na biblioteca da escola
- Sites da internet direcionados à explicação do conteúdo
- Observação do uso da língua que pessoas fazem em seu cotidiano

32 - Você já pesquisou sobre a língua na internet?

- Sim
- Não

Se sim, assinale a(s) opção (s) de site de pesquisa que você já consultou:

- Google
- Google Acadêmico
- Yahoo
- Ask
- Outro



Obrigado pela sua participação nessa pesquisa!

106

Apêndice II : Pesquisa sociolinguística (identificando as suas etapas)

O PAPEL DA VARIAÇÃO DIAGENÉRICA NA CONCORDÂNCIA VERBAL DA REGIÃO NOROESTE DO ESTADO DE SÃO PAULO

Cássio Florêncio Rubio - UNESP - SJRP

Resumo: Considerando que inúmeras pesquisas sociolinguísticas realizadas sobre a concordância verbal (CV, daqui em diante) de terceira pessoa do plural (3PP, daqui em diante) evidenciaram a variabilidade do fenômeno, investigamos, por meio do controle de fatores sociais e linguísticos, a CV na fala da Região Noroeste do Estado de São Paulo, usando, como subsídio principal, a Teoria da Variação Linguística (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1972) (TEORIA QUE FUNDAMENTA A PESQUISA). O círculo utilizado para a realização de nossa pesquisa provém do Banco de Dados Iboruna, que, constituído pelo Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), compõe-se de amostras de fala de 152 informantes da região. Para a realização desta pesquisa, foi constituída uma subamostra, composta de 76 entrevistas, estratificadas uniformemente mediante os fatores sociais escolaridade, faixa etária e gênero. Do total de 3.308 ocorrências de 3PP analisadas, 2.314 (70%) apresentaram marcas de plural explícitas nos verbos, evidenciando tratar-se de um caso de variação estável na comunidade investigada, instanciada pela interação entre os seguintes fatores sociais e linguísticos estatisticamente relevantes: paralelismo formal de nível oracional, escolaridade, paralelismo formal de nível discursivo, saliência fônica, posição do núcleo do SN-sujeito em relação ao verbo, traço semântico do sujeito, idade, gênero e tipo morfológico do sujeito. Neste trabalho, buscamos tratar do fator social gênero, também selecionado como relevante no fenômeno variável em questão. Trataremos, ainda, das correlações entre esse fator e os demais fatores, evidenciadas, sobretudo, por seus cruzamentos.

Palavras-chave: concordância verbal, terceira pessoa do plural, português brasileiro, gênero.

Introdução

Neste trabalho, por meio de pesquisa sociolinguística, analisaremos o fenômeno da concordância verbal (CV, daqui em diante) (OBJETO DE ESTUDO DA PESQUISA) no dialeto do interior paulista, buscando demonstrar empiricamente que o fenômeno da variação na CV se evidencia em todos os níveis sociais, inclusive nos níveis sócio-culturais mais elevados, ainda que de maneira menos acentuada, conforme já atestaram trabalhos anteriores. Sob a vertente variacionista, dentre os estudos já realizados sobre a CV, podemos citar o trabalho pioneiro de Lemle e Naro (1977), para o dialeto carioca; o de Nina (1980), para o dialeto da Região Bragantina; o de Nicolau (1984), para o dialeto mineiro; o de Rodrigues (1987), para o português popular de São Paulo; o de Graciosa (1991), para a fala culta carioca; o de Rodrigues (1997), para o dialeto de Rio Branco; o de Anjos (1999), para a fala pessoense; o de Monguilhott & Coelho (2002), para a fala da Região Sul, os estudos de Gameiro (2005) e de Monte (2007), para a fala da região central do estado de São Paulo (São Carlos, Araraquara e Itirapina), o estudo de Rubio (2008), para a região noroeste do estado de São Paulo, além das inúmeras contribuições de Naro & Scherre (1999, 2000, 2003 e 2007) e Scherre & Naro (1998, 1999, 2000, 2001, 2005 e 2006).

- continua

107

Diante dos objetivos da pesquisa aqui relatados, este trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: no item 1, apresentamos os pressupostos teóricos considerados para a elaboração de nossa pesquisa; no item 2, expomos os procedimentos metodológicos seguidos para a realização de nossa pesquisa e os critérios utilizados na composição do Banco de Dados Iboruna, utilizado como córpus. No item 3, encontram-se os resultados alcançados a partir da análise quantitativa e qualitativa, enfatizando, especialmente, o fator social gênero. Na última parte do trabalho, as considerações finais, apresentamos uma apreciação concisa dos principais pontos da pesquisa e dos principais resultados, à qual se seguem as referências bibliográficas.

Pressupostos teóricos

Para Labov (1972), algumas formas linguísticas assumem uma característica socialmente marcada e são ostensivamente estigmatizadas por outros grupos sociais que não as utilizam. Essas formas Anais do SILEL costumeiramente caracterizam um grupo social específico e são chamadas de estereótipos. A caracterização de uma forma como estereotípica de um grupo vai depender da reação social (preconceito) que essa forma linguística irá gerar em outros grupos sociais.

Diante desse quadro, tem-se, portanto, que fatores de ordem social influenciarão sobremaneira as escolhas linguísticas dos falantes, em razão das "pressões" sociais que regularão a escolha de uma ou outra variante, ou seja, a inserção do indivíduo em um grupo social influenciará o seu comportamento linguístico, se não for o caso de realmente determiná-lo.

Fatores sociais como gênero, escolaridade, profissão, classe social, religião, origem geográfica e contexto de fala são importantes na caracterização do comportamento linguístico dos indivíduos.

Segundo Naro (2003), ainda que as organizações sociais de cada comunidade linguística possam possuir certas peculiaridades não previstas, há um comportamento considerado esperado. Por exemplo, falantes mais velhos costumam preservar mais as formas consideradas conservadoras, o que pode ocorrer também com pessoas mais escolarizadas, com camadas da população que gozam de maior prestígio social, com grupos sociais que sofrem pressão normatizadora, a exemplo de falantes do sexo feminino em geral, ou com pessoas que exercem atividades socioeconômicas que exigem uma boa apresentação pública.

Relativamente às premissas aqui expostas, para o caso da CV no PB, a variante presença de marcas de plural nos verbos é considerada a variante padrão, visto ser a forma preconizada pela gramática normativa. Como consequência quase inevitável do efeito da pressão da norma sobre as escolhas linguísticas, a mesma variante foi eleita como a variante de prestígio na comunidade e detém também o rótulo de variante conservadora, fato considerado trivial na Sociolinguística.

- continua

108

Na variação linguística, ainda que não seja categórico, em grande número de casos, a variante considerada padrão assume a posição de variante de prestígio e também de variante conservadora. Em oposição à variante padrão, tem-se a variante ausência de marcas de plural nos verbos, que, por consequência natural, assume a posição de variante não-padrão, por ser ignorada (ou não reconhecida) pela tradição gramatical. É estigmatizada pela sociedade, por estar presente, com maior frequência, na fala das classes sociais menos favorecidas, seja do ponto de vista econômico, ou seja, do ponto de vista cultural. É, ainda, considerada inovadora, em oposição à variante presença de marcas de plural nos verbos, considerada conservadora. (REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE O OBJETO DE PESQUISA)

[...]

Procedimentos metodológicos e composição do córpus

Para o presente estudo, seguimos os preceitos metodológicos da sociolinguística variacionista propostos por Labov (1972) (TEORIA QUE FUNDAMENTA A PESQUISA), uma vez que os informantes que compõem o nosso córpus de pesquisa pertencem a um grupo social em cuja fala a concordância do verbo com o sujeito aponta para um fenômeno variável, como já identificado em trabalhos anteriores (RUBIO, 2006, 2007, 2008).

Para uma análise da CV na Região de São José do Rio Preto, optamos por selecionar uma subamostra de 76 entrevistas do Banco de Dados Iboruna.

A partir da análise dessas 76 entrevistas, (DEFINIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO CORPUS) a pesquisa foi feita procedendo-se, inicialmente, ao levantamento de todas as ocorrências pertinentes ao estudo da CV de 3PP, em que a CV é aplicada, como mostrado em (1) e (2), ou não, como em (3) e (4). (LEVANTAMENTO DE DADOS)

[...]

Para a análise quantitativa, o processamento de dados foi feito eletronicamente, empregando-se o “pacote” estatístico GOLDVARB e seus subprogramas, criados com a finalidade específica de tratamento de fenômenos variáveis.

3. Análise dos resultados

Foi analisado, em nosso trabalho, um total de 3.308 ocorrências de 3PP, dentre as quais 70% (2.314/3.308) apresentavam marcação de plural, enquanto 30% (994/3.308) não apresentavam a aplicação da CV. Na tabela 1, observam-se os percentuais acima apresentados. (QUANTIFICAÇÃO E TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS)

Era de se esperar que, para uma variedade do português considerada “caipira”, o percentual de ausência de CV fosse maior do que 30%. Entretanto, essa expectativa não se confirmou, baseando-se nas ocorrências extraídas da amostra que compusemos. (ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS)

- continua

[...]

Conclusões

Diante dos resultados apresentados para a CV, foi possível, em primeiro lugar, detectar que se trata de um fenômeno de variação, em que a variante padrão (presença da forma plural nos verbos) prevalece sobre a variante não-padrão (ausência da forma plural nos verbos).

Sobre o gênero em si, a hipótese de que mulheres aplicariam com maior frequência formas de plural nos verbos do que homens foi confirmada, visto que as frequências de aplicação de CV foram maiores para o gênero feminino e a diferença apresentada foi de apenas 4 pontos percentuais e. 06 de PR.

Ao compararmos os resultados de nossa pesquisa e os resultados apresentados por outras pesquisas que consideraram o fator gênero, foi possível verificar que, ainda que houvesse divergência quanto à escolaridade, houve grande regularidade de comportamento na aplicação da CV.

Por meio do cruzamento do grupo de fatores escolaridade com o grupo de fatores gênero, chegamos à conclusão de que a escolarização exerce maior influência sobre falantes do gênero feminino do que sobre falantes do gênero masculino, já que há uma relação diretamente proporcional entre aumento de escolaridade e aumento de frequência na pluralização do verbo em maior percentual para aqueles do que para estes.

No cruzamento entre o grupo de fatores posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo e o grupo de fatores gênero foi possível perceber que, para sujeitos pré-verbais, falantes do gênero feminino aplicam com maior frequência as marcas de plural, pela maior percepção, no caso desses sujeitos, da necessidade de pluralização dos verbos; para sujeitos em posição pós-verbais, informantes do gênero masculino realizam mais a CV.

Ao considerarmos os resultados apresentados por alguns fatores, principalmente de ordem social, é possível afirmar que a implementação da variável não-padrão (ausência de CV) não irá ocorrer de forma plena na comunidade de fala pesquisada. Levando-se em conta o grupo de fatores faixa etária, principal grupo considerado na verificação da implementação gradativa de uma mudança (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006), os índices exibidos atestam que se trata de uma variação estável, já que, conforme dito anteriormente, não há aumento gradativo em relação direta com o aumento da faixa etária.

- continua

110

Referências bibliográficas

ANJOS, S. E. dos. Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala pessoense. 1999, 188f. Dissertação (Mestrado em linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

CHAMBERS, J. K. Patterns of Variation including Change. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P., CHESHIRE, J. Sex and Gender in Variationist Research. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P., SCHILLING-ESTES, N. The Handbook of Language Variation and Change. Oxford: British Library, 2001.

CHESHIRE, J. Sex and Gender in Variationist Research. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P., SCHILLINGESTES, N. The Handbook of Language Variation and Change. Oxford: British Library, 2001.

COELHO, R. F. É nós na fita! Duas variantes linguísticas numa vizinhança de periferia - O pronome de primeira pessoa do plural e a marca do plural no verbo. 182f. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística).

[...]

Apêndice III : Exemplo para identificar as ocorrências nas amostras do *corpus*

AMOSTRA 1: Letras de músicas - Rap

Música 1: A Rua É Noiz (01) - Projota

A rua é noiz (02)
Isso mermo tio, ae
Então ..

Linda, como a mais bela flor do mais belo jardim
De concreto com piche onde não cresce mais capim (03)
Sem jasmim, ela exala o cheiro da fumaça (04)
Sou eu que passo por ela, não vejo quando ela passa (05)
Me perco nas suas curvas encontro outros caminhos (06)
De sempre estar perto o bastante dos seus carinhos (07)
Não é masoquismo e também não tó dando guela
Mas eu só me sinto bem quando eu tó pisando nela
Ela é tão bela e eu tó sempre junto com ela
Encontro com ela lá no centro e ela me trás pra favela
Ela é fiel, por isso nosso amor decola (08)
Os cara passa, olha, mexe, ela nunca da bola (09)
Eu quero ela e ela me quer, vai ser sempre assim (10)
Faço rolé junto com ela mesmo se tó sem dindin
E ela nem reclama ela é meio calada (11)
Acho que perdeu a voz, por estar tão apaixonada (12)
Minha melhor amiga, minha deusa, minha musa
Me abusa, me usa, talvez ela te seduza
Ai se vê que essa é a vida de um Mc
Se apaixona por alguém que nunca vai te trair
Passo por ela pra ir no mercado e até na padaria
Lembro que antes ela me paquerava e eu só sorria (13)
Mas agora nosso amor é eterno (14)
Eu escrevi Projota e Rua lá no fim do meu caderno (15)
Eu vou de busão só pra pode te admirar
Com uma vontade de correr e te abraçar (16)
Ai quem me dera se essa rua fosse minha (17)
Só andava descalça pra nela sempre tocar (2x)
Eu preservo ela assim como ela me preserva (18)
Se não sei pra onde ir, deixo que ela me leva (19)
Por ela eu canto, eu rimo, eu vivo (20)
Encontro nela várias armadilhas das quais eu me esquivo (21)
Rua que me encaminha pros melhores lugares
Que leva eu e meus amigos a salvo pros nossos lares
Na sola de um pé que bate um coração vagabundo (22)
Porque a rua fica lá e ela é o coração do mundo (23)
Vem para mim (vem) (24)
Seja minha porque eu sou seu (25)

- continua

112

Apêndice III : Exemplo para identificar as ocorrências nas amostras do *corpus*

A rua reina mais do que o rei da roupa que o rato roeu (26)
Linda menina da pele preta ou marrom
Seja asfaltada ou de barro se eu to com ela tá bom,
Vai to ansioso até umas horas para te ver
Mas a gente se tromba assim que eu saio pro role
Te dedico cada letra escrita nessa canção
Os vagabundo como eu também te tem no coração (27)
É embaçado saber que tem uns mano troncado, privado de poder te ver (28)
isso me deixa chocado, porque o que quiser de mim pode levar (29)
Mas foi na rua que eu cresci e é nela que eu vou ficar (30)
Os cara te maltrata, te deixa esburacada (31)
Mas a minha paixão por você não diminui nada (32)
Os falsos reclama que é suja, mas edai ?! (33)
É suja mesmo, a sujeira mais linda que eu já vi (34)
Eu vou de busão só pra pode te admirar
Com uma vontade de correr e te abraçar (35)
Ai quem me dera se essa rua fosse minha (36)
Só andava descalça pra nela sempre tocar (2x)

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/projota/1433783/>. Acessado em 02/05/2021.

- continua

113

Apêndice III : Exemplo para identificar as ocorrências nas amostras do *corpus*

AMOSTRA 2: Notícias da revista "Superinteressante"

NOTÍCIA (05)



AUSTRALIANOS CRIAM "SHAZAM" PARA ARANHAS E COBRAS (01)

A ideia é que, tirando uma foto, seja possível "puxar a ficha" de uma espécie na natureza (02)

SABE QUANDO VOCÊ está em uma festa e toca uma música muito bacana, mas cujo nome e autor você não sabe quais são? (03) Felizmente, um popular aplicativo chamado Shazam tem a solução: apenas ouvindo a canção, o app te mostra todas as informações dela. (04)

Agora imagine-se em uma viagem para a Austrália, conhecida por sua natureza selvagem extravagante. (05) No meio de uma trilha, você se depara com um bicho desconhecido. (06) É pensando nesse cenário que a Agencia de Pesquisa Científica da Austrália criou o Critterpedia, um app que funciona como o Shazam, só que para vida selvagem. (07) Basta tirar uma foto da serpente ou aranha para acessar suas informações – incluindo se as espécies são perigosas. (08)

A inteligência artificial do programa conta com uma biblioteca com mais de 200 mil imagens, fornecidas por especialistas. (09) Assim, consegue usar o registro do usuário e identificar as espécies por comparação. (10) O app é voltado apenas para a fauna australiana, e quer quebrar a má fama de aracnídeos e serpentes: a Austrália tem mais de 2 mil espécies de aranhas, mas só dois gêneros são perigosos para humanos. (11) E, das mais de 170 cobras do país, só 12 tem peçonha potencialmente fatal. (12) Conhecer melhor essas espécies pode evitar acidentes – e contribuir para a preservação da biodiversidade do país. (13) Bruno Carbinatto

Revista Superinteressante. Edição 419. Setembro/2020. Página 11.

LEGENDA

- Ocorrências padrão
- Ocorrências não-padrão
- Ocorrências de outros fenômenos linguísticos
- () Identificação/Número da ocorrência

APÊNDICE B – Caderno de atividades do estudante**PROFA. JAQUELINE FREITAS DA SILVA****PROFA. DRA. TALITA DE CÁSSIA MARINE****CADERNO DE ATIVIDADES
DO ESTUDANTE**

Anos finais do
Ensino Fundamental
II

Componente
curricular:
Língua Portuguesa



Profa. Jaqueline Freitas da Silva

Possui graduação em Letras (Licenciatura) com habilitação em Português, Inglês e respectivas literaturas pela UNIPAM/Patos de Minas (2007). Concluiu graduação em Letras (Licenciatura) com habilitação em Espanhol pela UFU/Uberlândia (2016). Realizou Pós-graduação (*lato sensu*) em Psicopedagogia (2009); Inspeção Escolar (2011); e Educação Especial e Inclusiva (2019). Foi diretora na "Escola Estadual João Pereira Brandão" - Varjão de Minas/MG (2016 - 2018). Professora de Português e Inglês na "E. E. João Pereira Brandão" desde 2008. Aluna do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETTRAS) da UFU/Uberlândia (2021) - financiado pela Capes. Sua atual pesquisa é voltada para a área de ensino de língua portuguesa na Educação Básica, baseada pelas perspectivas da Sociolinguística Educacional, Pedagogia da Variação Linguística e também pelas contribuições do Letramento Científico.

Profa. Dra. Talita de Cássia Marine

Possui graduação em Letras (Licenciatura e Bacharelado) com habilitação em Português e Alemão pela UNESP/Araraquara (2001). Realizou Mestrado (2004) - fomentado pela Capes - e Doutorado (2009) - fomentado pelo CNPq - em Linguística e Língua Portuguesa na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus Araraquara, com estágio PDEE (2006) - financiado pela Capes - na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) e no Centro de Linguística da mesma universidade (CLUL). Em 2020, concluiu o seu pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins, Campus Araguaína/ TO. Foi professora de língua portuguesa na Educação Básica por mais de 10 anos e atualmente é professora associada nível I do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL-UFU), atuando também no Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETTRAS) como professora permanente, orientando pesquisas na linha de pesquisa 1 - Estudos da Linguagem e Práticas Sociais. Tem desenvolvido pesquisas voltadas para a área de ensino de língua portuguesa, embasadas pela perspectiva da Sociolinguística Educacional, da Pedagogia da Variação Linguística e também pelas contribuições do Letramento Científico no âmbito da Educação Básica. Atuou como avaliadora e também como coordenadora adjunta da área de língua portuguesa em vários processos avaliativos de obras didáticas do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD-MEC).

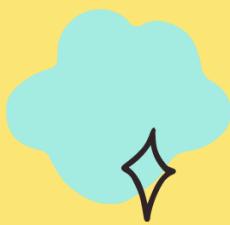
CADERNO DE ATIVIDADES DO ESTUDANTE

**Componente curricular:
Língua Portuguesa**

Anos Finais do Ensino Fundamental II

Uberlândia (2021)

SUMÁRIO



05 APRESENTAÇÃO

07 MÓDULO I

INTRODUÇÃO: RODA DE CONVERSA

08 ATIVIDADE I

SONDAGEM

08 ATIVIDADE 2

PRIMEIRAS IMPRESSÕES SOBRE PESQUISA

09 ATIVIDADE 3

CONHECENDO A PESQUISA CIENTÍFICA

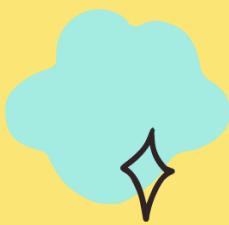
11 ATIVIDADE 4

AMPLIANDO OS CONCEITOS SOBRE PESQUISA CIENTÍFICA

11 ATIVIDADE 5

DESPERTANDO A CURIOSIDADE

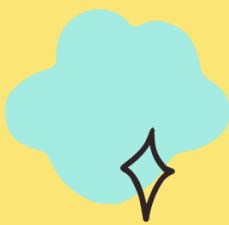
SUMÁRIO



- 14 ATIVIDADE 6**
EXEMPLIFICANDO AS VARIAÇÕES NA LÍNGUA PORTUGUESA
- 18 ATIVIDADE 7**
AMPLIANDO CONCEITOS: NORMA CULTA E NORMA POPULAR
- 21 MÓDULO II**
DESENVOLVIMENTO: A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM SALA DE AULA
- 22 ATIVIDADE 8**
CONHECENDO A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA
- 22 ATIVIDADE 9**
PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM AÇÃO
- 23 ATIVIDADE 10**
ESTUDANDO A CONCORDÂNCIA VERBAL
- 30 ATIVIDADE 11**
DEFININDO E ORGANIZANDO O "CORPUS" DA PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA



SUMÁRIO



- 30 ATIVIDADE 12**
LEVANTANDO OS DADOS NAS AMOSTRAS
ESCOLHIDAS
- 31 ATIVIDADE 13**
QUANTIFICAÇÃO, TRATAMENTO
ESTATÍSTICO E ANÁLISE QUALITATIVA
DOS DADOS OBTIDOS NAS AMOSTRAS
- 36 MÓDULO III**
CONCLUSÃO: APRESENTAÇÃO DO RESULTADO
FINAL DA PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA
- 37 ATIVIDADE 14**
APRESENTANDO OS RESULTADOS DA
PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA
- 43 REFERÊNCIAS**

Apresentação

Caro (a) estudante,

Este caderno de atividades foi organizado para você.

Ele é fruto de uma pesquisa realizada para o Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), intitulada como “A pesquisa sociolinguística na Educação Básica: contribuições para a formação aluno-pesquisador da própria língua”. Ele foi elaborado pela professora-pesquisadora Jaqueline Freitas da Silva, sob a orientação da Profª. Drª. Talita de Cássia Marine (UFU).

Hoje em dia, a relação entre língua e sociedade tem sido cada vez mais estudada pelos pesquisadores. Para a Sociolinguística é inegável essa relação entre língua e sociedade, sendo, portanto, imprescindível compreender esse vínculo quando se discute um fenômeno linguístico.

Toda língua falada ou escrita apresenta variações decorrentes da heterogeneidade presente nos fenômenos linguísticos, as quais podem ser identificadas e analisadas por meio de pesquisas de campo. Por meio delas é possível o pesquisador registrar, descrever e analisar de forma sistêmica os diferentes falares e as diferentes escritas, relacionando, assim, essas variações com fatores sociais, tentando, assim, identificar qual fator ou grupo de fatores é o responsável por determinada variação na língua.

Portanto, acreditamos que é de suma importância compreender a variação na língua, uma vez que o entendimento da variação linguística pode evitar o preconceito contra aqueles que falam de maneira diferente.

APRESENTAÇÃO

Diante disso, por meio de uma pesquisa sociolinguística que será desenvolvida em sala de aula sob a mediação do seu professor, será possível você compreender não só a funcionalidade da língua em uso, mas também a sua heterogeneidade, dinamicidade e elasticidade. Além disso, buscamos ajudá-lo a fazer o melhor uso possível da língua portuguesa, em suas múltiplas variedades, regionais, sociais, e nas múltiplas situações sociais de interação verbal.

Nesta perspectiva, ao elaborarmos as atividades, dividimo-las em três módulos, a saber: “Módulo I/INTRODUÇÃO: Roda de Conversa”, “Módulo II/DESENVOLVIMENTO: A pesquisa sociolinguística em sala de aula” e, por fim, “Módulo III/CONCLUSÃO: Apresentação do resultado final da pesquisa sociolinguística”, conforme você verá a seguir.

Esperamos que este material, suscite diversos questionamentos e reflexões na sala de aula junto ao seu professor e seus colegas. Desejamos que este seja o primeiro passo para um ensino da língua mais dinâmico e inovador, portanto, esperamos que você pesquise, crie, reflita, transforme... viva intensamente e plenamente.

Um forte abraço,

As Autoras.

¹ O diário de bordo, como ferramenta metodológica, visa auxiliar o docente no desenvolvimento do letramento científico dos estudantes, podendo, desse modo, dar suporte a um processo investigativo, relacionando-o com a proposta de aprender a aprender com a pesquisa sociolinguística na Educação Básica. Como este estudo trata de uma pesquisa qualitativa, de natureza aplicada, o registro no diário de bordo irá auxiliar o docente na análise do aprendizado desses alunos acerca do letramento científico, além de permitir registrar todas as descobertas ao longo do desenvolvimento das atividades e a refletir sobre elas, em diferentes momentos da pesquisa.



Atividade 1: Sondagem

1º passo: Aluno (a), inicialmente, você deverá responder a um questionário¹ de sondagem sobre pesquisa científica e a língua portuguesa. Leia com bastante atenção e responda às questões que são apresentadas.

Caro estudante,

vamos iniciar, neste momento, um estudo sobre a Língua Portuguesa como objeto de estudo científico. Entretanto, faz-se necessário estabelecermos algumas discussões e reflexões sobre o que é pesquisa e pesquisa científica. Para isso, a partir das orientações do seu professor, você deverá seguir os passos propostos ao longo de cada atividade.

Vamos lá?



Atividade 2: Primeiras impressões sobre pesquisa

1º passo: É fundamental estabelecermos algumas discussões e reflexões sobre o que é pesquisa e o que é pesquisa científica. Para isso, vamos iniciar a partir da seguinte questão:

Para você, o que é pesquisa?



¹ O questionário elaborado e sugerido pelas pesquisadoras encontra-se no apêndice 3.

MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA

2º passo: Agora, vamos ver algumas definições sobre o que é uma pesquisa? Vamos lá!



1 - Conforme o "Novo dicionário de Língua Portuguesa" pesquisa é a "Indagação ou busca minuciosa para averiguação da realidade; investigação, inquirição. Investigação e estudo, minudentes e sistemáticos com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a um campo qualquer do conhecimento (...)"

FERREIRA, A.B.H. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 1984.



2 - De acordo com Bagno (2005, p. 17), "pesquisa é uma palavra que nos veio do Espanhol. Este por sua vez herdou-a do latim. Havia no latim o verbo perquirere, que significava "procurar; buscar com cuidado; procurar por toda parte; informar-se; inquirir, perguntar; indagar bem; aprofundar na busca".

BAGNO, Marcos. *Pesquisa na Escola o que é como se faz*. 19 ed. São Paulo: Loyola, 2005.



3 - Segundo Gil (2007, p. 17), pesquisa é um (...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados."

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

Atividade 3: Conhecendo a pesquisa científica

1º passo: Aluno (a), agora, a partir das discussões e reflexões sobre os conceitos de pesquisa, vamos um pouco mais adiante. Para isso, discuta/reflita, juntamente com seu professor, as seguintes questões:



- Certamente você já ouviu falar sobre pesquisa científica. O que você sabe sobre esse assunto?
- O você entende por fazer ciência?
- Você acredita que os conhecimentos produzidos pelas ciências podem contribuir para solucionar ou aliviar problemas sociais? Levante alguns exemplos.

09

**MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA**

2º passo: Aluno (a), primeiramente, assista, juntamente com seu professor, ao vídeo "O mundo sem ciência (disponível em https://www.youtube.com/watch?v=9qnNUCl3_yM) e, juntamente com ele, construa um conceito para a palavra "ciência".

3º passo: Agora, vamos refletir um pouco sobre os conceitos de pesquisa científica? Discuta e reflita, juntamente com seu professor, acerca dos conceitos de "pesquisa científica" que são apresentados a seguir.



1- De acordo com Bagno (2005, p. 18), a pesquisa científica é "a investigação feita com o objetivo expresso de obter conhecimento específico e estruturado sobre um assunto preciso".

BAGNO, Marcos. *Pesquisa na Escola o que é como se faz*. 19 ed. São Paulo: Loyola, 2005.



2 – "De acordo com Fonseca (2002), (...) A pesquisa científica é o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos. Investiga-se uma pessoa ou grupo capacitado (sujeito da investigação), abordando um aspecto da realidade (objeto da investigação), no sentido de comprovar experimentalmente hipóteses (investigação experimental), ou para descrevê-la (investigação descritiva), ou para explorá-la (investigação exploratória)."

(GERHARDT; SILVEIRA. 2009, p. 36)



3 – Pesquisa científica é a aplicação prática de um conjunto de processos metódicos de investigação utilizados por um pesquisador para o desenvolvimento de um estudo. Ela caracteriza-se por ser uma investigação extremamente disciplinada, que segue as regras formais dos procedimentos para adquirir as informações necessárias e levantar as hipóteses que dão suporte para a análise feita pelo pesquisador (cientista). Através deste conjunto de procedimentos, a pesquisa científica tem como objetivo encontrar respostas para determinadas questões propostas para o desenvolvimento de um experimento ou estudo, de maneira a produzir novos conhecimentos que visem o benefício da ciência.

Disponível em: <https://www.significados.com.br/pesquisa-cientifica/>. Acesso em 19/11/2020.

MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA

Atividade 4: Ampliando os conceitos sobre pesquisa científica

1º passo: Aluno (a), buscando ampliar e aprofundar um pouco mais os¹ seus conhecimentos acerca da pesquisa científica, discuta e reflita com seu professor as seguintes questões:

- O que é/pode ser objeto de pesquisa/estudo científica (o)?
- Quem pode ser um (a) cientista/pesquisador (a)?
- Para você, no Brasil, há mais cientistas homens ou mulheres?



Atividade 5: Despertando a curiosidade

1º passo: Leia os textos abaixo.



TEXTO I

A ciência é importante porque o ato de fazer ciência é um processo criativo. Todos os processos criativos são importantes, sejam eles arte, música, contar histórias ou qualquer outra coisa. Depois do amor, a criatividade é a qualidade humana mais importante. Não apenas a ciência é criativa, ela permite a criação.



Trecho de depoimento de Martin Budden, arquiteto de softwares, retirado de um blog que integra o projeto "Why is science important?", disponível em: <http://whyscience.co.uk/contributors/martin-budden-it-encourages-us-to-question-authority.html>. Acesso em 26/11/2020, às 15:30. Editado pela autora. Tradução Google Inglês – Português.



TEXTO II

Por que **investir** em ciência é tão importante? Porque o **desenvolvimento** de qualquer país está diretamente relacionado à aplicação de **capital** no setor. **Inovação, pesquisa, capacitação científica**, no fim, é um **bem público**. Aliás, no Brasil, o desenvolvimento científico é garantido pela Constituição de 1988, nos artigos 218 e 219.

Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/2019/07/29/internas_educacao,1073199/via-de-mao-dupla.shtml. Acesso em 27/11/2020 às 9:44. Editado pela autora.

MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA



TEXTO III

Uma pessoa que investiga os processos de transformação, sejam eles sociais, econômicos, humanos ou químicos, e a partir dessa investigação constrói **conhecimentos** que são essenciais para o desenvolvimento de uma nação. Esta é definição de pesquisador científico segundo **Anna Benite**, professora-doutora da Universidade Federal de Goiás, mestre em Ciências e Licenciada em Química pela UFRJ, além de integrante da Associação Brasileira de Pesquisa e Ensino de Ciências e da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN).

A especialista afirma que **95% dos conhecimentos produzidos no Brasil vêm das universidades**, e que esse trabalho traz explicações para diversos fenômenos que nos movem. "Quem faz pesquisa científica também é quem ensina e forma novos pesquisadores e profissionais do ramo", reflete.

"Nenhuma nação consegue evoluir sem pesquisa científica", afirma Benite. "Se estamos hoje em uma sociedade tecnológica, isso se deve aos pesquisadores que criam modelos de pesquisa, validam dados e os publicam. Essa sistematização é fundamental para alimentar a produção de conhecimento". (Trecho de uma reportagem)

Disponível em: <http://fundacaotelefonicavivo.org.br/noticias/entenda-por-que-a-pesquisa-cientifica-e-importante-para-a-sociedade/>. Acesso em 26/11/2020 às 15:58. Editado pela autora.



TEXTO IV

POR QUE A CIÊNCIA É IMPORTANTE?²



A ciência nos levou a descobrir coisas que nos dão o que temos hoje. Na verdade, sem a ciência não teríamos eletricidade, o que significaria nenhum celular, internet, Facebook, não teríamos geladeiras para manter a comida fresca, televisão para entreter ou até mesmo carros para viajar.

Um mundo sem ciência significaria que ainda estaríamos de uma forma muito diferente daquela que vivemos hoje. A ciência começou quando (imaginamos) 2 homens das cavernas se perguntaram o que esfregar 2 gravetos faria. A ciência é baseada na curiosidade e em como fazer. Na verdade, somos cientistas naturais observando crianças e você verá que as crianças brincam como os cientistas trabalham, com investigação.

Hoje a ciência influencia tantas coisas diferentes que tentar lista-las significaria que esta página poderia durar para sempre. A ciência influenciou a indústria médica que hoje reduz milhares de mortes todos os dias. Mas a ciência trata apenas de novas invenções, novas tecnologias e novos medicamentos?

Queremos que as pessoas entendam que não se trata apenas de novas tecnologias, invenções ou novos medicamentos. A ciência é muito mais do que isso e, para resumir, acreditamos que a ciência é uma forma de ajudar o cérebro a crescer na descoberta de novos conhecimentos e nos ajuda a derrotar nossa curiosidade de como o mundo se desenvolve e funciona hoje.

A ciência é importante porque ajudou a formar o mundo em que vivemos hoje.

Disponível em: <https://fizzpopscience.co.uk/why-is-science-important/>. Acesso em 27/11/2020 às 9:02. Traduzido pelas autoras Inglês - Português. Adaptado pelas autoras.

² Texto traduzido pelas autoras (Português > Inglês).

MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA

2º passo: Após a leitura dos textos, discuta e reflita com o seu professor acerca das questões a seguir. Não se esqueça de anotar os resultados das discussões e reflexões em seu diário de bordo.

- *Na sua opinião, por que a ciência é importante?*
- *Você já parou para pensar o que pode ser objeto de estudo científico? Pense sobre isso e cite alguns exemplos que, na sua opinião, podem ser objetos de estudo científico.*
- *Você sabia que a Língua Portuguesa é/pode ser objeto de estudo científico?*



2º passo: Leia a definição abaixo e, juntamente com seu professor, construa um conceito para o termo". Faça as anotações em seu diário de bordo.



Sociolinguística "é uma área de estudos, que busca desvendar o comportamento de fenômenos variáveis dentro da própria língua e fora dela, em seu contato com a sociedade".

COELHO, et al (2015, p. 8)

4º passo: Após compreender o que é Sociolinguística, discuta e reflita, juntamente com seu professor, as questões abaixo:

- *Para você, o que é língua?*
- *Na sua opinião, a língua é variável³ ou estática? Se é variável, por que ela varia?*
- *Já ouviu falar em variação linguística? Se sim, o que é variação linguística para você?*



³ De acordo com Coelho et al (2015, p. 14), "chamamos de variável o lugar na gramática em que se localiza a variação, de forma mais abstrata". Por exemplo, no português brasileiro, a concordância entre o sujeito e verbo (Eles gostam da professora/ Ele gosta da professora) é uma variável linguística (ou fenômeno variável), uma vez que se realiza por meio de duas variantes, duas alternativas que são possíveis e, semanticamente, elas se equivalem: a marca de concordância no verbo ou a ausência da marca de concordância.

MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA

5º passo: Considerando as discussões e reflexões acerca das questões anteriores, a partir das explicações científicas que foram apresentadas abaixo, elabore, juntamente com o seu professor, um conceito para “língua” e “variação linguística”.



1. **Língua:** “é um sistema organizado – tão organizado que seus falantes se comunicam perfeitamente entre si, não importando se um mora no interior de São Paulo e o outro na capital do Rio Grande do Sul, se um tem 6 anos de idade e o outro 60, se um tem curso superior e o outro ensino fundamental. (...) podemos concluir que a **língua varia**, e essa variação decorre de fatores que estão presentes na sociedade – além de fatores que podem ser encontrados dentro da própria língua”.

(COELHO et al., 2015, p. 13, destaque dos autores).



1. **Variação linguística:** “A variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado” (COELHO et al., 2015, p. 14), ou seja, duas ou mais palavras para referenciar a mesma coisa. Para os autores, um fenômeno que pode ser bastante perceptível “é o da alternância entre os pronomes pessoais ‘tu’ e ‘você’ para a expressão pronominal de segunda pessoa”. Podemos ouvir uma pessoa se referindo a nós tanto por ‘tu’ quanto por ‘você’, dependendo da origem ou, por vezes, do grau de formalidade com o qual se ela se dirige a nós.

(COELHO et al., 2015, p. 15).

Atividade 6: Exemplificando as variações na língua portuguesa

1º passo: Aluno (a), após as discussões e reflexões acerca da língua e variação linguística, foi possível você verificar que a língua é heterogênea, isto é, ela varia em diversas dimensões que a constituem (no caso, sintaxe, fonologia, léxico e estilo). Leia os exemplos a seguir e, juntamente com seu professor, discuta e reflita acerca das questões que foram propostas. Faça as anotações no seu diário de bordo.

MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA



SINTAXE: De acordo com o Dicionário de Termos Linguísticos, sintaxe é a “área da linguística que estuda as regras, as condições e os princípios subjacentes à organização estrutural dos constituintes da frase, ou seja, o estudo da ordem dos constituintes das frases”. Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=2222>. Acesso em 01/09/2021. Em outras palavras, a sintaxe está relacionada com a maneira com a qual as palavras são combinadas com outras palavras para constituem unidades maiores, isto é, as sentenças. Vejamos os pares de frases:

1. O filme a que me referi é legal. (Pronome relativo - Gramática Normativa) / O filme que me referi é legal. (forma inovadora)
 2. Nós estamos na escola. (Concordância verbal - Gramática Normativa) / A gente está na escola. (forma inovadora)
 3. Vendem-se apartamentos. (Concordância verbal - Gramática Normativa) / Vende-se apartamentos. (forma inovadora)
 4. Eu vi-o no clube. (posição do pronome clítico em relação ao verbo - Gramática Normativa) / Eu o vi no clube. (forma inovadora)
- entre outros.



FONOLOGIA: De acordo com o Dicionário de Termos Linguísticos, fonologia é o “ramo da linguística que estuda os sistemas sonoros das línguas. Da variedade de sons que o aparelho vocal humano pode produzir, e que é estudado pela fonética, se um número relativamente pequeno é usado distintivamente em cada língua. Os sons estão organizados num sistema de contrastes, analisado em termos de fonemas, segmentos, traços distintivos ou quaisquer outras unidades fonológicas de acordo com a teoria usada”. Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=344>. Acesso em 01/09/2021. Ou seja, é uma área da linguística que estuda o sistema de sons da língua. Vejamos alguns exemplos:

1. substância - “sustância”; pouco - “poco”; beijo - “bejo”; manteiga - “mantega”; caixa - “caxa”; peixe - “pexe”; dou - “dó”; mais - “mas”; (monotongação)
 2. bicicleta - “bicicleta”; planta - “pranta”; chiclete - “chicrete”; Cláudia - “Craúdia”; (rotacismo)
 3. fósforo - “fósfrø”; relâmpago - “relamppo”; falando - “falano”; passar - “passa”; avó - “vó”; (síncope)
 4. está - “tá”; José - “Zé”; enamorar - “namorar”; você - “cé”; (Apagamento do segmento inicial)
 5. ‘porta’ - “poRta”; ‘carne’ - “caRne”; (Retroflexão)
- entre outros.



LÉXICO: Conforme o Dicionário de Termos Linguísticos, léxico é o “termo que designa o conjunto virtual de palavras de uma língua. O léxico pode ser entendido também como sinônimo de índice, glossário, vocabulário ou dicionário sucinto relativo à língua corrente, a uma ciência ou técnica ou a outro domínio especializado, a um autor ou a uma determinada época”. Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=3556>. Acesso em 01/09/2021.

Em síntese, o léxico diz respeito ao vocabulário (palavras). A mesma realidade é representada conforme a região, por palavras diferentes. Observe alguns exemplos:

Nordeste	Sudeste/Sul
jerimum	abóbora
picolé	sorvete no palito
menino	criança, guri, piá
mainha, painho	mãezinha, paizinho

MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA



ESTILO: Conforme o Dicionário Online de Língua Portuguesa, estilo está relacionado à "maneira particular e pessoal de se expressar através da escrita da música, do modo de vestir, etc [...]. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/estilo/>. Acesso em 01/09/2021.

Ou seja, está ligado diretamente ao estilo mais e menos formal/informal/monitorado, em que o indivíduo usa os recursos da língua para expressar, seja por meio da fala ou da escrita, pensamentos, sentimentos etc. Veja os exemplos a seguir e compare-os quanto à forma, seleção de palavras, entre outros aspectos que venha a observar:

Exemplo 1: Leia um trecho da letra da música “Sementes” (part. Drik Barbosa Emicida.

Desde cedo, 9 anos, era um pingo de gente
Empurrado a fórceps, pro batente
O bíceps dormente, a mão cheia de calo
Treme, não aguenta um lápis, no fundão de São Paulo (puts)
Se a alma rebelde se quer domesticar
Menina preta perde infância, vira doméstica
Amontoados ao relento, sem poder se esticar
Um baobá vira um bonsai, é só assim pra explicar
Que o nosso povo nas periferia
Precisa encher suas panela vazia
Dignidade é dignidade, não se negocia
Porque essa troca leva infância, devolve apatia
E é pior na pandemia
Sobra ferida na alma
Uma coleção de trauma
Fora a parte física
E nós já tá na parte crítica
Pra que o nosso futuro não chore
A urgência é: Precisamos ser melhores, viu?

Caro (a) aluno (a), agora, vamos refletir um pouco?!



- Que tipo de linguagem foi empregada pelo rapper neste trecho da música?
- Qual é a função da linguagem neste contexto? Você acredita que ele usou essa linguagem intencionalmente?
- Porque o rapper não utilizou a concordância verbal padrão?
- Você acredita que essa linguagem utilizada pelos compositores é considerada “correta” ou “errada”? Explique por quê.

**MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA**

Exemplo 2: Leia os textos.



TEXTO I

Ao Exmo. Prefeito da Cidade de Varjão de Minas - MG
M. D. Engenheira Aline Silva

Nós, abaixo-assinados, alunos da Escola Estadual João Pereira Brandão, vimos, por meio deste, solicitar a V. Exa. que implemente o sistema de iluminação na rua onde se situa nossa escola, a fim de evitar os assaltos frequentes que põem em risco a vida de professores, funcionários e alunos da citada escola.

Varjão de Minas, 03 de dezembro de 2020.

Assinatura:



TEXTO II

Varjão de Minas, 03/12/2020.

Pai:

Antes de sair pro seu trabalho, eu queria que você desse um jeito na luz do meu quarto que queimou. Quando é de noite eu não posso estudar e na sala os meninos faz a maior zoeira e a gente termina brigando. Me ajuda aí, por favor.

Aline Silva.



Exemplo 3: Leia e compare os próximos dois textos.



TEXTO I

3. Por que memes são objeto de interesse da Educomunicação?

Imagen 1 - Meme publicado por pós-graduandos da USP



Fonte: Facebook (2017). Legenda: Meme retirado da página de pós-graduandos da USP fevereiro de 2017

A imagem ao lado é um meme. Foi compartilhada em um grupo de pós-graduandos da USP, no Facebook. Os memes geralmente funcionam assim: em uma forma de deboche ou crítica, referenciam ou parodiam situações do cotidiano. Nesse caso, uma menção às dificuldades de concluir uma tese acadêmica – que, suspeitamos, parece ter levado a personagem aos suspiros finais.

Há diversas formas de construir e circular esses objetos nas redes sociais. [...] Além de caçar das corriqueiras reclamações de mestrandos e doutorandos, apresentamos esse meme por uma particularidade: ele pertence ao universo da vida adulta. Diversos sujeitos, que não são necessariamente crianças e adolescentes, produzem e compartilham nas redes digitais. [...]

Fonte: Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-01112017-102256/publico/DOUGLASDEOLIVEIRACALIXTO.pdf>. Acesso em 04/12/2020. Editado pela autora.

MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA

TEXTO II



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B6LVgPIDqHD/>. Acesso em 04/12/2020.

Atividade 7: Ampliando conceitos - norma culta e norma popular

1º passo: Aluno (a), agora você já sabe que a língua é viva, isto é, ela muda, se transforma e, por isso, é variável e heterogênea. Contudo, também é importante você saber que existem várias normas linguísticas: norma culta, norma padrão, norma popular, etc. Neste momento, vamos estudar e ampliar os conhecimentos acerca da norma culta e norma popular. Primeiro, leia e compare as definições científicas que são apresentadas para esses termos nos textos a seguir.

18

MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA



TEXTO I



O que é norma culta?

A norma culta corresponde à “variedade de uso corrente entre falantes urbanos com escolaridade superior completa, em situações monitoradas” (FARACO, 2008, p. 46 - 47).

Por norma culta designa-se o conjunto das características do grupo de falantes que se consideram cultos (ou seja, a “norma normal” desse grupo social específico). Na sociedade brasileira, esse grupo é tipicamente urbano, tem elevado nível de escolaridade e faz amplo uso dos bens da cultura escrita. A norma culta é uma “norma normal”, porque é uma das tantas normas presentes na dinâmica corrente, viva, do funcionamento da língua (FARACO; ZILLES, 2017, p. 19).



TEXTO II



O que é norma popular?

A norma popular designa “as variedades linguísticas relacionadas a falantes sem escolaridade superior completa, com pouca ou nenhuma escolarização, moradores da zona rural ou das periferias empobrecidas das grandes cidades, aparece frequentemente na literatura linguística a classificação língua popular, norma popular, variedades populares etc.” (BAGNO, 2003, p. 59).

[...] o chamado português popular (variedades de origem rural, própria dos segmentos sociais da parte baixa da pirâmide econômica e, portanto, com acesso historicamente muito restrito à educação básica completa e aos bens da cultura letrada) (FARACO, 2015, p. 25).

2º passo: A partir das discussões anteriores sobre norma culta e norma popular, construa, juntamente com o seu professor, uma definição estes termos. Anote no seu diário de bordo.

3º passo: Para finalizar as discussões deste módulo, analise e reflita, juntamente com o seu professor, as frases de cada exemplo proposto abaixo.



EXEMPLO I



- i) “a gente termina brigando” (Fragmento retirado do “Texto II, Exemplo II”)
- ii) Nós terminamos brigando.
- iii) Nós termina brigando.

MÓDULO I - INTRODUÇÃO:
RODA DE CONVERSA



EXEMPLO II

- i) "E nós já tá na parte crítica" (Fragmento retirado do "Texto I, Exemplo I")
- ii) E nós já estamos na parte crítica
- iii) E nós já está na parte crítica



EXEMPLO III

- i) "Pisa mermo foi só umas 3 veiz" (Fragmento retirado do "Texto II, Exemplo I")
- ii) Pisa mesmo foram só umas 3 vezes.
- iii) Pisa mesmo foi só umas 3 vez.



4º passo: Caro (a) aluno (a), após todas essas reflexões sobre língua, variação linguística, norma, vamos conhecer e estudar um pouco sobre o preconceito linguístico. Para isso, discuta e reflita juntamente com o professor, as questões a seguir.



- *Em algum momento vocês já ouviram falar sobre o preconceito linguístico?*
- *Para vocês o que significa essa expressão?*

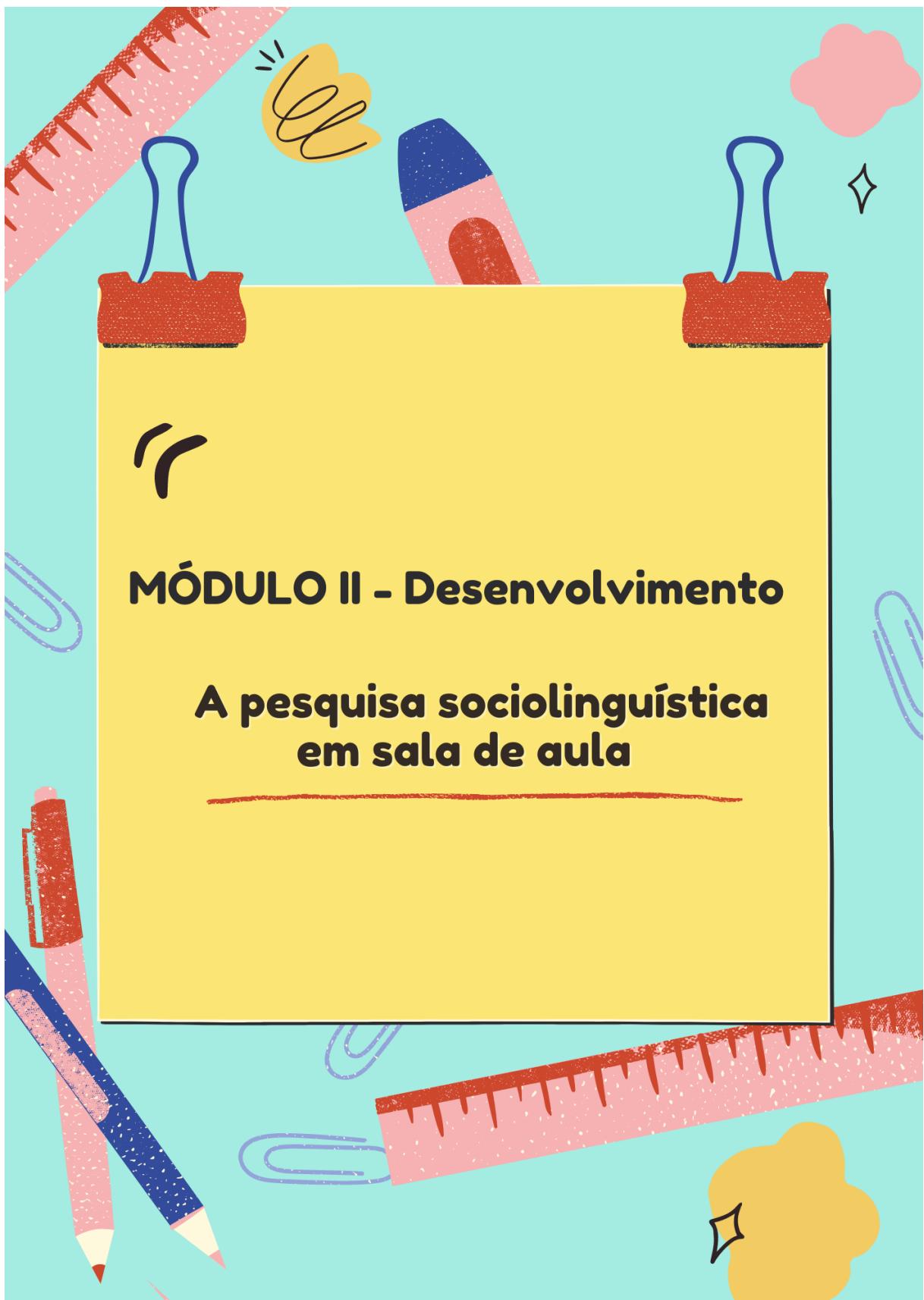
5º passo: Buscando aprofundar sobre esse assunto, assista, juntamente com o professor, ao vídeo "Preconceito linguísticos (Mimetizado)". Esse vídeo é pautado nos estudos de Marcos Bagno (2008) e está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=QLsmAGq5jZw>. A partir dele, juntamente com o professor, construam um conceito para "preconceito linguístico". Anote em seu diário de bordo.

6º passo: Vamos fazer uma pesquisa?! Pesquise na internet "memes" sobre o preconceito linguístico. Anote o link da sua pesquisa no diário de bordo.



Aluno (a), após finalizar as atividades deste módulo, faça o relatório de avaliação dele, conforme as orientações do seu (a) professor.

20



MÓDULO II - Desenvolvimento

**A pesquisa sociolinguística
em sala de aula**

Atividade 8: Conhecendo a pesquisa sociolinguística

*Caro estudante,
convido você, neste momento, para, juntos, acionarmos a língua sob um
novo olhar, isto é, por meio de uma pesquisa sociolinguística. Neste sentido,
fique atento (a) às discussões e reflexões ao longo de cada atividade
proposta.*



1º passo: Aluno (a), primeiro, antes de iniciarmos a pesquisa sociolinguística, é muito importante estabelecermos algumas discussões e reflexões sobre o que é uma “pesquisa sociolinguística”. Para isso, relembrre, juntamente com o seu professor o que é “pesquisa” e o que é “Sociolinguística” e, juntamente com ele, construa um conceito para a expressão “pesquisa sociolinguística”.

2º passo: Você agora já sabe o que é uma pesquisa sociolinguística. Entretanto, é importante conhecer também o passo a passo para realizá-la. Então, vamos lá! São eles:



- 1º- Definir o objeto de estudo científico;
 - 2º- Definir a teoria que vai fundamentar a pesquisa;
 - 3º- Etapas/Metodologia para execução da pesquisa:
- Revisão bibliográfica sobre o objeto de estudo;
- Definição/organização do corpus;
- Levantamento de dados;
- Quantificação e tratamento estatísticos dos dados;
- Análise qualitativa, baseada nas teorias estudadas.

Atividade 9: Pesquisa sociolinguística em ação

1º passo: Caro estudante, agora que você já sabe/conhece o que é, de fato, uma pesquisa sociolinguística, chegou a hora de “colocar a mão na massa”, isto é, de você realizar, sob a mediação do seu professor, uma pesquisa sociolinguística em sala de aula. Lembrando que é muito importante que você fique atento às orientações do seu professor. Primeiro defina, juntamente com o seu professor, o objeto de estudo científico para esta pesquisa.

MÓDULO II - DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA

2º passo: Aluno (a), você sabia que toda pesquisa é regida por, pelo menos, uma TEORIA científica, isto é, existe uma teoria por traz dela para embasar, sustentar e justificar o que está sendo pesquisado. Diante disso, juntamente com o seu professor, defina a teoria que vai fundamentar a pesquisa que será realizada por vocês na sala de aula. Faça as anotações no seu diário de bordo.

3º passo: Caro estudante, até o momento, já definimos o objeto de estudo nesta pesquisa, que é o fenômeno linguístico variável da concordância verbal e, também, definimos a teoria que vai fundamentar a nossa pesquisa, que é a "Sociolinguística Quantitativa". Agora, tendo em vista que a teoria não pode ser vista de modo separado da metodologia, o nosso próximo passo é conhecer as etapas que compõem a metodologia dessa teoria, isto é, sobre os procedimentos/passos que irão guiar a pesquisa sociolinguística de vocês. São eles:

- Revisão bibliográfica sobre o objeto de estudo; (concordância verbal)
- Definição/organização do corpus; (gêneros textuais cuja a linguagem é mais e menos monitorada: notícias da revista Superinteressante e letras de música rap)
- Levantamento de dados;
- Quantificação e tratamento estatísticos dos dados;
- Análise qualitativa, baseada nas teorias estudadas.

Atividade 10: Estudando a concordância verbal

1º passo: Aluno (a), agora você já conhece/sabe as etapas que compõem a metodologia de uma pesquisa sociolinguística. Assim, o nosso primeiro passo nesta pesquisa é aprofundar nossos conhecimentos acerca do nosso objeto de estudo - a concordância verbal. Iremos começar pela revisão bibliográfica acerca deste objeto, isto é, vamos realizar uma pesquisa bibliográfica sobre este fenômeno linguístico a partir dos pressupostos da gramática normativa, depois buscaremos compará-lo aos estudos de variação em uma pesquisa sociolinguística.

MÓDULO II - DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA

Para isso, faça o que se pede a seguir:

- Primeiro, em grupos de dois ou três, verifique de que maneira a concordância verbal é abordada no manual de gramática. Anotem os resultados das pesquisas de vocês no diário de bordo, lembrando-se que é importante você registrar a fonte e as páginas que foram retiradas as informações/explicações. Depois, juntamente com o (a) seu (a) professor (a) e seus colegas, elaborem “uma síntese das explicações trazidas pela tradição normativa” (BAGNO, 2011, p. 906) acerca do fenômeno linguístico em estudo. Anote esta síntese no seu diário de bordo.
- Após você verificar como o fenômeno linguístico da concordância verbal ocorre nos estudos normativos, chegou o momento de vocês saberem/conhecerem como acontece no uso real da língua (no dia a dia dos falantes), isto é, de verificar como este fenômeno é abordado nos estudos descritivos da língua. Para isso, leia o texto a seguir, que trata do objeto de estudo – CV – em uma pesquisa sociolinguística variacionista. Em seguida, juntamente com o (a) seu (a) professor (a), analise e compare a forma como o fenômeno linguístico é abordado nele com as prescrições que são apontadas pela gramática normativa. Por último, anote as diferenças que você conseguiu perceber ao discutir e observar juntamente com o seu professor as prescrições apontadas pelas gramáticas normativas e pelos dados analisados em pesquisas sociolinguísticas pautados em usos da língua. Faça também uma síntese das explicações apontadas ao longo das análises e discussões trazidas pelos estudos descritivos da língua. Registre tudo no seu diário de bordo.

**TEXTO: Estudando a concordância verbal através de
uma pesquisa sociolinguística variacionista**

Uma das investigações que mais vem sendo desenvolvida são os estudos acerca da variação da concordância verbal (CV). Vários estudos (SCHERRE, 2005; RUBIO, 2008; entre outros) vêm demonstrando que as regras de concordância verbal não são homogêneas ou uniformes, ao contrário, se mostra como uma regra variável, uma vez que, os falantes da língua têm a possibilidade de optarem por usar as marcas de CV, considerada padrão conforme a gramática normativa, ora não usando essas marcas, forma considerada não-padrão. Essa escolha de alternância entre as variantes (presença ou ausência das marcas de concordância) vai ser motivada pelas características sociais dos falantes da língua, tomados também por aspectos estruturais da própria língua.

CONTINUA...

24

MÓDULO II - DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA

**TEXTO: Estudando a concordância verbal através de uma pesquisa
sociolinguística variacionista - continuação**

No processo de CV do português brasileiro (PB), a estrutura que analisamos é a que se dá entre o sujeito e o verbo, característica esta que não é exclusiva dessa variedade da língua. Assim, o fato de tanto o sujeito quanto o verbo apresentarem marcas de número e de pessoa, tornam possíveis algumas realizações como:

- (i) Nós vamos comprar pão.
- (ii) Vamos comprar pão.
- (iii) Nós vai comprar pão.

Pautando-nos em estudos sociolinguísticos, esse processo não implica, necessariamente, que estejam presentes todas as marcas de concordância para que ele funcione. Observamos em (i) a marca de primeira pessoa do plural que se encontra tanto no sujeito, através do pronome "nós", quanto no verbo (vamos), através da terminação "-mos" (desinéncia número pessoal). Já em (iii), essa marca aparece apenas no sujeito (pronome nós). E em "(ii)", o sujeito não aparece, contudo, podemos identificá-lo (nós). Do ponto de vista linguístico, temos três maneiras diferentes de dizer a mesma coisa, não havendo uma melhor do que a outra. Entretanto, do ponto de vista social, há formas mais prestigiadas como em "(i)", outras menos, como em "(iii)", por exemplo. E existe ainda aquelas que são desprestigiadas e até mesmo, estereotipadas.

É importante salientarmos que situações formais exigem do falante uma variedade de língua mais cuidada e elaborada, uma vez que a sociedade impõe certas regras sociais e, consequentemente linguísticas, as quais espera ver cumpridas; o desrespeito a essas regras pode gerar o preconceito linguístico. Por isso, as diferentes maneiras de falar não devem ser consideradas como "erros", evitando dessa maneira esse preconceito.

Para estudarmos esta variável a partir de contribuições variacionistas, vamos nos pautar nos estudos de um linguista⁴ chamado Dante Lucchesi "A variação na concordância verbal no português popular da cidade de Salvador". Esta pesquisa buscou focalizar o efeito da presença ou ausência de marca de plural no último elemento do sujeito que precede imediatamente o verbo (LUCCHESI, 2015). O autor analisou a concordância verbal tanto a partir de fatores internos (como a posição do sujeito em relação ao verbo, distância entre o sujeito e o verbo, tipo estrutural do sujeito, paralelismo formal no nível oracional, saliência fônica) e quanto externos (como a faixa etária, escolaridade e sexo/gênero) à língua. Dessa maneira, vamos estudá-la por meio de alguns resultados e análises de trechos retirados da sua pesquisa para que, assim, vocês consigam perceber a heterogeneidade e dinamicidade da nossa língua.

Considerando os fatores internos, para verificarmos a variação do fenômeno linguístico da concordância verbal, escolhemos o capítulo "3.5 Realização e posição do sujeito", em que o autor faz uma análise da posição e da presença do constituinte entre o sujeito e o verbo simultaneamente. Em sua pesquisa, a variável apresenta os seguintes valores⁵:

CONTINUA...

⁴ Conforme Dicionário Online de Português, linguista é "aquele que é versado em linguística. Etimologia (origem da palavra linguista). De língua." Disponível em: <https://www.dicio.com.br/linguista/>. Acessado em 18/06/2021. Isto é, "o linguista é responsável por analisar e investigar toda a evolução e desdobramentos dos diferentes idiomas, bem como a estrutura das palavras expressões, expressões idiomáticas e aspectos fonéticos de cada língua." Disponível em: <https://www.significados.com.br/linguistica/>. Acessado em 18/06/2021.

⁵ Estes exemplos foram retirados de Lucchesi (2015, p. 19).

MÓDULO II – DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA

TEXTO: Estudando a concordância verbal através de uma pesquisa sociolinguística variacionista - *continuação*

Sujeito realizado imediatamente antes ao verbo

- (17) E as minhas irmãs são modernas.
- (18) Todos os blocos passava por aqui.

Sujeito realizado antes do verbo com um ou mais constituintes intervenientes

- (1) Muitos colegas também conseguiram também.
- (2) Muitas crianças já num gosta de estudá.

Sujeito anteposto ao verbo com um sintagma preposicionado (S_{Prep}) ou uma oração relativa

- (3) Quero não, porque todos que eu me aproximo me roubam.
- (4) Ai os cara de lá da rua tava brigano.

Sujeito retomado por pronome relativo

- (5) É, meus vizinho, tem uns que são bons, tem uns que são ruim.
- (6) Era os próprios seguranças que contratava os maus elementos.

Sujeito não realizado

- (7) Eles acharam que foi a gente, ai escarreraro a gente, né?
- (8) As pessoas que comprá um gás, que pegá uma água, num pode.

Sujeito posposto

- (9) Morreram dois, ficou quatro, são dois irmão.
 - (10) A gente não sabe quem é quem, ainda mais hoje em dia, do jeito que tá as coisas, né?
- Assim, a variável apresentou os seguintes resultados quantitativos (Cf. Lucchesi, 2015, p. 20):

Tabela 1 – A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “realização e posição do sujeito”, no português popular de Salvador (Nível de significância: .024)

Sujeito	Ocorrências	Frequência	Peso relativo
Imediatamente anteposto ao verbo	325/1.054	30,8%	0,523
Não realizado	195/707	27,6%	0,515
SN com relativa ou S _{Prep}	12/69	17,4%	0,513
Retomado por pronome relativo	55/245	22,4%	0,505
Anteposto com constituinte interveniente	25/114	21,9%	0,471
Posposto ao verbo	11/111	9,9%	0,225
Total	623/2.300	27,1%	0,382

Fonte: Lucchesi (2015, p. 20).

CONTINUA...

**TEXTO: Estudando a concordância verbal através de uma pesquisa
sociolinguística variacionista - continuação**

Como observado em todas as análises sobre o tema, o sujeito imediatamente anteposto ao verbo é o contexto que mais favorece a concordância. Isso se deve à facilidade de processamento linguístico, já que a especificação de pessoa e número do SN⁶ está explicitamente disponível, imediatamente antes do verbo. Por outro lado, o sujeito não realizado se mostrou favorável ao mecanismo da concordância verbal, o que não é muito observado⁷. Nesse caso, pode-se invocar um princípio funcional: a ausência do sujeito aumenta o valor informational da flexão verbal, embora o ouvinte possa, na maioria das vezes, obter essa informação por meios discursivos e/ou pragmáticos.

Resultados e análises de fatores externos/extralinguísticos

A tabela a seguir mostra os resultados das frequências de aplicação da regra de concordância verbal, conforme as variáveis sociais no português popular de Salvador em termos percentuais:

**Tabela 2: Frequência de aplicação da regra de concordância verbal, de acordo com as variáveis sociais,
no português popular de Salvador**

Variável	Fator	Ocorrências	Frequência
Idade	25-35 anos	203/654	31%
	35-45 anos	222/835	26,6%
	Mais de 65 anos	198/811	24,4%
Sexo	Homem	299/983	30,4
	Mulher	324/1.317	24,6
Escolaridade	Semanalfabeto	527/1890	27,9%
	Analfabeto	96/410	23,4%
Mídia	Alta	308/1.111	27,7%
	Baixa	315/1.189	26,5%
Rede	Dispersa	243/887	27,4%
	Local	380/1.413	26,9%

Fonte: Lucchesi (2015, p. 27).

De fato, a frequência de aplicação da regra de concordância verbal é maior na fala dos mais jovens, dos homens, dos semianalfabetos, daqueles com uma exposição maior aos meios de comunicação de massa e com uma rede de relações sociais mais dispersa, ou seja, menos densa e uniplex (BORTONIRICARDO, 2005, 2011; MILROY, 1980). Isto é, as comunidades mais fechadas e tradicionais (por exemplo, as que existem na zona rural) as redes de relações sociais é mais densa, sendo que essas relações possuem diversas dimensões (nas relações entre si, os indivíduos assumem vários papéis), tornando, assim, essas comunidades mais resistentes à normalização linguística em processos de mudança de cima para baixo.

CONTINUA...

⁶ "Síntagma nominal: tem como núcleo o substantivo e exerce a função de núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto, do predicativo do sujeito, do predicativo do objeto, do complemento nominal, do adjunto adnominal, do adjunto adverbial, do agente da passiva, do aposto e do vocativo." Por exemplo: João está calado. (núcleo do sujeito = João). Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/gramatica/tipos-sintagmas.htm>. Acessado em: 18/06/2021.

⁷ Os resultados de Vieira (1995, p. 104), por exemplo, apontam o sujeito não realizado como fator que não favorece a concordância verbal.

**TEXTO: Estudando a concordância verbal através de uma pesquisa
sociolinguística variacionista - continuação**

Enquanto que nas comunidades urbanas, as redes sociais são menos densas (já que cada indivíduo se relaciona apenas com uma pequena parcela do conjunto de indivíduos da comunidade) e em suas relações os indivíduos possuem um papel definido, logo, são uniplex. Ou melhor, esse tipo de comunidade é mais receptiva à influência de padrões institucionais e de prestígio social.

Porém, as diferenças não chegam a ser significativas, nomeadamente, no que se refere à exposição à mídia e a rede de relações sociais, em que a diferença entre os fatores fica em torno de um ponto percentual, ou menos que isso, de modo que essas variáveis foram descartadas pelo *GoldVarb*⁸, por falta de significância estatística.

Os resultados da variável idade apontaram para um quadro de mudança aquisicional (essa mudança toma como modelo o português culto) da regra de concordância verbal junto à terceira pessoa do plural, no português popular de Salvador, isto é, confirma-se a tendência de mudança "para cima", já que a frequência de aplicação da regra sobe à medida que se passa das faixas etárias mais velhas para as mais novas (24% na faixa III, 27% na faixa II, e 31% na faixa I, dos mais novos)⁹.

Tabela 3: A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “faixa etária”, no português popular de Salvador (Nível de significância: .099)

Faixa Etária	Ocorrências	Frequência	Peso relativo
Faixa I (25 a 35 anos)	203/654	31%	0.549
Faixa II (45 a 55 anos)	222/835	26,6%	0.483
Faixa III (mais de 65 anos)	198/811	24,4%	0.479
Total	623/2.300	27,1%	0.376

Fonte: Lucchesi (2015, p. 28).

CONTINUA...

⁸ Programa computacional específico para análise estatística de dados linguísticos. Isto é, numa pesquisa de descrição sociolinguística, este programa é utilizado com um método quantitativo que ao ser “lido” e analisado pelo linguista, passa a ter tratamento qualitativo (interpretação dos dados). Cabe ressaltar que não será necessário utilizar este programa com os alunos em sua pesquisa, uma vez que eles trabalharão com estatística simples.

⁹ Percentuais arredondados.

MÓDULO II – DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA

**TEXTO: Estudando a concordância verbal através de uma pesquisa
sociolinguística variacionista - continuação**

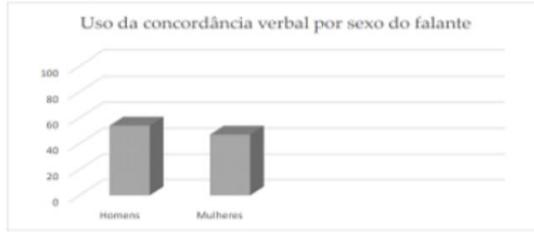
Os resultados da análise quantitativa do variável sexo no uso da regra de concordância verbal em quatro bairros populares da cidade de Salvador se ajustam ao que se viu nas periferias das cidades de São Paulo (RODRIGUES, 1987) e Brasília (BORTONI-RICARDO, 2011), como se pode ver na Tabela 11 e no Gráfico 3.

Tabela 4: A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “sexo”, no português popular de Salvador (Nível de significância: .024)

Sexo	Ocorrências	Frequência	Peso relativo
Masculino	299/983	30,4%	0,541
Feminino	324/1313	24,6%	0,469
Total	623/2.300	27,1%	0,376

Fonte: Lucchesi (2015, p. 30)

Gráfico 1: A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “faixa etária”, no português popular de Salvador, com base nos pesos relativos



Fonte: Lucchesi (2015, p. 30)

Os resultados revelaram que são os homens que empregam mais a variante de prestígio da concordância verbal, com frequência de 30,4% (contra 24,6% das mulheres)⁹.

Fonte: Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/15467/10614>. Acessado em: 08/03/2021 às 11:09. Texto adaptado pelas autoras.

⁹ A noção de peso relativo está atrelada à pesquisa sociolinguística, contudo isso não será considerado nesta pesquisa, tendo em vista que será trabalhado com estatística simples.

Atividade 11: Definindo e organizando o "corpus" da pesquisa sociolinguística

1º passo: Para você pesquisar o objeto de estudo que foi escolhido – a concordância verbal – temos que definir e organizar um corpus. Faça isso, sob a orientação do seu professor. Não se esqueça de anotar as discussões em seu diário de bordo.

Atividade 12: Levantando os dados nas amostras escolhidas

1º passo: Caro (a) estudante, após a leitura dos textos, primeiro, grife todas as ocorrências em que o fenômeno da concordância verbal aparece na "amostra 1" (notícias) e, depois, na "amostra 2" (letras de músicas - rap). Para isso, inicialmente, juntamente com os seus colegas e seu professor, escolha duas cores de lápis de cor; depois grife, de uma cor as ocorrências de variedades padrão e, de outra, as não-padrão.

Em seguida, juntamente com o (a) seu (a) professor (a), numere nos textos as ocorrências que foram identificadas e depois transcreva-as para o seu diário de bordo. Ao transcrever as ocorrências, é importante que você transcreva uma parte do texto que seja suficiente para compreender a concordância verbal. Sendo assim, há situações que irão exigir de vocês copiarem trechos maiores, outros menores.

Assim, buscando organizar estas informações, sugerimos, a seguir, o modelo de um quadro que você poderá utilizar para realizar estes registros. Veja um modelo:

Quadro 1. Levantamento das ocorrências na amostra 1 - notícias

Nº.	Ocorrências	Variedade
1		
2		
3		

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2021).

Quadro 2. Levantamento das ocorrências na amostra 2 - letras de músicas (rap)

Nº.	Ocorrências	Variedade
1		
2		
3		

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2021).

Atividade 13: Quantificação, tratamento estatístico e análise qualitativa dos dados obtidos nas amostras

1º passo: Após o levantamento e organização dos dados das amostras “1” e “2” que foi realizado anteriormente, sob a orientação de seu professor, vamos, agora, quantificar as ocorrências que apareceram em cada uma das amostras para cada caso (de variedades padrão e variedade não-padrão). Para isso, elabore uma tabela (ou gráfico), para representar estes resultados (nesta pesquisa, utilizem números reais e percentuais). Não se esqueça de registrar no seu diário de bordo. Veja um exemplo de tabela e outro de gráfico que você poderá utilizar:

Tabela 5: Número de ocorrências analisadas e percentual de ocorrências padrão e não-padrão nas notícias

Ocorrências de variedades padrão	Ocorrências de variedades não-padrão	Total
30 (75 %)	10 (25%)	40 (100%)

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2021).

Tabela 6: Número de ocorrências analisadas e percentual de ocorrências padrão e não-padrão nas letras de músicas - *rap*

Ocorrências de variedades padrão	Ocorrências de variedades não-padrão	Total
10 (25 %)	30 (75%)	40 (100%)

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2021).

Gráfico 2: Amostra 1 - notícias

Número de ocorrências analisadas e percentual de ocorrências padrão e não-padrão nas notícias



Fonte: Elaborado pelas Autoras (2021).

Gráfico 3: Amostra 2 – letras de música (*rap*)

Número de ocorrências analisadas e percentual de ocorrências padrão e não-padrão nas letras de músicas - *rap*



Fonte: Elaborado pelas Autoras (2021).

MÓDULO II - DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA

2º passo: A importante partimos de uma perspectiva que considere as normas reais observadas diante da funcionalidade da língua em diversas situações de interação e comunicação, uma vez que os usos linguísticos da concordância verbal estão condicionados a fatores internos e externos, os quais não devem ser desconsiderados.

Neste sentido, a fim de verificarmos o que condicionou/influenciou a variação na concordância verbal em textos mais e menos monitorados (neste caso, nas amostras 1 e 2), partiremos da análise de alguns fatores linguísticos e extralingüísticos. Estes fatores podem influenciar diretamente nos usos da língua e estão intimamente ligados à mudança linguística. Mas, afinal, o que são fatores linguísticos e extralingüísticos?



- **Fatores linguísticos ou internos:** está relacionado a aspectos estruturais da língua. "Como exemplos, temos a ordem dos constituintes em uma sentença, a classe das palavras envolvidas no fenômeno em variação, aspectos semânticos etc." (COELHO et al. 2015, p. 20).

- **Fatores extralingüísticos:** está relacionado a contextos sociais (de natureza social), como sexo, faixa etária, escolaridade, classe social, dentre outros. "[...] os mais comuns são o sexo/gênero, o grau de escolaridade e a faixa etária [...]" (COELHO et al. 2015, p. 20).

Escolhemos, portanto, para a nossa pesquisa sociolinguística a análise dos seguintes fatores:

Quadro 3: Apresentação dos fatores linguísticos e extralingüísticos

LINGÜÍSTICOS	EXTRALINGÜÍSTICOS
(i) tipos de verbos: ação, estado;	Serão considerados para controle de fatores externos o tipo de gênero textual, sendo que um é um gênero mais monitorado (notícia) e, outro, menos monitorado (letras de músicas – rap).
(ii) posição do sujeito em relação ao verbo: anteposto ou posposto	
(iii) presença ou ausência do sujeito: sujeito expresso, sujeito nulo.	

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2021).

**MÓDULO II - DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA**

Após você compreender o que são fatores linguísticos e extralingüísticos, analise as ocorrências de concordância verbal (padrão e não-padrão) tendo em vista os fatores linguísticos acima, registre-as na tabela que sugerimos a seguir. Utilize o seu diário de bordo para fazer a tabela e realizar os registros.

Tabela 7: Ocorrências de concordância verbal nas amostras 1 e 2 conforme o grupo de fatores linguísticos escolhidos

GRUPO DE FATORES	FATORES	OCORRENCIAS/VARIEDADE
(i) tipos de verbo	ação	
	estado	
(ii) posição do sujeito em relação ao verbo	anteposto	
	posposto	
(iii) presença ou ausência do sujeito	expresso	
	nulo	

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2021).

Depois de registrar as ocorrências na tabela, juntamente com o seu (a) professor (a), realize o tratamento estatístico dos dados, isto é, verifique a frequência de uso da concordância verbal (padrão e não-padrão) conforme os fatores que foram escolhidos e analisados anteriormente. Para isso, elabore uma tabela com os resultados da frequência de uso para cada fator que acabou de analisar. Veja um exemplo de tabela abaixo.

Tabela 8: Frequência de uso da concordância verbal conforme o grupo de fatores na amostra 1 – notícias

GRUPO DE FATORES	FATORES	FREQUÊNCIA DE USO (PADRÃO)	FREQUÊNCIA DE USO (NÃO-PADRÃO)
Tipos de verbo	Ação	Nº / %	Nº / %
	Estado	Nº / %	Nº / %
TOTAL		Nº / %	Nº / %

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2021).

MÓDULO II - DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA

3º passo: Agora, juntamente com o (a) seu (a) professor (a), verifique o que condicionou/influenciou as ocorrências padrão e não-padrão da concordância verbal, tendo em vista os fatores extralingüísticos (neste caso, os gêneros textuais escolhidos para a pesquisa da variação do fenômeno linguístico estudado - concordância verbal). Verifique se, através dos resultados estatísticos, é possível confirmar hipóteses como:

- O gênero textual interfere no uso das marcas formais de concordância verbal?
- Quanto maior o grau de monitoramento dos textos, maior a probabilidade de marcação da concordância verbal?
- Há possibilidade de encontrarmos um maior número de ocorrências padrão da concordância verbal em textos mais monitorados?
- Os gêneros pertencentes a esfera jornalística pode ser favorecedor das ocorrências de concordância verbal padrão?
- As ocorrências não-padrão são favorecidas nos textos menos monitorados?



4º passo: Caro (a) estudante, após o levantamento dos fatores linguísticos e análise dos fatores extralingüísticos que influenciaram na marcação da concordância verbal em textos mais e menos monitorados, chegou o momento de consolidarmos os resultados da nossa pesquisa sociolinguística. Para isso, juntamente com o (a) professor (a), faça a descrição e a análise qualitativa dos resultados estatísticos obtidos nas etapas anteriores, pautando-se nas teorias que vocês já estudaram acerca do fenômeno linguístico da concordância verbal. A partir disso, busque verificar os contextos que favorecem a concordância verbal padrão e os que favorecem/condicionam as ocorrências não-padrão. Sugerimos que vocês elaborem um quadro para representar/sintetizar as análises e discussões realizadas com o (a) seu (a) professor (a). Veja uma sugestão de quadro abaixo.

Quadro 3: Fatores que favorecem as ocorrências padrão e que favorecem/condicionam as ocorrências não-padrão da CV

FATORES	CONTEXTOS FAVORECEDORES DAS OCORRÊNCIAS PADRÃO DA CV	CONTEXTOS FAVORECEDORES DAS OCORRÊNCIAS NÃO-PADRÃO DA CV
Gênero textual		
Tipos de verbo		
Posição do sujeito em relação ao verbo		
Presença ou ausência do sujeito		

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2021).

MÓDULO II – DESENVOLVIMENTO:
A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA EM
SALA DE AULA

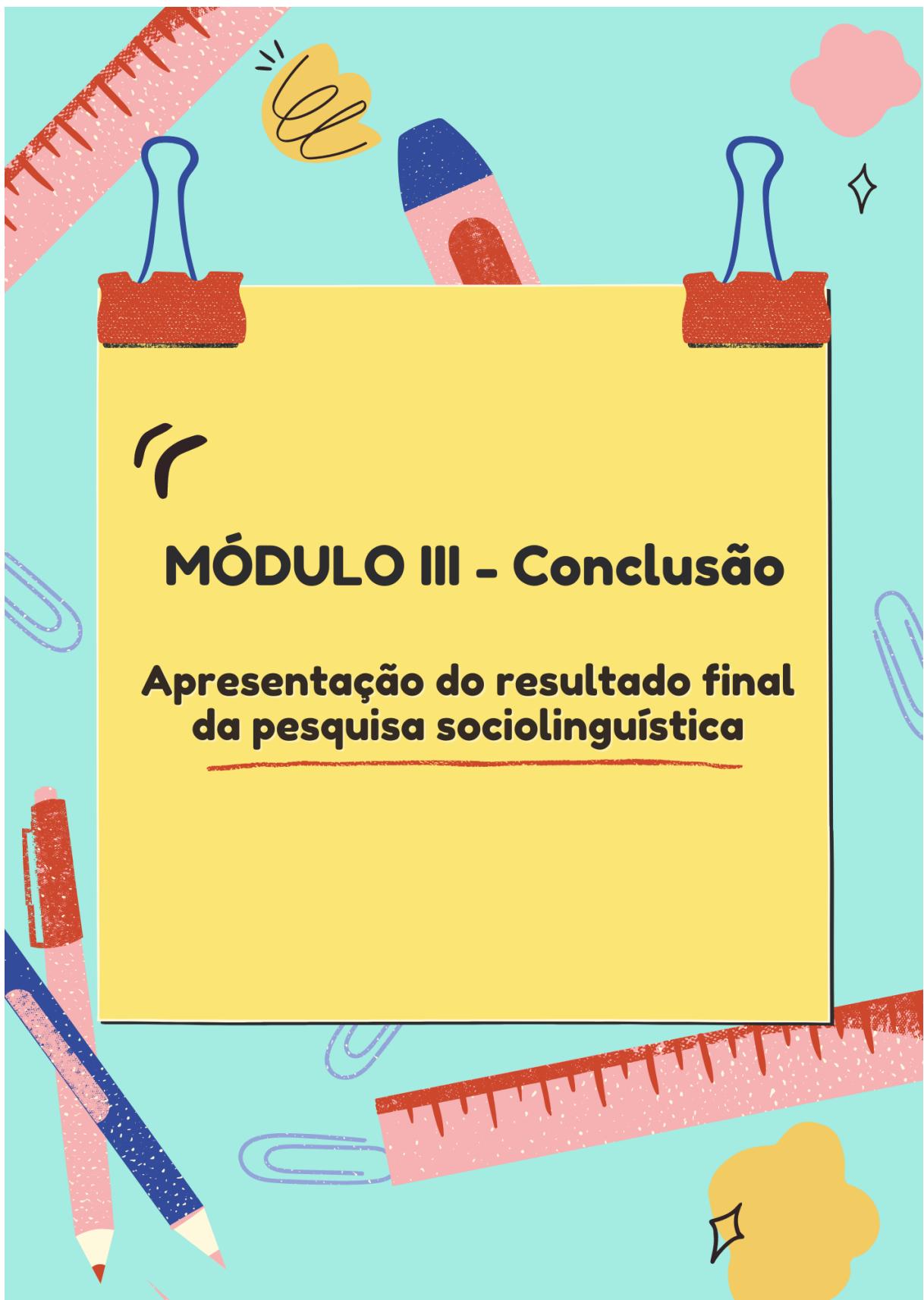
Depois disso, juntamente com o (a) professor (a), verifique se, através dos resultados obtidos nas etapas anteriores, é possível confirmar hipóteses como:

- Os fatores linguísticos analisados favorecem as ocorrências padrão da concordância verbal nos textos mais monitorados?
- Os fatores extralingüísticos influenciam/condicionam na variação da concordância verbal?
- O verbo de ação induz a ausência da concordância verbal?
- Quanto a posição do sujeito em relação ao verbo, quanto mais longe o verbo estiver do sujeito, maior é a chance de que a concordância não aconteça?
- A posição posposta do sujeito favorece a marcação da não concordância?
- O sujeito expresso (des) favorece a aplicação da marcação da não concordância verbal?
- A frequência de uso da concordância padrão é favorecida nos casos de sujeito nulo?
- A ausência da marca do plural no verbo favorece, no corpus analisado, o preenchimento do sujeito?



Aluno (a), após finalizar as atividades deste módulo, faça o relatório de avaliação dele, conforme as orientações do seu (a) professor (a).





MÓDULO III - CONCLUSÃO:
APRESENTAÇÃO DO RESULTADO FINAL
DA PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

Atividade 14: Apresentando os resultados da pesquisa sociolinguística

Caro estudante, chegou a hora de você apresentar os resultados da pesquisa sociolinguística para a comunidade escolar. Vamos lá?!



1º passo: Você já ouviu falar em pôster científico? Vamos conhecer um pouquinho sobre este gênero textual?! Leia os textos a seguir e veja o que é um pôster científico, a sua função e estrutura, e também como é feita a apresentação de um trabalho/pesquisa por meio dele.



TEXTO I



O QUE É UM PÔSTER CIENTÍFICO?

O pôster científico é um “documento gráfico de ampla dimensão usado para exibir, em um evento científico, os resultados de uma pesquisa, um relato de experiência ou um relato de caso. Composto por texto, imagens e gráficos que tornam a informação mais completa, esteticamente atrativa e facilmente legível.”

Disponível em: <http://www4.pucsp.br/ic/download/oficina/oficina-poster.pdf>. Acessado em 02/05/2021.

FUNÇÃO DO PÔSTER

O pôster tem a função de comunicar sua pesquisa a todos os interessados. É importante que você busque sintetizar as informações e os dados que são relevantes da pesquisa para serem apresentados à comunidade.

CONTINUA...

37

MÓDULO III - CONCLUSÃO:
APRESENTAÇÃO DO RESULTADO FINAL
DA PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA

TEXTO I - continuação

ESTRUTURA DO PÔSTER

Geralmente, o pôster apresenta a seguinte estrutura:

1.TÍTULO E NOME DO (S) ESTUDANTE (S)

2.INTRODUÇÃO

- Seja objetivo.
- Você deve deixar claro:
- o problema da pesquisa;
- os objetivos da pesquisa;
- relevância do tema de trabalho.

3.MÉTODO

- Você deve apresentar:
- participantes;
- procedimentos;
- instrumentos;
- critérios de análise utilizado.

4.RESULTADOS E DISCUSSÃO

- Você deve apresentar os principais resultados da pesquisa. Neste caso, podem ser utilizados gráficos e tabelas como recursos visuais.
- A discussão deve ser breve e objetiva. Recomenda-se a disposição do conteúdo da discussão na forma de itens.

5.CONSIDERAÇÕES FINAIS E/OU CONCLUSÃO

- Você deve apresentar de maneira breve;
- Pode ser exposta em forma de texto ou de itens.

6.REFERÊNCIAS

- Você deve inserir apenas as referências que você utilizou para elaborar o seu pôster.

7.CONTATO

- Endereço de e-mail do (s) pesquisador (es).
- Nome do (a) professor (a).

Disponível em: <http://www4.pucsp.br/ic/download/oficina/oficina-poster.pdf>. Acessado em 02/05/2021. Adaptado pelas autoras.

A seguir, veja um modelo esquemático de pôster:

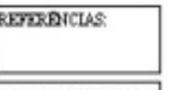
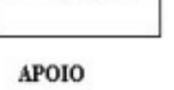
CONTINUA...

38

MÓDULO III - CONCLUSÃO:
APRESENTAÇÃO DO RESULTADO FINAL
DA PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA

TEXTO I - continuação

+ 90 cm

Logo da Instituição	NOME DA INSTITUIÇÃO - SIGLA	Logo da 2ª Instituição
	NOME DA 2ª INSTITUIÇÃO - SIGLA	
TÍTULO EM MAIÚSCULO		
AUTORES		
INTRODUÇÃO: 		
OBJETIVO: 		
DISCUSSÃO: 		
RESULTADOS: <div style="border: 1px dashed black; padding: 2px;">TABELAS</div> <div style="border: 1px dashed black; padding: 2px;">GRÁFICO</div>		
CONCLUSÃO: 		
REFERÊNCIAS: 		
AGRADECIMENTOS: 		
APOIO		

* medida máxima
 campo a ser preenchido
 campo a ser delimitado

Imagen disponível em: <http://modelodeposter.com.br/manual-poster-cientifico/>. Acessado em 02/05/2021.

CONTINUA...

39

MÓDULO III - CONCLUSÃO:
APRESENTAÇÃO DO RESULTADO FINAL
DA PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

TEXTO I - continuação

APRESENTAÇÃO DO PÔSTER

"A comunicação em pôster significa a exposição sintética de um trabalho acadêmico impresso em cartaz, acompanhada de uma apresentação oral feita pelos autores ao público que dele se aproxima. O público circula entre os pôsteres exibidos durante uma determinada sessão do evento científico e escolhe o (s) pôster (es) que deseja se aproximar. O pôster funciona na medida em que consegue atrair a atenção do público e estimular a aproximação de possíveis interessados nos temas expostos para o contato com os autores.

Normalmente, o pôster é impresso e pendurado ou colado em um local pré-determinado pelos organizadores do evento científico. Mais recentemente, é possível utilizar o pôster em mídia, exposto por projetores ou TV com tela grande.

Esta forma de apresentação é um recurso cada vez mais empregado nos eventos, por permitir o intercâmbio de várias experiências ao mesmo tempo e em um mesmo espaço, dando oportunidade para um grande número de pesquisadores informar sobre o andamento ou os resultados de seus trabalhos".

Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/gestaopublica/images/phocadownload/materialdidatico/como_elaborar_pster.pdf. Grifos dos autores. Acessado em 02/05/2021. Adaptado pelas autoras.

TEXTO II

Gênero: Pôster Científico



**SOPRO MÁGICO:
DESCOBRINDO OS SEGREDOS DO
OXIGÊNIO**



Autores:
Alunos do 5º ano "C" (E. M. F. B. F.)

Orientadora:

Aylizara P. Reis (UFPI/CAPES/SEMED Araguaína);

Procedimentos:
Pedimos um adulto para ferver a água e em seguida utilizamos um funil para colocá-la dentro da garrafa pet, esperamos alguns segundos e retiramos a água do litro. Colocamos o balão na boca da garrafa e dentro de uma água fria. Esperamos alguns minutos para o balão encher.

RESULTADO: A experiência nos permitiu descobrir que o balão encheu porque o ar que está fora é maior que a quantidade que está dentro.

CONCLUSÃO: Nosso resultado não foi positivo porque utilizamos uma garrafa pet em vez de uma garrafa de vidro e não colocamos a quantidade de água suficiente. Isso nos fez perceber a importância de se cumprir as etapas de uma experiência para que ela dê certo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:
Sopro Mágico. Disponível em:
<http://professorasduaslinguagens.uol.com.br/2012/09/experiencias-de-ciencias-para-criancas.html>. Acesso em 20/06/2016.
Encha bexiga sem assoprar: experiência de física. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=viqjptSqVCIA>

METODOLOGIA:

Materiais utilizados:



- 1 bexiga
- 1 garrafa pet
- 1 funil
- 1 balde
- Água quente
- Água natural

REIS, 2016.

MÓDULO III - CONCLUSÃO:
APRESENTAÇÃO DO RESULTADO FINAL
DA PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA

Após você ler os textos acima, reflita juntamente com o (a) seu (a) professor (a) acerca das questões a seguir:



- Você já viu em algum lugar esse tipo de texto?
- Onde você acha que podemos encontrar esse tipo de texto?
- Na sua opinião, por que esse tipo de texto foi escrito nesse formato?
- Quais as seções que compõem o texto II?
- Pesquise no dicionário o significado das palavras abaixo:
 - a) Metodologia:
 - b) Método:
- Além do texto, que outras informações estão presentes no banner?
- Qual foi o problema que gerou a pesquisa?
- Quais os resultados da pesquisa que a turma de alunos alcançou com a pesquisa no texto II?

REIS, 2016. Adaptado pelas autoras, grifo nosso. p. 158/161.

MÓDULO III - CONCLUSÃO:
APRESENTAÇÃO DO RESULTADO FINAL
DA PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

2º passo: Caro (a) estudante, agora chegou o momento produzir um pôster científico. Sob a orientação/mediação do (a) seu (a) professor (a), elaborem, coletivamente, um pôster para apresentar à comunidade escolar os resultados da pesquisa sociolinguística que vocês realizaram acerca do fenômeno linguístico da concordância verbal. Alunos (a), é fundamental que você siga as orientações/instruções do (a) seu (a) professor (a) para a elaboração do pôster.

3º passo: Por meio do pôster, apresente os resultados da pesquisa à comunidade escolar. Fiquem atentos aos elementos paralinguísticos (tais como: tom e volume de voz, pausas e hesitações) e cinésicos (por exemplo: postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, modulação de voz e entonação, entre outros).

Aluno (a), após finalizar as atividades deste módulo, faça o relatório de avaliação dele, conforme as orientações do seu (a) professor (a).





Referências

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC/SEF, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- BAGNO, Marcos. (org.) et al. **Linguística da norma.** São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na Escola o que é como se faz.** 19 ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?** São Paulo: Loyola, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa.** 37.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2004.
- CARBINATTO, Bruno. **Australianos criam "shazam" para aranhas e cobras.** Revista Superinteressante. Edição 419. Setembro/2020. Página 11.
- CARBINATTO, Bruno. **Cientistas descobrem 32 novos anfíbios fluorescentes.** Revista Superinteressante. Edição 414. Abril/2020. Página 11.
- CARBINATTO, Bruno. **Encontrado registro mais antigo de morte por meteoro.** Revista Superinteressante. Edição 416. Junho/2020. Página 11.
- CARBINATTO, Bruno. **Formato da cabeça faz tubarão-martelo nadar pior.** Revista Superinteressante. Edição 420. Outubro/2020. Página 11.
- CARBINATTO, Bruno. **O buraco negro que foi avistado por acidente.** Revista Superinteressante. Edição 414. Abril/2020. Página 15.
- CARBINATTO, Bruno. **Queimadas humanas destroem mais que as naturais.** Revista Superinteressante. Edição 423. Janeiro/2021. Página 15.
- CARBINATTO, Bruno. **Sem gravidade, aranhas usam luz para tecer teias.** Revista Superinteressante. Edição 423. Janeiro/2021. Página 11.

REFERÊNCIAS

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, E. M.; NUNES de SOUZA, C. M. N e MAY, G. H. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis Felipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. Ed. - Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil - UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica - Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

DANTAS, Lys M. V; OLIVEIRA, Adriano A. **Como elaborar um pôster acadêmico: Material didático de apoio à videocaptação Pôster Acadêmico**. Projeto de Extensão UFRB. Cachoeira: UFRB, 2015. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/gestaopublica/images/phocadownload/materialdidatico/como_elaborar_pster.pdf . Acessado em 02/05/2021.

DETENTOS DO RAP. **Amor só de mãe**. Espaço Rap. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/espaco-rap/1033483/> . Acessado em 04/05/2021.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós**. In: BAGNO, M.(org.). Linguística da norma. São Paulo: Loyola, 2002, p. 37-61.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (Orgs.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 19-30.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria. **Para conhecer norma linguística**. SP: Contexto, 2017.

FIORATTI, Carolina. Ilustração Amanda Miranda. **Projeto quer que leigos opinem sobre ciência**. Revista Superinteressante. Edição 420. Outubro/2020. Página 12.

GRUPO PET - Infoinclusão: demanda da cultura, direito de todos. Universidade Federal de Pernambuco - CAA. I Oficina de Infoinclusão (Módulo I): Formatação de Trabalho acadêmicos. Pernambuco - PE. Set./Out. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zGxkiU3FTIY> . Acessado em 05/05/2021.

JUNQUEIRA, et al. **Oficina de Pôster: 26º Encontro de Iniciação Científica**. Programa de Educação Tutorial. Psicologia PUC-SP. 49 slides. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/ic/download/oficina/oficina-poster.pdf> . Acessado em 02/05/2021.

LABOV, William; et al. Blog da Parábola Editorial. **William Labov**. Texto traduzido pelo Blog da Párbola Editorial. Disponível em: <https://www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/blogger/william-labov> . Acessado em 18/06/2021.

LUCCHESI, Dante. **A variação na concordância verbal no português popular da cidade de Salvador**. Universidade Federal da Bahia. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. 2015. 39 p. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/15467/10614> . Acessado em 14/05/2021.

MATHEUS, Sérgio; et al. **Preconceito Linguístico (Mimetizado)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QLsmAGq5jZw> . Acessado em 08/12/2020.

REFERÊNCIAS

- OLIVEIRA, Leandro Roque de. Emicida. **Amplifica por Emicida - Preconceito linguístico no dia a dia.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QlhsIMWT-eQ>. Acessado em 08/12/2020.
- PERINI, Mário A. **Gramática Descritiva do Português.** São Paulo: Ática, 2005.
- PEREIRA, José Tiago Sabino Pereira - Projota. **A Rua É Noiz.** Disponível em: <https://www.letras.mus.br/projota/1433783/>. Acessado em 02/05/2021.
- PEREIRA, José Tiago Sabino Pereira - Projota. **Nóis.** Disponível em: <http://www.letrasdemusica.com.br/p/projota/nois.html>. Acessado em 04/05/2021.
- REIS, Aylizara Pinheiro dos. **Letramento científico como prática inovadora numa escola pública araguainense.** Araguaína – TO, 2016. 230f. Disponível em: <http://repositorio.ufc.edu.br/bitstream/11612/1726/1/Aylizara%20Pinheiro%20dos%20Reis%20-20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acessado em 14/05/2021.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa.** 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- RUBIO, Cássio Florêncio. **A concordância verbal na língua falada na região noroeste do Estado de São Paulo.** 2008. 152 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2008. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wpcontent/uploads/2014/04/silel2009_gt_lg06_artigo_8.pdf. Acessado em 12/02/2021.
- SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 2007.
- VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (Orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso.** São Paulo: Contexto, 2007.
- ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa.** 2. ed. reimpr. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/ UFSC, 2013. 134 p.: il. Disponível em: http://arquivos.eadadm.ufsc.br/EaDADM/UAB_2014_2/Modulo_1/Metodologia/material_didatico/Livro%20texto%20Metodologia%20da%20Pesquisa.pdf. Acessado em 25/02/2021.